

O SORRISO DO GATO



François Maspero

O SORRISO DO GATO

Tradução de
Sérgio Bittencourt dos Anjos

Digitalização: Argo, "o gatão"

SUMARIO

1. No Bosque dos Amieiros.....	11
2. Um <i>auf Wiedersehen</i>	31
3. <i>Fábrica espanola de armas automáticas</i>	58
4. Reunião dançante na Rua de l'Abbaye.....	88
5. O manicômio e a granada.....	135
6. <i>LaPetite Truanderie</i>	180
7. A neve de maio.....	229

"— Muito bem — disse o gato; e ao mesmo tempo pôs-se a desaparecer lentamente, começando pela ponta da cauda e terminando pelo sorriso, que permaneceu um certo tempo, depois que o resto já havia desaparecido.

— Bom, já vi muitas vezes um gato sem sorriso — pensou Alice. — Mas um sorriso sem gato! É a coisa mais estranha que jamais vi em toda a minha vida!"

Lewis Carroll

Jamais viu bem o mundo
quem não sonhou o que viu.
Gaston Bachelard

O texto a seguir tem o subtítulo de romance porque, como tudo o que aqui é relatado, é mais ou menos fictício e no entanto nada o é totalmente; a única coisa certa é que não se trata, em hipótese alguma, de uma autobiografia.

Mas talvez seja justamente pelo canal da imaginação — e somente por este canal — que o narrador pôde, a quarenta anos de distância, abordar uma realidade que viveu pessoalmente. Nada é mais desconcertante do que a lembrança. Fixar seus reflexos e suas frágeis sombras na ganga de uma narração que se apresentasse como autêntica seria quebrar definitivamente suas mil facetas para reter apenas uma como prisioneira, caída na armadilha das palavras, sob o pretexto de reduzi-la à verdade. Ora, no jogo da verdade, a lembrança, ainda que seja socorrida pela História, sempre sai perdendo.

Que fique, pois, claro que, no texto a seguir, todos os personagens e todos os acontecimentos são ao mesmo tempo totalmente irrealis e totalmente reais. Alguns fatos que são invocados nestas páginas aconteceram realmente ao narrador. Outros não. Alguns personagens se parecem com os que ele conheceu, amou e às vezes (raramente, porém, e por pouco tempo) odiou. Outros não.

De resto, este livro foi escrito porque muito tempo atrás um menino buscava respostas para algumas indagações. Quarenta anos mais tarde, um homem continua a tentar formulá-las — embora tenha consciência, ao fazê-lo, de que a maior parte dessas questões aparecem hoje gastas e ultrapassadas, tão numerosos foram os que, entrementes, fizeram julgamentos definitivos. Que

tudo isto não seja, entretanto, uma simples história nostálgica.

O problema que se me deparou neste livro foi o do próprio sentido das palavras. Foi difícil reencontrar o sentido da palavra liberdade.

O autor quer ainda agradecer àqueles que o acompanharam em sua busca. Não seria possível nomear todos. Todavia, uma menção particular deve ser feita a Bahadour Shah, elefante carregador n.º 174 do Registro das índias, que ajudou em outros tempos um predecessor mais ilustre: embora sua sombra tutelar o tenha acompanhado e protegido, o autor chegou tarde demais, infelizmente, para beneficiar-se da sua cortês erudição. A lacuna que daí resulta não é das menores desta narração (ela é particularmente perceptível nas páginas 53 e 264), muito embora a estatura de Bahadour Shah seja de dimensões muito maiores: mas esta é uma outra história...

1. No Bosque dos Amieiros

A família chama-o de o Gato. Foi seu irmão Antoine que o chamou assim pela primeira vez. Seria porque ele é magro como um gato? Desde bem pequeno, ele gosta que o irmão venha, à noite, ao seu quarto para, com a luz apagada, acariciar-lhe a cabeça, como a um gato. Antigamente, ele abraçava o irmão e apertava seu rosto contra o dele. Muitas vezes, dizia: "Gosto muito de você", tomando ares inspirados, o que os fazia rir. Seu irmão permanecia abraçado a ele, explicando-lhe todas as coisas que os outros não lhe diziam, porque simplesmente não pensavam nelas, ou então porque não tinham tempo. Seu irmão explicava muito bem, podia-se até pensar que ele conhecia tudo: as pedras e as estrelas, os trens e os aviões, o porquê da guerra, como era antes e como terá de ser depois.

O Gato, que os outros chamam de Luc, tem treze anos. Dizem que ele é grande para a sua idade. Suas pernas são magras, os joelhos salientes a transparecer sob as calças franzidas, uma grande mecha negra que lhe cai sobre os olhos, que sua mãe afirma serem cor de violeta, o que depende do tempo: olhos azuis, olhos cinzentos, olhos amendoados, olhos de gato persa; e uma boca que se estende de uma orelha à outra quando ele ri, boca de gato-cofrinho. No verão, aparecem-lhe sardas em torno do nariz: ele gosta disso.

Hoje, o Gato vive como se estivesse no exílio. Foi seu irmão que lhe contou que na Itália as pessoas que não estavam de acordo com o regime eram enviadas para lugares distantes no sul, em aldeias perdidas, por vezes numa ilha. O Gato imagina-se caminhando sozinho pelas ruelas desertas ou ao longo das praias de cascalhos, e pensa consigo mesmo que até que não seria tão ruim: há punições piores.

Quando era menor, vivera tanto tempo à beira do mar que, em todos os lugares aonde vai, tenta reencontrar o murmúrio incessante das ondas. Ali, é um exílio sem brilho, a trinta quilômetros de Paris. À noite, quando o vento sopra do leste, ouve-se o último metrô da linha de Sceaux, que parte de Saint-Rémy. Ali também ele pode caminhar sozinho, pelos caminhos dos bosques, descobrir pedreiras de arenito abandonadas, imaginando que ele fora enviado por um poderoso maqui para preparar a instalação de bases secretas. Mas tudo é sem graça, pequeno e sem grandes odores.

Hoje: fim de maio de 1944. A residência de exílio do Gato é uma casa esquisita, guarneçada de torrezinhas, coberta de ardósias azuis. Uma peça do primeiro andar desabou sobre a sala e um buraco enorme marca o lugar da lareira. Uma parte da casa é, assim, inabitável, e em outras peças as tapeçarias e o papel de parede foram arrancados. Seu pai diz que foram os trinta suboficiais alemães, instalados na casa durante o inverno de 1940-1941, que saquearam tudo. Eles haviam condenado uma peça, onde faziam suas necessidades no chão mesmo, na época em que a bomba d'água havia estragado, com o frio intenso de fevereiro de 1941. Está na ordem das coisas que os alemães se tenham comportado dessa maneira grosseira: faz parte de sua natureza.

*

A família do Gato está em Paris, tendo-o enviado para este exílio no início da primavera. Os problemas da época parecem estar tão complicados que ninguém mais tem tempo para dar muita atenção ao Gato. De qualquer maneira, ele não suporta a cidade. Em pouco tempo, decidira que não havia nada pior que a sucessão dos dias nas salas cinzentas ou amarelas do liceu, a olhar, a suportar aqueles senhores que falam ou gritam sozinhos, trepados num estrado. A distribuição das bolachas vitaminadas sempre era muito rápida: o professor de alemão distraía-o alguns instantes porque atulhava os bolsos de bolachas. Chamava-se Coquin: é um nome que não se inventa*. O Gato às vezes tirava boas notas, sobretudo quando não havia nada para decorar, pois é malandro. Senão, era sempre a preocupação da espera das argüições sobre matéria não estudada e os zeros de reprovação, que é arriscado transformar, depois, em dez, acrescentando um *um* na frente, no boletim que trazia para casa para ser assinado. Era a louca esperança do alarme, as sirenes tocando bem na hora da composição, o que obrigaria todo o liceu a descer para os porões.

Fazia um ano que chegara do Sul, e a massa dos alunos de sua

□ "Moleque", em francês. (N. do T.).

classe continuava a parecer-lhe como um bloco indivisível, exterior a ele. Seus colegas davam-lhe a impressão de agir segundo um código que todos houvessem aprendido, de uma vez por todas, todos menos ele, porque chegara tarde demais para aprendê-lo. Conseguira reconstituir os fragmentos desse código, mas de uma hora para outra poderiam pedir-lhe que fizesse uma demonstração, e nesse caso sua impostura seria desmascarada. Era como em álgebra: sempre havia um momento em que ele recusava a própria idéia da equação que acabava de ser dada porque não via aparecer no final nem cor, nem espessura. Escapava-lhe da mente, como uma náusea, e então tudo se embaralhava. Tentava sintonizar novamente no x e no y , e vinha uma vontade de chorar. Seu irmão lançava-lhe grandes frases sobre a abstração. O que o entusiasmava mesmo eram as batalhas de cavaleiros no liceu; tinha um vizinho robusto e plácido como um boi: empoleirado em seus ombros, o Gato gesticulava e derrubava tudo o que passasse por perto. Era invencível e admirado por suas proezas. Todos os outros aprendiam a lição a tempo, só faltando "revisar" depois para a composição trimestral, ao passo que ele se lançava, como um insano, de uma só vez, ao estudo de um século inteiro de História, na noite da véspera. Os que tiravam notas ruins haviam estudado tanto quanto os outros; só que não haviam compreendido, depois de terem suado estupidamente sobre os livros, ou então não sabiam expressar-se corretamente. Além do mais, eles o aborreciam com suas histórias de pai prisioneiro na Alemanha; tinham até um pinheiro de Natal especial. Davam-se ares virtuosos e meritórios, quando na verdade não havia do que orgulhar-se: por que os pais deixaram-se prender, por que não fugiam? Lá perto do mar, ele havia visto fugitivos.

Tinha um amigo de óculos espessos que era o primeiro da classe. Caminhando lado a lado na rua, discutiam durante horas sobre tudo o que haviam conhecido na vida: era uma atividade inesgotável. Seu amigo usava a estrela amarela. Nunca falavam disso entre eles. Na aula, ninguém jamais tocava no assunto. Era como se ela não existisse, mas esse silêncio não era tão simples assim e pesava demais. Era cuidadosamente costurada em todas as suas roupas. A estrela, mais o silêncio, deixavam o Gato furioso. Na zona livre, de onde ele vinha, isto não existia. Se um sujeito comesse a contar histórias de judeu, de deboche, ele metia a mão na cara. Embora sempre fosse o menor da turma, sempre batia mais rápido que os outros, e, como um verdadeiro gato delgado, transformava-se numa bola de punhos e de garras que era impossível dominar e que semeava o pânico. (Seu irmão sempre lhe dizia, desde pequeno: a partir do momento em que você decide bater, lembre-se que tem

que bater para valer, senão não vale a pena; bater forte e antes do outro. Se você não sabe ser o mais malvado, é melhor não se meter. Bata no nariz e na barriga. E o irmão dava-lhe lições.) Mas, em Paris, tudo era silêncio. Fazia parte do código. Ele não conseguia compreender como as pessoas podiam viver com aquele troço diante dos olhos, fazendo de conta que não existia. Discutira sobre isto com o irmão, mas este dizia que era uma das coisas que seriam cobradas após a liberação. E o preço seria alto. E eles pagariam de uma vez por todas. O que seria construído, então, tornaria o mundo livre para sempre de toda essa injustiça e de toda essa ignorância. Mas, e enquanto não chegasse a hora? Será que os outros não poderiam ter feito como o Rei da Dinamarca, que saíra às ruas com uma estrela amarela?

O Gato havia compreendido que muitas vezes é mais simples não ir à aula. Às oito horas da manhã, partia para imensos périplos até os confins do metrô parisiense, em meio ao penetrante odor de citronela e de urina, no calor protetor da imundície invernal: panes, alertas e frutuosas descobertas, como todo um trajeto que havia feito em um vagão lotadíssimo, com o ventre colado ao vestido de seda artificial farfalhante e macia de uma senhora perfumada (será que ela estava mesmo perfumada, ou foi sua imaginação que completara essa lembrança através deste acréscimo na verdade indispensável à imagem de conjunto?) que lhe sorrisse tão insistentemente e enfiara o dorso da mão contra o veludo de suas calças curtas; e, pela primeira vez, uma mulher lhe dera esse prazer em forma de naufrágio, que ele só havia experimentado sozinho e de maneira mecânica —, deixando-o na estação seguinte todo ruborizado, com o coração disparado. No final da tarde, podia também encontrar um torpor tranqüilo, deixando-se engolfar pela penumbra protetora das salas de cinema com sessões permanentes, onde se projetavam atualidades e filmes de propaganda, em Saint-Lazare ou nos Champs-Élysées. Foi assim que ele assistiu à história lamentável e inverossímil de três rapazes que fugiram a seu dever de franceses, o STO (Serviço do Trabalho Obrigatório na Alemanha), deixando-se corromper por asquerosos e estranhos indivíduos, mal barbeados, de cabelos lustrosos, bagana de cigarro no canto dos beijos, tão marginais quanto possível: tristes fornecedores de maquis, gaullistas, terroristas, judeus, ou os três juntos. Os rapazes participam de um atentado contra um trem e são presos, ao passo que seus companheiros fogem covardemente. O filme termina com uma lenta ascensão da câmera ao longo dos vagões virados, destrocados, sobre o lastro juncado de cadáveres de civis, mulheres e crianças francesas, enquanto que um bravo inspetor de polícia faz aos rapazes que choram, enfim lúcidos, mas tarde demais, um discurso edificante sobre os verdadeiros valores da

Pátria, a construção da nova Europa e a fé no Marechal. A estupidez da história fê-lo rir. Ele sabe muito bem que os maquis representam a liberdade e que só conseguem sobreviver nos lugares em que se encontram porque as pessoas têm confiança neles. Viu também um outro filme que poderia ser classificado simplesmente como filme de horror: sob os acordes de uma marcha fúnebre, soldados alemães desenterram montes de cadáveres, esqueletos desmembrados como espantalhos cobertos de pedaços podres de capotes, nas valas sem fim salpicadas de bétulas: Katyn. O comentarista acusa os russos e a barbárie bolchevique de terem assassinado milhares de oficiais poloneses prisioneiros, crime) descoberto graças ao avanço alemão. O Gato está convencido de que se trata, como no caso do primeiro filme, de propaganda de baixo nível, e seu irmão está de acordo: os alemães, explica-lhe o irmão, tiveram o cinismo de desenterrar os cadáveres dos poloneses que eles próprios haviam executado. O Exército Vermelho é o exército do povo, acrescenta: ele libera, não assassina. (A época não era propícia a meias-certezas.)

O problema era que, ao afastar-se assim do liceu, podia haver, entre seus pais e os professores, verificações muito desagradáveis que terminavam em cenas terríveis, em que o Gato, tachado de vil mentiroso, chorava desatinadamente, tomado de um desespero infinito, emitia soluços que não pareciam sensibilizar ninguém, de forma que no fim o desespero virava raiva desenfreada e ele berrava a sua fúria. Foi então que ele descobriu a virtude de certas dores de barriga agudas: às vezes, tinha a impressão de que um bicho de dentes pontudos lhe mordida as entranhas. Isto alarmava muito seus pais e logo ele começou a simular essas dores de barriga. Aí, então, descobriram as virtudes do ar de campo e do leite de fazenda. Este último aspecto era justificado. O início dos anos 40 não só havia sido marcado para ele pelo sol meridional, mas também por carências alimentares que tinham algo a ver com sua magreza.

*

Assim, o Gato encontra-se no exílio, nesta casa familiar em que estão instalados há pouco tempo outros exilados, mais verdadeiros, refugiados de Boulogne-sur-Mer. O subúrbio em que viviam foi devastado sob as bombas inglesas, e a região, *zona interdita* desde o início da ocupação, foi evacuada. Aí estão a avó e a filha, cada uma gritando mais alto que a outra; o avô, com um bigodão e uma perna de pau, ou melhor: um pilão, que aparece por baixo das calças, com uma ponteira de borracha preta. É um veterano de Verdun. Capina a horta com a perna sã. O filho é um retardado,

não deu para o serviço militar, nem para o STO, e então trabalha no campo. Fala sempre torcendo a boca de um só lado; mas eles falam todos mais ou menos assim, com aquele sotaque do Norte que desorienta e oprime o Gato, que se sente como um estrangeiro. A filha tem dois meninos que gritam mais alto que ela. Seu marido é prisioneiro. Cem vezes por dia, ela invoca a autoridade do marido para as coisas mais diversas: um homem que sofre tanto, que está tão longe dos seus, não pode estar errado. A presença muda e onisciente deste mártir irrita tremendamente o Gato, que belisca, às escondidas, as crianças, para que gritem ainda mais. Aí, então, a mãe dá-lhes uma bofetada, gritando que estão dando desgosto ao pai, que deve estar ouvindo-os, pois está sempre pensando neles.

O Gato tenta atravessar esta confusão entre gente do Norte sem se envolver muito. Várias vezes por dia tinha o suplício da água. Desde o assassinato da bomba a motor pelos bárbaros, era preciso ir buscar água na bomba comunal. Ele empilha seis tarros esmaltados no carrinho de mão feito de madeira e o empurra pela estrada. A bomba é antiga, ele tem que levantar bem alto o braço, e a maior parte do movimento de retorno é feita no vazio: somente no último momento, logo antes de o braço bater no corpo da bomba, é que se podia sentir uma resistência, com o cano grugulejando e a água saindo. O carrinho é pesado e os tarros vazam gota a gota. É interminável. Interminável também é o trabalho penoso que consiste em moer trigo ou centeio num moedor de café. Depois, tem que se peneirar a farinha e cozinhar sem fermento, em panos molhados, umas espécies de morcelas de massa estriada de farelos, na chapa do fogão a lenha, na qual está sempre esquentando uma panela de caldo escuro de chicória e de cevada torrada. O resultado é terrível. Ele só conhece um trabalho mais monótono, ou seja, o que executa só, numa ca-bana que começou a construir no fundo do pátio: durante horas, ele raspa uma enorme carcaça de alumínio com uma velha lima. É um reservatório secundário todo destruído, largado em vôo rasantemente por um avião americano num campo da planície, que ele trouxe com a ajuda de dois meninos da fazenda vizinha. Ele recolhe a limalha em um jornal aberto e guarda-a em uma lata grande de biscoitos. O alumínio é duro, o pouco que ele raspa desgasta a lima, o que provoca um ruído horrível. Seu irmão pediu-lhe que raspasse tanto quanto possível, pois ele pretende usá-lo para fabricar explosivos.

O reino do Gato é antes de tudo seus animais. Reina sobre uma bicharada enorme: para começar, três coelhos, em coelheiras feitas de tábuas desconjuntadas, sob as tílias. O mais velho chama-se Pa-

tachou, é acinzentado e comum, um coelho bravo. No início, ele o colocava dentro de uma gaiola gradeada, diretamente sobre a gramado jardim; isto o impedia de alcançar os dentes-de-leão. Mas Patachou sempre encontrava um meio de passar por debaixo da gaiola, o que originava longas caçadas em meio ao capim alto, para agarrá-lo pelas orelhas. Quanto a Timochenko, um coelho russo, com uma orelha branca e outra preta; foi batizado assim em homenagem ao chefe do Exército Vermelho. Durante muito tempo, o Gato teve dúvidas sobre seu verdadeiro sexo, pois Patachou se precipita sobre ele, com um frenesi de macho, cada vez que os dois são colocados juntos. Assim, ele teve que repetir muitas vezes a exploração minuciosa da região de entrepernas de Timochenko, para fazer aparecer a prova de sua virilidade. Existe ainda uma coelha enorme, de três cores, supostamente prenhe; entretanto, há tanto tempo está assim, que, na verdade, simplesmente deve ser obesa. Com as coelheiras em que guincham os porquinhos-da-índia, há um total de seis coelheiras com portas gradeadas, cujas dobradiças são pneus velhos pregados, alinhadas ao lado das dos refugiados, que têm montes de coelhos sem personalidade. Os porquinhos-da-índia são seu orgulho e sua preocupação. Depois de quatorze, ele se perde nos nomes. Além disso, corre um boato insistente em torno do Gato, segundo o qual não se come porquinho-da-índia; ou melhor, se alguns admitem ter ouvido dizer que se fazem deste animal suculentos patês, imediatamente clamam com veemência que eles pessoalmente jamais o aceitarão. Isto retira, evidentemente, qualquer finalidade racional a esta criação. É preciso reconhecer que a idéia de comer Patachou é também uma hipótese de escola: escapa-se à ameaça, argumentando que, de tanto ser perseguido no pátio, Patachou tornou-se, no sentido próprio do termo, duro de roer. Quanto a Timochenko, como se poderia comer um chefe do Exército Vermelho? O Gato acalenta a idéia de uma expedição a Paris para ver se as lojas do Cais Méguisserie, onde se vendem porquinhos-da-índia, não muito bonitos, também comprem, e por qual preço. Enquanto isso, ele anda muitas vezes com um no bolso, mas esses bichos têm falta de inteligência e jamais dão o menor sinal de amizade.

Por fim, ele possui uma galinha e um galo garnisés. Será que é um bom negócio? Dizem que uma galinha garnisé come tanto quanto uma galinha normal. Tudo isso dá trabalho.

*

Quando ele vai, três vezes por semana, estudar latim e grego com o Vigário de Magny, caminha meia hora pela floresta para chegar

ao planalto. No caminho do Bosque dos Amieiros, alternam-se a argila avermelhada e uma areia branca muito fina com estrias cor de tijolo.

Se ele se atrasa, o que quase sempre acontece, adota um passo alternado: cem passos correndo e cem passos caminhando, o que é muito eficaz. Ele conhece cada marca do trajeto: as árvores — buquês de castanheiras, carvalhos, faias e algumas bétulas —, as pedras e os troncos apodrecidos, o charco enlodado, antiga pedreira de arenito, no alto da subida da encosta, onde se podem pescar rãs e ciprinídeos bastardos. Depois da chuva, os sulcos na terra conservam grandes poças d'água amarelada, onde desfilam díticos como patinadores. No flanco da colina, estende-se, na charneca, uma área em que vivem coelhos selvagens, de frente para o sol. Desde que ele vira um coelho cruzar a estrada, conserva sempre, para atravessar o bosque, uma pedra bem escolhida na mão esquerda. Nunca encontrou outros coelhos, mas, na falta destes, exercita-se, enquanto caminha, na prática de lançar granadas, como seu irmão lhe havia ensinado: os dois braços estendidos e as mãos juntas na frente, para fazer a pontaria e o gesto súbito com que se retira o pino, depois um gesto largo do braço para trás, e finalmente o lançamento da pedra no exato momento em que a mão chega ao ponto mais alto de sua trajetória. Após isto, ele conta o comprimento do tiro pelo número de passos e recolhe a pedra.

Quando a encosta fica para trás, ele chega à orla do bosque, um descampado, e dirige-se para uma árvore solitária no meio das plantações: o olmo-do-pastor. Um marco de pedra carcomida encontra-se no ângulo reto que faz o caminho. Magny situa-se no final do planalto. Na igreja silenciosa, alinham-se nas paredes as pedras tumulares que revestiam o chão da Igreja abacial de Port-Royal, cujos caracteres arcaicos, gastos pelos passos, ele viera muitas vezes decifrar com o pai.

O vigário dá aula em sua biblioteca, instalada numa espécie de pequena loja, na única rua do vilarejo, que não é mais que um caminho de pedras que o granizo encheu de buracos: frescura da penumbra, suavidade de um raio de sol que faz brilhar a poeira no couro dos livros antigos, maciez da mesa de cerejeira cor de mel, sobre a qual eles se debruçam. É um antigo missionário, com uma barba grisalha quadrada, que o faz traduzir César e explica-lhe a origem dos nomes das aldeias vizinhas. Romainville ou Villeneuve são antigas *villas*, isto é, fazendas romanas. O planalto é cultivado há cerca de dois mil anos, muitas vezes, provavelmente, pelas mesmas famílias. Em Marles-l'Eglise, por exemplo, o nome da família Lainé, que mora na Estrada de Saint-Rémy, consta no primeiro registro paroquial,

em 1680, com a menção da profissão de *lavrador*, O caminho de terra que ele toma para vir e que era, não muito tempo atrás, o caminho do carteiro, corresponde provavelmente, nas proximidades do olmo, a uma via romana. Restariam ainda vestígios? Ele se lembra que, no Sul, seu pai lhe mostrara, numa curva de um caminho na charneca, os vestígios de uma via romana: a marca profunda na pedra, feita através dos séculos pela passagem das carroças. Ele retornara muitas vezes, para passar a mão nas marcas polidas, na parte côncava do calcário cinzento, lentamente, como se fosse uma carícia. Seu desejo era que a pedra se mexesse e ronronasse.

Mas ali nada restou das marcas das carretas romanas naquela terra milhares de vezes lavrada desde a passagem de César. Teria a paisagem mudado muito? O vigário cita-lhe este texto da *Guerra das Gálias* em que César conta que, para não se perder nas florestas da Bretanha, seus soldados tinham de andar com uma tocha na mão em pleno dia. A floresta gaulesa não existe mais.

Eles comem nozes e ameixas que estão numa tigela grande, sobre a mesa. Quebram as nozes entre as palmas das mãos. Às vezes o Gato faz uma brincadeira, usando os dentes como quebra-nozes: um golpe atrás da nuca e zás! O vigário lhe diz que isto é fácil de fazer e é bom saber que nem sempre ele será o mais forte. Então, o Gato recita-lhe a grande tirada da Rainha dos Camundongos, a que tinha sete cabeças e sete coroas de ouro, na história do *Quebra-nozes*:

*Krakatuk, Krakatuk, ô noisetie si dure
C'est à toi que je dois le tourment que j'endure!
Adieu la vie, source d'envie
Adieu le ciei, source de miei
Ah! je meurs, hi pi pi, cuic!**

O vigário orgulha-se de suas nozes: a noqueira do presbitério nasceu de uma muda da noqueira de Port-Royal, plantada por Pascal. "São nozes de Pascal", diz o vigário. O Gato gosta dele porque jamais conta histórias idiotas sobre o Sagrado Coração do Menino Jesus. Tampouco afirma que a França está sendo punida pelos seus pecados, que é preciso rezar para a Virgem Maria para que ela ponha fim aos tormentos do país e que faça com que os prisioneiros voltem. (O Gato lembra-se, como de um pesadelo, das longas sessões de preces coletivas, em 1941: tinha nove anos; às

□ Cracatuc, cracatuc, ó noz tão dura,
É a ti que devo o tormento que sofro!
Adeus vida, fonte de desejo,
Adeus céu, fonte de mel,
Ah, estou morrendo, hi pi pi, cuic!

centenas, eles **eram** amontoados, lobinhos, bandeirantes, crianças de instituições de proteção à infância e do catecismo, em uma enorme igreja de cimento, escura e fria, consagrada a Santa Bernadete, e durante horas tinham de recitar *salve-rainhas* de joelhos, pedindo perdão a Deus pelos pecados da França; no entanto, ele tinha absoluta certeza de não ter culpa nenhuma nesta história, e não conseguia imaginar que pecados a França havia cometido.)

O vigário comenta, com empolgação, o avanço dos russos na Ucrânia e dos Aliados na Itália. Chama Lavi de "o carvoeiro sanguinário" e repete a todo o tempo que Cristo era judeu. Quando fala do Evangelho, é para contar os tempos que viveu em Jerusalém, e então tudo fica claro, parecendo que foi naquela mesma manhã que Cristo passou, montado em seu burrinho, seguindo a estrada de Betânia. "Se você quiser imaginar como era Cristo, pense primeiro no mais pobre dos felás, vestido de djelabá, que passar por você no caminho das vinhas, ao longo das figueiras." O vigário ilumina-se de todo o sol da Palestina. "Mas lembre-se sempre de que pode ser qualquer homem, em qualquer terra, a qualquer hora do dia e da noite." Conta-lhe histórias dos peregrinos de Emaús. "Senhor, fica conosco, pois já é tarde." O Gato imagina perfeitamente, no seu Sul natal, o caminho bordado de eucaliptos, salpicado de quartzo e de mica, que sobe em direção à casa de seus avós. A noite cai rapidamente e, na sombra que se estende, o vento quase que se cala, o cheiro do mirto e do alecrim faz-se mais penetrante. "Você entende, eles fizeram errado. Aquelas palavras eles deveriam ter dito *antes*. Antes de ele se dar a reconhecer. Aí então, talvez, ele tivesse ficado entre nós. . . Mas como chegar a Deus, se menosprezamos os homens?" Ri, mostrando todos os seus dentes amarelados, e sacode os ombros. O Gato gosta das coisas claras e toda esta simplicidade bíblica parece-lhe, na verdade, obscura. "Qualquer homem? Até mesmo os alemães?" O vigário ri novamente: "Sim. Isto é, quase todos. . ."

— Eu acho — diz o vigário — que os homens não sabem como fazer as coisas. Na Terra Santa há obras que foram feitas em nome de Deus e que deixam o coração gelado. Veja, por exemplo, a Basílica do Santo Sepulcro, que dizem ser um belo cântico de pedras, mas que tem uma aparência de fortaleza guerreira, além de todos aqueles monges, ali acampados, que se detestam. . . Eu rezava melhor, perdido em meio à multidão nos mercados, entre os odores de pastéis fritos, a alguns passos de distância. Não estou certo de que a cabana de São Francisco não teria sido um ato de fê bem mais belo. Conheço um dos mais belos lugares do mundo e um dos mais terríveis: o Karak dos Cavaleiros, construído pelos cruzados. . .

— Eu sei — diz o Gato. — Minha avó contou-me e eu vi pinturas. Nós temos um ancestral que foi às Cruzadas com Godofredo de Bouillon: foi o terceiro Ponte-Serra do mesmo nome.

— Naturalmente — responde o vigário. — Eu também tenho ancestrais que foram às Cruzadas. Só que foram a pé. . . E o Karak dos Cavaleiros é talvez o sonho de pedra que Satã mostrou a Cristo para tentá-lo. Monumento de pedra, alma de pedra: tudo nele é petrificado, e nele respira-se o mal porque se respira a guerra. Aqueles homens não entenderam nada da fé.

— Eu não sei como as coisas vão evoluir em nosso país — diz ainda o vigário, olhando através dos vidros as cores desbotadas da rua deserta. — As pessoas aqui estão cansadas. Não podemos recriminá-las. Cada domingo, leio na missa a lista dos mortos da última guerra — sim, aquela que devia ser a última. Você sabe, aqui é como em Marles, os sobrenomes sucedem-se em cachos, às vezes três, até mesmo quatro: irmãos que tombaram por vezes no mesmo dia, durante o mesmo ataque, porque eram sempre aqueles regimentos de camponeses que os superiores mandavam para a linha de combate. Éramos todos da mesma região, da mesma aldeia. Os oficiais da reserva eram, muitas vezes, o professor e o filho do prefeito: sentíamos-nos mais próximos deles do que dos graduados de carreira. Desta vez, foi diferente. . .

O Gato sabe: em Marles, no domingo, o vigário atravessa a igreja para colocar-se em pé diante da placa dedicada aos mortos da Grande Guerra, ajusta seus óculos e lê os nomes por ordem alfabética, como numa chamada. E cada domingo retumba por sua vez, logo antes do nome dos três irmãos Simon, o sobrenome da família do Gato, o de seu tio, que tinha vinte e seis anos — brilhante historiador, autor de uma monumental *História do Egito durante o reinado dos Ptolomeus* —, tio Antoine, que retirou os sapatos para correr mais depressa, com seus homens, ao assalto de Vauquois, em Ar-gonne, em setembro de 1915, morto com a cabeça estourada no lodo. Naquele momento, ele sente um nó no estômago, como se fosse seu nome que chamassem.

— Aquela guerra foi tão inútil — diz o vigário.

Isto o Gato também sabia, mas não o interrompe mais. Mas ele leu *Nada de novo na frente ocidental*, o romance de um alemão, que pegara entre os livros de seu irmão, e compreendeu que somente houve vítimas e que os heróis são apenas invenções dos sobreviventes para se justificarem por estarem com vida. O gesto de tio Antoine é irrisório, ou então simplesmente lhe haviam dado sapatos muito ruins. No entanto, ele próprio não teria feito como o tio? Seu irmão explicou-lhe bem: a guerra só serviu aos interesses

dos ricos. Os franceses tinham colônias. Os alemães também queriam. A prova é que quando os pobres se revoltaram, na Rússia, todo o mundo concordou em cair-lhes em cima. Mas, pela primeira vez na História, os pobres ganharam. Desta vez, será a mesma coisa. São os pobres que devem ganhar. E para sempre.

— Você precisa saber — diz o vigário. — Tanta podridão, tanta lama, tantos mortos. . . E hoje este velho gagá, porque foi o chefe de tudo isso, que sublevou estes imbecis de antigos combatentes que não entenderam nada, com as suas boinas. . .

"Este país não se recuperou de sua fadiga. E no entanto, hoje, tenho certeza de que é diferente. Não se pode deixar esta canalhada instaurar sua lei durante cem anos: as restrições, a miséria, os prisioneiros e todos esses mortos. Sim, mas não é só isso. Eles matam os homens, matam as almas, matam o mundo: matam a Deus. Para sempre. Aqueles que dizem 'proibido aos cães e aos judeus', ou 'comunista não é francês' (pois o vigário, grande leitor dos cadernos clandestinos *Depoimento cristão*, leu a narrativa da execução dos reféns de Châteaubriant), não podemos deixá-los agir, você entende, pois senão nos tornaremos como eles. Eles todos apodrecem, mas são piores que a podridão. São pedras. Um império de pedras. Um mundo de pedras.

"Este país está à espera, mas não o sinto mexer-se. As pessoas não são más. Isto é, as que eu conheço. Elas fazem mercado negro com os parisienses. Até ajudariam a Resistência, agora. Todo o mundo escuta Londres. O que seria preciso, quando os ingleses desembarcarem, é que milhares de fuzis, dezenas de milhares de forçados se erguessem para ajudá-los. Mas não estou certo de que as coisas ocorrerão assim. Todos aqueles jovens que morreram em 14, os irmãos Simon e os outros, o fariam. Eles o fizeram, mas era muito cedo. Para dar em nada. Os que restam. . . E além disso, há todos estes prisioneiros, o Marechal, a covardia tornada virtude nacional. .

Mais uma vez o vigário sacode os ombros:

— Quando seu pai vier de Paris para ver você, não se esqueça de lembrar-lhe que ele me prometeu uma ração de tabaco.

— Sim — diz o Gato, que espera poder guardar um pouquinho para si.

*

Duas vezes por semana vem vê-los a filha dos fazendeiros de Montainville.

Ela é dois anos mais velha que o Gato e eles se tratam com uma formalidade insistente. Ela esteve doente, e se encontra no mesmo

nível que ele, em latim e grego. É uma verdadeira moça. Seus olhos e seus cabelos longos são ambreados como folhas de outono. Ele a acompanha na estrada, não sabendo bem o que dizer e não querendo deixá-la. Em Marles, promete a seus amigos que muito em breve fará com ela coisas tão cruas e definitivas nas palavras que emprega quanto imprecisas e inconstantes em sua imaginação. Com exceção das menininhas na praia, que não tinham pêlos e que por isso não valem, ou de todas as Vênus dos pintores italianos que se vêem nos museus e cujas ilustrações de sépia seu avô classifica em grandes álbuns, as quais parecem vir de um outro mundo e, portanto, não valem também, o Gato tem como única experiência do corpo feminino o exame detalhado e repetido da moldagem da Vênus hotentote exposta no Museu do Homem.

Quando estão em torno da mesa do vigário, decifrando a sintaxe latina, às vezes ele olha a menina com o rabo do olho, por detrás dos cílios, e então não ouve mais nada distintamente, não sente mais nada, a não ser aquela maciez que lhe sobe do ventre e o invade até a raiz dos cabelos. Uma ou outra vez, febril, ele baixou sorrateiramente o cotovelo para apertá-lo entre as pernas, contra o sexo. O vigário falava e ela debulhava César, o som de suas palavras chegava a ele como um filete distante de água fresca. Ruborizou-se, suando, com vergonha da idéia de ser desmascarado e não ousou apertar ainda mais as coxas para aliviar-se, de tanta vergonha. E, quando ele está caminhando ao lado dela, na volta, e chega o momento de se despedir, ele pergunta a si mesmo se é realmente o mesmo menino que pôde fazer aquilo, ou que disse aos seus companheiros que iria traçar aquela mina, pois agora o que ele queria era apenas que ela lhe passasse a mão pelos cabelos, ou então segurar-lhe a mão para que ela nunca mais partisse. Ela é simplesmente uma moça totalmente intocável como todas as moças, o Gato não passa de um menino maldoso e nada mais lhe resta senão deixar que um soluço aperte lentamente a garganta, deixando-lhe uma grande sensação de solidão.

*

É quando está na fazenda dos vizinhos que o Gato se sente melhor. Muitas vezes, compartilha com eles a vida quotidiana, desde o café da manhã, e muitas outras vezes a dona da casa acolhe-o durante várias semanas, fazendo-o dormir no mesmo quarto em que dormem os dois meninos um pouco mais velhos que ele. A fazenda é um mundo com fronteiras longínquas que vão até os confins do planalto, perto de Chevreuse, com possessões complexas, imbricadas nas terras de outras fazendas, com prolongamentos às vezes inesperados,

espremidos no limite dos bosques, em ondulações do vale. Este mundo é como um reino: a dona da casa reina de maneira absoluta sobre os homens e os animais, e o fazendeiro reafirma cada dia sua dominação em seu território, marcando-o interminavelmente com a marca de suas ferramentas. É um reino com suas leis autônomas, a começar pela que governa o tempo: vive-se pela hora solar. Na enorme cozinha — em que zumbem as moscas que vêm aos montes colar-se na fita escura e pegajosa que pende do teto em espiral, acima da mesa —, o relógio esmaltado, no qual se lê o nome de um aperitivo, marca na parede um tempo defasado em uma hora com relação à hora do pré-guerra e em duas em relação à hora oficial alemã. A hora alemã, que é onipotente no rádio e, a três quilômetros de lá, na Estação Ferroviária de Saint-Rémy, bem como em todas as casas do loteamento vizinho, não ultrapassa os limites da fazenda.

A dona da casa tem olhos acinzentados. É calma, precisa, às vezes com alguns estouros de raiva justificados contra os animais e as crianças. O Gato gosta de segui-la durante o longo trajeto das coelheiras, empurrando o carrinho de mão carregado de trevos, ou então de levar os baldes atrás dela, enquanto ela tira leite. Dois empregados trabalham na fazenda: seu amigo René, que tem quinze ou dezesseis anos e que cuida dos animais; e um menino da cidade, Lucien, por enquanto operário agrícola, mas acima de tudo operário de fábrica, que só está na fazenda para escapar ao STO. Mas pelo menos ele é um verdadeiro trabalhador, não como os dois estudantes, que também se davam por felizes em escapar ao STO, contratados para nada pelo fazendeiro de Brosses.

Para chegar ao campo, sobe-se a encosta do planalto seguindo-se os bois atrelados às carretas, sempre vazias para a subida — salvo na primavera, quando se trata de transportar as toneladas de purina, cujo odor impregna então as roupas e os corpos durante dias. O fazendeiro teve de paliar o problema da requisição de seus cavalos, no início da guerra, comprando dois pares de bois: "Não é o mesmo trabalho", lamenta-se ele. O Gato aprecia aqueles dias intermináveis passados a seguir, curvado sobre o cabo da enxada, os sulcos do feijão que têm que ser capinado ou das batateiras, em cuja base se tem de fazer um montículo de terra. A imensidão do trabalho parece-lhe um desafio, como o de manter o ritmo dos vizinhos. O lento avanço em direção à extremidade do campo, depois o retorno, sem complacência, pelo sulco seguinte, com tempo apenas para reerguer-se uma só vez, arqueando todo o corpo, dão-lhe vertigem, de tanto que este repisar doloroso lhe parece infundável, e, com a respiração acelerada, embrutecido pelo cansaço, ele deixa o céu e a terra invadirem-no e esvaziarem-no de tudo o que não é cheiro de terra.

Por outro lado, o que ele não apreciava é ter de juntar os doríforos, os insetos parasitas, tarefa reservada aos meninos. É preciso colhê-los ao longo dos canteiros de batata e enfiá-los um a um na garrafa. O único momento interessante é quando a garrafa está cheia a três quartos: o rito consiste então em mijar cuidadosamente dentro da garrafa, com as pernas abertas por sobre o sulco. Este gesto era tanto mais satisfatório quanto os alemães são comumente chamados de doríforos; por conseguinte, ele mijava nos alemães e, no amontoado de bichos presos na armadilha, é cada vez um exército que ele afoga selvagememente.

Os parisienses passam em bandos. Desembarcam do metrô no domingo, ou vêm de bicicleta e até mesmo de carro. Os jovens caminham pela estrada cantando, mas também há todos aqueles que vêm para reabastecer-se. Os fazendeiros não podem vender a todos eles, é preciso fazer uma seleção, só atender os conhecidos: desconfiar. Quanto aos alemães, estes vão de carro à fazenda dos Brosses, que fabricam manteiga, onde já são clientes. Uma vizinha viu-os, escandalizada, comerem manteiga "de colher, com as suas botas e capacetes". É bem verdade que comer de colher é vulgar, muito embora o próprio Gato, se lhe pusessem à frente um naco de manteiga. . . mas por que se teria de tirar as botas para comer manteiga? Ali, o fazendeiro não gosta dos boches e evita falar com eles e até mesmo tocar no dinheiro deles. De qualquer maneira, com tudo o que eles requisitam, nada lhes deve faltar.

Duas vezes por semana, a dona da casa faz um pão extremamente branco que se assemelha a um brioche. A fazenda é, na verdade, uma terra que vive autarquicamente. A três quilômetros de lá, não é somente a hora que se percebe ser diferente: a apenas três quilômetros, ou até mesmo em certas casas vizinhas, como a do Gato, vigora apenas, como em toda a França não-camponesa, a lei comum das restrições, da penúria e muitas vezes da miséria, isto é, a ração de pão de 250 gramas por dia para os J2 e os A, de 325 gramas para os J3 e os trabalhadores braçais, e de apenas 200 gramas para os V. . . O quarto de leite reservado aos E, aos J2 e aos V, sob a condição de que se esteja inscrito e de que se vá apanhá-lo todos os dias no mesmo fornecedor. E as fichas com letras, que não se pode saber de antemão se darão direito à geléia sintética, a café *nacional* ou a calçados de sola de madeira — ou se, simplesmente, não darão direito a coisa alguma. Nada disso existe no mundo da fazenda. A permuta completa a produção.

— Eu gostaria de continuar sendo agricultor — diz certa vez o Gato a René, na horta, durante uma pausa, sentado sobre o braço do

carrinho de mão.

— Camponês só é bom se você for o patrão — explica René. — Vida de peão é muito dura e não se ganha nada. Você envelhece e quem cuida de você depois? Aqui eu tenho lençóis e Lucien também, porque ele é operário de cidade, mas veja onde ele dorme, na estrebaria: seu alojamento é uma espécie de caixa com clarabóia. Nas grandes fazendas, os peões têm apenas uma cama de palha acima dos cavalos. Só os carroceiros têm suas próprias dependências. Um peão nunca chega a patrão. As terras custam muito caro e, para alugá-las, quem confiará em você?

— Eu peço ao meu pai — diz o Gato. — E volto para o Sul. Ele pensa nas laranjeiras e nos eucaliptos. Mas sabe muito bem que não pedirá ao pai. Nem imagina como poderia explicar-lhe. De qualquer maneira, seu pai lhealaria de escolas de agronomia e de serviços hidráulicos e florestais.

— Eu não fico peão — continua René. — Meu pai voltará da Alemanha e meu tio lhe devoloverá suas terras.

René é, pois, um príncipe destronado, sem terras, e seu exílio também não é senão provisório. Mas ele tem dúvidas quanto ao futuro. Na ausência de seu pai, sua mãe, bêbada, percorre a aldeia gritando. Uma noite, quase se afogou no charco do castelo porque quis dançar sobre o lençol de lentilhas de água verde-vivo que o cobre.

Na fazenda, aguarda-se a liberação sem se fazer perguntas, exceto quanto ao tempo que ainda levará. No planalto, juntam-se os panfletos jogados pelos aviões americanos e ingleses. Escutam-se as transmissões de Londres, sem se procurar disfarçar muito, com o enorme rádio de madeira envernizada. Por sobre o pátio e até as altas árvores do jardim vizinho, numa de suas visitas, seu irmão estendeu fios finos, quase invisíveis, de uma antena eficaz que torna a audição muito clara. "Pode-se até captar o Japão", dizem os meninos cheios de admiração. Eles se divertem com o desfile de "mensagens pessoais" e conhecem de cor os refrões, como o mais repetido deles: "São os do maqui — Os da Resistêência — São os do maqui — São os do Paíís." O Gato acha-os terrivelmente banais.

Mas talvez fosse necessário começar, antes de tudo, falando dos ruídos. Os da terra, inumeráveis: de manhãzinha, os mugidos ou o barulho dos baldes se batendo no pátio da fazenda; o crepitar das cotovias que cantam em pleno meio-dia, subindo em direção ao sol, por cima dos campos; ou, à noite, o ruído de ferros das carroças, dos

rastelos, dos rolos, descendo do planalto e batendo nas pedras dos caminhos; e, nas noites de primavera, o murmúrio das rãs, têmue como o das ondas da praia em dia de mar calmo. Todos são ruídos habituais, que inspiram segurança. . . Mas, na verdade, são cobertos, ou pelo menos relegados ao segundo plano de contraponto ou de surdina familiar, pelos barulhos dos tanques e dos aviões, em todos os registros, todas as gamas, durante horas, do ruído baixo e contínuo das manobras dos barulhos estridentes das rajadas dos aviões de caça e aos breves estouros de tiros da DCA (Defesa Antiaérea). Ali, naquele fim de primavera, a vida do campo apresenta um outro som. O ruído das máquinas de guerra aparece repentinamente a qualquer instante para lavar o espaço.

A dez quilômetros, no campo de Sartory, encontram-se uma escola de tanques e uma base de experimentações. Os tanques percorrem todas as estradas da região. São enormes plataformas sobre lagartas pretas, sem carroceria nem blindagem; ouve-se o ruído vindo" de Saint-Lambert, o estrondo aumenta, amplifica-se, até que cobre tudo: a terra, as paredes e os vidros tremem à sua passagem. Mal tem-se tempo de entrever homens seminus de capacetes, com o rosto coberto por óculos espessos, agitando-se a bordo. O enorme monte de ferros desaparece numa curva, atraís de uma nuvem espessa e malcheirosa, e os dentes de metal deixam no asfalto o rastro de mordidas profundas, quando não lhe arrancam placas, como em algumas encostas.

Bem mais perto, a três quilômetros em linha reta para o norte, logo após o Planalto de Montainville e o Vale da Mérantaise, encontra-se o campo de pouso dos aviões de caça alemães, entre Voisins-le-Bretonneux e Guyancourt. Foi várias vezes bombardeado e as duas aldeias que o circundam estão em ruínas. A igreja de Voisins desabou. Os habitantes espalharam-se nos arredores, o que teve por consequência, entre outras, a de aumentar a população de Marles. Desde algumas semanas, logo que o alarme é dado, os aviões decolam imediatamente, dispersando-se e evoluindo a baixa altitude, para não serem destruídos no chão. Dizem que as pistas foram prolongadas até os bosques próximos e que alguns aviões devem ficar lá camuflados, ao abrigo das árvores. Durante o dia, de hora em hora, revezam-se os roncoss dos motores postos a rodar em ponto morto, em terra, para manutenção. No intervalo entre os alarmes, há os vôos de treinamento, as evoluções dos caças, as tentativas de queda em vertical de Stukas que rodam bem acima do vale, e o Gato pensa muitas vezes que eles devem ter tomado a torrezinha da velha casa como ponto de referência. No planalto, os Messerschmitts passam em vôos rasantes e os que trabalham no campo vêm-nos

surgirem das copas das árvores, subindo ligeiramente, para passar pela mais alta macieira solitária no meio das terras, em meio a um estrondo. Acima das duas cruzes negras, distinguem o piloto. Regularmente, também passam, com muita lentidão, os trimotores Junkers-52, cujo ronco forte se instala como um baixo contínuo, dando a impressão de deslocarem-se como caranguejos para pousarem em Toussus ou em Villacoublay.

As passagens dos vôos americanos e ingleses são anunciadas através de uma sirene longínqua, deformada, que chega, segundo o vento, de Trappes ou de Saint-Rémy. Em Paris, o Gato havia adotado de há muito o ritmo das passagens noturnas das grandes ondas que sobem o Sena em direção a seus alvos alemães, passando por sobre a cidade e provocando uma tremenda zoeira, entre as explosões estridentes da DCA. Reconhecia a bateria mais próxima, a da Ponte de Passy, que lhe era familiar e que fazia tremer todos os prédios da rua em seus alicerces a cada golpe seco no metal. Não havia nenhum perigo: os aliados não bombardeiam o centro de Paris. Aqui o espetáculo é mais vasto. Obtém-se o melhor ponto de observação colocando-se no meio da estrada. À noite, são os fogos dos projetores que sobem do norte e os clarões breves da DCA que circunda as pistas de pouso. E quando se cala o concerto dos motores e dos tiros de canhão, permanecem, suspensas no ar que elas fazem cantar por todos os lados, as vibrações agudas, cristalinas e como que infinitamente frágeis dos estilhaços de granadas que caem. Então, é melhor abrigar-se sob o alpendre. O Gato juntou estilhaços de diversos tamanhos, com ranhuras e dentes. Um deles, que lhe caíra bem perto, no calçamento, provocando um estalido, ainda estava quente. Por vezes chegam também, seguindo os ventos, milhares de papéis prateados e pretos que os aviões soltam para confundir os radares e que são postos, como rosários, por sobre as groselheiras, para espantar os pássaros.

No fim de maio, as passagens diurnas tornam-se cada vez mais frequentes. Por vezes, vão todos para a estrada e ficam em pé, olhando o céu, com uma das mãos protegendo os olhos do sol, que faz refletir subitamente, em uma fração de segundo, a asa de um avião. Lá estão todos: o patrão e sua mulher, os peões, os três meninos, um pouco distante os refugiados, pelo menos as duas mulheres e o retardado, e mais distante ainda outras famílias, espalhadas. Contam as formações que se sucedem, triângulo após triângulo (em que poderá pensar o Gato, muitos anos mais tarde, ao ver passarem voando os gansos migratórios na primavera, no Saint-Laurent e nos grandes rios, senão nesta outra remota primavera?),

em meio aos milhares de flocos brancos da DCA que seguem sua marcha. Então, quando parece que o fluxo das ondas jamais se estancará, o Gato, com as pernas abertas, a cabeça sempre voltada para o céu, perde pé, é invadido pelo desencadeamento desta força imensa que ocupa todo o espaço e sente-se prodigiosamente livre e feliz. Ele vê bem que nada poderá detê-los. Os outros gritam e ele está seguro também da alegria deles.

Eles sabem reconhecer as fortalezas voadoras americanas e os Lancasters ingleses. Por vezes, chegam a contar mais de cem. Na ida. Na volta, menos. Vêm cada vez mais frequentemente aviões de caça que voam mais baixo, aviões Lightning com dupla fuselagem, que deslizam quase sem ruído, como planadores extremamente rápidos. Quando desaparecem atrás da encosta do planalto, pontuam sua passagem acima da pista de Guyancourt, através de tiros de metralhadoras pesadas. Os aviões alemães não procuram o combate.

Os alvos começaram a se aproximar. No início do ano, os bombardeamentos de Billancourt fizeram centenas de mortos: uma enorme nuvem negra com estrias vermelhas, em meio aos gasômetros em chamas, elevou-se por detrás do planalto. Depois, vieram os ataques de surpresa nos campos de pouso próximos, e finalmente, em fins de maio, a destruição da Estação Ferroviária de triagem de Trappes. Foi preciso procurar os mortos sob os escombros das casas e a aldeia foi evacuada, por sua vez. No dia seguinte ao bombardeio, o Gato tentou ir ver, de bicicleta, mas foi impedido pelos gendarmes de passar pelas ruas fumegantes.

Uma manhã, bem cedinho, caiu um rosário de bombas sobre o vale, as quais não provocaram danos porque caíram nos pantanais que costeiam o rio quando este sai do moinho dos Brosses, a algumas centenas de metros da casa do Gato. Houve algo como a chegada de um trem se enfiando por entre as colinas, e depois o mundo por pouco não desabou. A seguir, só se ouviu o roncar habitual dos aviões, pontuado pelos tiros da DCA, e se viu a fumaça das explosões que sobem por detrás do rio e se misturam à bruma matinal. Disseram que o alvo era o campo de pouso. Talvez tivessem tentado atingir as famosas pistas camufladas sob os bosques. Alguém teria visto, ao que parece, o avião da frente largar um foguete vermelho para marcar o objetivo, mas o vento o havia desviado lentamente para o sul.

Foi ao cair da noite que passou uma fortaleza voadora a altitude extremamente baixa, vinda do leste, visivelmente em dificuldades, com o motor produzindo muita fumaça. Largou seu carregamento de bombas entre Marles e Saint-Lambert. Embora a distância fosse

muito maior, o barulho foi quase tão forte e o choque tão violento quanto na vez anterior. "Bombas de seis toneladas", disseram o Gato e os meninos, com ar de entendidos. Caíram nos arredores do Moinho Favart, que não é habitado, e deixaram um rosário de funis ao longo do rio.

Os bombardeios na França sempre ocorrem de dia e os aviões, dizem, voam mais baixo. Os panfletos que largam em pacotes — *Le Courier de l'Air*, *La Voix de l'Amérique* — explicam, como a Rádio Londres, que é preciso fazer tudo para aproximar os objetivos, poupando as populações amigas.

No início de junho, todos estão na estrada olhando passar uma formação de várias esquadrilhas a dois ou três mil metros de altura. As fortalezas voadoras são bem emolduradas pelas nuvens da DCA e várias começam a fumar e a se distanciar do triângulo. Uma delas, bem para trás, parece lançar chamas no rastro de fumaça branca. Depois, pequenas manchas brancas nascem uma a uma na esteira da vaga. Abaixo das corolas abertas balançam-se pontos negros: de vários aviões saltam pára-quedistas; são uns doze, que descem lentamente, ao passo que a formação desaparece em direção ao oeste. O avião mais atingido já tombou por detrás das árvores. Mas eles se salvaram. Conseguirão evitar serem presos ao tocar o solo? (Um dia, os alemães deixaram preso, durante algumas horas, um pára-quedista ferido, na Prefeitura Municipal de Marles, e dizem que as pessoas lhe trouxeram flores.) Depois, de repente, tudo muda. Eis que na metade do trajeto, fumaças e chamas começam a salpicar o céu. O Gato leva alguns instantes para compreender, e os outros também, que os homens vão se incendiar em pleno céu: os últimos pára-quedas haviam pegado fogo. No início, continuam a descer lentamente, mas a velocidade aumenta e eles ultrapassam os outros. Tornam-se cada vez mais visíveis e agora distinguem-se nitidamente os clarões de chamas súbitas que destroem a lona sob as espirais de fumaça, e os pequenos pontos negros, atingidos pelas fagulhas, continuam a balançar. As tochas humanas desabam uma após outra atrás do cume das árvores do planalto. Quantos minutos terá durado? Quando teriam eles compreendido que iriam morrer? Teriam morrido estatelados ou queimados vivos? Na estrada, ouve-se um clamor; do lado dos refugiados, mulheres gritam. Depois, todos se calam. O espetáculo terminou por esta noite. Aliás, é hora de jantar.

2. Um *auf Wiedersehen*

Fora isso, tudo é realmente muito calmo. Mas como se pode viver assim, sem piano? pergunta-se muitas vezes o Gato. Não que ele toque verdadeiramente. Ele é sobretudo capaz de passar horas batendo no teclado, de ouvido ou de improvisação, melodias e acordes aproximativos. Os que têm de suportá-lo, mesmo os mais plácidos, podem, num ataque de nervos, tornar-se enraivecidos. De suas apresentações musicais, seu pai diz que preferiria ainda ouvi-lo tocar órgão de gatos. É um instrumento refinado, constituído de uma série de gatos dispostos atrás de uma parede, através da qual, por meio de buracos apropriados, só saem as caudas. Sentado diante destas últimas, o artista puxa-as ou belisca-as com habilidade, a fim de obter miados e acordes melódiosos. Mas, afinal de contas, será que é culpa sua se, nesta família, na qual fazer música é uma coisa tão natural, ao que parece, quanto falar, cantar ou saber inglês, todo mundo toca, decifra e improvisa, exceto ele? Deveria ter começado lá pelos sete ou oito anos, como fizera seu pai, mas com a declaração de guerra faltou tempo para isso. Ele é o único, portanto, que não compartilha esse saber e sente-se como que um deficiente.

Desde o início da guerra, cada vez que a família se encontrou reunida por um período mais ou menos longo, é a presença de um piano que materializou a quietude reconquistada; como se o tempo marcasse uma parada no coração do espaço que as notas constroem. Seu pai toca Schubert e Schumann: o *Carnaval*, Eusébio dialoga em ângulos agudos com Florestan, três piruetas. O Gato encosta-se atrás do piano de armário, com o ouvido contra a madeira, durante a "Marcha dos filisteus"; era como se ele estivesse *dentro* da música: todos os elefantes do Circo Amar vão entrar na sala, cada um

segurando em sua tromba a cauda do precedente; ou então é a "Dança dos ursos", que se imita balançando-se desajeitadamente de um pé para outro, com um bastão nas costas, atrás dos cotovelos. É preciso buscar as partituras nas pilhas dos enormes álbuns, encontrar a que se quer e abri-la na estante acima das teclas. Ele conhece apenas o suficiente de notas para que possa saber virar as páginas. Por vezes, seu pai acompanha sua mãe, quando esta canta um *lied* de Schubert. A música preferida do Gato é o *Rei dos amieiros*: *Wer reitet so spät durch Nacht und Wind — Es ist der Vater mit seinem Kind*. "Quem cavalga tão tarde, na noite e no vento? É o pai com seu filho." Esta poesia ele aprendeu no liceu, durante seu primeiro ano de alemão. A mão esquerda de seu pai golpeia furiosamente o teclado: o menino treme de febre durante a noite e o Gato não compreende por que ele tem de morrer no final do canto: por acaso seu pai não o havia abraçado com força? Sua mãe decifra as valsas de Strauss; gesto ritual das mãos que retiram os anéis — um rubi, uma safira azul-escura —, repetido em todas as famílias burguesas de geração em geração, para colocá-los sobre o piano, ao lado da partitura; ou então, ela toca as músicas de um velho álbum vermelho ilustrado que data de sua própria infância e que os seguiu por todas as partes, *Canções de roda e modinhas populares*: "Velemos pela salvação do Império"; a canção dos Chouans: "Toma teu fuzil, Grégoire, toma tua virgem de marfiiiiim. . ."; e a que lhe agrada mais, *A parisiense*: "Povo francês, povo de braaavos. . ." Quanto a seu irmão, este esforça-se por reencontrar os dons de seu avô, que sabe transcrever de ouvido no piano todos os grandes clássicos da Ópera, de Wagner, que ele admira mais do que outro qualquer, a Offenbach. Assim, seu irmão ensaia, por exemplo, temas que eles aprenderam em alguns concertos no rádio. Também cantam juntos, sem acompanhamento, grandes duetos, fugas ou cânone, em que suas vozes respondem uma à outra sem evitar fírias, dissonâncias ou derrapagens: *O bezerro de ouro continua em pé!*, de Gounod, ou *Baco é rei, Baco é rei!*, de Offenbach. Para tais ocasiões, é preferível estar em uma casa ampla, sonora e, se possível, de dois pisos, pois o efeito mais impressionante é obtido quando eles podem colocar-se cada um num andar, fazendo com que suas vozes se cruzem através do vão da escada, que funciona como caixa de ressonância. Há alguns anos, eles acompanharam no rádio uma transmissão de *Peer Gynt*, de Grieg. Seu irmão contou-lhe a história: Solveig espera, incansável, o retorno do marinheiro de além-mar, mas após tantos obstáculos vencidos, será que o temível Homem da Concha, encontrado no caminho do fim do mundo, o deixará voltar? Ele recolhe as almas com uma concha, para fundi-las novamente numa grande panela, e assim o ciclo da vida jamais se completa. É o tema

do Homem da Concha que se tornou sua música favorita, esta maneira de barca da morte (como aquele afresco com sombras vermelhas, quase apagado, que eles viram ao visitarem a Abadia de La Chaise-Dieu, a *Dança macabra*), que balança aos trambolhões; eles atribuíram-lhe uma letra "bastante incoerente, em que há búzios e elefantes, geralmente seguida de um recitativo lúgubre:

*C'était Ivan le vieux lonneur
Qui travaillait pour sa
belle-soeur
C'était un enfant de l'amour
Il travaillait la nuit et le jour*

*Un jour qu'il avait bu du vin
Il rêva qu'il était marin
Il enfourcha sa bicyclette
Et s'en alia chasser la mouette**

O fim é confuso, mas o sentido geral é claro, pois o velho sineiro (seria uma roda da bicicleta que se solta quando ele está se precipitando em direção à falésia?) só pode ir juntar-se ao filho do *Rei dos amieiros* e muitos outros, na panela do Homem da Concha.

O Gato foi, uma vez na vida, à Ópera. Na verdade, era a Ópera Cômica, em Paris, onde passava, naquele inverno, a *Tosca*. Ficou boquiaberto diante da grandiloquência dos cenários e da ação. Quando o herói principal, o pintor heróico, aparece no palco, todo ensangüentado pelas torturas sofridas e clamando sua fé na liberdade dos povos e na unidade italiana, o chefe da Polícia austríaca, o ignóbil Scarpia, não teve tempo de explodir numa gargalhada diabolicamente sarcástica, pois uma sirene petrificou atores e espectadores: um alarme. Todo mundo correu para os cafés da rua, o pintor com o rosto zebrado de maquiagem vermelha e uma gabardine jogada sobre a camisa bufante artisticamente dilacerada, seu torturador, a própria Tosca, os maquinistas, os espectadores, o Gato, seu irmão, a priminha de nariz vermelho de quem seu irmão

□ Era Ivã, o velho sineiro,
Que trabalhava para sua cunhada,
Era um filho do amor,
Trabalhava noite e dia.

Um dia, em que bebera vinho,
Sonhou que era marinheiro,
Montou em sua bicicleta
E partiu para caçar gaivotas.

gostava muito e alguns oficiais alemães em pé, postados diante do balcão, com seus belos uniformes.

— Eu — diz o Gato, para comentar o espetáculo no ponto em que foi interrompido — jamais falaria sob tortura!

— Não seja idiota — replica o irmão. — Ninguém tem o direito de dizer isso. Ninguém sabe ao certo o que faria numa situação real. E ninguém pode condenar os que falam. De qualquer maneira, na vida real as coisas nunca acontecem assim.

— Mesmo assim — diz ainda o Gato.

O alarme termina, cada um retoma seu posto, os atores cantam, o pintor, executado, tomba sob as balas dos fuzis que deveriam ser de mentira, mas que, por um ardil supremo do infame Scarpia, eram de verdade, e, num magnífico clamor de agonia, a Tosca joga-se com extrema elegância do alto da muralha dentro de um fosso felizmente mais raso do que o poço da orquestra. Em suma, uns morrem, outros aplaudem entusiasticamente, sobretudo os oficiais alemães, e todo o mundo volta para casa contente.

*

Mais tarde, quando ele tentar lembrar-se desses primeiros dias de junho de 1944, ficará atônito de ter podido, nesse espaço de tempo, acomodar tanta agitação, tantas atividades diferentes, vivenciar tantos acontecimentos importantes ou não (ele que, já adulto, poderá passar um dia inteiro a olhar, do alto de uma falésia, as ondas, sempre as mesmas, quebrarem, belas e monótonas, no mesmo rochedo).

Assim, sua lembrança mostra-o com os meninos da fazenda e outros da aldeia, cavando na areia branca da encosta sul do vale, em pleno sol, bem na saída do bosque, para construir um fortim que, depois de coberto por um teto de galhos e de arbustos verdes, permitirá a observação da estrada, dos vôos dos aviões, e eles poderão ficar fumando, à sombra e no frescor da areia macia, cigarros de briônia ou de ervas daninhas — mas também às vezes de folhas de tabaco verde arrancadas do fundo de uma horta e enroladas em papel de jornal. Um domingo, um soldado alemão vem com uma moça de Chevreuse, bem pertinho, sob as árvores; deitam-se em frente ao trigo verde e fazem amor. Os meninos não vêem, na verdade, grande coisa: o corpo do soldado, que não havia despido o uniforme, de costas, tapa tudo. Observando de sua seteira aquela massa verde-cinza que se agita confusamente, o Gato imagina que o tem sob sua mira. Visa-o longamente, mas será que se pode matar um homem que está fazendo amor? Naquele momento, ele sem dúvida pensa que sim. A pergunta e a dúvida somente surgirão mais

tarde.

— É isto a colaboração horizontal — diz René. — Depois a gente raspa a cabeça dessa pilantra.

No dia seguinte, eles encontram perto do campo de trigo uma camisa-de-vênus e comentam aquele produto misterioso e raro da técnica moderna que vêm pela primeira vez.

É também a época da festa em Chevreuse. Lucien gasta em poucas horas todo o salário do mês. O carrossel roda vertiginosamente, arrastando, pendurados às longas correntes, os balanços quase na horizontal: é o jogo dos meninos que tentam agarrar o banco da menina da frente, em meio a gritos e a música de parque de diversões. . . No dia 4 de junho, os aliados tomam finalmente Monte Cassino e, após seis meses de combates violentos, de trincheiras, de destruição de artilharias e de bombardeios, entram em Roma. Nos panfletos que caíram em profusão nos campos, vê-se uma foto dos franceses que desfilam em Roma, todos vestidos de ganduras e de capacetes ingleses. Numa só noite, oitocentos bombardeiros largam duas mil toneladas de bombas sobre Berlim e causam milhares de mortes. Os russos avançam na Ucrânia, aprisionam cem mil soldados em Minsk e se põem a caminho de Varsóvia. As notícias da Rádio Paris são cômicas, em suas formulações estereotipadas: "Após uma ofensiva do inimigo, repelida através de duros combates em que este sofreu grandes perdas, as forças do Eixo voltaram a posições preparadas previamente. Esta retificação da frente de batalha permite uma melhor concentração das forças." Um indivíduo fanhoso e grotesco, Jean Hérold-Pacquis, clama todas as noites, à mesma hora, como um cuco que sai de sua casinha: "E estejam certos, caros ouvintes, que a Inglaterra, como Cartago, será destruída." Os dias são ensolarados e o pequeno carrossel é uma das mais belas lembranças da vida do Gato.

*

Durante os primeiros dias de junho, sua mãe vem passar alguns dias em Marles. Para o Gato, é um momento de festa e ao mesmo tempo de grande reserva. Varreu o pátio, passou o ancinho nas alamedas, mudou as folhas da cama dos porquinhos-da-índia, limpou Patachou e Timochenko, fabricou pacientemente um pequeno pedaço de manteiga — bastante grumoso e esbranquiçado na verdade —, fruto da desnatação, durante uma semana, do meio litro de leite diário misturado com a película retirada do leite fervido, colocou um ramallete de tremoços perto da cama de sua mãe e arrancou cenouras.

A felicidade deles em se reencontrarem e o prazer do Gato são indubitáveis. Mas pai e mãe são uma espécie esquisita. Parecem ter como regra de conduta jamais se deixarem levar pelas emoções simples, e dão a impressão de descobrir em tudo armadilhas contra as quais é preciso proteger a qualquer preço seus filhos. Ao mesmo tempo, são de uma ingenuidade extrema, pois parecem ignorar que assim se constroem dois universos paralelos: um, sob seus olhos, das regras de boa conduta, e outro, longe deles, com múltiplas e insuspeitáveis dimensões — um universo, por exemplo, em que é natural recolher a camisa-de-vênus usada de um alemão sentimental. . . Na verdade, são três mundos distintos, pois há ainda o universo deles, que eles protegem e que é feito de segredos mais ou menos mal guardados (*not before the children*). Tudo isto representa muita coisa: a gente acaba se perdendo, pois seria necessário ter a regra do jogo, segurar todo o tempo o fio de Ariadne para não embrulhar tudo e no final das contas, obrigatoriamente, comportar-se mal. Se fosse assim, haveria pelo menos uma chance de se ser "bem-educado". Mas o Gato não é bem-educado: talvez seja porque não se tenha tido o tempo necessário para, simplesmente, "educá-lo". (Assim, por exemplo, naquela família, em que, de geração em geração, é tradicional que as crianças chamem os pais por senhor e senhora, ele trata os seus por você, contrariamente a seu irmão: uma coisa a mais que, com a guerra, foi posta na conta das perdas e ganhos.)

Por outro lado, eles têm uma obsessão pela domesticação. Poucas horas após ter chegado sua mãe, já os separam histórias humilhantes de mãos não lavadas, de cama não feita e de baixa anormal da provisão de açúcar.

O que o Gato mais recrimina nos pais e considera insuportável neles, assim como em todos os adultos, é a pretensão que têm de ser os donos da palavra. Os donos absolutos: são eles que decidem do que se deve falar e de que maneira, bem como do que não se pode falar e de como não se deve tocar nesses assuntos. Sabem ignorar uma pergunta ou respondê-la de uma maneira ainda pior do que se a ignorassem (seu pai tem toda uma série de respostas que se adaptam a todas as situações e que têm por objetivo pôr um fim às curiosidades extenuantes ou impróprias: "Se alguém perguntar isto a você, diga que não tem a mínima idéia", ou então "Quem? O papa dos bonzos!"). E se o Gato se preocupa com uma dor qualquer, "Só faltam três dias para a morte, e o primeiro conta por dois"). Têm a pretensão de saber o que é indicado e contra-indicado, o que é apreciável e o que é imediatamente nocivo, o que é feito para o bem das crianças e o que as prejudica. Como adivinhar, aos treze anos de idade, o que tanta segurança, tanto senso aparente do dever e do

definitivo podem ocultar de inquietudes e dúvidas? No entanto ele, o Gato, considera que é suficientemente grande para julgar sozinho o que pode e o que não pode compreender, o que pode saber desde já e o que deverá deixar para mais tarde.

Em Paris, ele encontrou perto da mesa-de-cabeceira de seu pai um livro bastante antigo e gasto, *A medicina familiar*. Folheou-o, marcou várias páginas, as que falavam de caxumba e de falso crupe, mas uma única página estava marcada com uma ficha branca visivelmente recente: a que tratava da criança *mentirosa*. Algumas palavras estavam sublinhadas a lápis. Sentiu-se irremediavelmente desmascarado. Toda a história do *um* antes do *zero* para falsificar um *dez* em seu boletim, e várias outras, ainda mais graves, estavam contidas nesta página, definidas e estigmatizadas. O médico autor do manual não parecia apreciar as crianças mentirosas, recomendava uma grande firmeza, castigos severos, como enrolar a criança em lençóis molhados e frios, e associava este defeito à repugnante e temível masturbação: o masturbador, explicava ele, é um *hipocondríaco*. O Gato foi procurar no dicionário: a hipocondria é uma afecção que torna o indivíduo esquisito e triste. O autor explicava ainda que o mentiroso masturbador, habituando-se a trapacear e a dissimular, perde toda a vontade e todo o senso de dever. E o Gato percebera que tais vícios o arrastariam para um abismo fatal.

Mas, também, como se pode forçar a atenção dos pais, quando ela está longe, quando se sente — será a infelicidade dos tempos que faz isso? — que estão ocupados com tantas outras coisas? Você nunca está à altura do que eles esperam de você; seria o amor que os torna cegos, ou então, num plano mais mesquinho, o amor-próprio? O que resta então, para forçar-lhes a atenção, senão ir buscar histórias aqui e acolá, as quais (acidentalmente, muito acidentalmente) nem sempre são todas forçosamente verídicas (mas que poderiam sê-lo. . .)?

Ao mesmo tempo, ele sabe que é parcial: a maior parte do tempo ocorre-lhe achar que os pais dos outros são idiotas, feios e vulgares; não admitiria que os seus fossem colocados no mesmo nível. Nos outros, ele raramente encontra aquele sentimento de confiança compartilhada que conheceu nos momentos de glória de sua vida em família.

*

No que se refere às preocupações dos pais do Gato, naquela época, é preciso saber que numa noite de inverno, no início de 1944, o pai havia levado sua mãe para fazer uma visita estranha ao centro do

Mercado de Halles. Já há bastante tempo eles falavam entre si de suas preocupações com relação a seu irmão. Este estava se preparando para a Escola Normal Superior em um grande liceu parisiense, mas o destino de um estudante de dezenove anos era cada vez mais precário, em virtude das medidas cada vez mais amplas de requisição da juventude para o trabalho obrigatório na Alemanha. Alguns tomavam a iniciativa, procurando, na França mesmo, trabalhos que os dispensariam de partir para a Alemanha, muitos iam pedir trabalho em fazendas, um amigo de seu irmão até mesmo fora visto usando um uniforme de bombeiro. Mas seu irmão recusava-se terminantemente a se esconder e seus pais compartilhavam com ele esta moral, na qual não podiam senão se reconhecer. Ao mesmo tempo, era-lhes impossível não ver que ele se engajava cada vez mais na militância clandestina. Além disso, seu pai não gostava que se associasse sistematicamente patriotismo com comunismo, e isto gerava, dentro da família, ásperas discussões. Talvez também ele aceitasse para si mesmo, em suas próprias atividades, perigos que recusava para o filho. É certo que via a atividade do filho dirigir-se inexoravelmente para o uso das armas e para o sangue, e não acreditava que rapazes tão jovens tivessem a maturidade suficiente para isso (embora ele compreendesse que esses jovens se sentiam impelidos necessariamente pelo abandono da maioria das pessoas mais velhas). Poder-se-ia supor que ele aceitasse a lógica das palavras de ordem do terrorismo, mas isto não é certo. Em suma, entre pai e filho, duas concepções da resistência afrontavam-se certamente: embora tivessem a mesma visão, o mesmo nojo pela ocupação estrangeira, suas opiniões dividiam-se com relação a todo o resto, como podem divergir duas gerações tão distantes uma da outra. Antoine devorava com paixão, caoticamente, tudo o que podia circular, por baixo do pano, de literatura sobre a grande Revolução Bolchevique, encontrava, na luta, veteranos das brigadas da Guerra Civil Espanhola, via no combate contra o nazismo a promessa de uma nova sociedade a ser construída. Seu pai desconfiava tanto dos comunistas quanto de De Gaulle: uma vida passada a estudar a história das sociedades desde as origens da humanidade provavelmente tornara-o propenso ao ceticismo e ao temor quanto aos grandes projetos, religiosos ou políticos, que pretendem fazer, em um só bloco, a felicidade dos homens; sentia-os sobretudo capazes de trazer a infelicidade, e não acreditava em um homem enviado pela providência.

Terminara por pensar que a melhor solução seria que seu filho aderisse a um maqui como os que os movimentos de resistência organizavam naquela época para os refratários — mais particularmente, nos maciços montanhosos acima de Grenoble. Ele

via sobretudo as preocupações que torturavam sua mulher: as ausências noturnas do rapaz após o toque de recolher, que uma vida sentimental, embora desconhecida e complicada, não podia justificar, o amontoamento de panfletos e a estocagem de estêncéis, as visitas de amigos, à noite, que se davam ares de entendidos, sobre os quais era impossível enganar-se, a hospedagem de alguns outros que se tornou mais freqüente, o vaivém das bicicletas de origem desconhecida, e, finalmente, mais tarde, a descoberta de uma pistola; por fim, o aparecimento abrupto na casa de uma jaqueta com enormes manchas de sangue. Todas essas coisas iam violentamente de encontro à idéia que se tem sobre a vida que deve levar um rapaz ao qual ainda se tem de pedir que não ponha os cotovelos sobre a mesa.

A Sra. Ponte-Serra percebia muito bem que esta atividade cruzava muito provavelmente com outra, a do seu marido. Ela tivera muito medo quando este esteve na prisão, durante quinze dias, em 1941, por uma questão que, para ela, nunca havia sido elucidada. O medo aumentara agora, que havia todas as preocupações desta vida quotidiana difícil, a família a preservar e também a alimentar, esta busca permanente e obsessiva do abastecimento, numa atmosfera grotesca, aviltante, quase histérica, em que parecia que a preocupação em comer havia neutralizado todos os outros sentidos da burguesia francesa — e não somente da burguesia: era preciso conseguir manter um equilíbrio, um senso moral elementar, este senso moral no qual ela própria fora educada e que valorizava acima de tudo, entre a preocupação lancinante de proteger a família, seu lar, seus próprios pais, e a de não ceder incondicionalmente a esta vontade selvagem de fechar-se no egoísmo da sobrevivência, da comida, do conforto físico preservado a qualquer preço. Naquele mundo cruel da burguesia parisiense dos anos 40, ela procurava obstinadamente manter uma linha de conduta que conciliasse a dignidade e o amor pelos seus, que pudesse calar suas preocupações e que, além disso, salvasse as aparências de uma vida familiar tão perfeita e naturalmente calma quanto o era durante os melhores dias em tempos de paz e durante sua própria infância, passada em Plaine-Monceau, com relação a uma sociedade mundana, indiferente, até mesmo hostil. Desesperadamente, ela procurava — e conseguia, bem ou mal — *enfrentar a situação*.

Devido às suas próprias atividades, o pai do Gato conhecia um grupo clandestino. Assim, tomara contato com um dirigente parisiense do Exército Secreto, encarregado do recrutamento e do encaminhamento de jovens resistentes. É como visse que sua mulher se debatia entre centenas de perguntas sem respostas a propósito das

atividades do filho, decidiu fazer com que ela o encontrasse também, para que pudesse julgar por si mesma a seriedade da organização. Tal era o sentido da visita que fizeram, uma noite, a um despachante de Halles.

Na penumbra de um entreposto glacial, em meio a amontoados de engradados, eles haviam assim encontrado uma dezena de rapazes prontos para a partida, que surpreendiam por sua aparência extremamente desleixada, seu aspecto não muito sadio e suas maneiras refinadas. Apresentaram-se um a um, de maneira muito educada, acrescentando, com desenvoltura, alguns detalhes sobre suas atividades: Fulano (era apenas um pseudônimo), "terrorista", fugido da prisão de Rouen. Beltrano *agregé* de filosofia, condenado a trinta anos, à revelia, por roubo à mão armada. Sicrano, três descarrilamentos, dois atentados. Embora ficassem sabendo que o responsável que tinham vindo ver era, fora de sua profissão de honesto comerciante, oficial da reserva, visivelmente oriundo de "um excelente meio social", ponderado, preciso, convincente em sua exposição sobre a organização dos maquis, mostrando todas as vantagens que havia na integração de um rapaz corajoso em um movimento solidamente dirigido e ligado organicamente a Londres, não é certo que esta visita tenha amenizado as preocupações da Sra. Ponte-Serra. De qualquer maneira, não houve continuação: a organização foi desfeita pouco depois.

— Você viu — disse o pai ao sair. — Compreende agora por que é melhor que eu lhe diga o mínimo possível sobre isto?

A natureza da Sra. Ponte-Serra não lhe indicava outro caminho senão dar razão ao marido.

Mas também era de sua natureza, provavelmente, que não lhe ocorresse a idéia que estava presente na mente da maioria de suas amigas e de seus numerosos parentes: o que importa é não se meter com essas coisas, é ficar em seu refúgio até que tudo passe. . . Passados alguns anos, as pessoas achariam muita graça nesses tempos difíceis, contanto que tivessem a inteligência de se comportar e não cometer asneiras.

*

No dia 6 de junho, quando sua mãe foi embora, o Gato teria gostado que ela ficasse perto dele, para ter um pouquinho mais do seu calor. Naquele momento, ele estava totalmente envolvido por esta idéia. Mas sua mãe já se voltara para as suas preocupações parisienses: o abastecimento do resto da família, as inquietudes de uns e outros que a esperam. Ele lança uma grande ofensiva, assumindo um ar de meiguice: por que não poderia acompanhar a

mãe a Paris, ainda que fosse só por um dia? Voltaria sozinho à noite, de metrô, e assim poderia ir informar-se no Cais Mégisserie sobre as possibilidades de escoamento de seus porquinhos-da-índia. Acompanha-a a pé até a Estação Ferroviária de Saint-Rémy, levando sua sacola, em que ela carrega um coelho morto na véspera, ovos, manteiga e cinco quilos de batatas, e tenta uma vez mais convencê-la. O trajeto leva mais ou menos quarenta e cinco minutos. Eles passam diante da *Komman-dantur* local, uma grande vila circundada de espessas "cercas vivas, em cujo portão se encontra permanentemente uma sentinela de capacete e farda, com o longo capote verde apertado na cintura, o que faz com que as nádegas fiquem grotescamente salientes, feito uma Vênus hotentote, como de resto acontece com todos os soldados alemães (seu irmão dizia que isso sempre lhe dava vontade de enfiar-lhes sorrateiramente um alfinete na bunda), com um fuzil a tiracolo, uma granada de mão com seu longo cabo de madeira enfiado no cinturão. O soldado segue o movimento dos passantes com um olhar bovino, no qual estes esperam ver sinais de inquietude. O Gato acompanha sua mãe até a plataforma da estação e chega até a entrar com ela no vagão. Ao sentar-se em frente a ela, o sol vem bater-lhe nos olhos. Mas, sua última manobra fracassa. Ela permanece irredutível e ele, pesaroso, beija-a e levanta-se. Um? senhora que acaba de entrar toma o seu lugar e, diante desta testemunha, ele não ousa acrescentar mais nada. Volta para casa sem esperar que o trem arranque. Ao passar pelo soldado de guarda, ouve a sirene de alerta. Em voz baixa, começa a cantar sua versão de *Lili Marlene*:

*Devant la caserne y avait un Allemand
Qui montait la garde tous les soirs en chialant
Je lui demand' pourquoi chiales-tu
Il me répond on est foutu
On a les Russes au cul
On a les Russes au cul**

Continua seu caminho e, ao chegar ao vale, observa distraidamente as evoluções dos aviões, que passam calmamente, bastante baixo, dois ou três Lightnings americanos, dispersados. O Gato pensa consigo que decididamente eles estão tomando cada vez

□ Na frente do quartel havia um alemão
Que montava guarda todas as noites choramingando.
Pergunto-lhe porque choraminga,
Ele me responde: Estamos fodidos,
Os russos vêm aí,
Os russos vêm aí.

mais liberdade. Ouvem-se rajadas de metralhadoras no lado leste, isoladas e sem resposta. Seria um embate com a caça alemã, cujos aviões roncavam nos quatro cantos do horizonte? Um belo balé no céu azul. Nada mais banal. Ele faz uma volta pela encosta, para inspecionar seu fortim de areia.

Quando chega perto da casa, uma hora mais tarde, a velha refugiada o está esperando na estrada, fazendo gestos e chamando-o. Ao aproximar-se, vê que ela está pálida e chora, soluçando. Ela o abraça contra seu avental rijo de sujeira e diz-lhe: filhinho, seja corajoso, sua mãe sofreu um acidente. E funga, sem largá-lo. Ele tem vontade de retomar a liberdade, de deixar de respirar aqueles odores desagradáveis de alho-porro, e pensa que frases como aquela, que ele leu muitas vezes em romances, são destinadas a anunciar delicadamente a morte de alguém a um de seus próximos. Uma frase dessas, lida, já é ridícula; quando dita, soa ainda mais grotesca. Ela continua a fungar e a verter lágrimas, e, finalmente, larga-o, continuando a dizer-lhe que tivesse coragem, que o acidente não tinha sido grave.

— Vieram do Restaurante Michel avisar-nos — diz ela. — Eles receberam um recado por telefone. Sua mãe foi transportada para Chevreuse, para ser atendida por um médico. Foi um acidente, não é grave, sua mãe só está ferida. O trem foi metralhado.

Ele pega a velha bicicleta para senhoras, de cor verde-maçã, que chamam de Mamute, e pedala como um doido sobre os cascalhos e os buracos da estrada, através do planalto.

O suor pinga-lhe do rosto. Encontra sua mãe deitada em um sofá, na sala do médico. O que vê ao entrar é que ela lhe sorri. Seus cabelos estão desfeitos, aquela massa de longos cabelos castanhos, dourados por milhares de reflexos — aqueles cabelos que lhe lembravam sempre a história que ela lhe contava sobre a prisioneira perdida numa torre no meio da floresta, que soltava sua cabeleira do alto de uma janela, deixando-a cair aos pés do Príncipe Encantado, para que este pudesse subir e beijá-la.

Ele não a beija. Olha na parede o retrato de Pétain, numa moldura tricolor tendo ao alto a divisa: "Doei à França minha pessoa." Sua mãe segue seu olhar, sem falar, mas fazendo como que um gesto com seus olhos muito azuis, para que ele nada dissesse. Ele vai sentar-se à beira da cama, tenso e intimidado, sem ousar pegar-lhe a mão. Ela diz-lhe que tem um estilhaço de granada na coxa, que não pode mexer a perna, mas que não dói muito. Fizeram-lhe um curativo de emergência e ela está à espera de ser transportada a Paris para submeter-se a uma cirurgia. Diz-lhe ainda que não percebeu

bem como tudo se passou: o trem tinha acabado de sair da estação, o vagão estava quase vazio; a senhora da frente tinha começado a contar que ia encontrar-se com os filhos em Paris, que estava levando para eles geléias e lombinho de porco, que o sol a incomodava, e elas constataram que a cortina estava emperrada. Depois, o trem parou subitamente, houve um estrondo de chapas e vidros quebrados e a senhora foi projetada para a frente, batendo com o nariz no banco. Depois, em meio à confusão, ajudaram-na a sair e ela viu os feridos ao longo da via férrea. Rasgou sua gabardine para fazer um garrote para um senhor que estava com a perna quase arrancada, com o sangue a jorrar. Ela sabia fazer essas coisas, pois fora enfermeira em um hospital, em 1940. — É pena — diz ela —, porque era uma gabardine muito bonita que seu pai me havia comprado em Montpellier. E eu perdi o coelho. E depois. . .

— E a senhora da frente?

— Teve morte instantânea. Um estilhaço atingiu-lhe o pescoço.

— Mas — diz o Gato — era o lugar em que estive sentado. . .

— Eu sei, meu gatinho — diz ela sempre com um sorriso. — Mas não foi você. E ademais, você não gosta de ficar do lado do sol.

Nesse momento, o doutor entra e anuncia que a ambulância chegara. Anuncia também que os ingleses desembarcaram na Normandia. A ambulância parte e o Gato retoma sua bicicleta. A noite cai e, na descida cheia de sombras, no caminho que leva a Marles, sempre aos solavancos sobre as pedras, a brisa fresca arrepiava-lhe a pele onde o suor não secou. À noite, vem novamente alguém do Restaurante Michel para dizer que haviam telefonado de Paris: a operação tinha corrido bem. Dizem também que o desembarque teve êxito.

Quinze dias mais tarde, o Gato volta à casa do médico para pegar os sapatos de sua mãe e os restos da gabardine. O retrato de Pétain não está mais na sala. O coelho não foi encontrado.

*

À noite, na fazenda, ele ouve no rádio o discurso do Marechal. A voz plangente suplica: "Franceses, peço-vos que me ouçais. . . Esta pretensa liberação é a mais enganadora das miragens a cuja tentação poderíeis sentir-vos tentados a ceder. . . Não deis ouvidos àqueles que, buscando tirar proveito de nossa infelicidade, conduzem o país à catástrofe." Essa choradeira provoca um mal-estar no Gato, como se se tratasse de alguma coisa obscena, e ele insulta o Marechal grosseiramente. De nada adianta conjurar os covardes, todos aqueles que se fecharam a tudo o que não fosse o abastecimento, o aquecimento, o tabaco, o gasogênio; aqueles que estão sempre se

enfiaando pelas portas atrás dos balcões dos armazéns, cortejando os comerciantes; aqueles para quem o fato de um colega de aula do filho permanecer na casa durante uma hora representa uma ameaça, ou pior ainda, um inimigo declarado, um judeu, um pestilento, capaz de amputar em cinquenta gramas de pão o patrimônio da família (há famílias em que, todas as manhãs, é pesada na balança a ração que cada um guarda cuidadosamente em sua bolsinha), capaz de ter pais gaullistas e de comprometê-los seriamente; aqueles que ele ouviu dizerem, em todos os lugares, nas filas, nos trens, nos controles de identidade durante os alarmes, quando os policiais alemães ou franceses levavam gente cuja aparência não lhes agradava, que tudo isso era muito triste, mas que não se podia fazer nada, que os outros deviam era seguir o exemplo deles próprios, que obedeciam à lei: era só obedecer à lei. . . A lei, a lei, a lei. . . Não, realmente, de nada adiantaria conjurá-los a não tomarem nenhuma atitude, a ficarem em suas casas, a não se envolverem, a não fazerem nada que pudesse atrapalhar as tropas de ocupação, como se, nos últimos quatro anos, eles tivessem feito outra coisa, como se não tivessem a intenção de continuar acovardados.

Para a BBC, não há dúvida: o desembarque foi um êxito, a liberação começou e o apelo à mobilização é lançado a todas as forças da Resistência. Declara De Gaulle: "Para os filhos da França, onde quer que estejam, o dever sagrado é combater o inimigo por todos os meios disponíveis." Londres lembra que todas as linhas de comunicação passarão a ser atacadas, que os entroncamentos ferroviários e os trens em circulação podem ser atingidos a qualquer momento em todo o território e que a população é chamada, por conseguinte, a evitar quaisquer deslocamentos. O Gato pensa que estes avisos chegam um pouco tarde. No decorrer dos dias seguintes, multiplicam-se as vagas de bombardeio, enquanto uma chuva de panfletos de todas as cores cai sobre a terra, com as primeiras fotografias da frota de desembarque. A Estação Ferroviária de Massy-Palaiseau é destruída, o tráfego do metrô é suspenso. Para ir a Paris, é preciso descer em Palaiseau, ir a pé ou de ônibus até Massy-Verrière e lá tomar outro trem. Decididamente, ainda vai demorar para que o Gato possa informar-se sobre a venda dos porquinhos-da-índia no Cais Mé-gisserie. Os cortes de eletricidade são freqüentes, a luz só volta durante algumas horas à noite, e é cada vez mais difícil telefonar a Paris do Restaurante Michel, que faz as vezes de cabine telefônica: há ocasiões em que é preciso esperar mais de uma hora. Na fazenda, como em muitas casas, um mapa do Oeste apareceu, no qual espetam-se alfinetes: os ingleses se encontram bloqueados diante de Caen, arrasada pelas bombas. O toque de recolher estende-

se agora das vinte e duas horas às cinco da madrugada. Um dia, de manhãzinha, ao buscar as vacas que ficam à noite no prado de Champmercy para tirar-lhes o leite, eles encontram os restos de um horrível massacre: uma equipe de matadores clandestinos roubara uma vaca e matara-a, esquartejando-a e cortando os pedaços no próprio local. Só restara a cabeça, os cascos e um amontoado de intestinos rosados e azulados, cobertos de moscas varejeiras.

Finalmente, um importante contingente de infantaria alemã a caminho do Oeste estaciona no vale e aí se instala.

*

No início de julho, sua mãe volta a Marles para convalescer e seu pai a acompanha durante alguns dias. Uns trinta homens estão alojados nas peças devastadas do lado esquerdo da casa. Instalaram tabiques com palha ao longo das paredes, no chão, sustentados por longas vigas. A velha casa está quase a estourar com o número elevado de habitantes: nas duas peças do segundo andar amontoam-se os seis refugiados, na parte direita do primeiro andar estão alojados o Gato e seus pais; em baixo, compartilham a cozinha e a sala de jantar. Seu pai pôde conservar, na torre, seu escritório, cujas estantes foram arrancadas.

Na porta, sob as tília, uma sentinela monta guarda em permanência, dia e noite, com a indefectível granada de cabo de madeira enfiada no cinturão. Desde a aurora, elevam-se do pátio a voz dos homens que começam suas atividades, o ruído dos baldes e da água, o tilintar das canecas e da marmita de café trazidas de uma casa nas vizinhanças. Durante o dia, partem para fazer exercícios de tiro e ouvem-se, vindos dos bosques, os estalos secos dos fuzis Mauser. Muitas vezes, à noite, após haverem passado uma hora a desmontar e limpar as armas, sob os últimos raios de sol, permaneciam prostrados, com as roupas desabotoadas, espalhados no pátio e no jardim, esperando, quase sem falar, que a leve bruma subisse do rio e invadissem o vale com sua frescura úmida. Atrás dos loureiros, construíram latrinas: uma fossa larga e profunda e, lado a lado, seis barras horizontais, fixadas sobre estacas enterradas no chão. Latrinas de seis lugares!

— É o sentido aguçado da vida coletiva. E o da desmedida — comenta o pai do Gato. — De qualquer maneira, é normal, pois eles têm um metro de intestinos a mais do que todas as outras raças humanas. De tanto comer chucrute.

— É verdade? — pergunta o Gato, que ouve esta história pela centésima vez.

— Naturalmente. Está provado cientificamente. E continuará sendo enquanto eles contarem suas histórias de raças inferiores.

A verdade é que eles vão à latrina em grupo e lá ficam, agarrados às barras, com as calças arriadas, a papear calmamente.

Estes soldados não se parecem muito com os que o Gato encontrou nos últimos anos. Os primeiros falavam alto, usavam uniformes impecáveis, botas reluzentes e armas polidas. Só a presença deles já parecia ocupar todo o espaço disponível, reduzindo, através do volume de seus corpos, de suas vozes, de seus ruídos e de suas armas, todo o resto da humanidade a uma massa indistinta e respeitosa. Quando em grupo, davam a impressão de viver acima de tudo o que os cercava, em um mundo à parte e superior, protegidos, como se tivessem uma carapaça intransponível, pela sólida afirmação de sua potência e coesão, salientando-a pelas gargalhadas, pelas cantorias, pelos gritos de ordem, pelo tinir sonoro de seus passos, pelo ruído de todos os seus acessórios de guerra, capacetes enormes, bolsas quadradas, granadas grandes como pilões de cozinha, fuzis Mauser enormes e cheios de cliques, punhais-baionetas sacolejando sobre a nádega direita. Isto eram os soldados rasos, enfiados em seus uniformes com vincos impecáveis, túnicas pesadas fechadas no colarinho e espessos capotes verdes ou cinza. Havia também oficiais que portavam fardas incrivelmente brilhantes, quepes que rivalizavam em altura com os penteados bretões, túnicas ou sobrecasacas verdes com lapelas brancas e botões dourados, e ainda outros, particularmente refinados, que usavam um pequeno punhal dourado na ponta de uma corrente que dava vontade de cortar sorrateiramente. Havia também os "coleiras-de-cão" da polícia militar, sempre a dois, com capacete, metralhadora preta em diagonal sobre a barriga, bulldogues porcinos (assim apelidados porque levavam sobre o peito uma espécie de enorme corrente vistosa). Sem esquecer os SS, com suas caras de caveira e seus horríveis quepes pretos, uma pistola na cintura, os quais pareciam formar um mundo à parte, particularmente barulhento e arrogante. Finalmente, mais burgueses e barrigudos, havia os representantes da Organização Todt, pais de família, a cabeça raspada, a nuca fazendo dobras e a bunda saltada sob a túnica curta, de uniformes caqui e braçadeiras com a cruz gamada. . . Enfim, havia um mundo de homens fechado em si mesmo, homens seguros de serem homens, verdadeiros, os únicos que se reconheciam como homens, enclausurados em seu próprio meio, sem ver o resto da humanidade, por trás da muralha de suas certezas, de sua arrogância, ou até de sua condescendência e gentileza passageiras, como se fossem

completamente míopes. Quando se encontravam em meio à multidão — no trem, no metrô —, permaneciam isolados por um círculo de silêncio não exatamente hostil, mas simplesmente, na aparência, indiferente. Era um mundo de homens ao qual o Gato não tinha e de forma alguma queria ter acesso. Mas, independente de sua vontade, acaba se misturando a este mundo. Em torno desses homens paira uma ameaça indefinida. Ameaça de morte? Eles carregam consigo a morte, mesmo se, quando sorriem, não o sabem ou o esquecem. Têm direito de vida e de morte. São eles que fazem a lei, que determinam as regras. São eles que decidem se alguém está *em regra* e que podem a qualquer momento instaurar algo de novo, algo tão insano e absurdo como, por exemplo, o porte da estrela amarela.

Os soldados que hoje ocupam a casa não se parecem, pois, com aqueles outros. Para o Gato, eles lembram mesmo, às vezes — contanto que faça um esforço para exagerar —, os pobres soldados italianos que conheceu no sul da França, que eram muito infelizes por estarem longe de seu país.

São recrutas de má aparência, metidos em uniformes grandes demais e mal abotoados. São jovens, com exceção de alguns graduados que levam na barra da túnica a fita vermelha e negra da campanha da Rússia. Os "*Aili! Ailo!*" das partidas matinais não são muito estimulantes, e ao que parece, se não fossem regularmente xingados e obrigados a fazer trabalhos tão inúteis quanto cavar com a pá trincheiras num solo particularmente pedregoso, eles se deixariam levar pelo simples prazer de contemplar, no intervalo entre dois alarmes, a leveza das nuvens que passam. O Gato ouve-os conversarem entre eles: como eram felizes por terem sido enviados à França e não à Rússia! Agora, a caminho da frente de batalha no Oeste, eles simplesmente têm medo.

Após dois anos e meio de estudos de alemão, o Gato reteve alguns rudimentos. Quando começou a sexta série, seu pai decidiu que não era porque a França estava submetida à opressão nazista que o Gato deixaria de entrar em contato com a cultura alemã, como seu pai havia feito, no início do século, quando viajara a pé sobre as margens do Reno e do Neckar. Esperava-se do Gato que falasse inglês em casa, e ele sabia recitar, efetivamente, gaguejando um bocado, trechos inteiros de *Alice in Wonderland*. Ele fala inglês sem esforço numa conversação corrente, embora, na família, seja ridicularizado por seu sotaque e, nestas condições, prefira calar-se. Mas diziam-lhe que o alemão iria lhe dar a verdadeira chave das línguas estrangeiras, através da riqueza de

sua gramática e sintaxe. Ele fora sensibilizado pela beleza das primeiras poesias de Goethe que aprendeu, a da rosa no campo que a criança quer colher — *Roslein, Roslein rot, Roslein auf der Heiden* — O rei dos amieiros, é claro, e a canção do camarada, em que ele ouve, melancólico, o ruído das botas: *Ich hatte einen Kameraden, Einen bessern find'st du nitt'!*, "Eu tinha um camarada, melhor não encontravas!", que uma bala perdida vem matar, *ais so ein Stück von mir*, "como se fosse parte de mim mesmo". A partir do final do primeiro ano, ele começou a aprender a *Lorelei*, que constava em seu manual (*"Ich weiss nicht was soll es bedeuten". .*); mas, no ano seguinte, todos os novos manuais de alemão estavam cheios de retângulos de papel colados cuidadosamente pela editora, página por página, em certos trechos. Assim, em todas as poesias de Heine, que era judeu, havia um retângulo. (Isto ocorreu na "zona livre", sob o governo de Vichy.) Heine havia sido excluído da História. Jamais houvera existido. O Gato jamais soube, ou esqueceu, o fim da *Lorelei*, não conseguindo decifrar por transparência, embora colocasse a página na frente da lâmpada, os caracteres góticos censurados, ficando sem saber a razão de tanta tristeza anunciada no primeiro verso, o único de que ainda se recordava. Tudo isto, entretanto, não o predispõe à conversação corrente. Ele não sabe dizer salame. Sabe algumas palavras usuais, como manteiga (e para isto, é claro, não é preciso fazer estudos, pois a palavra *Butter* parece ser o grito de reunião das tropas germânicas em campanha, dir-se-ia que a busca de manteiga havia substituído a do Graal para os heróis modernos), e ele aprendeu também, é claro, que em alemão uma camisa-de-vênus se chama *Parisienn*e.

Uma ocasião, ao cair da noite, ele ouve uma explosão nas vizinhanças, e em seguida uma série de gritos, de apelos em alemão. Todos se põem a correr escada abaixo, em meio à zoeira que produzem os pregos das solas das botas. Um ciclista, ao passar, atirara no soldado de guarda e logo desaparecera numa curva; a sentinela lançou-lhe sua granada, mas tarde demais: só pôde ver uma sombra furtiva no crepúsculo. Já altas horas, os homens ainda permanecem em estado de alerta em toda a aldeia, as motos dão estouros e os caminhões chegam de Chevreuse e partem às pressas, cheios de homens de capacetes e armados, que desembarcam e correm para cercar os bosques. Os oficiais vão de uma casa a outra, os gritos aumentam, não se ouvem senão ruídos de botas e de armas. Ei-los de repente como animais perseguidos, as vozes roucas ou estridentes, os olhos fixos, parecendo, agora, não ver o que os rodeia: verdadeiros autômatos enlouquecidos. O Gato quase que os prefere assim. Pensa consigo mesmo que deve ter sido seu irmão que acaba de chegar à aldeia e não pôde resistir à tentação de atirar na

sentinela. Faz tempo que o Gato o espera. Em todo caso, ele lamenta que a sentinela não tenha sido atingida. É justamente o soldado que, na véspera, lhe ofereceu um pedaço de salame. Não, é claro, não é seu irmão. Aliás, é provável que o atirador tenha sido forjado pelo medo de um soldadinho mergulhado na sombra.

*

O Gato parte com seu pai para dar um passeio através dos bosques e dos campos. Inicialmente, param na Prefeitura para tratar da questão da atribuição das batatas para plantar na horta. Depois, sobem a Magny para cumprimentar o vigário helenista, que está transvasando sua sidra. Descem, mais tarde, para Port-Royal, no fundo do vale. Chove, e as árvores pingam lentamente à medida em que eles passam sob o chuvisco. A água gelada corre-lhe pelo pescoço e seus sapatos velhos encharcam-se como esponjas. Ele está feliz em caminhar com seu pai, como muitas vezes o fizeram, aqui e noutras paisagens. Seu pai é um andarilho incansável. Talvez isto tenha ficado do tempo em que, durante dez anos, ele percorreu os planaltos do Anam e do Tonquim, e de sua expedição ao centro do Yunnan. O Gato gosta de andar como o pai, ao mesmo passo que ele. Não é uma caminhada indiferente: nada do que os circunda permanece estranho, à medida que avançam. Ninguém melhor do que seu pai sabe dizer o sentido de cada uma das coisas que eles encontram, das mais simples às mais recônditas, as árvores e os rochedos, as linhas de um casarão, o contorno do caminho e o perfil de uma paisagem. É algo que o pai começou a ensinar-lhe quando ele ainda era bem pequeno. De um objeto anônimo, de uma folha ou de uma pedra pode surgir uma história múltipla e infinita, pode-se recuar no tempo, fazer desfilar gerações desaparecidas, civilizações, ou mais longe ainda, eras geológicas. Ele atribui a tudo o que seu olhar encontra um grande respeito, de certa maneira como o vigário de Magny, mas vai muito mais longe, e sobretudo abstém-se de tirar um sentido moral.

Há muito tempo, seu pai mostrou-lhe que para compreender e penetrar a essência do que vemos, não há melhor meio do que o desenho. Dirigir o lápis sobre o papel, fazer ir e vir o olho do horizonte até a folha, que se preenche lentamente, tudo isso equivale a reconstruir pacientemente o que vemos ao mesmo tempo que construímos o desenho, entre hesitações e erros: é o lento exercício da leitura das linhas e das tramas. Desenho panorâmico da paisagem em que, seguindo-se com um traço as colinas, zebrando-se de cinza mais ou menos forte segundo as distâncias, descobre-se a lógica do

relevo, das articulações, dos recortes, dos encaixes inesperados. Por aqui passa um rio invisível, pois ele cavou este leito, acolá aquela falésia escarpada só pode ser uma pedreira, um pedaço de montanha arrancado pelos homens, mais adiante aquela elevação arredondada é certamente o que resta de um pico já bem gasto das velhas cadeias primárias. Nesta outra parte, uma linha no cimo das árvores, junto ao flanco da montanha, marca o traçado de uma estrada ou de uma via férrea; mais adiante, vêem-se as proteções contra incêndios ou vestígios de antigos alqueives, ou subitamente uma área pelada em que se bate o trigo; e quanto à torre intacta daquele castelo em ruínas, como explicá-la senão através do fato de que serviu, ainda recentemente, de télégrafo ótico ou de posto de guarda-fogo? E aquelas massas mais sombrias de árvores imensas, cedros ou sequóias que surgem de uma floresta de faias claras, não serão o sinal seguro de que houve lá, no século XVIII, o mestre esclarecido de um solar de fidalgo situado nas vizinhanças, oculto ou desaparecido, discípulo de Buffon ou viajante de retorno das Américas, talvez companheiro de La Fayette? Sobretudo se, não longe, desponha o buquê de três velhas acácias em triângulo, que só um homem esclarecido poderia ter plantado, alguém da maçonaria, para a qual o triângulo era o símbolo da união.

Assim, imprime-se a passagem dos homens à superfície das coisas. Aqui vêm morrer, como uma ressaca nas planícies, as ondas de aventuras longínquas bem mais sangrentas que as dos fidalgos que trouxeram árvores novas de além-mar. Assim, o retorno das Cruzadas deixa seus vestígios em todo o país: nomes tomados à Terra Santa, como o Castelo de Damiette, a dez quilômetros daqui, hospitais de lázaros onde eram isolados os leprosos, que se tornavam legiões após estadas em terras do sol nascente, e Levy-Saint-Nom, batizado assim para honrar o nome da Virgem, pois os cruzados sabiam que não há nome mais santo, mais próximo de Deus, para os crentes, que o de Levy. (Mas, após uma deliberação do Conselho Municipal de 1941, o nome da aldeia foi arianizado: agora escreve-se Lévis-Saint-Nom.) Seu pai tem mãos hábeis. Durante uma excursão a pé no Maciço Central, há alguns anos, o Gato e sua mãe deram-lhe uma pequena faca de Thiers com várias lâminas — havia até mesmo uma serra e minúsculas tesouras. Ele sempre a leva consigo e esculpe na madeira de castanheira objetos cuja idéia nasce de uma disposição primeira: cortador de papel em forma de punhal que assenta bem na mão, bengala com cabo esculpido em uma cabeça vagamente grega (pois é preciso evitar ceder ao corte demasiadamente fácil da casca ao longo do caule, em forma de serpente encaracolada).

O Gato se sente muito mais perto do pai, caminhando sob a chuva

e fazendo longas pausas ao longo dos matagais para colher as primeiras amoras cheias d'água, do que em qualquer outro lugar, e sobretudo em Paris, no grande apartamento, quando seu pai ficava perto dele para forçá-lo a terminar uma versão latina que ele, nervoso e quase chorando, não conseguia compreender.

— Eu não entendo. Isto não quer dizer nada.

— Você não passa de um burrinho.

Mas o pai não o ajudava, e era como uma prova de força entre o torturador e sua vítima. Então, ele revirava em vão o texto, agarrava-se como um naufrago à única palavra compreensível, tentando deduzir o resto, mas não conseguia senão extrair uma mistura confusa, em meio às lágrimas, o que levava o pai ao paroxismo da exasperação.

Só lhe restava admitir, para si mesmo, que era verdade: ele não passava de um burrinho preguiçoso. Isto, porém, não resolvia o problema. A versão latina era muito mais difícil de se decifrar que as paisagens, os bosques, as colinas e as pedras.

Uma vez, quando ele era bem pequeno, estava brincando com um outro menino no Bosque de Boulogne. Os dois caminhavam no gramado imenso, quando tropeçaram e caíram sobre dois casais deitados ao sol, os quais deram-lhes balas e divertiram-se fazendo-lhes perguntas:

— O que faz seu pai?

Seu amiguinho respondera prudentemente que seu pai era como todos os papais, o que queria dizer que trabalhava todos os dias, deixando sua mamãe em casa; talvez fosse soldado, bombeiro ou aviador.

Mas o Gato foi bem preciso. Ele sabia com exatidão.

— Meu papai é professor de chinês.

As pessoas fizeram-no repetir pelo menos três vezes, matando-se de rir: não paravam mais de rir. Ele sentiu-se enrubescer, compreendendo que havia algo de estranho e misterioso que não era comunicável sem certas precauções a qualquer pessoa. Quando contou este fato em casa, seus pais também riram. Disse-lhe o pai:

— Se você quiser dar o título exato, é preciso dizer: professor de Línguas e Literaturas Chinesas e Tártaro-Manchus.

— Mas — acrescentou a mãe — é melhor dizer simplesmente professor.

Sim, mas isto não resolvia o problema, pois quando ele já era grande e ia à casa dos pais de colegas de aula, havia sempre alguém que lhe perguntava: "Professor de quê?" ou "Leciona onde?" e ele tinha que responder "Professor no Collège de France". Então,

perguntavam-lhe, com um ar de desconfiança, se era um colégio religioso e de repente ele se achava ridículo e se punha a gaguejar uma resposta convincente.

No grande apartamento parisiense, tudo lhe era ao mesmo tempo familiar e um pouco misterioso. Seus pais se haviam instalado lá quando voltaram da última viagem ao Extremo Oriente, no ano em que ele nascera. Era como se houvessem atracado um navio ainda cheio de tudo o que havia constituído a maior parte da vida de seu pai: navio provisoriamente ancorado, que ninguém se dera ao trabalho de descarregar adequadamente, ficando à espera de uma próxima partida. Mas não houve outras partidas. A prataria da família brilhava na penumbra junto aos vasos chineses azulados, aos tons pálidos e aos caquemonos. A entrada era imensa e escura, porque a luz que vinha do teto era ocultada por dois guarda-chuvas chineses colocados ao contrário: o lugar ideal, quando seu irmão era mais jovem, para projetar filmes Kodak mudos aos amigos, nos aniversários. Bastava colocar-se um lençol, como tela, sobre o Piranesi pregado na parede do fundo. Os armários eram cheios de tecidos maravilhosos para as fantasias, de objetos de terracota envolvidos em papel de seda desbotado e de bonecas japonesas surpreendentemente viçosas, esquecidas em suas caixas.

Seu pai trabalhava à noite, segundo ritmos pouco habituais que havia conservado das terras quentes do Tonquim e do Anam. O Gato chegou mesmo a cruzá-lo às vezes, ao levantar-se para ir à escola: após ter passado a noite em claro, o pai ia deitar-se. Ele ocupava um escritório cujas paredes eram guarnecidas de estantes abarrotadas de livros europeus, chineses e japoneses, estes últimos feitos de maços de folhas reunidas por um cordão de seda ou presas entre duas pranchetas de madeira. As crianças tinham a impressão de que o espaço era insondável, sem limites conhecidos, como o de uma caverna, pois era preciso avançar lentamente ao longo de um caminho precário que serpenteava por entre as pilhas de livros, de papéis, de rolos, de caixas de madeira de canforeiro abertas e cheias de documentos, uma ou duas mesas de centro, até a mesa de trabalho também atopetada de folhas, de vidros cheios de pincéis finos de caligrafia, com cabos finíssimos de bambu, de tinteiros com fundo preto, muitas vezes com rachaduras, e estatuetas de marfim. Por volta dos cinco anos de idade, o Gato instalou, sob a imensa mesa de inúmeras gavetas, uma cabana confortável, onde ficava quietinho, escutando os imperceptíveis ruídos que marcavam o trabalho de seu pai, que olvidava completamente sua presença. Lá ele se sentia bem.

Ele compreendeu que seu pai estudava a história de civilizações antigas com uma imensa paciência. Se não, como se poderia entender o que foram aqueles tempos e voltar até os homens que lhes deram forma, sem seguir meticulosamente os sinais que haviam deixado? E para estudar o funcionamento daquele arado ou daquela luneta astronômica, era preciso, também, antes disso, conhecer a fundo as técnicas européias modernas de afolhamento e de lavragem e os métodos de cálculo da observação astronômica nas diversas sociedades até os nossos dias. Da mesma forma, é necessário, para acompanhar as lentas mutações da linguagem e da expressão através dos ideogramas, para seguir as voltas e as metamorfoses das palavras, ir buscar, por detrás das armadilhas e dos disfarces, uma língua de três mil anos, que aparece viva nos dialetos de montanhesees perdidos acima das florestas. Assim avançava ele, seguindo os fios que unia cuidadosamente, acumulando os pontos de referência, ponto por ponto, sem se preocupar com os anos, para obras ainda muito distantes de sua realização.

O Gato lembra-se daquele inverno durante o qual sua mãe passou a ferro um por um, na mesa da lavanderia, uma pilha de preciosos papéis amassados, rasgados e manchados, fragmentos às vezes minúsculos. Tratava-se de arquivos miraculosamente encontrados por um inglês sortudo, durante uma expedição ao centro da Ásia Central, em algum monastério-caravançará do Tibete. Estes papéis, de mais de dez séculos de idade, constituíam um tesouro inestimável, pois permitiam, uma vez reunidos como um quebra-cabeça, reconstituir a crônica da vida material e espiritual de um convento budista durante um longo período. Entretanto, ao que parece, há algumas centenas de anos houvera uma baixa incontestável no nível da espiritualidade dos monges. O nobre inglês havia descoberto aqueles papéis, extremamente sujos, em *locais* que não tinham nada a ver com uma biblioteca, embora estivessem felizmente abandonados há muito tempo. A decifragem dos ideogramas apagados, após a operação de passar a ferro, ao cabo de anos de esforços, teve como resultado a publicação de enormes volumes encadernados em tela vermelha com títulos dourados.

Que o navio estivesse apenas provisoriamente encalhado ali, naquela rua parisiense medíocre, que ele tivesse de se fazer ao largo um dia, o Gato jamais duvidaria; não duvidava tampouco que um dia ele próprio zarparia. Se não havia, até então, percorrido a estrada sombreada de banianas que vai de Siem Reap a Angkor, cruzando elefantes domésticos que levam troncos de árvores na tromba, era devido apenas a uma safadeza da História: uma pane passageira. Mas a História retomaria em breve seu curso normal. O Gato partiria como seu pai. Encontraria elefantes e montaria talvez em um deles,

que não seria outro que o erudito e sábio Bahadour Shah, elefante carregador inscrito sob o número 174 no Registro das índias, aquele mesmo a quem Kipling disse dever suas mais belas histórias. De qualquer maneira, o Camboja o esperaria. Era o país mais calmo do mundo, o povo mais terno e sábio. Lá não acontecia e jamais aconteceria outra coisa que o lento desfilar dos dias no trabalho do campo, sob o olhar sonolento das divindades domésticas.

Não se devia fiar no aparente torpor do lugar e das coisas, na quietude resignada do apartamento sonolento na penumbra. Ele sabia que a partir do momento em que um navio levanta âncora, que percorre algumas milhas em direção ao largo, o espaço se transforma e explode, a luz invade tudo, os corredores se transformam em convés, tudo o que era confinado e reduzido amplia-se, abre-se para o infinito, entre o céu e a terra. Ele conhecia as etapas de cor, através das narrativas e das fotografias de família: Port-Said, Djibuti, Bombaim, Colombo, Cingapura e enfim Saigon, sobre as águas amarelas do Mecong, entre os corredores de paletúvios.

Foi também quando ele tinha cinco ou seis anos que seu irmão uma noite veio dar-lhe o beijo de boa-noite — ele esperava a chegada do irmão em sua cama, com os olhos abertos fixados em formas obscuras, banhadas pela tênue luz do poste da rua que filtrava pelas venezianas fechadas — e Antoine contou-lhe que acabava de voltar de uma viagem de avião. Havia uma pista de aterrissagem no teto, no oitavo andar, e ele havia subido ao lado do piloto para sobrevoar Paris, após ter amarrado às costas um pequeno pára-quedas, para o caso de perigo. O Gato perguntou-lhe se o avião ainda estava lá e suplicou-lhe que o levasse consigo. Seu irmão colocou-o sobre os ombros, vendou-lhe os olhos e enveredou pelo corredor. Foram interceptados, no momento em que Antoine abria a porta da entrada para o mundo exterior, o corredor externo iluminado, pela mãe, que gritou com eles e proibiu-os terminantemente de se tomarem por Peter Pan. Na verdade, o destino da viagem era, para seu irmão, menos distante: a avó morava no andar superior. Bastava passar de um andar a outro para mudar de continente e encontrar uma velhinha baixinha e temível, que reinava sobre um universo ainda mais labiríntico: o mundo de suas lembranças do Egito, com a segurança de alguém que jamais esquecera que seu sobrenome de solteira não tinha menos de três partículas e que a carreira de seu finado marido — cujo nome constava no *dicionário* — havia-lhe valido o título de *Lady*, e a ele o de *Sir*, título que agradava sobretudo às crianças: elas a chamavam freqüentemente de Lady Ponte-Serra, com um misto de respeito e de deboche. Ela própria não fazia muito uso de seu título, pois sua feroz

germanofobia não excluía uma certa desconfiança da pérfida Albion que datava do tempo em que, no Cairo, ela hospedara e consolara o Capitão Marchand, sobrevivente da derrota de Fachoda, e enfrentara, em seus salões, Lord Kitchener (*of Khartoum*), através de alguma de suas réplicas históricas definitivas, das quais muito se orgulhava, quando as repetia, pois tivera cinquenta anos para apurá-las. . .

*

Chegam a Port-Royal, sempre sob a chuva. É uma visita que fazem com frequência. Não entremos no detalhe das explicações que o Gato pede ao pai sobre aquele caso obscuro dos jansenitas e da ira de Luís XIV. Na verdade, ele prefere a coleção pessoal do guardião das ruínas, que os levou à sua casa, enquanto sua mulher lhes preparava um chá preto. (Feito de quê? Provavelmente não de chá verdadeiro, devido aos tempos difíceis; dizem que folha de cenoura seca é excelente.) O guardião coleciona uniformes e armas, sabres, couraças e capacetes com penachos. Sua especialidade é o Sítio de Paris. Ele possui cartazes que anunciam os preços da carne de gato e de rato, e outros da Comuna de-1871. Foi lá que o Gato ouviu falar pela primeira vez da Comuna. Este evento histórico não é mencionado em seu manual de História, que é usado em todos os liceus da França, o *Mallet* (sim, pois desde 1940, por decisão de Vichy, da mesma forma que Heine não era mais um poeta alemão, o *Mallet e Isaac*, que formara três gerações de jovens franceses, se tranformara no *Mallet*. Que importância tinha o fato de que Mallet morrera em 1915 e jamais tivera tempo de escrever nada, sendo por fidelidade fraterna à memória de seu amigo falecido que Jules Isaac, durante vinte anos, redigiu sozinho todos os manuais da série, assinando-os, entretanto, com os dois nomes juntos?). Ele lê, sem compreender, por que era necessário afixar nas paredes das ruas de Paris o cartaz datado de 22 de maio de 1871:

"Comuna de Paris

Que todos os bons cidadãos se sublevem!

Às barricadas! O inimigo está às nossas portas!

Avante pela República, pela Comuna e pela liberdade!

O Comitê de Salvação Pública."

— Foi no fim do Sítio de Paris?

— Não. Foi depois.

— Quando os alemães entraram em Paris?

- Não eram os alemães. Eram os versalheses.
- Versalheses? Franceses? Então o inimigo eram eles?
- Sim.

Seu pai demora-se a falar com o guardião, que conta como eram duros os invernos na umidade daquele fundo de vale. Esta atenção paciente, ele conserva ainda hoje. De nada serve olhar as coisas, se não se presta atenção às pessoas. Desde que o Gato começou a seguir os passos do pai, sabe que este sempre fala longamente, sem elevar a voz — e por vezes tão baixinho que é preciso fazer um esforço para escutá-lo —, que faz perguntas aos seus interlocutores sobre assuntos precisos que interessam a eles e a si mesmo, e que não se cansa de escutar as respostas. Em todos os lugares aonde retornam, quando as pessoas o reconhecem, eles são recebidos como amigos: ali é com chá amargo, no Sul era com vinho doce. Como é que se faz para conseguir ser tão natural com os outros?

As armaduras e os uniformes desbotados refletem alguns raios de luz na penumbra da casa úmida. Eles partem, sempre sob a chuva gelada, ao cair da noite. O Gato proclama sua admiração pela coleção do guardião. Seu pai diz-lhe, delicadamente, mas com firmeza, que ele não passa de um burrinho.

*

É a partida dos soldados alemães. O sol brilha e eles retomam a estrada em direção ao oeste. Havia tapado cuidadosamente os fossos das latrinas e, na casa, retiraram a palha e as tábuas, varreram o chão. O único vestígio da passagem deles são três ilustrações a cores, que o Gato encontra em um canto da sala devastada, de extraordinárias senhoras nuas, louras e róseas, com seios pontudos e uma nebulosa cuidadosamente colocada entre as coxas, o que muito o decepcionou: não havia o menor detalhe inédito.

Os soldados esperam a chegada dos caminhões, atirados no pátio, com as túnicas abertas ao calor da manhã de verão. O tenentinho, o que porta a cruz-de-ferro e a faixa do *front* russo, pede para falar com o pai do Gato.

Inclina-se polidamente e explica em alemão ao *Herr Professor* que ele e seus homens querem agradecer-lhe pela hospedagem e que não queria partir sem antes se despedir dele.

— ... *Und ich möchte Ihnen auf Wiedersehen sagen.*

— *Nein* — diz o pai sorrindo —, *nein: nicht auf Wiedersehen, bitte.*

O tenente diz que não entende.

— Como se diz adeus em alemão? — pergunta o pai. — *Zu Gotfl*
Não. Acho que é *Lebewohl*.

Até logo, não: adeus. O Gato olha o tenente, que permanece imóvel, repetindo com voz mais baixa que não entende, não, que não entende, e depois, subitamente, assume um ar envelhecido, cansado e triste.

O pai do Gato também tem um jeito cansado e triste, apesar de seu sorriso forçado.

À noite, seus pais partem para Paris. O Gato não diz nem até logo, nem adeus a seu pai. Ele está no bosque, apanhando cartuchos vazios de Mauser. Junta cinco em um carregador e sobrepõe vários carregadores, soprando dentro, como em uma flauta de Pã, o que produz uma bela música de sons estranhos. Pensa no fim do sonho da menininha do *Quebra-nozes*, quando o padrinho vilão, Drosselmayer, montado no pêndulo, rosna:

Perpendicule
A fait ron-ron
Avance et recule
*Brillant escadron!**

Então, todos os soldadinhos de chumbo e os hussardos de cuca de mel que lutavam contra as tropas da Rainha dos Camundongos retornam comportadamente para as suas caixas e a calma volta a reinar.

□ Perpendículo
Fez ronrom
Pra lá e pra cá
Brilhante esquadrão!

3. *Fábrica espanhola de armas automáticas*

O Gato recebe uma carta de seu primo Gabriel, prisioneiro na Alemanha, uma carta escrita a lápis-tinta azulado em pequenas folhas quadriculadas. Chegou a Paris por vias obscuras. Seria pela Suíça? De Paris, sua mãe entregou-a a um viajante que ia a Marles.

"Tenente Gabriel Delage
Oflag 48 X 13, 2 abril 1944

Querido Gato, acho que faz um tempão que ninguém chama você assim. Mas, imobilizado, sonho que o tempo se imobilizou comigo. Não consigo imaginar o rapaz sério em que você deve estar transformado. . "

Gabriel diz que se entedia. Que esta oportunidade de escrever sem censura é única e não acontecerá novamente, que ele a aproveita para escrever cartas para toda a família, dizendo tudo o que se pode dizer numa carta desse tipo: que espera que o Gato tenha êxito em seus estudos e que o abastecimento em Paris esteja mais fácil. Fala do que ele come, do frio e do tempo que não passa, de suas três tentativas frustradas de fuga, com detalhes que divertiram o Gato. Conta que sonha muito e que tem dois grandes desejos: quando for liberado, irá sentar-se no terraço de um café, em um bulevar, e pedirá um café com *croissants*; tomará o primeiro trem para Toulon, irá correndo, sem parar para respirar, até a propriedade dos avós, a Valerane, e lá reencontrará o velho piano Steinway e tocará sem parar, frente ao mar. É uma longa carta.

Uma longa carta que termina com frases um pouco sibilinas para o Gato:

"Escrevi a Antoine. Tentei dizer-lhe duas ou três coisas. Mas eu o conheço: ele só faz o que lhe dá na cabeça, naquela cabeça de pau. Ele é tão inteligente, compreende tão rápido, sente-se tão forte. Eu me preocupo. Aqui, tenho tempo de sobra para me preocupar. Para imaginar mil coisas. E para persuadir-me de que são verdadeiras.

"Diga a Antoine que para enfrentar a tia Nina é preciso tempo. Tia Nina e seus amigos são o flagelo da família, mas é preciso esperar. Esperar que toda a família se una para poder fechar-lhe definitivamente o bico. Sim, definitivamente. Sozinho, ele não poderá apressar os acontecimentos,

"Ele não me escutará. Você poderá fazer-lhe perguntas e ele será obrigado a responder. Isto o forçará talvez a refletir. Conheço bem vocês dois, não devem ter mudado muito: você e seus eternos 'porquês', e ele com sua mania de querer explicar tudo.

"Esta manhã fez muito frio. Ainda havia gelo na bacia. Nevou até fins de março. Li um velho Kipling, em alemão: *Histórias assim*. A história do Gato que parte sozinho. Pensei em você."

Tia Nina é uma velha conhecida. Diz a lenda que houve, outrora, na família uma certa tia deste nome e incontestavelmente germânica. Mas seu verdadeiro nascimento ocorreu espontaneamente, durante o verão de 1940, na correspondência de diversos membros da família, sem que ninguém tivesse necessidade de dar o código. Era a época dos primeiros cartões chamados *familiares*, impostos como o único meio de comunicação entre a zona ocupada e a zona livre. Estes cartões comportavam uma série de fórmulas estereotipadas que deviam ser riscadas ou completadas nos brancos dispostos com avareza. Foi nestes últimos que tia Nina veio naturalmente infiltrar-se. No início ela ia simplesmente mal, em seguida tornou-se insuportável, depois esteve seriamente enferma e por vezes mesmo, nos momentos de euforia, à beira do túmulo. Esta personagem terminou adquirindo uma consistência, uma silhueta, e o Gato imaginava-a saindo diretamente de uma ilustração de Hansi, com seu traje esverdeado que caía sobre os enormes sapatos quadrados, sua cara de fuinha rabugenta, seus óculos minúsculos e seu coque grudado como uma bosta no alto da cabeça.

A carta de Gabriel deixou o Gato feliz. A última vez que o viu, foi na primavera de 1940. Gabriel era tenente entre os atiradores marroquinos. Acantonado na fronteira luxemburguesa, atravessara a França para vir, de licença, passar dois dias na Valerane. Aqueles dois dias deixaram a lembrança de um furacão: Gabriel era um excelente pianista e havia decidido recuperar o inverno perdido no grande Steinway de cauda: enlouquecido, tirou, uma após a outra, cerca de vinte sonatas de Beethoven. Ninguém agüentou. A mãe do

Gato subiu e fechou-se no quarto — os outros ficaram imaginando que ela ia colar um travesseiro nos ouvidos para não ouvir mais. Seu pai refugiou-se, para trabalhar, em um aposento bem afastado do velho casarão: mas mesmo lá, disse ele mais tarde, não conseguiu juntar duas idéias. Os avós emigraram para a estufa, para cuidar do cacto. Não, ninguém conseguiu agüentar, com exceção do Gato e de seu irmão. No final de cada sonata, Antoine pedia outra e, entre os movimentos, falava sem parar. O Gato não dizia nada: apenas virava as páginas.

Antes da partida de Gabriel, Antoine lançara-lhe um desafio: atravessar a baía a nado até a Ponta das Baterias e voltar. Gabriel não topou a parada e Antoine foi sozinho. É na primavera que o mar está mais frio. Aquele era um dia de mistral, quando o sol é forte e não esquenta, em um céu perfeitamente azul, um dia de mar azul-da-prússia, de ondas curtas, fragmentadas e hostis. Antoine saiu cerca de duas horas mais tarde na praia, triunfante e congelado. Eles haviam tido muita dificuldade em segui-lo a remo, na pesada barca de fundo chato, a "besta", como era chamada. A pele de Antoine estava azulada, ele tremia tanto que os dois tiveram de esfregá-lo para aquecê-lo. Deram-lhe rum. Gabriel admirava Antoine.

O Gato soube mais tarde que Gabriel fora ferido nos combates nos arredores de Lille. Quando estava saindo da cidade, após dez dias de ataque a granada, casa por casa, ele de repente viu-se no campo, tendo diante de si um tanque que o fixava com uma metralhadora mal-encarada. Jogou-se numa vala, mas ainda se via sua bunda, que foi duramente lavrada. Foi capturado, sem poder resistir, embriagado de raiva (e de uísque; sua companhia jamais abandonara um tonel recolhido na adega de um estado-maior inglês). Depois de recuperado, recebeu em seu campo alemão a cópia de uma lisonjeira citação sobre a atribuição da cruz-de-guerra. Mais tarde, suas três tentativas de fuga fizeram com que fosse enviado a um *Offlag** especial da Prússia Oriental. Um *Offlag* para os *maus elementos*.

Quanto às idéias gerais que ele pede que o Gato transmita a Antoine, o Gato não imagina como poderá expor-lhe claramente todas estas coisas confusas. Costumeiramente, é seu irmão que o ajuda a extrair o sentido das coisas. Antoine jamais duvida de que as coisas tenham um sentido, bastando apenas que as pessoas se dêem o trabalho de procurá-lo.

*

O que fazer numa tarde acinzentada e medíocre, quando uma

□ Em alemão, abreviatura de *Offizierlager*, campos alemães para onde eram levados os oficiais prisioneiros de guerra.

cortina de chuva impede que se vá cortar a grama e os porquinhos-da-índia guincham desesperados nas gaiolas? O que fazer quando se está diante de um baralho que uns moleques endiabrados deixaram incompleto e disperso, senão tentar construir castelos que o mínimo gesto desazado faz desabar? O Gato é canhoto. Fizeram de tudo em casa e na escola para que ele utilizasse a mão direita para as coisas importantes na vida em sociedade: escrever, segurar a faca, etc. Mas os gestos que lhe vêm espontaneamente partem da mão esquerda. Muitas vezes, ele hesita e suas mãos vacilam. A construção do castelo de cartas não resiste muito tempo a tais hesitações.

Naquela tarde, pois, ele acabara de conseguir armar um terceiro andar, bastante inclinado, quando a porta se abre violentamente. Seu irmão entra na sala de jantar e grita:

— Mãos ao alto!

As cartas caem. Antoine tem na mão uma pistola.

— É de verdade? — pergunta o Gato.

— Olhe. — E Antoine a entrega ao irmão.

— Aqui não — diz o Gato. — Você não os está ouvindo, na cozinha?

No quarto, seu irmão mostra-lhe a arma: preta, opaca. Tira o carregador e entrega-a ao Gato. Este lê, gravado no lado: *Fábrica espa-ñola de armas automáticas. Calibre 9mm.*

— Não é mais complicado que sua pistola de rolha. Segure-a firme na mão. Não, na mão direita, não na esquerda. Você retira a trava de segurança com o polegar e engatilha puxando o cão para trás, assim, toda a parte de cima, veja como desliza. Depois, você estende o braço e faz a pontaria, baixando lentamente e apertando muito ligeiramente no gatilho, porque, quando o tiro sai, a pistola levanta brutalmente e o recuo envia a bala para cima. É preciso sempre apertar de leve, muito de leve. . .

(É uma lição que não se esquece; o Gato se lembrará dela, e anos mais tarde, nas Caraíbas, será ainda a voz de seu irmão que ele ouvirá, atrás da de um instrutor vestido de brim verde oliva: *Suave! Suave! Hay que apretar el gatillo hasta que el golpe te sorprenda. . .*)

Antoine retira as balas do carregador e os cilindros arredondados rolam sobre a cama como enormes bolas de gude lustrosas.

— A 9 milímetros é boa porque estanca o movimento do adversário. Mesmo se ele só estiver ferido na mão ou no braço, o choque é tão forte que ele cai. Com um calibre menor, é preciso atirar de mais perto e estar certo de matar no primeiro tiro: um boche ferido por uma bala de 6,35 pode mesmo assim continuar avançando. . .

O Gato segue as instruções. Faz a pontaria cuidadosamente, pela janela, e ajusta a mira para a portinha sob as tília, como se uma silhueta inimiga fosse subitamente aparecer ali. Com a mão esquerda.

- Depois de jantar, tenho uma pequena excursão para fazer.
- Me leva junto?
- Sim. Se a sua bicicleta estiver funcionando.

*

Em junho, Antoine decidiu que não haveria concurso de ingresso à Escola Normal Superior em 1944. Em maio, o Ministério do Trabalho, como já fora o caso em 1943, decretou, pretextando tratar-se de "serviço cívico rural", o recenseamento de todos os rapazes de dezoito anos para cima, a fim de poder proceder à requisição dos que não ocupavam um posto indispensável à economia do país. Na verdade, era um prelúdio ao envio desses jovens ao STO. Os estudantes dispersavam-se, buscando esconderijos. Alguns optaram pelo maqui ou pela clandestinidade e pelos documentos falsos.

Seu irmão havia preparado intensamente o concurso, após ter sido reprovado por pouco no ano anterior. Desta vez, tinha todas as chances de ser aprovado. Por conseguinte, viu-se, de repente, privado desta perspectiva e inteiramente disponível para tarefas que considerava mais urgentes. Desde sua chegada a Paris, no início de 1943, engajou-se a fundo em uma militância clandestina que já havia iniciado no Sul. Participara da organização da Frente Nacional no meio estudantil e da estruturação progressiva, a partir desta base, de grupos de franco-atiradores e guerrilheiros comunistas. Eram manifestações-relâmpago no início, nos liceus e nas faculdades, depois nas ruas, nas horas de afluência; constituição de grupos de proteção para essas manifestações; comandos contra a permanência da LVF, da milícia ou da *Propagandastaffei*, por fim, armamento desses grupos repartidos em *triângulos*. Desde antes do desembarque, a palavra de ordem foi dada: "Unir-se, armar-se, lutar nas cidades, nas aldeias, do operário ao patrão, do fazendeiro ao proprietário de terras, do padre ao professor primário, para impedir as pilhagens, os assassinatos, pela liberdade da França." Unir-se significa contatos difíceis e perigosos, reuniões entre responsáveis de organizações diferentes, onde se expõe às vezes o verbalismo dos recém-chegados, a exasperação, freqüentemente, diante dos adiamentos. E armar-se. . . Algumas parcelas de material de sabotagem incompleto, plástico, detonadores, os restos de material largado de pára-quedas, vêm por último. Algumas pistolas simbólicas permanecem escondidas, em estado quase mítico, em

casa de alguma tia-avó inocente, restos legados por grupos anteriores dizimados, nos anos precedentes, pela repressão. É preciso tomar as armas ao inimigo. Os primeiros ataques a oficiais alemães não são atentados mortais: trata-se apenas de atacar a dois o portador de uma arma quando estiver suficientemente isolado e tomar sua pistola. Somente depois, armados, será possível passar aos atentados reais. Antoine dá livre curso à impaciência que o espeta: quer ajudar a História vacilante a passar para o lado certo. Sim, pois deve haver um lado certo. Em todo caso, o momento é de se forçar a crer que deve haver.

*

A expedição prevista não deve comportar grandes riscos. Trata-se de assaltar duas prefeituras de aldeias bastante próximas, Senlis e Choisel, para roubar a totalidade dos cartões de alimentação do segundo semestre de 1944, que acabavam de ser entregues, naquele início de julho, antes que fossem distribuídos aos habitantes. As centenas de rações assim obtidas serão repartidas entre os militantes clandestinos das cidades e os refratários que não aderiram ao maqui. É possível que, distando quatro quilômetros uma da outra, as duas prefeituras tenham o mesmo secretário e que tenha sido ele próprio quem deu a indicação.

De quatro no chão do quarto, Antoine faz suas contas sobre o mapa dos arredores de Paris, com grande cuidado e atenção: os olhos escuros e míopes, mas sempre alertas, o corpo tão reforçado quanto o do Gato é desengonçado, mas tão ou mais nervoso que este e, como ele, dono de uma espessa cabeleira negra cheia de espigas incontroláveis, de pêlos de asno, como diz o barbeiro dos dois. E uma inesgotável energia, uma curiosidade, um entusiasmo que muitas vezes esgotaram o Gato — e muitos outros.

— Com os desvios, dará vinte e cinco a trinta quilômetros. É muito para você.

— Já vem você com os seus desvios. Você quer sempre aperfeiçoar. Não é um jogo decisivo.

— Chame isto como quiser. Mas está fora de cogitação passar por lugares muito populosos. Temos que evitar Chevreuse e Dampierre. Saímos às nove e meia, antes do toque de recolher. Na ida, não arriscamos grande coisa. Iremos lentamente. Se tudo correr bem, terei terminado Senlis antes da meia-noite e estaremos de volta aqui lá pela uma e meia da madrugada.

— Se tudo correr bem. E se não chover mais. Além disso, como você fará para entrar nas prefeituras?

— Olhe: estamos perfeitamente equipados.

Tira de sua bolsa uma porção de bugigangas. Primeiro, uma longa pinça niquelada, manchada de ferrugem e curvada na ponta: parece um inseto esquisito, uma espécie de louva-a-deus, mas também um instrumento cirúrgico.

— É uma pinça para forçar fechaduras.

O Gato já ouviu falar desse instrumento nas aventuras de Arsène Lupin.

Depois, vem um cabo em cuja extremidade se encontra uma espécie de rodinha fixa.

— Isto é um diamante.

— Verdadeiro?

— Claro que não, idiota. É para cortar vidros.

— O vidro vai fazer barulho ao cair.

Seu irmão mostra-lhe duas plaquinhas escuras.

— Não. Tudo foi previsto. Olhe só.

O Gato inclina-se, tateia e fareja. A consistência é flexível e o cheiro vagamente adocicado.

— É plástico?

— Claro que não, idiota. O plástico vem em pedaços, tem uma bela cor verde e um cheiro forte de amêndoa. Isto é goma de mascar. É americano.

Como todo o mundo, é claro, ele sabe o que é goma de mascar, que os tarados dos americanos passam a vida a ruminar. Mas, também como todo o mundo, nunca a tinha visto.

— Posso provar?

— Não. Não é para os meninos gulosos. Quando se mastiga, fica totalmente pegajoso. Colo no vidro que corto, e o retiro sem barulho.

Por fim, ele tira da bolsa um enorme martelo, achatado nas duas pontas.

— É para derrubar os boches?

— Não necessariamente. Mas é útil.

— É, mas com isso você pode matar um boche — diz o Gato.

— Sim — responde o irmão.

*

Partem silenciosamente, após o jantar, com a barriga cheia de folhas de acelga e de nabos fervidos. Os refugiados já subiram para os seus quartos, tudo está calmo e escuro na casa: a eletricidade foi cortada. Na cozinha, o fogo se apaga. Lá fora, a temperatura é agradável. O Gato encheu os pneus de Mamute, a bicicleta com jeito de animal pré-histórico. O ponto fraco de Mamute são os freios: o

freio dianteiro é manhoso; quanto ao traseiro, suas sapatas de cortiça têm o péssimo defeito de escapar bruscamente dos tambores da roda, quando apertadas com força — isto é, em outras palavras, justamente no momento em que é *realmente* necessário reduzir a velocidade... Só resta, pois, frear com os pés. Mas é aí que a manobra se complica, pois Mamute é uma bicicleta tão grande que, mesmo com o assento baixado ao máximo, os pés do Gato mal tocam o chão. Não é preciso dizer que ele nutre por sua montaria uma paixão doentia.

Cada um pega uma velha mochila. A do Gato é uma bolsa disforme, marcada em um canto por uma mancha de graxa que deve datar da época muito remota em que a levavam para piqueniques, para os lados de Ramatuelle e dos moinhos de Paillasse, com sanduíches de manteiga e presunto. Ele a amarra ao bagageiro com cordões de cânhamo, restos da ceifadeira-atadeira. Seu irmão coloca no bolso uma lanterna com pilha gasta. Os dois deslocam-se no escuro, sem lanternas. A lua ilumina muito pouco e nenhuma luz filtra das casas por onde passam. Entretanto, até passar Saint-Lambert o Gato conhece a estrada quase de cor, até mesmo os buracos e os lugares em que as lagartas dos tanques arrancaram o asfalto. De vez em quando, um ligeiro ruído indica-lhe que a bicicleta está atravessando uma trilha de bosta de vaca fresca. O que ele deve sobretudo evitar é bater na bicicleta quase nova de seu irmão, chamada Bucéfalo, que avança com um ranger ritmado. Os dois irmãos já haviam, muitas vezes, caminhado e pedalado em noites mais escuras que aquela. Cruzam todos os tipos de cheiros avivados pela chuva, sobretudo o que sobe com a bruma dos prados recém-ceifados e do feno fermentado que não pôde ser depositado no celeiro. É o momento de provar que os gatos enxergam no escuro.

Passando Saint-Lambert, tomam à esquerda a grande estrada que leva, através de uma longa encosta, à planície. O Gato esfalfa-se, mas agüenta firme, em pé sobre os pedais. Descem pelas "dezesete curvas" e lá, em meio à total escuridão, perdidos entre as árvores, não conseguem mais enxergar a beira da estrada e, assim, têm de terminar a descida a pé. Alcançam a grande estrada de Cernay que passa ao longo da cerca do parque do castelo, depois tomam um caminho estreito que os leva à entrada de Choisel. Adivinha-se a silhueta das casas sem vida, uma rua estreita e o espaço se alarga: uma praça, a igreja e, atrás de um murinho, a prefeitura, uma casa de dois pisos. Introduzem as bicicletas atrás da igreja, tateando ao longo do muro do cemitério.

— Espere-me aqui. Se houver um alarme, jogue uma pedrinha na janela da esquerda. É o escritório do secretário. E você esconda-se

com as bicicletas e não se mexa mais.

Antoine parte com sua bolsa, atravessa a cerca e passa por trás, pelo pátio. Tudo é escuridão e silêncio. Uma aldeia completamente adormecida. Uma cidade submarina. Só resta esperar, não mais que esperar, tentando respirar normalmente.

Cinco minutos mais tarde ele está de volta.

— Pronto. Vamos lá.

De Choisel a Senlis há quatro quilômetros. Tem-se de subir até o planalto, depois se largar por uma longa ladeira sinuosa, em direção a um novo vale. A estrada é esburacada, as pedras batem sob as rodas das bicicletas e Mamute faz uma barulhada terrível de lata velha. Param quando se desenham bem perto as primeiras casas. Os freios gemem contra os tambores das rodas de Bucéfalo. Continuam a saltar pedras. Não vai dar, pensa o Gato: dezenas de pessoas devem ter-nos ouvido. A qualquer momento uma luz vai surgir e eles serão descobertos, alguém vai aparecer.

À entrada da aldeia, abre-se um caminho entre as muralhas, casas ou cercas. Antoine solta os apoios de estacionamento de cada lado da bicicleta e o Gato aproxima-se de sua sombra.

— Mas. . . eu pensava que a prefeitura era aqui. O Gato passa por cima de seu amor-próprio:

— E se a gente abandonasse?

— Cale a boca. Deve ser no final da rua.

Continuam a seguir a ladeira, empurrando as bicicletas o mais silenciosamente possível. O céu se aclara, a lua reflete alguma luz. O Gato vê uma saliência, à direita, no final de um muro.

— A caixa de correspondência.

A prefeitura está atrás. Repetem os mesmos gestos. Escondem as bicicletas atrás da cerca viva do outro lado, abaixo da estrada. Antoine pega a bolsa vazia do Gato e dá-lhe a sua, com o primeiro carregamento, que ele amarra às cegas no bagageiro de Mamute, misturando os nós feitos de qualquer jeito. Novamente só, volta a espera. O Gato treme sob sua velha jaqueta, de calças curtas. Uma dor familiar, velha conhecida, vem torcer-lhe as tripas, fazendo-o dobrar-se em dois.

Seu irmão retorna. Pegam novamente as bicicletas para recomeçar o caminho, um pouco mais claro, sob o luar, e vão subir a longa encosta. Será que toda a região morreu esta noite? Quando retomam a grande estrada em direção a Chevreuse, tentam acelerar, mas a noite torna-se novamente mais escura e começa a chover. A chuva logo começa a brilhar nos cabelos do Gato, no nariz, nos olhos, no pescoço, sob a jaqueta, misturando-se ao suor. Ele tenta lamber a água que se acumula sobre o lábio superior: é salgada.

Chegam em roda livre ao pé de uma encosta, no fundo de um barranco, numa aparente linha reta. O Gato não vê mais o irmão e dá uma pedalada para alcançá-lo. Sua roda bate na de Bucéfalo e eles caem, cada um de um lado da estrada, sem se verem, com as bicicletas e as pernas enredadas. Dizem palavras e caem na risada. Ao levantar-se, o Gato sente que pisa em um monte de papéis.

— Minha bolsa se abriu.

Antoine aproxima-se de quatro e ilumina o chão com um facho breve de sua lanterna.

— Todos os tíquetes. . .

Começam a juntar nos braços os cartões já molhados, para enfiá-los na bolsa.

— Cuidado — diz o Gato, que acaba de enfiar a mão em algo pegajoso e frio. — Está cheio de merda.

Nos momentos de grandes emoções, voltam-lhe sempre expressões e o sotaque do Sul. Os tíquetes haviam caído sobre bosta de vaca.

Ele levanta a cabeça e vê luzes que se movimentam no alto da encosta que desceram.

— Alemães — diz Antoine. — Pegue sua bicicleta. Atrás das árvores. Deixe o resto, azar.

Correm atrás do fosso, em direção a um mato próximo, forçando, como loucos, a passagem com suas bicicletas através dos galhos e dos espinheiros que lhes tolhem o caminho, e desabam no chão molhado. O Gato respira fundo e tenta desenlamear a mão na grama molhada.

Cinco luzes aproximam-se, ouve-se o ruído das bicicletas no asfalto, o leve chiado dos dínamos e vozes de conversas. Passam a alguns metros deles. Suas lanternas iluminam silhuetas de capacetes, pesados capotes e fuzis a tiracolo. O último pára e ilumina com a lanterna a poça d'água em que estão os papéis.

— Pronto — cochicha Antoine. E o Gato ouve-o mexer na bolsa: ligeiro ruído de objetos metálicos.

— *Hep! Moment!* — grita o soldado aos outros, que se afastam. Eles voltam atrás. Apanham os papéis. Examinam-nos e discutem entre si. Os dois irmãos não conseguem entender bem o que dizem.

Um deles fala mais alto. Eles ouvem distintamente:

— *Lassen Sie das. Was wotlen Sie tun?* — E eles compreendem que o soldado alemão exprime o que deve sentir um homem que se encontra no meio da noite, sob a chuva fria, em um país estrangeiro, e que está de saco cheio, cheio:

— *Gehen wir! Gehen wir!*

Retomam o caminho, conversando sempre, animadamente, com

fúror e exacerbação.

O Gato está encarangado. Bobamente, recita para si mesmo uma cantiga de sua infância, não muito distante, que ainda é cantada nas ruas de Hyères:

*Qu 'un perroquet
Qu'avah la coli-gue
Quand il pétait
Ça sentait le navet
Ah oui maman, qu'avait la trompet-te
Ah oui papa, vé du pistolet!**

Entretanto, naquele momento, era ele que tinha cólicas. Cutuca seu irmão com o cotovelo, para mostrar que não está com medo:

— Você gastou toda a goma de mascar?

Antoine remexe, às cegas, na bolsa e estende-lhe um tablete.

— Tome cuidado. Isto não se engole.

— Diga: o que a gente teria feito se eles nos tivessem visto?

— Não diga besteira. Agora vamos retomar o caminho na direção oposta.

Ruminando sua goma, o Gato pensa, magoado, que por pouco Antoine não o tratara de burrinho. Permanece imóvel, deitado de barriga para baixo, de braços e pernas abertas, com o rosto colado à grama encharcada. Ele gostaria de se deixar arrastar, deslizando sem parar na noite cheia de estrelas, e então fica deitado, sem mexer um dedo.

Sente uma mão que lhe afaga carinhosamente os cabelos molhados de chuva e geme:

— Quero ficar aqui. Não posso mais. Você ainda gosta de mim?

Antoine sorri.

— Temos que partir rapidamente. No alto da encosta, vamos dobrar à esquerda, em direção a Dampierre.

A encosta é dura e escorregadia. O caminho que tomam é cheio de poças d'água que eles não vêem. Atravessam portões de fazendas e entre as árvores frondosas, ao longo do parque, é ainda mais escuro que no campo. O vento congela o Gato. Dói-lhe a barriga, dói-lhe tudo. Saem do abrigo do bosque quando a barulhada de lata velha que Mamute faz se torna infernal. A bicicleta começa a dar guinadas

□ Um papagaio
Que 'tava com cólicas
Quando peidava
Cheirava a nabo,
Ah sim, mamãe, que tinha uma trombeta
Ah sim, papai, que tinha uma pistola!

e os solavancos entram-lhe por todo o corpo.

— Essa não! Furou um pneu!

Antoine volta atrás.

— Cale a boca! Tem casas por perto.

Colocam-se sob o abrigo de uma parede com telheiro. Uma goteira pinga ao lado. O Gato abre sua bolsa, tenta encher o pneu bombeando furiosamente, com a bomba mal colocada na válvula, depois, extenuado, vira as rodas para cima. Tateia às cegas. Seu irmão o ilumina com fachos breves de luz. Pega a bolsinha atrás do assento e tenta desenroscar as duas borboletas da roda dianteira. Com os dedos enregelados, força, em vão, os parafusos e, enraivecido, dá um pontapé na enorme carcaça, que vai estatelar-se contra o muro, em meio a um ruído surdo de agonia.

— Não agüento mais esta merda!

— Acalme-se. Deixe comigo.

Neste momento, ouvem um ruído de fechadura que se abre e, na parede, a um metro deles, aparece uma tênue réstia de luz.

— Tem alguém aí? — pergunta baixinho uma voz de homem. Uma lanterna surge de uma porta aberta.

— Tem alguém aí? — repete a voz.

A lanterna avança na direção deles.

— O que estão fazendo aqui?

— Pois veja, meu senhor — diz Antoine, muito educado, levantando-se: — furamos um pneu.

A lanterna balança bem junto ao rosto deles.

— Mas agora é o toque de recolher. Já passa da uma. E ainda por cima com um tempo destes. . .

— Estamos voltando da casa do nosso tio. De Cernay.

A lanterna continua a balançar.

— Pois é. É melhor vocês entrarem. Estão encharcados da cabeça aos pés.

— Precisamos consertar a bicicleta do meu irmão — diz Antoine.

— Estão nos esperando.

— Pois é — diz a voz num tom estranho. — Então entrem por aqui com as bicicletas. Ficarão melhor ao abrigo. Sigam-me.

Eles entram. Seus pés fazem um ruído de ventosas sobre os ladrilhos. Um candeeiro acende-se. É uma espécie de oficina, com uma banca, ferramentas na parede e vasos de flores ao longo de uma enorme janela envidraçada coberta por uma cortina espessa. O homem apaga a lanterna. É baixo, calvo, dá a impressão de ser idoso e usa pesadas pantufas.

— Venha ver!

A mulher não é maior que ele e chega amarrando o cinto de um

roupão.

— Olhe só o que se acha, com os tempos que correm, ao longo da nossa estrada.

— Coitadinhos — diz a mulher —, se os seus pais os vissem. . .

— Minha senhora — começa a dizer Antoine com o ar mais digno possível —, desculpe-nos pelo transtorno. Furamos um pneu. .

— Foi isso — diz o homem. — Eles estão voltando de Cernay. Da casa do tio.

O casal os observa quando largam as bolsas no chão. A de Antoine faz um barulho de panelas, ao bater nos ladrilhos.

— Em todo caso, não são batatas que carregam aí.

— É que — retoma Antoine — este pobrezinho está tremendo de frio. E a patrulha alemã passou não faz vinte minutos.

— Nós os vimos — diz o Gato. — Nós os vimos e nos escondemos.

Antoine interrompe-o com um violento pontapé nas canelas.

— Coitadinhos, coitadinhos — repete a mulher. — Esta guerra. . . e numa noite destas. . . vocês são muito jovens.

— Atualmente — diz o homem — não durmo muito. Então, fico trabalhando. Vocês fizeram tanto barulho quanto uma manada de elefantes. Toda a aldeia deve ter ouvido. Mas não faz mal: eles têm medo. Aqui é cada um por si. E faz muito tempo que a polícia não sai mais à rua depois do anoitecer. Vocês vão se secar. E eu vou consertar este pneu.

A mulher volta com uma toalha.

— Esfreguem-se com força. Pus café no fogo. vocês vão esperar o raiar do dia.

É nesse momento que, sob a luz vacilante, o Gato compreende que seu irmão, que também está tremendo, está azul, azul como na ocasião em que atravessou a baía a nado. Sentados em velhas cadeiras de jardim, bebem, em tigelas cheias, um café nacional bem quente e exageradamente doce. A mulher bebe com eles em uma xícara menor.

— Coloquei mel — diz ela. — É melhor que sacarina.

O homem já retirou a câmara de ar, localizou o buraco e a colocou no torno, com o remendo, esperando que a cola seque.

— Faz pensar no nosso filho — diz a mulher.

— Não nos constrangemos em dizer: ele partiu pela fronteira espanhola, há dois anos.

— E tiveram notícias dele?

— Soubemos que havia chegado bem. Uma carta, pela Suíça. Ele estava na Argélia. Depois. . .

— Hoje ele talvez já esteja na França.

— É o que pensamos. Mas não sei se isso é desejável. A coisa está feia. A impressão que se tem é que eles não avançam muito. Os alemães se mantêm em suas posições.

— E — diz Antoine, aquecendo-se. — Mas os russos continuam a avançar. Por outro lado, aqui na França, as coisas começam a se movimentar. Além disso. . .

— Bom, ficamos por aqui. Não quero me intrometer nos assuntos de vocês.

O Gato, que havia sentido chegar o momento de tomar a palavra na introdução e na conclusão, não deixa de ficar contente de ver o irmão ser interrompido assim, e, por sua vez, dá-lhe um pontapé por baixo da mesa.

— Aqui vocês estão tranquilos. Ah, se soubessem como eles nos complicaram a vida. . . convocações, visitas. . . A polícia vinha aqui quase todas as semanas. Mas, agora já passou. Eles voltaram aqui três dias atrás. Mas, tinham de ver com que delicadeza! Verdadeiros amigos. . . Eu não tenho nada a ver com todas estas histórias. — Sacode os ombros e vai, arrastando as pantufas, recolocar a câmara de ar no pneu.

— Peguem suas bicicletas. Vou mostrar-lhes onde é o galpão. Lá tem feno, vocês poderão dormir. Se partirem cedo, não precisam acordar-nos.

O homem deixa-os sozinhos na escuridão, mergulhados até o pescoço no feno seco, que faz cocar o corpo.

— Em todo caso — diz Antoine —, teremos de voltar aqui para agradecer-lhes, depois da liberação.

— E agora?

— Agora, vamos tentar dormir até raiar o dia.

— Estou com frio nos pés.

Depois, antes de adormecer, uma idéia lhe ocorre:

— Você não respondeu há pouco: se eles nos tivessem visto, você os teria matado?

— Não sei. Você faz cada pergunta estúpida!

— De qualquer forma — diz o Gato, com um ar sonhador —, cinco era muito.

("Meu irmão — escreveu Antoine em sua caderneta, alguns dias mais tarde — passou de tagarela a poético".)

Pela hora alemã, o sol levanta-se tarde. Já são mais de cinco horas quando um galo canta nas proximidades.

— No casarão, cabeça oca — cantarola o Gato, tentando encolher-se, tremendo. A dor no estômago desapareceu.

— Vamos — diz o irmão.

Na estrada, as maldições da noite dissiparam-se. O céu está limpo, é uma bela manhã de verão. Eles pedalam como loucos para se aquecer e, na longa descida em curva para Saint-Lambert, cantam sem parar: *Prenez garde, prenez garde, la dame blanche vous rega-a-a-rde, la dame blan-an-che vous entend**. Na frente da casa, encontram René, que traz as vacas de Champmercy.

— Os parisienses se levantam cedo, agora.

Entram sem fazer ruído em seus quartos. Esvaziam suas bolsas no chão. As folhas de tíquetes amontoam-se em forma de pirâmide. Eles as escondem atrás da cômoda. Antoine põe o revólver sob o colchão e eles dormem até o meio-dia.

O Gato teria tido medo?

Mas onde começa o medo? O terrível vazio da lição não aprendida, o branco absoluto, sozinho diante de uma classe de colegas zombeteiros, aterrorizava-o ainda mais do que a sensação que tivera naquela noite, quando o soldado alemão iluminou com a lanterna os tíquetes no chão, sendo que teria bastado que ele dirigisse o facho da lanterna para as moitas ao lado. Lá, ele não estava só. Quando está com seu irmão, ele não pode ter realmente medo. Isto talvez se deva à época em que ficavam várias semanas sozinhos, sem a mãe, em Toulon. Foi em 1941. O pai acabara de sair da prisão. A mãe conseguira obter o *Ausweis*, o salvo-conduto para transpor a linha de demarcação entre a zona livre e a zona ocupada, que ela pedia há meses por motivo de saúde. Ela ficou em Paris até a expiração da permanência autorizada e ainda tentou obter uma prolongação das autoridades alemãs. É verdade que, durante este período, amigos cuidavam deles. Mas quando o Gato adoeceu e teve febre alta — levantava-se à noite gritando, de olhos arregalados, diante de pesadelos difusos que brotavam da escuridão, do espaço repetidamente deformado —, era Antoine que tratava dele, que o tranquilizava, que lhe dava de beber, que lhe falava baixinho e o apaziguava, silenciosamente, afastando a angústia e os pesadelos com sua simples presença.

Mais ainda do que esse período em Toulon, liga-o a seu irmão tudo o que os dois viveram, fizeram, construíram juntos, na

□ Toma cuidado, toma cuidado, a dama de branco está te observando, a dama de branco está te escutando.

Valerane, onde viviam os avós maternos, à beira do mar: o verdadeiro reino do Gato.

*

Escarpas de rochedos e de pinheiros, de terraços de terra vermelha e de patamares, de laranjeiras, de cactos e de palmeiras: das últimas montanhas dos Maures até o mar, estendem-se os domínios do Gato.

Seus avós haviam-se conhecido lá, pouco antes de 1900. Pode-se imaginar uma tarde calma, o calor já de um fim de primavera, a moça sentada entre os parentes — aquela moça de longos cabelos castanhos ornados de reflexos dourados e de olhos muito azuis, aquela mesma, cujos pais pediram a Renoir que fizesse o retrato de que o Gato gosta tanto, porque se parece também com sua mãe. Chega aquele rapaz alto, imenso, desengonçado, de cabelo quase raspado, espremido em um uniforme azul malfeito. Não tem nem vinte e cinco anos. Acaba de terminar o internato em Medicina e está servindo no Hospital Militar de Hyères. É desajeitado, tímido, fala pouco, mas quando se senta diante do grande piano de cauda e coloca suas mãos imensas sobre o teclado, toca com perfeição, com delicadeza, e todos o escutam. Assim, casam-se por amor, o que, naquele meio social, é suficientemente raro para que, quarenta e cinco anos mais tarde, a avó do Gato o proclame ainda como uma provocação a todas as convenções da família — ao passo que esta continua, em grande parte, a achar que o exercício da Medicina constitui talvez uma profissão, ainda que muito difícil, mas que não é uma *posição* no mundo.

Através dos anos, o rapaz desengonçado torna-se o gigante maciço que, desde sua infância, o Gato, como bom liliputiano, considera como uma espécie de montanha pacífica — despertando por vezes em alguns raros, mas temíveis sismos —, que se deixa escalar até o cimo, onde reinam olhos muito claros, infantis e bochechas terrivelmente ásperas. Chefe de serviço, professor, especialista de renome, ele sempre foi mais propenso a ocupar-se, durante toda a sua vida ativa, de seu serviço hospitalar parisiense do que a cultivar uma clientela privada. Nenhum setor do que se chamava no seu tempo de Ciências *Naturais* lhe era estranho. Gostava, durante os primeiros anos de casados, de partir em família para longas caminhadas de várias semanas, através dos Alpes. Viajando em ziguezague, tomando um guia em Chamonix ou em Courmayeur,

colocando as filhas pequenas no lombo de uma mula, eles chegavam a picos de mais de dois mil metros, ligados por cordas sobre as geleiras, descendo pelos vales italianos para ir visitar, nas igrejinhas e nos grandes museus do norte da Itália, os primitivos e os pintores do Quatrocento. Mas as suas paixões mais evidentes eram talvez a Botânica e a Entomologia. Aquele colosso jamais saía em viagem sem um sortimento de varas de pescar, de redes para borboletas, de caixas de herborizar penduradas a tiracolo, o que, nas estações de trem, junto com os montes de caixas de chapéus de sua esposa, surpreendia os usuários das grandes linhas. Houve ocasiões em que o Gato, na plataforma da Estação de Toulon, fingia covardemente não conhecer aquele estrangeiro.

— Vou mostrar-lhe como se coloca uma armadilha para insetos — dizia ele ao seu neto quando partiam para passear. E, tal como um caçador nas grandes florestas americanas, espalhava, com uma habilidade mágica, alguns pedaços de cogumelo, voltando no dia seguinte e tirando de seus imensos bolsos o tubinho com o tampão de éter em que terminavam suas capturas. Sabia-se que ele não podia passar por Nîmes — o que felizmente acontecia com pouca frequência — sem ir buscar, de propósito, nas areias, entre as pedras calcinadas das arquibancadas, alguns espécimens extremamente raros de um coleóptero, na verdade de aspecto bastante sem graça, que só vive naqueles lugares.

Instalado na Valerane desde o início da guerra, ele dividia seu tempo entre atividades intensas e aparentemente desordenadas. Estas incluíam inicialmente a redação ou a atualização de seus manuais de Medicina: sempre estava atrasado e feliz com a distância, agravada pela linha de demarcação, que o separava de seu editor, ser mítico e cheio de todas as irracionalidades, até mesmo de todos os ridículos, cujo caráter comerciante e supostamente rapace ele criticava. "Ah, seu editor!", rosnava ele quando surpreendia um de seus netos em flagrante delito de avareza, de trapaça ou de estreiteza de espírito; ou então "Vou telefonar ao meu editor", anunciava ele, quando se ausentava um instante para ir ao banheiro. A avó do Gato brilhava em suas narrativas das recepções dos editores, em Paris, antes da guerra, em que estes se distinguiam, com uma simples olhadela, dos autores, pela aparência próspera de uns e pelo ar exangue dos outros. O resto do tempo era sobretudo passado a percorrer a propriedade, em cujos quatro cantos ele repartira incontáveis plantações. Assim, ele dispunha de um jardim especial para os aloés e para as agaves, de uma vasta extensão rochosa no flanco da colina, de ladeiras reservadas para os milhares de tipos de cactos, nopais e altos círios peludos, opúncias eriçadas, de um largo setor levemente inclinado para o sul, para as grandes árvores exóticas, de terraços para as mi-

mosas, das quais existem várias centenas de espécies e que se aliam com os eucaliptos para dar híbridos de uma diversidade infinita, bem como de outros terraços para a vinha e as laranjeiras. Sua decepção era a de não ter logrado fazer amadurecerem as toronjas, o que o Dr. Fournier, dono da Ilha de Porquerolles, havia perfeitamente conseguido realizar ao largo.

À beira do mar, acima do embarcadouro carcomido pelas ondas que banhavam a praia sempre deserta, encontrava-se uma pequena construção que servia de hangar para barcos e instrumentos de pesca. Mais acima, havia um terraço de tijolos vermelhos aquecidos pelo sol, sobre o qual se abria uma pequena peça que chamavam de *laboratório*. A porta jamais era fechada a chave, pois nessa região isolada só passavam pessoas conhecidas. Da janela, viam-se as Ilhas de Hyères, no limite entre o céu e o mar. Lá, estavam guardados inumeráveis bocais que continham, flutuando em um formol turvo, os peixes mais estranhos que os pescadores traziam regularmente ao professor: bichos esquisitos dos mares quentes, que vieram perder-se nas costas da Formiguette, peixes voadores, peixes-lua, peixes-serra e peixes-gato, cavalos-marinhos imensos, ou simplesmente cães-marinhos e moréias. E, sobre uma mesa, a carcaça de uma tartaruga gigante vinda talvez das Galápagos encalhar naquela praia: dispostas em torno da carapaça monumental, viam-se as quatro patas, providas de garras, e a cabeça com escamas secas, duras e lisas que o Gato gostava de segurar na mão.

O Gato havia permanecido lá durante longas estadas, desde que era bem pequeno, e quando, no reinício das aulas em 1940, sua mãe se instalara com seu irmão em Toulon, ele começou a passar lá todas as férias, inclusive uma parte do inverno de 1941, após a pleurisia que interrompera para ele, naquele ano, o liceu. Aquela região tornou-se a sua: as outras não eram mais do que lugares de passagem; aquele era seu ponto fixo, todo o resto não era mais do que exílio. Passou os três meses do verão de 1941 de pés descalços — não por opção, mas por necessidade, pois suas únicas sandálias de papelão haviam definitivamente entregado os pontos e era preciso esperar o outono e a distribuição, para obter sapatos com solas de madeira — e seus pés haviam se tornado calejados, por ele correr descalço, desde o amanhecer, na terra e nas rochas que o sol logo esquentava terrivelmente.

Naquela época, tinha-se pouco para comer: praticamente nada de carne, nem leite, nem gorduras e somente os poucos quilos de batatas que os meninos colhiam. Por outro lado, durante a temporada, podiam-se comer tomates, acelgas — das quais se aproveitavam tanto as nervuras como a parte verde —, funchos,

aipos, cardos, alcachofras e seus caules amargos. Todas estas coisas se tornam enjoativas quando são comidas sempre fervidas. Da mesma forma que os medronhos vermelhos com o interior amarelo, os frutos dos cactos, de cor rosa e violeta, descascados a duras penas, são doces, mas insípidos. No inverno, não era possível aquecer o casarão. Assim, todos viviam em torno da lareira, ao abrigo de seu imenso pano guarnecido de potes de estanho e de velhas canecas flamengas. No inverno de 1941, nevou nos vales e depois, um dia, até mesmo na praia, à beira das ondas, onde a neve permaneceu durante horas, acumulando-se, antes de derreter. Foi um inverno de calamidade e de miséria. Em uma noite, muitos eucaliptos e laranjeiras foram congelados por uma onda de frio.

Era uma região selvagem e muito pouco povoada, em que todos se conheciam em um raio de dez quilômetros. Os lugares eram muitas vezes denominados segundo os nomes das pessoas que neles haviam vivido. A pequena planície de terra vermelha, aberta sobre o mar e cercada pelas cristas escuras dos Maures, tinha quase que um único dono, que reinava sobre as vinhas, os campos de flores, os currais e as velhas oliveiras. A estrada estreita e os trilhos do trenzinho serpenteavam ao longo do mar, e, através dos anos, pessoas descenderam das montanhas para se fixarem ao longo da via férrea. Mas isto tudo não dava, na época, o total de umas dez casas, às quais se acrescentava um hotel administrado por um suíço, um café-armazém aberto por um normando, a estação ferroviária, a escola e cinco ou seis vilas mais ou menos excêntricas, das quais uma tinha a forma de mesquita e era assinalada em todos os mapas náuticos. No final do outono, o trenzinho trazia em seus vagões os rebanhos de ovelhas da transumância e as colméias lacradas provenientes de Digne e de Forcalquier.

Mas, era também uma região de caminhos que não levavam a nada: começavam de maneira promissora e, ao subir a montanha, perdiam-se em matagais inextricáveis, cujos espinheiros esfolavam as pernas desprotegidas pelas calças curtas, ou sobre rochedos lisos semeados de carapaças de tartarugas vazias e de peles desfiadas de cobras. Nas encruzilhadas, encontravam-se sinais secretos impossíveis de serem interpretados, excrementos de coelho secos, dourados, que às vezes era difícil distinguir dos grãos de granada em sua ganga, uma marca solitária de javali na argila brilhante, longos carreiros de formigas enormes, ocupadas em atravessar o caminho para ir de um formigueiro a outro, de uma cidade a outra. Para subir em direção às casas escondidas na montanha, era preciso encontrar, sem se enganar, caminhos percorridos somente a pé ou em lombo de burro. Os donos das fazendas pobres eram pessoas afáveis e um pouco selvagens que tinham, quase todas, sobrenomes mais italianos

que provençais. No início do século, quando as vias férreas haviam sido traçadas, muitas dessas terras, lotes em forma de terraços sobre as rochas, haviam sido abandonadas pelas famílias que aí viviam desde séculos e que desciam para mais perto da costa, em busca de trabalhos menos ingratos. Logo chegaram, para substituí-las, as primeiras levas de piemonteses, pois lá a miséria dos camponeses era ainda maior e, naqueles anos 1900-1910, o êxodo foi terrível. Lá por 1915, vieram ainda os italianos que rejeitavam a conscrição e a guerra. Mais tarde, vieram os antifascistas. Viviam de trabalhos duríssimos nas propriedades das planícies costeiras, sendo que famílias inteiras alugavam-se durante a colheita ou trabalhavam nos matos, descascando carvalhos-corticeiros que, depois de desnudados, revelavam seu tronco liso de cor ocre, ou arrancando urzes, cujos caules e raízes eram comprados pelos fabricantes de cachimbos. Tinham alguns animais, porcos semi-selvagens, galinheiros quase vazios, em que a predominância das galinhas chamadas "de pescoço pelado" acentuava ainda mais, com suas silhuetas depenadas, o clima de pobreza.

Assim passava-se sucessivamente, caminhando do mar para a montanha, da riqueza para a abastança, da abastança para a pobreza, da pobreza para a miséria.

Em todas as estações, o Gato podia adivinhar que tempo estava fazendo, logo ao abrir os olhos de manhã, apenas escutando o barulho do mar contra a costa, a algumas centenas de metros mais abaixo: o inverno era marcado pelo eco dos cincerros no pescoço dos animais, a primavera, pela multiplicação dos cantos dos pássaros, e o verão, pelo cicio das cigarras.

Ele dizia que compreendia o provençal. Quando ia com o irmão às fazendas na montanha, eram acolhidos com grande amabilidade (talvez porque viessem acompanhados da reputação do *professor*), em peças exíguas. No inverno, quando todas as saídas eram calafetadas com panos de saco esponjosos, o cheiro acre das cabras e da farinha de milho, pesado e agressivo, misturado à fumaça, impregnava tudo. No verão, o ar era saturado pelo zumbido das moscas e marcado pelo ruído da cortina de contas de madeira que protegia a entrada. Antoine falava da guerra e eles gostavam muito de ouvi-lo falar.

Eles eram sempre contra a guerra, contra todas as guerras; alguns já vencidos pela luta inglória que travavam constantemente contra a adversidade e a miséria que constituíam suas vidas, e todo o resto era, comparativamente, demasiado remoto. (E no entanto, foi deste meio que saíram, em 1944, aqueles homens do maqui dos Maures, que, descendo da montanha, desempenharam, por ocasião do desembarque aliado na Provence, um papel decisivo na vitória

contra os nazistas.) Antoine dizia-lhes por que a vida havia-se tornado ainda mais dura, como os alemães requisitavam tudo e como Lavai e os traidores de Vichy entregavam ainda mais. Sabiam eles que os russos haviam encontrado, nas retaguardas dos alemães, por ocasião de uma ofensiva, estoques de centenas de milhares de hectolitros de vinho — de vinho do Var, justamente (agora ele está exagerando, pensava o Gato, que havia escutado as transmissões de Londres, como o irmão: falara-se em vinho, é bem verdade, mas de vinho do Hérault, é claro) —, ao passo que ali mesmo, no Var, o vinho era racionado, o que era uma verdadeira aberração? Os alemães enfiavam-se pelas imensidões russas. Eles iriam perder-se, caindo na armadilha, como outrora Napoleão: os russos defendiam o país que haviam construído e que é belo; eles seriam os vencedores. Aquela guerra não era uma guerra como as outras. Ninguém iria deixar os generais obterem a paz somente em benefício de si mesmos e de seus colegas, de sua classe (uma vez ele chegou a falar de "duzentas famílias" que haviam monopolizado na França todos os benefícios do trabalho do povo); as riquezas seriam eqüitativamente repartidas entre todos os homens que as haviam produzido. Só então nenhuma guerra seria mais possível. Eles escutavam com atenção e prazer as informações precisas, detalhadas, que Antoine lhes dava sobre o andamento da guerra no mundo e sobre as evoluções inexoráveis, tanto mais que nas suas casas não havia rádio, e os visitantes e os jornais eram raros.

Um dia, ao descer em direção ao mar, o Gato perguntou a Antoine como ficaria a vasta propriedade da família, naquela grande visão de partilha geral. Este respondeu que seria, evidentemente, aberta a todos, um maravilhoso parque, o que não os impediria absolutamente de utilizá-la, assim como os outros. O Gato não se convenceu: e se voltasse a moda das *férias remuneradas*, inventada antes da guerra, e se os rochedos ficassem cobertos de papéis sujos, as "garra de bruxas" cheias de cocô, os ramos de mimosas raras quebrados na época do florescimento, sob o pretexto de se fazerem belos buquês, e se todos os pés de cactos e de plantas oleaginosas fossem arrasados para extraírem-se mudas? E se começassem a construir hotéis adoidado, como o Latitude. . . ("nunca sei qual é o número dessa latitude") de Saint-Tropez? Antoine tranqüilizou-o. O povo, uma vez tornado proprietário e responsável, coletivamente, por todos os bens da terra, comportar-se-ia, tanto em relação a isto como quanto ao resto, com maturidade e sabedoria. Era a burguesia que saqueava a natureza através de suas construções grotescas, desperdiçando alegremente bens cujo preço justo não havia pago, isto é, o preço do trabalho. Quanto a estes, se não compreendessem,

não se haveria de ser complacente com eles. As pessoas aprenderiam, depois, a ter respeito pelas plantas raras, assim como por todas as coisas belas. Até mesmo seriam liberadas verbas para novas plantações, novos enxertos. Homens como seu avô finalmente seriam encarregados de levar a cabo o processo de aclimação da toronja, e o *laboratório* se tornaria um verdadeiro pequeno museu, que cada um enriqueceria ainda mais com suas próprias descobertas. Em suma, toda a costa seria um imenso jardim, no qual cada um zelaria pelos bens de todos como se fossem seus. De qualquer forma, o mais urgente não era isto. As coisas não poderiam continuar como estavam, como ele as via lá, de maneira bem ilustrativa: uma meiadúzia de grandes proprietários esparramados pela planície — em Courdoulères só havia um: um sistema quase feudal! — e cercados por famílias que viviam de migalhas. Era preciso que isto mudasse. Diante de tal evidência, o Gato não tinha como discordar.

Eles estavam na Valerane, em novembro de 1942, quando a zona livre foi invadida. Havia prolongado as férias de Todos os Santos, pois as comunicações permaneciam interrompidas em torno de Toulon. O conhecimento obsessivo da frota francesa era uma especialidade do Gato: ele possuía uma coleção de modelos reduzidos de chumbo cinza, cada um em uma caixa amarela com tampa de celofane, dos principais navios de guerra em serviço. Mais que uma coleção, era um tesouro que cada membro da família fazia questão de enriquecer periodicamente.

Toulon afundou sua própria frota em 23 de novembro. Três dias mais tarde, tinham como hóspede, na Valerane, um tio, capitão de navio, comandante de um cruzador, que ele acabara de afundar com galhardia. Era um navio de cinco mil toneladas, construído em 1937, um dos mais modernos e dos mais rápidos cruzadores ligeiros do mundo. O Gato visitara-o, fascinado, por ocasião de uma passagem por Toulon.

A presença do tio na Valerane deixou o Gato estarrecido. Era uma noite de vento leste, de chuva, de mar enfurecido, de grande alvoroço nas folhas das palmeiras, e todos se encontravam reunidos em torno da lareira. O tio estava aparentemente satisfeito com o que fizera. Ainda trazia seu belo uniforme de paxá ornado de cinco galões, embora um pouco desalinhado. Contou que, quando o Almirante Laborde transmitiu a ordem de afundar os navios recebida de Vichy, nem ele, nem nenhum oficial da Marinha em Toulon sabia se essa ação era dirigida contra os ingleses ou contra os alemães.

— Vocês não teriam podido equipar?

— Para ir aonde? Com que combustível? De qualquer maneira, a

passagem estava minada: estávamos bloqueados no ancoradouro.

— Minada por quem?

— Por nós mesmos, é claro. De qualquer maneira — acrescentava ele —, obedecemos às ordens: Este é o ponto importante. Fizemo-lo sem hesitar um segundo: é um dos mais belos exemplos de honra e de disciplina militares.

No cais, seus marinheiros, desfraldando pela última vez, a braços, a flâmula do navio, cantaram a *Marselhesa*, obrigando assim os soldados alemães, que haviam cercado o porto, a permanecerem em posição de sentido, enfurecidos, durante as três estrofes. Ele parecia considerar esse ato como uma vitória: que mais poder-se-ia esperar, após a derrota francesa e o incidente de Mers el-Kebir?

O Gato não entendia mais nada: quando dizia a seus pais que gostaria de ser marinheiro e comandar um navio, estes o ridicularizavam, perguntando-lhe se ele não sabia que, em caso de naufrágio, o capitão permanece a bordo e afunda, no tombadilho de seu navio? Este era, segundo o que lhe haviam inculcado, o código de honra e de disciplina estas duas palavras que estão sempre presentes nos navios de guerra. Uma bela lenda, isto sim. . .

Os avós falaram dos novos rumos que a guerra tornava, agora que os americanos haviam desembarcado no norte da África. O tio invocou sua desmobilização forçada e mostrou preocupação por seu futuro: não seria melhor procurar uma ocupação civil?

— Pois é — disse então a meia voz Antoine, cujo silêncio inusitado o Gato havia notado —, pois é. . . Decididamente, se os militares não fazem o seu trabalho. . . — E subiu para deitar-se, batendo os pés com toda a força sobre os degraus rangentes da longa escada de madeira.

O Gato veio atrás. Encontrou-o em pé, diante da janela aberta sobre a noite e os mil ruídos da tempestade.

— Um militar, pago para lutar na guerra, que dá no pé na hora do combate!

— É — diz o Gato. — Ele afundou seu cruzador.

Tira a maquete do armário, coloca-a sobre os joelhos e olha-a, sentado na cama sem se mover, tremendo de frio. Sua coleção, todos aqueles navios, massas de cor acinzentada alongadas ou corpulentas, guarnecidas de torres móveis, em suas caixas amarelas, parecia-lhe como um cemitério de destroços, irrisório, grotesco. Foram afundados o encouraçado *Strasbourg*, o *Suffren*, a *Marseillaise* e a *Ga-lissonnière*. E até mesmo o velho *Jean Bart*, rebatizado de *Océan*, tão carunchado e podre que eles tiveram de destruí-lo, abrindo rombos no casco com tiros de canhão disparados dos outros navios, como em um exercício, como em um parque de diversões,

pois ele relutava em soçobrar. . .

Antoine terminou fechando a janela. A chuva veio fustigar os vidros.

— É um poltrão. Decididamente, há muitos como ele. Depois da guerra, não se deve ter piedade por esta gente.

Nos dias seguintes, eles viram chegar o Exército Italiano. Quando chegou a época do Natal, a chuva trouxe de volta o verde dos matos e os odores das plantas da montanha. É a época das grandes rajadas de vento leste, das cavalgadas de nuvens negras mais baixas que os cumes da Cadeia dos Maures, por vezes até mesmo ao nível do mar, prendendo-se às árvores altas cheias de ruídos enfurecidos, e das ondas desvairadas que deixam sobre a praia devastada destroços surpreendentes. A montanha derrama água por todas as encostas, ao longo dos caminhos bordados de valos, a terra embriagada dilui-se em grandes poças amareladas salpicadas de reflexos prateados. Aqueles dias de tormentas, em que o vento embaralhava tudo em uma magnífica desordem, céu, terra, árvores, mar, voltaram à memória do Gato, "inte anos mais tarde, em terras longínquas, sob os trópicos, quando ele viveu ao ritmo dos ciclones. Ele fazia como todos aqueles que espreitam, vários dias antes, os sinais precursores: o céu que se torna plúmbeo, um silêncio repentino, o sangue que lateja nos tímpanos fechados pela brusca baixa da pressão. "Você é um *ciclo-nero*, diziam-lhe seus amigos, na montanha. Aqui é assim: muitas vezes há, numa família, um maluco como você, que tem a tempestade no sangue e não pode impedir-se de sair, farejando o ar, quando sente que a coisa está para chegar. . ."

Em certas noites, o perfume adocicado das flores dos matos repletos de umidade e das plantas do maqui invadia toda a propriedade, flutuava por sobre a costa e subia até a casa, penetrando no grande salão enfumaçado. Foi numa dessas noites selvagens que os italianos chegaram, sem bandas nem desfiles. Passaram discretamente ao longo da costa, tomando posição na zona de ocupação obtida pelo Duce. Os soldados tiveram que chegar a pé, já noite fechada, sob a chuva, e enormes fogueiras foram acesas por todas as partes, na propriedade, no Cabo das Baterias e perto das praias, em meio aos eucaliptos e aos rochedos, diante das quais instalaram seus bivaques. Os oficiais apareceram no dia seguinte. Desceram do trenzinho e requisitaram algumas vilas luxuosas. Esses oficiais envergavam uniformes magníficos, sobretudo os chapéus, ornados de plumas espantosas e de penachos. Não se misturavam muito à tropa e levavam uma vida abastada entre eles. A infantaria era composta de camponeses piemonteses, *alpini* melancólicos: eram esverdeados dos pés à cabeça, e como que marcados por um

indefinível desgaste, com seus chapéus de feltro pontudos, gastos, guarnecidos de uma pena tristemente desfiada; sujos e com a barba por fazer, tremiam sob suas enormes capas remendadas. Tudo parecia mofado e gasto pelo tempo, até mesmo a coronha de madeira de seus fuzis, dos quais nunca se separavam—até mesmo quando, na missa, aos domingos, na capela da propriedade, vinham comungar em fila indiana, ajoelhando-se sucessivamente e embrulhando-se em seus acessórios. Em vez de um exército vitorioso, mais pareciam, através de suas silhuetas, bandidos de opereta saídos de algum conto de Alexandre Dumas ilustrado por Gustave Doré, e, para quem esfregasse bem os olhos, seus fuzis podiam passar por bacamartes perfeitamente aceitáveis.

Sem barracas, passavam as noites batendo queixo, enrolados em cobertores em torno de seus bivaques, e ali ficavam, a tremer de frio, dias inteiros, fazendo uma coisa ou outra. Às vezes cantavam e, segundo a lenda, seu canto favorito começava por: "*Mamma, voglio tornare a casa!*" Passavam fome e ferviam em suas marmitas Deus sabe o quê. Numa noite de pilhagem, viu-se um grupo que trazia um pobre gato esquelético — que eles chamavam de "gato selvagem" —, como se fossem exploradores que voltam da caça na selva arrastando um tigre. Ninguém tinha o coração suficientemente empedernido para tratá-los como verdadeiros inimigos. Houve, é bem verdade, altercações ruidosas quando, ao amanhecer, as pessoas descobriam que haviam sido devastados os campos de batatas e de couves-flores, bem como as laranjeiras, mas mesmo nessas ocasiões, o tom permanecia sendo o do bate-boca meridional, o da briga de família em que se xingam os moleques por terem surripiado ninharias. Foi naquele momento que o Gato percebeu, como todas as pessoas da região, que os italianos falavam perfeitamente o provençal. Ou melhor, que o provençal que ele falava, e do qual era tão orgulhoso, após ter sido falado por duas gerações de imigrantes, tornara-se um parente muito próximo do piemontês. . .

Assim, muitas famílias acolhiam os *alpini* sem grandes dificuldades, com uma gentileza mesclada de condescendência e até mesmo de um certo desprezo. Foram recebidos em casa dos Martinelli, dos Andreis e dos Mascarello. Ficavam aquecendo-se na cozinha ou batendo no mapa o dia inteiro com o *padrun*, invocando com nostalgia a proximidade de um desembarque americano: "Logo que eles chegarem, a guerra estará terminada." Falavam na família e em sua aldeia natal. Mostravam-se espantados e inquietos quanto às perspectivas que lhes estavam reservadas. Os habitantes da região zombavam sem maldade daqueles pobres idiotas. Assim, contava-se que eles só possuíam um canhão, o qual carregavam ao longo da costa, de Saint-Raphael a Toulon, para fins de treinamento das

tropas. Quando passaram por Courdoulrières, instalaram-no no Cabo das Baterias, de onde bombardearam, durante um dia inteiro, o Recife da Formiguette, pequena mancha preta tendo por cima um mastro, a duas milhas ao largo. Segundo o que foi explicado, o alto comando a havia confundido com um submarino americano. . .

Em fins de novembro, quando o mar se acalmou, houve a passagem do *bargin*. Um pescador do Lavandou, o Patrão Ravello, veio, junto com seus homens, a bordo de um pesado barco a remo, à noite, jogar uma longa rede no mar, a algumas centenas de metros ao largo da grande praia de Courdoulrières. De manhã, todos os aldeões estavam na praia para ajudar a tripulação a puxar a rede. O arrastão levou várias horas. O Gato, que se levantara antes do amanhecer, desceu sozinho e tomou posição em uma equipe. Os primeiros peixes só apareceram lá pelo meio-dia: uma massa viva com mil reflexos, uma pesca miraculosa, com todos os tesouros do mar.

Naquela manhã, clara e ensolarada, o ar era tão transparente que cada detalhe se tornava perfeitamente distinto. As ilhas pareciam ter vindo do largo para ancorar a algumas braças. Era sinal de que o mistral estava para aparecer.

Pouco tempo depois do dia do *bargin*, o Gato deixou seu reino, tendo a família voltado para Paris. Como não havia mais zona livre, seu pai não via mais nenhuma razão para manter a família separada. Numa noite gelada de fevereiro, na escuridão do compartimento ferroviário em que se encontravam amontoados, ele ouviu um alto-falante anunciar em alemão, depois em francês: *Achtung! Achtung!* — eles estavam em Châlons, que era a linha de demarcação, e era preciso preparar os documentos, a *Ausweis*.

*

Ao despertarem, vão fazer, diretamente no assoalho de pinho da peça, que o sol vem esquentar através da janela aberta, a conta dos tíquetes espalhados: há mais de mil cartões de alimentação virgens, numa massa de folhas.

— Depois da guerra — diz Antoine —, creio que serei de uma total honestidade. De tanto fazer arrombamentos como este, ficarei saturado. Não terei mais vontade de roubar: vou sentir-me ridículo.

— Você me dá alguns?

— Dou-lhe dois suplementos de pão J3 e T. Você destaca os tíquetes antecipadamente para o padeiro. Não haverá problema.

— Mas para os outros, como é que vocês colocam os carimbos?

— Escrevendo com tinta preta, ao contrário, numa clara de ovo

dura ou numa batata crua, podem-se fazer carimbos: "Estado Francês. Prefeitura Municipal de. . ." Tão feios quanto os verdadeiros. Eu mostrarei a você.

— Recebi uma carta de Gabriel. . . — começa o Gato, sempre deitado de barriga para baixo sob a janela, em meio a uma rede de poeira dourada que dança ao sol.

— Eu sei. Cada um de nós recebeu uma. Cheia de conselhos, de bênçãos, de considerações sobre o passado e o futuro. Cartas que não têm fim. Ele está entediado, deprimido, acho até que um pouco endoidecido.

— Ele diz que você deve tomar cuidado. Que as coisas vão durar muito tempo.

— Ele lhe disse isso? A você? Então não tem dúvida: ficou doido mesmo.

O Gato respira fundo. Ouve vagamente a voz do vigário de Magny que ressoa na cabeça, e agarra-se a um assunto conhecido, tomando um impulso:

— Não sei no que vão dar as coisas aqui, mas. . .

— Você não sabe nada. Eu é que sei.

— Então diga-me.

— É simples. Os ingleses e os americanos estão marcando passo. Os alemães pararam o avanço deles diante de Caen. Isto poderá durar muito tempo. Como na Itália. Você se lembra, no ano passado, da propaganda alemã: o caramujo subindo a Itália, *it's a long way to Rome*. Mas hoje, já estamos em Roma. E enquanto isso, os russos avançam. Os boches não poderão se defender eternamente por todos os lados. A única maneira de apressar a ruptura do *front* é tornar todo o resto da França insuportável para o Exército Alemão. É preciso que nenhum soldado alemão se sinta em segurança em lugar algum.

— Ainda não é o caso — interrompe-o o Gato, sem poder impedir-se de mostrar seus conhecimentos recentemente adquiridos.

— Domingo passado, vi um que estava comendo uma garota, nuns matos atrás de Champmercy, e eu lhe asseguro que ele estava se sentindo perfeitamente em segurança.

— Em primeiro lugar, não quero saber de vulgaridades — diz Antoine irritado. — Em todo caso, já começamos a sabotar as ligações deles com o *front*. Você sabe como é, para impedir que os trens sejam descarrilados, eles agora requisitam os velhos e os colocam de cem em cem metros ao longo da vida férrea, com uma braçadeira. Se houver um atentado, eles pegam os velhos como reféns. Mas mesmo assim tem havido atentados. Os velhos aderem ao maqui. E todos os dias há caminhões que explodem: é fácil colocar uma carga de plástico.

— E as armas? Sua pistola?

— Para ter mais armas, é preciso apanhá-las uma por uma dos boches. E matá-los. Eu o farei, se for preciso. Oficiais. Somente oficiais. Nazistas. . . seria preciso que se pudesse fazer uma triagem. Mas não vamos nos limitar a isso. Há lugares, sobretudo nas montanhas, em que os maquis estão tão bem implantados que da noite para o dia poderão liberar uma região inteira. Eles poderão organizar regiões autônomas antes da chegada dos aliados. Já existe, lá, uma administração da Resistência, uma polícia da Resistência.

— Mas, então — diz o Gato entusiasta —, De Gaulle poderá se instalar em breve nos Alpes, no Maciço Central?

— Não precisaremos de De Gaulle. O povo é capaz de se organizar sozinho. De nada servirá substituir Pétain por De Gaulle, nem a polícia de Vichy por uma nova polícia, que não seria muito diferente. Se as pessoas se armam e lutam para expulsar os boches e os colaboradores, não é para recomeçar a obedecer, depois, a chefes que lhes serão impostos e à polícia destes, como se nada tivesse mudado.

— É estranho, — diz o Gato — que você esteja tão seguro de que as pessoas vão se armar e lutar, assim, todo mundo. Veja bem: a noite passada, nós tivemos sorte, não? Poderíamos ter caído nas mãos de outras pessoas, em vez daquele velho, e o que teria acontecido?

— O próprio velho disse a você: os outros têm medo. Eles não fazem nada. Não corríamos risco algum.

— A três casas daqui, há um miliciano. A gente sabe que ele é miliciano, porque ele pediu à Sra. Chevrier que passasse a ferro o seu uniforme. Nós poderíamos ter caído nas mãos dele.

— A França está cheia de "gente do meio-termo".

— O que é isso?

— Assim eram chamadas, em tempos passados, as pessoas que esperavam, para agir, que a situação se definisse por um lado ou por outro. Por exemplo: a nossa família é um antro de "gente do meio-termo".

— No fundo, — diz o Gato com um ar sonhador —, talvez não seja assim tão ruim ser "gente do meio-termo".

— Você não passa de um burguês.

— Eu, um burguês? — replica o Gato, engasgando-se. — Mas e você, então, o que é? E além do mais, e além do mais. . . — E, num sobressalto de dignidade: — E além do mais, fique sabendo que eu não sou um burguês. Não: sou um *camponês*!

Antoine ri. Eles continuam sob a rede de poeira dourada.

— Em todo caso — continua o Gato, bem decidido a não se deixar desviar da linha reta —, por enquanto, o mais simples seria

matá-los todos. Por exemplo, colocando uma enorme bomba na Alemanha. Pronto! Com um golpe só, o problema estaria resolvido.

— Isto não resolveria nada. Você mistura tudo. Não se deve confundir os hitleristas e o povo alemão, eu já lhe disse isto mil vezes. E os partidários de Vichy, os milicianos, os fascistas, os traficantes do mercado negro, os denunciadores, a LVF* os policiais franceses que prendem os judeus e que torturam: você acha que se teria que pôr uma bomba na França para matá-los também? E mesmo se conseguíssemos fuzilá-los todos, com um método limpo, sem arbitrariedades, você pensa que seriam exterminados, que não apareceriam outros por detrás daqueles, tão asquerosos quanto os primeiros? Não: o que seria necessário, muito pelo contrário, é não ter que matar ninguém, ser suficientemente forte para não permitir tal coisa.

— De qualquer maneira — acrescenta Antoine —, haverá tanta coisa por fazer! Vai levar tempo. Mas, dentro de vinte ou trinta anos, por exemplo. . .

— Sim, mas enquanto isso, será que vai haver de novo vendedores de batata frita nas esquinas? Não consigo acreditar. Como era mesmo antes?

Ele adora fazer que o irmão fale das comidas maravilhosas de antes da guerra. São conversas apaixonantes. Seu irmão explica-lhe coisas estarrecedoras: cremes *sabayon*, gemadas, pudins, capões com toucinho, enroladinhos de vitelo e salmão defumado. Mas, sobretudo, entre as dez maneiras de se preparar batatas, ele relembra a delícia que eram as batatas fritas: místicas, fantásticas, sublimes em sua glória remota, douradas, torradinhas, firmes, mas macias. Como imaginar que esta iguaria de requinte sem igual, há muito desaparecida, tivesse podido ser vendida nas calçadas, em cones de papel?

Um tanque passa na estrada, fazendo tremer as vidraças e deixando atrás de si um espessa nuvem que embaralha durante alguns instantes o jogo do sol nas folhas das tílias.

— Então — retoma o Gato, quando a zoeira passa —, Gabriel tem razão. Ainda há muito por fazer. Você precisa tomar cuidado.

— Eu tomo cuidado. É claro que sou prudente. Em consideração aos outros. Em consideração a você, aos nossos pais. Mas não demais, no que se refere a mim. Porque senão. . . Você sabe o que tio François me disse? "Eu o aprovo inteiramente, meu rapaz. Eu próprio sou fã incondicional de De Gaulle. E garanto-lhe que, se

□ *Légion des Volontaires Français Contre le Bokhévisme*, Legião de Voluntários Franceses Contra o Bolchevismo. (N. do T.)

pudesse, entraria para a Resistência. Como você, certamente. Só que tenho mulher e filhos. Tenho responsabilidades. Tenho de tomar cuidado. Ah, se eu fosse livre como você!. . ." E é verdade que eu sou livre. No entanto, se você soubesse como eu teria gostado de fazer o concurso para a Escola Normal neste ano. Mas, se eu tomasse cuidado, se fosse atrás daquele imbecil, tenho certeza de que jamais, em toda a minha vida, poderia sentir-me livre novamente.

— Por que você não adere ao maqui?

— Vou aderir. Em breve.

*

Há entre os bosques, atrás do entroncamento do Rei de Roma, uma pedreira abandonada de areia e arenito, ainda toda equipada de trilhos e de vagonetes enferrujados. Faz tempo que o Gato quer levar o irmão lá. Passam a tarde nesse lugar: é extremamente divertido levar os vagões até o alto da ladeira e depois, com um leve empurrão, saltar dentro e deixar-se despencar a toda velocidade até a parte plana que precede a placa giratória central. Mas Antoine sugere um brinquedo mais excitante ainda: a construção, com os trilhos abandonados, de uma linha que prolongue a via férrea através do bosque. Uma hora depois, eles já alinham uma dezena de metros, sobre os quais largam um vagonete. Seria formidável, diz o Gato em meio aos seus devaneios, se existisse um trem clandestino, que ninguém conhecesse, andando através da floresta. . .

— Continuamos quando eu voltar — diz Antoine.

Por volta das cinco horas, eles voltam e o Gato põe seus canjirões vazios no carrinho de mão para ir à bomba d'água. Antoine acompanha-o a pé, empurrando sua bicicleta. A dona da fazenda deu-lhe, para que entregasse à sua mãe, um de seus pães brancos que parecem brioche.

— Você voltará para a colheita. Aprese-se.

— Não sei, não. Tenho outros projetos.

— Você tem de voltar. Precisamos de você.

Andam cem metros na estrada e o Gato lhe diz:

— Você esqueceu uma coisa.

— Sim, a minha pistola, embaixo da cama.

Voltam atrás, rindo da falta de atenção.

— Viu? — diz o Gato. — Você deve tomar cuidado.

Retomam a estrada. O Gato coloca o carrinho ao lado da bomba e pega a bicicleta. Cumprimentam educadamente as três senhoras que estão ajoelhadas no tanque público, abaixo da estrada. Tomam a

encosta que sobe ao flanco do vale, em direção a Montainville. O sol está no cimo das árvores frondosas do castelo e acaricia os prados recém-cortados. O cheiro do feno úmido aquecido durante todo o dia faz-se sentir durante todo o caminho. Tudo está calmo: não há mais aviões, nem tanques. O silêncio de uma noite de verão dourada, bela, amena como deveriam ser todas as noites de verão. Talvez a mais bela, a mais amena noite de verão jamais vivida pelo Gato.

— Até logo — diz Antoine. — Mamãe virá segunda-feira.

Monta na bicicleta e aperta os pedais, como um bailarino, desaparecendo no alto da encosta, no bosque. O Gato desce lentamente, mascando raminhos de capim adocicado.

Na segunda-feira sua mãe chega. E no dia seguinte, a Gestapo bate à porta, a pequena porta sob as tíliaas.

4. Reunião dançante na Rua de PAbbaye

Era um verão magnífico, com o sol esquentando os paralelepípedos do pátio interno e fazendo desenhos com seus raios sobre a corbelha de capuchinhas, os ramos das árvores e a hera. São três horas. O sino da portinha sob as tílias toca e é o Gato que vai abrir. Dois homens estão no alto da escada e atrás, um terceiro, sentado com indolência no pára-lama do carro preto estacionado ao longo do muro.

Ternos escuros e gravatas de imitação de seda. *Korrekt*. O moreno alto de bochechas azuladas passa na frente, atravessa o pátio em direção à casa, sem dizer uma palavra. O gordo permanece na frente do Gato.

— Você é Luc Ponte-Serra, não é mesmo?

O estômago se contrai, uma onda arrasadora alastra-se, como uma medusa, até a extremidade dos membros.

— Sua mãe está em casa? Somos da polícia alemã.

Ele se aproxima do menino e acaricia-lhe o braço descoberto, sorrindo.

— E seu irmão, garoto, você sabe onde ele está?

Essa carícia no braço é atroz, marcando-o para sempre. Não há nenhum remédio: ela foi breve, mas deixou seqüelas para a eternidade. O Gato contrai-se como uma bola resistente aos golpes. É isso que se deve fazer: refugiar-se no fundo do corpo, bem no fundo do corpo, em um nó que ninguém nem nada poderá jamais atingir ou desfazer, que seja assim bem apertado. Se conseguir fazer isso, talvez ele se torne maravilhosamente insensível.

Ao mesmo tempo que ouve o homem obeso reformular a pergunta com muita paciência e gentileza, como se lhe estendesse um

bombom, ele sente a mão esbranquiçada que lhe sobe pelo braço e o cheiro enjoado da brilhantina emplastada no cabelo. Pensa, então, como clareza: "Este aí é educado demais para ser honesto. De qualquer forma, eles não puderam agarrar Antoine."

Depois, dentro de casa, há uma certa confusão, sobretudo quando aparece no alto da escada a silhueta desengonçada do semi-idiotra da família dos refugiados. Os policiais se atiram brutalmente sobre o rapaz, julgando ter encontrado Antoine. As mulheres saem da cozinha, com seus filhos, e o avô, no pilão, aparece diante deles, com o bigode eriçado, pronto para defender-se. Eles pedem os papéis de todos e colocam os refugiados na cozinha.

Depois, começam a revista. Sem muita pressa. Abrem os armários e as gavetas. Mostram educadamente seu espanto diante da sala arreventada e tocam apenas com a ponta dos dedos as lombadas dos livros esfarrapados da estante.

— A casa foi ocupada por suboficiais alemães durante um ano — diz a mãe.

Eles não respondem. Falam pouco e têm jeito de estar entediados.

No quarto do Gato, encontram, na mesa-de-cabeceira, um maço da coleção de panfletos, que eles folheiam distraidamente: *Le Courier del'Air*, *La Voix de l'Amérique*, *Témoignage Chrétien*. Não vêem, na gaveta, os cartões de racionamento de pão. Abrem uma outra gaveta e encontram cartuchos vazios que batem uns nos outros, fazendo um ruído metálico, cobertos de limalha de alumínio.

— Este garoto tem uma bela coleção — diz o gorducho, sem sorrir.

— Ora, o senhor sabe — diz a mãe —, as crianças juntam tudo.

— Quando a senhora viu seu filho Antoine pela última vez?

— Domingo da semana retrasada, se não me engano — diz ela, hesitante e perturbada.

— Aqui?

— Sim, em Marles.

— Mas a senhora chegou a Marles ontem.

— É verdade. Enganei-me de semana.

— A senhora está vendo? — diz o grandão, com um jeito severo e reprovador de um professor primário que repreende um mau aluno.
— Já começa a mentir.

O gorducho acrescenta:

— Sabe o que o seu filho fez, minha senhora?

— Não.

— Pois bem — anuncia ele com afetação —, ele simplesmente assassinou um pai de família alemão.

O efeito desta declaração parece deleitá-lo tanto quanto a bala de hortelã que ele chupa com satisfação.

O Gato ouve as palavras do irmão: "Seria necessário que se pudesse fazer uma triagem. Somente oficiais. Nazistas." Afinal de contas, também os nazistas devem ser pais de família. De mais a mais, aquele alemão deveria era ter ficado em casa. Além disso. . .

— Terá que vir conosco a Paris, minha senhora. Pode apanhar suas coisas. A senhora será interrogada lá, com o seu marido.

— E o menino? Houve um curto silêncio.

— Que idade você tem, garoto? Quatorze anos?

— Não, treze anos e meio.

— Só treze anos e meio — acrescenta a mãe. — Ele vai fazer quatorze anos daqui a seis meses. O senhor não pode. . .

— Ele vem conosco a Paris. Nós decidiremos lá. Tudo isto, minha senhora, são apenas formalidades.

Eles a deixam em seu quarto. O Gato permanece alguns instantes junto dela.

— Quando eles largarem você — diz ela, com o rosto contraído —, e se você voltar aqui antes de mim, deixo quinhentos francos nesta gaveta.

— Pegue a provisão de açúcar, — diz o Gato. Ele vai buscar, no armário de provisões, o pacote de meio quilo de açúcar em cubos: o tesouro do armário. Coloca-o energicamente na mala. Enfim, ele fez alguma coisa de útil, de eficaz.

O gorducho espera no hall da cozinha, em frente ao jardim em rampa, examinando os arbustos e as árvores com uma indolência que parece afetada ao Gato. "Ele tem de procurar mais. Não desistiu de encontrar Antoine. Na verdade, ele tem medo e não ousa descer e ir olhar atrás das árvores." O Gato imagina Antoine saindo a correr de trás do pinheiro azul que foi plantado quando ele nasceu, com uma pistola na mão: ele atira no gorducho, que se esborracha no chão, esvaindo-se em sangue como um porco. Mas talvez o homem da Gestapo esteja apenas aspirando o perfume das silindras. Talvez ele esteja pensando distraidamente nos versos de Goethe que recitava no colégio, quando tinha a idade do Gato: "Aqui estou, trêmulo, comovido até as lágrimas pelas flores e os bosques".

— Venha cá, garoto.

O Gato não se aproxima muito, para não ter de suportar uma nova carícia.

— Faz tempo que você não vê seu irmão?

— Muito tempo. Muito.

— Você realmente não sabe onde ele está?

A mãe desce com a mala. O gorducho interrompe a contragosto sua contemplação da natureza em festa. A despedida do batalhão de refugiados, aos prantos, é dolorosa. Passam um a um diante das

gaiolas, onde os porquinhos-da-índia, mais famintos do que nunca, guincham desesperadamente. Na estrada, o motorista está à espera, mascando hastes de botões-de-ouro. O gorducho empurra o Gato em primeiro lugar, no banco de trás, depois ajuda a mãe a embarcar. Fecha a porta a chave e senta-se do outro lado. O Gato está completamente imprensado contra ele, pois o homem, para encaixar sua obesidade, tem de arreganhar as pernas, colando sua coxa na perna descoberta do menino. Ele sente novamente o cheiro da brilhantina. Um grupo de jovens, rapazes de calças curtas e moças de saias claras, passeando em direção a Port-Royal, aparece na curva. Trazem feixes de giesta amarela atravessada sobre suas mochilas e cantam:

*Un caballero
n'est pas un po-ête
Un caball-ê-ro
n'est pas une femme **

Pronunciam fâ-â-â-me, alongando o *e*. Um Junkers-52 passa demoradamente por cima de suas cabeças. A porta bate. O canto dos jovens é encoberto por esses ruídos. O carro arranca.

— Vamos à Rua des Saussaies — diz o gorducho, largando o corpo no banco do carro, com um sorriso de satisfação.

Seu companheiro, sentado ao lado do motorista, extasia-se:

— Que belo dia! *Schoner Sommer! Ais ob es keinen Krieg gabe... Ach! Frankreich!* — Como se não houvesse a guerra.

— Ah! que bom restaurante vocês têm em Marles.

Foi assim que o Gato e sua mãe ficaram sabendo que os homens estavam em Marles desde o meio-dia. Ao passarem na frente do Restaurante Michel, informaram-se imediatamente: Onde é a casa da Sra. Ponte-Serra? Ela ainda mora lá?

Tranquilizados pelas respostas, decidiram almoçar calmamente sob o caramanchão e lá ficaram, até as três horas, a saborear o charme campestre da comida da Sra. Michel, a qual, patrioticamente, aproveitou a ocasião para servir-lhes, a preços vertiginosos, suas provisões secretas. É o que lhes dá um ar de mansuetude e os conserva ainda hoje nos pináculos da gastronomia francesa.

*

Por duas vezes, perdem-se por perto de Palaiseau, em um dédalo

□ Um *caballero*
não é um po-e-ta,
um *caballero*
não é uma mulher

de ruas desfiguradas pelos bombardeios. Pedem informações aos passantes, mas estes, interpelados de longe, viram imediatamente as costas, curvando os ombros, e vão-se embora, logo que percebem quem os chama. Um rapaz solícito, ostentando na boina uma francisca, a machadinha-símbolo do governo de Vichy, dá-lhes por fim indicações detalhadas que os conduzem, após muitos solavancos em pedras irregulares, por entre casas imundas, a um caminho de terra que se perde nos campos de ervilhas, nas cercanias de Arpajon. Perguntar a quem agora? Mais tarde, numa ruela de Bourg-la-Reine, uma senhora idosa, intimada a indicar-lhes o caminho para a Porta d'Orléans, declara com dignidade:

— Não posso responder: houve um alarme. — E ela se põe a trotar a toda pressa no outro sentido.

— *Scheisse. Nichts als Lügner!* — rosna o motorista. — Merda. São todos mentirosos.

Enfim, chegam à Praça de Ia Concorde. Mais adiante, cavalos frisões, arames farpados em ziguezague, guaritas de concreto, uma rua estreita e deserta, depois policiais franceses de quepe, gendarmes vestidos de verde, de capacetes e coleiras de cão; o carro passa sob uma abóbada escura, longa como um túnel, e pára sob o teto de vidro de um pátio interno sombrio, incrustado entre as paredes de um casarão negro muito alto, profundo como uma fossa de ursos. Chegam à Rua des Saussaies. *Geheimstaatspolizei*: Gestapo.

Os dois homens os deixam nas mãos de policiais de guarda. Policiais franceses de uniforme? A partir daí, a memória do Gato vacila: uma nuvem cinzenta e colante flutua em suas lembranças, acinzentada como todos os corredores que ele atravessará depois, acinzentada e colante como as escadas, os escritórios, os bancos de madeira. Mais tarde, ele perguntará aos sobreviventes, pessoas mais seguras, mais responsáveis que ele, que passaram por lá: havia policiais franceses uniformizados no pátio da Rua des Saussaies, quartel-general da Gestapo, em julho de 1944? Uns dizem que é impossível, outros asseguram que sim, mas não de uniforme, ou então talvez. . . seria preciso verificar.

Há uma bruma, na qual a continuação dos acontecimentos se embaralha, sem que ele possa situar a ordem das coisas com precisão. Há uma sucessão de imagens e de ruídos confusos, como numa tela confusa. No fundo, talvez ele tenha sonhado tudo isso: na verdade, não teria ele ficado em pé, sozinho, sozinho com sua dor e sua angústia, na soleira da portinha sob as tília, vendo desaparecer na curva o carro que levava sua mãe?

Um sonho? Passagens em escritórios com portas que batem, idas e vindas de personagens que se interpelam em alemão, passos sonoros, ruídos de botas sobre as tábuas desconjuntadas; ou, ao

contrário, secretárias que deslizam silenciosamente, como camundongos acinzentados, quase imperceptíveis sobre o carpete. Presença em torno dele de indivíduos cujo número impreciso muda sem parar, massa confusa que ele não distingue bem, que se infla e murcha, ora hostil, ora indiferente, mas como saber ao certo?

Primeiro, é claro, o interrogatório de identidade. Empurram-no para um pequeno escritório, diante de uma espécie de professor careca uniformizado, que lhe pergunta sua idade, em francês, e repete a pergunta três vezes, como se não tivesse prestado atenção à resposta nas vezes precedentes, escrutando, por baixo dos óculos, sua *carteira de identidade escolar* (que porta a foto que data de Toulon, quando ele ia fazer dez anos: mais parece um sapinho simpático, com uma boca rasgada como a fenda de um cofrinho e de olhos arregalados; ele detesta aquela foto).

— Então você tem quatorze anos? E ele conta nos dedos.

— Não. Tenho treze anos e meio. Isto é, daqui a um mês.

O outro continua a contar nos dedos.

— *So*. Treze anos e cinco meses, *nichi wahr?*

— Mas o senhor está vendo — diz a mãe irritada — que ele nasceu em 25 de fevereiro de 1931.

— Estou vendo, estou vendo.

Conta ainda uma vez nos dedos e dita em alemão a um camundongo cinzento que bate à máquina coisas que o Gato não entende. Depois, pergunta, com um olhar vago, parecendo não acreditar muito:

— E então o seu irmão, meu garoto. . .

— Não — murmura o Gato, antes mesmo de ter ouvido o fim da frase. — Não. Eu não sei.

Depois, é provável que ele tenha esperado sozinho durante horas, sentado em um banco cinzento, em um corredor cinzento, com um linóleo gasto sobre o qual pisam novamente passos apressados, em frente a uma porta cinza acolchoada, atrás da qual sua mãe desapareceu. Cai a noite e acendem-se as raras lâmpadas, nuas, tristes. O tempo pára. De trás das paredes e das portas que se entreabrem, chegam até ele rajadas de máquinas de escrever. Um rapaz de jaquetão vem fumar um cigarro ao lado dele.

— Você é muito jovem, meu garoto.

É um francês.

— Eu queria ir ao banheiro.

— Você tem que pedir a *elles*. Não sou eu quem decide.

Chega um momento em que o empurram de novo para dentro de um escritório espaçoso, onde reina uma luz amena. Ele vê seu pai, sentado. Não ousa ir abraçá-lo, nem ir falar com ele, e permanece

em pé, junto à porta, como se não fizessem caso de sua presença. Atrás da escrivaninha está postado um homem à paisana, de cabelos grisalhos cuidadosamente aparados e penteados para trás. Um camundongo cinzento, a intérprete, lê um papel com uma voz muito forte e um sotaque horroroso. Um soldado bate à máquina.

— ... as leis do Reich alemão. . . suspeito de atividades terroristas.

— Queira reler e assinar, professor — diz o homem de cabelos grisalhos.

Seu pai ergue-se e o Gato vê distintamente que sua mão treme, o que o espanta e o perturba. Ver aquela mão tremer causa-lhe uma profunda dor. Ele olha para o Gato e sorri com um jeito cansado.

— O senhor vai liberar este menino.

O homem sorri, por sua vez, e faz um gesto vago em direção ao Gato.

Ainda mais tarde, o Gato está no mesmo escritório, seu pai não está mais lá, e o homem de cabelos grisalhos está debruçado por cima da mesa, sempre sorrindo. O Gato está sentado e sente, atrás e à sua volta, a presença de um grupo de homens silenciosos, parados de pé, que o observam do alto de suas posições, formando uma parede confusa, compacta e hostil, uma maldade obscura, pesada como um metal, a esperar o quê? Um sinal? Como a jogada inicial de uma partida de rúgbi em que ele seria a bola? Como uma matilha à espera de entrar em ação?

Não, não, ele deve estar ainda sonhando, pois os homens já não se encontram mais lá. Será que estiveram realmente lá? E ele não está só: sua mãe está ao seu lado, e o homem de cabelos grisalhos pergunta-lhe, como se fosse a primeira vez, como se ele fosse o primeiro:

— E o seu irmão, meu garoto?

Entretanto, ele não chega a responder, pois sua mãe fala, com uma voz retumbante, quase mundana, como se estivesse visitando uma tia idosa meio surda:

— Por favor, este menino não pode saber nada, ele estava no campo, já faz várias semanas que estava no campo e esteve doente, teve bronquite com pontadas de pleurisia. . .

O Gato fica tremendamente irritado.

— *Herr Doktor*. . .

Uma grande caixa de papelão é colocada sobre a mesa. São documentos. Mais uma foto bem antiga, tirada em 1939, que o Gato conhece bem: nela aparece Antoine, quando voltava de uma estada em um colégio inglês, de gravata escocesa, com um enorme nó atravessado, os cabelos bem repartidos, ainda um garoto.

O homem de uniforme que trouxe a caixa de papelão continua de

pé. Um belo homem, de olhos claros e rosto franco. O homem de cabelos grisalhos pega um maço de papéis e diz:

— Seu marido recebe *estas coisas*.

Lê, tropeçando nas palavras, num ritmo sofrado:

— *L'Université Libre*. 1942: "Os patriotas ativos, os franco-atiradores, símbolos vivos de uma França que se reencontra, que é vigorosa e sempre jovem, saberão cobrar, na esquina de cada rua, de cada caminho, os crimes cometidos pelos opressores do povo francês e seus vassalos de nacionalidade francesa. . . Ergamo-nos todos! A hora da resistência passiva acabou. Temos agora que passar à ação ofensiva!"

Faz uma pausa.

— Aqui — continua ele — há erros de gramática. *L'Université Libre*. . . Pobre língua francesa! Pobre França!

Enumera outros panfletos do *Front National*, *Liberation*, *Défense de la France*, *Bir-Hakeim*, *Les Etoiles*, *Les Cahiers du Témoignage Chrétien*.

— "Prepare para a vingança um leito, em que nascerei. . ." E esta menção manuscrita: "Copie e faça circular."

Suspira.

— Bem, o senhor sabe — diz polidamente a mãe do Gato —, meu marido lê sobretudo o *Pariser Zeitung*. (E é verdade: "De nada serve ler a *imprensa traduzida*, dizia seu marido. Mentira por mentira, mais vale ir diretamente à fonte.") Nós recebemos todo tipo de publicações: *La Gerbe*, *Je Suis Partout*. Temos até mesmo uma assinatura de *l'Emancipation Nationale*. Não somos responsáveis pelo que põem em nossa caixa de correspondência; a partir do momento em que o nosso nome figura no *Tout-Paris* e no *Bottin Mondain*, o senhor entende?

Herr Doktor de cabelos grisalhos lixa as unhas com um ar aborrecido. Depois falam em uma placa de bicicleta que pertenceu a Antoine. Lá está ela, pesada e amarela, sobre a escrivaninha. Falam também de uma nova foto que apresentam à mãe. Ela olha-a com um ar ausente. O Gato, que a vê em diagonal, reconhece, provavelmente como sua mãe, o rosto do colosso de olhos claros e cabelos louros encacheados, um amigo de Antoine, que ela hospedara com um outro, numa noite de inverno em que eles pensavam ter sido denunciados. (Pareciam preocupados e exaustos. Foi a ele que ela recusou obstinadamente — e muito se arrependeu mais tarde por tê-lo feito! — emprestar um pijama limpo. "Mas mamãe, veja bem", tentou ainda Antoine. "Não e não", disse ela com energia, "eu aceito correr todos os riscos, são problemas seus, são seus amigos, mas não quero ter, ainda por cima, mais roupa para lavar.")

— Não sei — diz a mãe, baixando a voz. — Meu filho tem muitos amigos e eu não conheço todos.

Herr Doktor sai de seus devaneios e intervém, sem elevar a voz:

— Isto não tem importância, minha senhora. *Nós* sabemos. Um terrorista. Como o seu filho. Foi ele que entregou o seu filho. Ele está aqui.

E *mais tarde*, será que trouxeram realmente aquele corpo imóvel em uma maca que colocaram no chão, entre as cadeiras, como uma coisa? De um cobertor amarronzado emerge apenas um rosto intumescido, cabelos louros colados à testa e os olhos pálidos, fixados no vazio, com um fio de vida.

— E ele reconhece vocês, não é verdade?

Silêncio. Os olhos pálidos estão perdidos, estão longe. Nenhuma palavra vem da maca. Nenhum sinal. Nada.

Será que foi na mesma peça que ocorreu, *depois*, algo que deve ter sido uma confrontação geral? Há muita agitação, homens discutem em altos brados em alemão, falando todo o tempo do *alte Professor* e apontando com o dedo o pai do Gato. Todos estão em pé junto ao corpo abandonado e inerte na maca: o pai; a empregada, apanhada de manhã, com sua sacola de compras e o meio quilo de pão do dia, usando um vestido curto de cores vivas; um que mora no prédio e que teve a má sorte de se encontrar na escada quando os agentes da Gestapo chegaram; e o zelador do prédio, para completar o quadro. A máquina de escrever crepita, o camundongo cinzento traduz ocorrências.

O belo homem de uniforme inclina-se em direção ao *Herr Doktor*.

— *Herr Doktor. Der alte Professor. . . Wir können nicht. . .*

E, emitindo um suspiro, conclui:

— *Der alte Professor. Alte Lügner.*

Diz que são todos mentirosos, até mesmo o velho professor, e isto parece consterná-lo profundamente.

Para o Gato, não registram ocorrência, nem pedem assinatura.

Depois, *mais tarde ainda*, ei-los novamente no banco pegajoso do corredor cinzento: os três, ele entre o pai e a mãe. A empregada já foi liberada, assim como o zelador e o rapaz que passava por lá. Será que é seu pai que fala com eles?

— Eles vão liberar vocês também. Você e o Gato. Tenho certeza.

— Você também.

— Eu. . . bem, é outra história.

E baixando a voz:

— Antoine está em lugar seguro. É o que importa.

Depois, baixando ainda mais a voz, num sussurro:

— Este rapaz, o da maca, vai morrer.

Olha para o Gato.

— Eles mentiram. Ele não falou. Ninguém falou.

— Não — diz o Gato. — Ninguém.

Ele olha a mão de seu pai pousada sobre a de sua mãe: já não treme mais. *Naquele momento*, a calma voltou. Depois, vieram buscá-los.

— Adeus, Luc, — diz seu pai.

Depois, retificando:

— Não, adeus não: até logo.

— Isso mesmo, até logo — diz o Gato.

Será que foi *então* que o empurraram, sozinho, para trás de uma porta que se fecha? Onde está ele? Na penumbra de um banheiro abandonado, mal iluminado por uma luz amarelada que passa através de um vidro martelado, bem no alto? Ele se agacha sobre os ladrilhos, contra uma parede, sob o lavatório. Passa toda a noite a esperar, pensando em Antoine.

Ao amanhecer, é um francês à paisana que o faz sair para um corredor, onde volta a luz do dia. Traz-lhe um copo de café com sacarina e faz um comentário já conhecido:

— Você é bem jovem, meu garoto.

Continua a bruma e a espera. *Finalmente*, empurram-no em direção ao professor careca, que lhe devolve a carteira de identidade.

— Você está livre. Vamos levá-lo para a sua casa.

São os dois homens da Gestapo que o prenderam na véspera que vêm buscá-lo. O gorducho estende-lhe a mão, e ele tenta evitá-la.

— Pois bem, meu garoto, veja você. . .

De novo o carro e as ruas, o céu, o fim da tarde. Teria a bruma da noite se instalado para sempre na cabeça dele, tornando-se familiar e terrível, afogando seus pensamentos e seus gestos?

Em Marles, no velho casarão, o coro dos refugiados está lá, não falta ninguém, todos sempre chorando. Os policiais ainda fazem um vago simulacro de revista, mas depois olham o relógio, parecendo estar apressados.

— Você está livre — diz o gorducho. — Voltará a ver sua mãe em breve. Logo que tivermos apanhado seu irmão. Um terrorista não pode ir muito longe. Tudo está sob vigilância. A descrição dele foi transmitida a todos os lugares. Nós vamos pegá-lo. E logo. Temos tudo o que é preciso para isso. É como se ele já estivesse preso. Então, talvez voltemos a nos encontrar, meu garoto.

As portas batem. Eles voltam para o Restaurante Michel. Provavelmente, vieram só para isso.

Não, ele não voltará a ver aquele homem. Durante anos, continuou a sentir as seqüelas daquela carícia viscosa no braço, podia invocar

com uma perfeita precisão sua silhueta e seu rosto, as sardas salpicadas no rosto esbranquiçado, a boca de recém-nascido, os cabelos negros e ondulados penteados para trás, os reflexos ruivos, o fedor da brilhantina. Sonhava em encontrá-lo novamente e matá-lo na hora. Foi o mais fulgurante, o mais devastador ódio que ele conheceu em toda a sua vida. Depois, um dia, muito mais tarde, um belo dia, percebeu, com imensa surpresa, que o rosto do homem começava a se apagar, ele já não estava mais seguro de poder reconhecê-lo, que ficaria muito sem jeito se o encontrasse, que a vontade de matá-lo já passara, que o ódio sumira pouco a pouco, deixando um grande vazio que nada viera completar, um vazio que o desconcertou e deixou definitivamente desamparado, como se lhe houvessem retirado sua última certeza. A partir daí, ele não pôde mais odiar ninguém, nem mesmo simplesmente detestar. Sim, *realmente*, pois se ele não tinha mais ódio por aquele homem, por quem poderia ter? Isto deu-lhe uma sensação de alívio, mas ao mesmo tempo de invalidez. . .

Ei-lo agora só, diante da estrada em que passam ainda jovens que cantam. O mesmo sol. A mesma temperatura amena. Decididamente, deve ter sido um sonho. Talvez seja verdade que o carro que levava sua mãe tenha acabado de desaparecer na curva da estrada. Ele está só, totalmente só.

Os refugiados dizem-lhe que haviam avisado sua tia em Paris; esta dissera-lhes que, se ele voltasse sozinho, deveria ir imediatamente para a casa dela. Ele gostaria de telefonar à tia, mas não pode ir ao Restaurante Michel. Ele não ficará em Marles: Antoine não voltará jamais a Marles. Em Paris, talvez. Seus amigos da fazenda, René e os dois irmãos, esperam-no em silêncio na estrada.

— Antoine aderiu ao maqui — declaram eles com autoridade.

Sim. Antoine aderiu ao maqui. É certo. Absolutamente certo. E ele nada mais tem a fazer naquele lugar. Coloca algumas coisas na sua velha bolsa, sua preciosa coleção de panfletos e também os dois cartões de alimentação que mal haviam sido começados: tudo isto será um belo presente para sua tia, assim ele não chegará a Paris de mãos abanando. Há ainda os quinhentos francos na gaveta de sua mãe.

— Pobrezinho, pobre menino, seus pais, que desgraça! — geme a avó dos refugiados. E ele tem de suportar novamente o abraço de seu avental pegajoso.

Um pouco mais tarde, ela anuncia-lhe, com um ar de vaga reprovação:

— Esta noite morreu um porquinho-da-índia. Um macho.

Ei-lo agora, batendo na porta do apartamento da tia, no alto da escada escura de um prédio burguês do sétimo *arrondissement*. Ele tomara o trem em Saint-Rémy, caminhara de Palaiseau a Massy-Verrières, onde a linha está interrompida, através de escombros de casas e de ruas semidestruídas, contornando a estação ferroviária desativada. Havia centenas de pessoas que caminhavam como ele, às pressas, nos dois sentidos. Juntara ainda alguns panfletos novos que cobriam o chão, para a sua coleção.

— Ah, meu pobre Luc. . .

Ele tem de contar toda a história diante da tia, do tio e dos dois primos, mais velhos, mas a história não flui, uma única questão lhe interessa:

— Tiveram notícias de Antoine?

— Não. Seu irmão, bem. . . certamente vai se virar sozinho. Por enquanto não é esta a questão mais importante.

Lembra-se do presente. Remexe na bolsa, retira desordenadamente toda a sua coleção de panfletos para atingir mais rapidamente o fundo e apanha os tíquetes de alimentação.

— Peguem. São tíquetes. Pensei que seria útil para vocês, que vocês gostariam.

A tia estende uma mão hesitante, sem compreender bem.

— O quê?

— São tíquetes de pão. Suplementos J3. São verdadeiros. Foi Antoine. . . Eu já os utilizei. Funcionam muito bem.

Silêncio. Fracasso completo.

— Meu pobre Luc — diz a tia.

Aqui ninguém o chama de Gato. Ninguém o chama assim fora de sua casa. O Gato acabou.

— Meu pobre Luc, você está cansado, e sujo de doer. Vá tomar um banho. Não tem gás, mas eu guardei a água das alcachofras, que ainda está morna. Misture à água do banho. Depois, venha comer.

Ele vai lambuzar-se em uma água esverdeada retirada de uma panela. É bem verdade que sua camisa está pegajosa e dura de sujeira. Põe roupas dos primos. Molha os cabelos, penteia a franja para trás e reparte-os diante do espelho.

— Esperamos você no escritório, Luc.

O tio é psiquiatra. Dirige um serviço em um grande hospital da região parisiense, o Hospital de Chevigny, e divide seu tempo entre o hospital e Paris. Seu vasto escritório com belas decorações em madeira, coberto de livros bem arrumados, cuja encadernação porta as iniciais do dono, é utilizado para as consultas. Na sua ausência,

quando Luc vinha ver seus primos, muitas vezes brincavam naquele escritório, auscultando com o estetoscópio, inflando o esfigmômetro no braço, bombeando furiosamente a pêra de borracha — para ouvir o maravilhoso chiadinho quando se descompressa e ele murcha, e para ver a agulha do contador endoidecer —, examinando os reflexos no joelho com o martelinho redondo de borracha e procurando nos enormes livros de medicina as mais excitantes ilustrações a cores de espetaculares doenças venéreas, as únicas imagens de sexo a que tinham acesso. Hoje, porém, não há brincadeira no ar. O tio está sentado atrás da escrivaninha, a tia a seu lado; ele manipula o martelinho nervosamente, batendo-o sobre as folhas de alimentação espalhadas diante dele. Vão pedir-lhe uma vez mais que conte a história. Mas o que havia ainda a dizer?

— Os panfletos. . . temos de queimá-los. Vamos fazê-lo imediatamente, na lareira. É pura loucura.

O tio é herói da guerra. Da anterior, da Primeira, da Grande, que também é chamada de Última Guerra. Ele *fez a última guerra*: talvez considere que já tenha dado o suficiente.

— É pura loucura — repete, desamparado. — Por que você guardou tudo isto?

Põem fogo nos panfletos. A lareira é inundada de fumaça. Aquela fumaça toda na chaminé. . . ficava estranha num dia tão quente.

Luc não precisa ir muito longe para encontrar a resposta. Diz, com um ar inocente:

— Ora, o senhor sabe, as crianças juntam tudo o que encontram.

Mas o tribunal não está disposto à indulgência.

— Mas você se dá conta? E se os alemães tivessem encontrado isto?

Sim, ele se dá conta. Tanto se dá conta que não sabe como poderia explicar que os alemães já haviam encontrado os tais panfletos, que não haviam feito um drama, como o tio, que têm seguramente mais o que fazer, que disseram simplesmente que era uma bela coleção, que procuram coisas mais importantes, como resistentes que têm armas e que lhes matam pais de família, de preferência nazistas, mas não unicamente, o que resta a verificar, e que isto tudo é muito mais importante do que aquela tolice de velhos panfletos. Talvez, no final das contas, eles não estivessem falando dos mesmos alemães.

— E estes tíquetes, o que é isto?

Eles os pegam com a ponta dos dedos e os examinam com desconfiança, como se temessem o desencadeamento de uma armadilha secreta, de uma mola disposta para prender-lhes repentinamente os dedos, como uma ratoeira.

— E estes tíquetes, onde você os conseguiu?

— Foi Antoine que os pegou numa prefeitura para a Resistência,

e como eu o ajudei, ele me deu alguns.

— Mas são tíquetes roubados! Isto é muito perigoso!

— Não. Eu comprei pão com eles em Chevreuse. Não pode ser perigoso.

Será mesmo que ele terá de explicar-lhes tudo? São "títulos especiais J3", isto é, folhas suplementares que não são coladas no cartão; os tíquetes são destacáveis por linhas pontilhadas, como selos; nas padarias, a gente os entrega já destacados, ao mesmo tempo que o dinheiro. E então, não é simples?

— É perigoso — repete a tia, emitindo um suspiro de lamentação. O tio examina a folha. Ceder ou não à tentação?

— E o carimbo? É completamente ilegível!

Luc faz um gesto de orgulho:

— Foi Antoine que o fez com uma batata.

Então, eles destacam cuidadosamente, com ar enojado, todas as estreitas margens inúteis que circundam os tíquetes e rasgam-nas em pedacinhos.

"Bom", pensa Luc aliviado. "Eles vão utilizá-los. Mas antes, quanta complicação!"

— Seu irmão, francamente. . . Mas o que deu na cabeça desse rapaz? Que foi mesmo que ele fez?

"Decididamente", pensa Luc, "já estou ficando farto de interrogatórios."

Não responde. Sua tia sorri para ele. Seu sorriso faz com que se pareça com a mãe de Luc. Ele sente passar, repentinamente, uma sensação de doçura. Ela é ruiva, com os cabelos puxados para trás, olhos cinzento-esverdeados, nariz pontudo — na verdade, um pouco pontudo demais, pensa Luc. Muitas vezes, ela tem expressões que a tornam parecida com sua mãe.

— Agora — diz ela —, vamos esquecer tudo isto. Isto não é vida para uma criança. Não é um mundo para você. Você é muito jovem.

— Treze anos e meio — completa Luc.

— Os seus pais serão liberados em breve. É um mau momento que passará. Não vai durar muito: há pessoas que estão tomando providências.

— E Antoine?

— Não se preocupe com Antoine. Ele. . . Você não vai ficar aqui. Seria perigoso. Eles fizeram revista na casa de sua avó também. Amanhã, você irá para a casa de amigos. Lá estará tranquilo.

— O que é perigoso?

— Tudo. Você não pode compreender.

Não. Ele não pode compreender. Será que é ele que consideram perigoso? Seria a maior! Por quem será que eles temem? Por ele? Por eles? Vão escondê-lo. Mas de quem? Ele bem sabe que os

alemães não voltarão, pois nunca encontrarão Antoine. Antoine é o mais forte.

Ao ficar a sós com os primos, ele tenta mais uma vez contar o que se passou, mas a coisa continua trancada. Seus primos são gentis, cada um lhe mostra o seu quarto: o mais velho desenha a pastel paisagens fantásticas que pendura nas paredes; o outro cria um camundongo branco que fede. Depois, quando ele sente de repente que em todo o seu corpo alguma coisa está a ponto de se desenlaçar, mas que sobe à garganta e aí fica trancado, paralisando-o, quando ele sente que talvez enfim comece a chorar, a se abrir, a explodir, quando ele sente estar *à beira das lágrimas*. . .

— O que você tem?

— Você não pode entender.

Ele não gosta de sua voz, nem destas palavras, que soam falsas. Não estaria forçando o tom, criando um melodrama?

— Olha só este baixinho fazendo onda — diz o primo zombando dele.

Então, tudo volta ao seu lugar. Bem no fundo, os nós se reapertam, o bloco compacto de aço pesado se solda novamente. Ele não vai chorar. Não poderá chorar. Aliás, é verdade: ele estava fazendo onda. Não tinha nenhuma vontade de chorar, só queria tornar-se interessante, só queria que tivessem compaixão dele. Não funcionou, pronto. No quarto de banho, encontra uma enorme pêra de lavagem e asperge os primos com longos jatos d'água pelos corredores. Estes correm atrás dele. É uma brincadeira excitante. A tia intervém e dá-lhe um par de bofetadas: bem merecidas. Ele sapateia de raiva e lança-se, agitando braços e pernas, contra o primo mais velho. A muito custo, conseguem fechá-lo em um quarto do fundo e ele ouve, através do latejar do sangue que lhe martela a cabeça, o primo que comenta sentenciosamente do outro lado da porta:

— Tenho medo da fúria de Luc. Sou mais forte que ele, mas quando ele tem um ataque de raiva, fico com medo. Acho que tem momentos em que ele fica louco.

Luc fica encolhido na cabeceira da cama, envergonhado. Mas há, no âmago dessa vergonha, uma forma de satisfação: ele os assusta. Pois tanto melhor. Adormece.

*

Algumas horas antes, Antoine telefonara para saber se seu irmão estava lá.

- Ele acaba de chegar — respondeu a tia.
 - Não demoro a chegar.
 - Não quero que você suba. Eu o espero em baixo.
- E desligou imediatamente.

Assim, ela o esperou diante da porta de entrada. A rua estava quase deserta. Antoine chegou mancando.

- Quero falar com Luc.

— Não. Não quero que você venha à minha casa. É muito perigoso. Você nunca deveria ter telefonado. É pura loucura.

- Justamente. Não posso ficar aqui, na passagem.

Eles entram no saguão. Junto ao elevador, ela repete:

— Você não vai subir. Eu o proíbo. Luc é uma criança. Não quero que ele veja você. Ele precisa esquecer tudo isto. Agora, o que ele precisa é retomar a *vida em família*.

Antoine sacode os ombros:

- Decididamente, hoje, todas as pessoas que encontro. . .

Não chega a terminar a frase. Vira as costas e sai para a rua ensolarada, sempre mancando dolorosamente, doente de cansaço e de aflição, em direção a outros encontros abortados. Será que ele chegou a pegar o dinheiro que a tia lhe trouxera? Tudo isto Luc só soube muito tempo depois, e de maneira nebulosa, juntando relatos.

O dia 14 de julho de 1944 marcou, em Paris, o início de um período que se pode considerar como o da insurreição nacional. Foi um dia de manifestações que explodiram em toda a cidade: cem mil manifestantes, talvez, em Belleville, bem como em Maubert e na Rua Saint-Antoine. "Este deve ser um dia de guerra contra os boches", proclamara o Partido Comunista. Foi um grande dia para o partido. A evolução dos acontecimentos era inevitável: "Que o sangue impuro dos mercenários lave as pedras das ruas de Paris." O partido considerava que, em face à perspectiva de uma luta ainda mais longa, de combates violentos, encarniçados e prolongados em uma linha de frente que não se podia saber se os aliados lograriam romper, nem quando, a pressão do ocupante sobre a população tornar-se-ia cada vez mais insuportável. Se não reagisse logo, a Resistência arriscaria ser neutralizada. Para ela, a única saída era impor uma relação de forças diferentes, fazer sentir ao ocupante o peso de sua presença e de sua organização, fazendo-se respeitar. Mas em Paris não havia armas, e não houve até o fim, contrariamente a outras regiões da França. Depois de organizar grupos de proteção das manifestações, Antoine participou de ações múltiplas contra os *Soldatenheim*, sabotagens de caminhões, ataques a suboficiais isolados com o objetivo de tomar-lhes as armas. Ele havia, finalmente, disposto longamente do que chamava sua *caixa*

de ferramentas, a pistola que mostrara ao Gato, o que fez com que tudo mudasse para ele. Afastou-se das discussões sobre os princípios da unidade de ação e das dosagens políticas. "Enfim vou poder trabalhar", dissera. E realmente trabalhou. Poder-se-ia imaginar que ele se sentisse, pelo menos durante um breve instante, aliviado, liberado, quase *feliz*? Não é certo. Era lúcido: notara que a ação podia ser uma droga. Ou um calmante poderoso.

No espaço de uma semana ele havia, junto com um único companheiro, diferente a cada vez, agredido e matado à queima-roupa, na rua, em pleno dia, três oficiais. A terceira operação não deu certo. Era um fim de tarde. Eles estavam de bicicleta. Viram o oficial sair de um *Soldatenheim* da Rua de la Faisanderie. Passaram por ele e desceram das bicicletas na esquina da rua. Armaram suas pistolas e separaram-se. Antoine veio ao encontro do alemão. Não teve tempo de encará-lo, mal pôde ver o uniforme preto e o rosto que era o alvo. Talvez tenha tido, como nas outras vezes, aquele derradeiro momento de hesitação, aquele *branco* total de uma fração de segundo, quando se sente, com um espanto indescritível, que tudo ainda está em suspenso, quando se tem a impressão de que não é verdade, não é possível, que jamais se conseguirá atingir o objetivo: mais dois ou três passos e nada terá mudado, a vida continuará a fluir calmamente. *Nada* terá acontecido. Ele puxa a pistola e dá dois tiros, a não mais de um metro de distância, à altura da cabeça. O homem desaba. Antoine esvazia o tambor sobre o corpo, obrigando-se ainda a não fugir imediatamente, a abaixar-se para tomar a arma do oficial. Somente então corre para a bicicleta, com os ouvidos latejando, quase ensurdecido pelos disparos. Um grupo de soldados da Wehrmacht surge correndo, sem compreender ainda o que se passara. Antoine joga lhes a bicicleta entre as pernas, sai correndo e dobra a esquina, o mais rápido que suas forças lhe permitiam, chegando a uma ruela. Escala a grade guarnecida de enormes pontas de um terreno privado e aterrissa sobre um maciço de buxos. Ao cair, provoca uma entorse na perna. Tinha certeza de estar em um beco sem saída. E não se havia enganado: a única saída era o grande portão aberto para a rua. É difícil saber exatamente como ele conseguiu escapar dali. Pode-se imaginar como verossímil a possibilidade de que tenha retomado o fôlego e tentado um método já muitas vezes utilizado por ele e por outros companheiros: que tenha colocado uma boina basca e pregado no peito uma francisca que carregava consigo, abotoado sua jaqueta azul — como um bom jovem servidor do Marechal — e saído pelo portão ao cabo de quinze minutos, sem mancar, apesar da dor. Não havia ninguém. No final da Rua de la Faisanderie, viu um grupo compacto e agitado de soldados. Motociclistas esquadrihavam as ruas dos arredores. Na

esquina, moradores do bairro e agentes da polícia francesa os observavam, a uma boa distância. Antoine perguntou o que acontecera, como um passante faria. Um policial respondeu-lhe: dois terroristas acabavam de abater um oficial alemão. Um deles já havia sido preso. A polícia estava no encalço do outro, que fugiu para os lados do Bois de Boulogne. O bairro estava bloqueado. Ele demorou tudo o que pôde entre os curiosos e os policiais, misturando-se a eles. A espera foi interminável. Pouco a pouco, as pessoas dispersaram-se. Uma ambulância levou o corpo, vários carros alemães passaram e depois se foram, num movimento apressado e desordenado. Caiu a noite. Ele foi obrigado a ir-se embora quando, ao aproximar-se a hora do toque de recolher, os policiais voltaram para as suas delegacias. Ele os seguiu, como se fosse natural fazer uma parte do percurso na companhia deles, conversando sobre a violência da época, o absurdo do terrorismo e a sábia atitude de não se meter nessas coisas. Assim, passaram a Avenida Henri-Martin, uma barreira alemã. Só os largou na Rua de Passy, despedindo-se amavelmente. Conseguira sair da zona de perigo imediato. Teriam eles se enganado realmente? Os tempos eram tumultuados e inseguros, o futuro era imprevisível.

Dali, arrastando a perna inchada, passando por ruas escuras, chegou ao centro de Paris, sem encontrar outras barreiras. Bateu, pouco antes da meia-noite, na casa de um amigo que ele sabia que poderia hospedá-lo e ajudá-lo a alertar todos aqueles que, na organização, pudessem estar comprometidos pela prisão de seu companheiro e a possível descoberta de sua própria identidade. Da casa desse amigo, sempre a pé, partiu ainda em direção ao domicílio da família, só agüentando o esforço pela força de vontade, pelo desespero e pelo orgulho. Chegou por volta das duas da manhã. Como sempre, àquela hora seu pai trabalhava. Contou-lhe o que acontecera. Seu pai não lhe fez nenhuma recriminação. Talvez tenha pensado que esse momento estava previsto há muito tempo, mas que não soubera prevenir o filho, ajudando-o, alertando-o para que moderasse suas atividades.

Antoine diz ao pai que os alemães poderiam bater à porta de um momento para outro, que eles deveriam partir. O pai olha a massa de documentos, de fichas e de folhas manuscritas inacabadas, amontoadas sobre a imensa mesa de trabalho, sob a claridade amena do abajur verde, e responde que não fugiria diante dos boches, que eles o encontrariam lá. Não seria a primeira vez. Já o haviam prendido três anos antes. De qualquer maneira, há muito tempo tinham outras acusações contra ele. Alertaria amigos, no prédio, os quais, logo que o dia raiasse, telefonariam a Marles, para o

Restaurante Michel, pedindo-lhes que transmitissem um recado discretamente à esposa. Assim, ela e Luc ficariam em segurança; e, caso o recado não lhes fosse transmitido, sendo ele preso, a Gestapo certamente não se interessaria pela mulher e o filho. Mas Antoine deveria partir. Em hipótese alguma deveria deixar-se apanhar, pedia-lhe o pai. Ele não poderia dar-lhes essa vitória, essa satisfação, não poderia, de modo algum, deixar-se levar pelo desânimo. Ninguém podia recriminar-lhe o que quer que fosse, a não ser que ele se deixasse prender. Continuava a ter responsabilidades ante seus camaradas e sua organização, e devia ir até o fim do combate pelo qual havia optado. Era como uma ordem, a última que o pai podia lhe dar. Eles haviam lutado, cada um por seu lado, à sua maneira, e continuariam a seguir cada um sua via, dando o melhor de si.

Talvez, porém, o pai não tenha dito tudo isso. Talvez só tenha falado de questões práticas, já que as palavras eram perfeitamente inúteis.

Antoine limpou às pressas o seu quarto, queimando papéis, ajudado por seu pai. Depois, deixou-o esperando raiar o dia, em meio aos seus trabalhos interrompidos, tentando colocar em ordem suas próprias coisas. Voltou à casa do amigo ao amanhecer, esgotado, extenuado. Teria dormido? Já por volta do meio-dia, telefonou para o apartamento dos pais. A voz de uma pessoa estranha disse-lhe que era da residência do Professor Ponte-Serra e pediu-lhe que se identificasse. Ele desligou e começou a correr Paris. Tentou alertar eminentes colegas de seu pai. Em quase todas as casas diziam-lhe mais ou menos a mesma coisa: "Rapaz, não fique nervoso. Você está muito agitado. Pode ser um mal-entendido. Vamos falar com as autoridades alemãs. Alguns de nós têm boas relações. Mas por que você mesmo não faz isso? Em todo caso, é melhor que você não volte mais à minha casa." Através de alguns rápidos contatos, após terríveis processos de aproximação, Antoine certificou-se de que as instruções de segurança haviam sido corretamente aplicadas em seu grupo. Sentia-se perseguido em Paris, à mercê da primeira batida, do primeiro controle de identidade ao qual não pudesse escapar, e mesmo seus documentos falsos não lhe pareciam uma proteção suficiente, pois sua descrição física decerto fora amplamente divulgada. Ele não tinha mais nada a fazer na cidade. Indo em direção ao Oeste, poderia tentar juntar-se a um amigo que havia retornado à sua região natal, a fim de tentar ganhar mais gente para a idéia de uma revolta iminente. Era na direção do *front*. Naquele fim de julho, pela primeira vez, as linhas alemãs pareciam não mais poder conter o avanço do I e do III Exércitos dos EUA, em direção a Coutances e Avranches.

Mas ele não queria partir antes de ter notícias de sua mãe e de Luc,

sem saber o que havia ocorrido com seu companheiro que fora preso. Na noite desse primeiro dia de perambulação, conseguiu encontrar a prima de nariz vermelho que, já a par dos acontecimentos, informou-o sobre a prisão de todos os seus familiares. Ela estava nervosa e abreviou o encontro. Antoine compreendeu, então — e disse-o brutalmente à prima —, que, além de alguns poucos companheiros, como o que o havia hospedado, ele estava condenado a encontrar apenas gente que tinha medo.

Antes de ir ao encontro com a tia, Antoine preparou um bilhete para Luc, caso não conseguisse vê-lo, no qual dizia: "É chegada a hora de saber ser o Gato-que-se-vira-sozinho. Silêncio e paciência." Porém, surpreendido pela pressa da tia em vê-lo desaparecer, nem teve tempo de lhe dar o bilhete.

Uma idéia começou a obcecá-lo: se se entregasse à Gestapo, soltariam seus pais. Mas, por outro lado, sabia que isso não era plausível. O que o pai lhe dissera era correto. E seu pai lhe dissera que continuasse a combater, que ele tinha confiança no filho.

Mais tarde, soube que a Gestapo torturara seu companheiro e depois levava o corpo inerte, em uma maca, para a Rua de la Faisande-rie, onde o rapaz fora fuzilado, exatamente no local do atentado. Sobre o corpo, haviam deixado uma placa com os seguintes dizeres: *Eu matei um officier do exército alemão.*

Não, era preciso romper as amarras: ele não tinha mais nada que fazer em Paris.

*

Luc passa a noite no escritório de seu tio, dormindo no diva que é utilizado para as consultas. O cheiro da peça é agradável: tudo cheira a tabaco, couro e ao perfume indefinível da lamparina a álcool Berger, que seu tio deixa queimar depois que cada paciente vai embora.

De manhã, ele parte, para instalar-se na casa de amigos da família, na Rua de l'Abbaye. É um casarão alto e antigo, no fundo de um pátio interno pavimentado, ao qual se chega através de uma longa rua austera ladeada de fachadas sombrias. Na casa, reina, já a partir do frescor da escada de pedra monumental com corrimão de ferro forjado, uma calma tranqüilizante. Há, assim, neste bairro, velhos prédios secretos, que faziam parte da antiga Abadia de Saint-Germain-des-Prés, no interior dos quais há plácidos jardins. Atrás da abadia, as altas janelas abrem-se para um gramado em que se pode jogar toque-emboque, sob a castanheira. Ele deverá permanecer lá durante o final de julho e o início de agosto. O apartamento é imenso e complicado, uma sucessão de peças ensolaradas que se

intercomunicam e de corredores que serpenteiam por entre armários embutidos. A amiga de sua tia é afável, as crianças têm mais idade que ele. O filho escuta discos de *swing* em um grande fonógrafo elétrico — maravilha do progresso, a que chamam de *pick-up* —, quando não há cortes de eletricidade.

O marido, que é alto funcionário nas Finanças, fala dos problemas da época sem nenhum envolvimento emocional. Ele espera sem impaciência a chegada dos ingleses e dos americanos, os quais colocarão em ordem os negócios, saberão encarregar-se dos problemas, e os ânimos se acalmarão. É baixo, redondo, com os raros cabelos brancos colados sobre o crânio róseo, os olhos muito pálidos, quase albinos, por detrás dos óculos de lentes grossas. Teve o seu momento de glória em 11 de novembro de 1918. Havia sido mobilizado como aeróstata. Naquele dia, ele elevou-se aos ares no seu balão guarnecido de imensas bandeiras tricolores, no céu dos Champs-Élysées, sob as aclamações de uma multidão entusiasta. Assim, tendo feito a *última guerra*, era velho demais para ser convocado para a atual, e isso lhe convinha perfeitamente. Sabe dar-se ares de entendido como aqueles que, tendo subido aos cimos da glória, retornaram à terra de cabeça lúcida e nada mais têm que aprender da vida: já conhecem todos os seus segredos e às vezes podem até mesmo revelar algum deles. Porta sem afetação em todas as suas roupas, até mesmo no casaco que só usa em casa, o filete vermelho da *Légion d'honneur*. Volta para casa todos os dias por volta de meio-dia e meia, e o almoço é servido pela empregada à uma hora, em uma grande mesa, com cristais, pratarias e pratos brancos marcados por iniciais douradas. Come-se bem. Nada de folhas de acelga, de cardões, de alcachofra fervida, nem doce de cenoura. Tem-se a impressão de que a família vem, há quatro anos, concentrando toda a sua energia na comida e nos meios de adquiri-la. "Mais uma que não irá para o bico dos boches", suspira com satisfação vitoriosa o chefe de família quando termina de comer uma moleja de vitela untuosa ou uma exótica galinha-d'angola trazida a peso de ouro através de preciosos contatos. E é realmente um ar de vitória que se lê em seu olhar comovido. É um combate quotidiano, é a guerra, a verdadeira, a única que vale a pena, com seus momentos difíceis e suas horas de glória. O abastecimento no mercado negro é, com toda a boa fé, a sua resistência. Luc sente confusamente uma certa vergonha ao lembrar-se dos percalços quotidianos de sua mãe, de suas façanhas, que agora lhe parecem bem insignificantes, a longa busca da margarina ou do café verde sem tíquetes, a espera inquieta de um coelho mendigado na fazenda com um mês de antecedência, as filas em que ela esperava em Toulon, desde as quatro horas da manhã, para conseguir orelhas de

porco — lembrança fasta —, entregando suas economias por nata de leite, seus purês de rutabaga e de rábano. Ocorrem-lhe dúvidas: ali tudo parecia tão natural. . .

A mulher jamais eleva a voz. Desde o primeiro dia, ela explicou tudo calmamente, de maneira peremptória, em torno da grande mesa, diante das alcachofras japonesas ao molho branco:

— Em todo caso, se eu fosse a sua mãe e se meu filho me tivesse feito o que Antoine fez a ela, eu não o perdoaria.

E o filho, que tem dois ou três anos mais que Luc, impotente, não diz nada, com os olhos fincados no prato. Não há da parte dela nenhuma maldade: simplesmente a serena afirmação do bom senso elementar. É exatamente isto: ela é serena em suas certezas. À noite, ela vem cobrir carinhosamente Luc» em sua cama, como a um menininho bem-comportado.

As noites são maravilhosamente tranqüilas. Quanto mais os dias passam, mais se estende uma calma extrema por sobre aquele bairro de Paris. Depois do jantar, saem em família para um lento passeio pelas ruas que levam ao Sena. Não há mais carros, não há mais tráfego, somente uns poucos ciclistas, e as pessoas que passeiam na rua são numerosas e tranqüilas. Cumprimentam os conhecidos, trocam as últimas notícias sobre o avanço aliado. Todas as noites, perto do Cais Voltaire, cruzam o velho Raymontf Duncan e seus discípulos, adeptos do retorno à simplicidade dos antigos gregos, todos vestidos de peplos tecidos por eles próprios, calçando sandálias de correias, que vão placidamente respirar o frescor da noite. Os alemães não aparecem mais naquele bairro. Dizem que tropas transitam através de Paris, à noite, de metrô. Os cortes de eletricidade, cada vez mais freqüentes, praticamente pararam toda a vida ativa. O metrô quase não funciona mais. São as férias de verão.

Às vezes, com o filho da família, Luc vai às piscinas no Sena, como a Deligny ou o Bain Royal, nas Tuileries. Deixam-se flutuar na água morna, mas há gente demais para que eles possam se secar sobre o assoalho, ao sol. Flanando ao longo do cais, demoram-se observando o movimento dos caniços de pesca, que são numerosos, e dos pescadores, com toda a sua parafernália: bancos de dobrar, bolsas, caixas com minhocas e as caixas metálicas amarradas por um cordão, mergulhadas na água, nas quais pode-se ver agitarem-se, num relance, os peixes que já foram pegos. É um microcosmo intemporal, calmo e fechado, feito de conversas lentas e comedidas que não deixam o mínimo espaço para o mundo exterior: trocas de receitas sobre a composição das iscas, reflexões sobre a astúcia dos peixes, lembranças de outras pescarias, de outros anos, de outros rios.

Meninos da idade de Luc avançam, ao longo dos cais em forma de ladeira com pouco declive, com água pelas canelas, mexendo com as

pedras deslocadas. Luc observa que estão caçando lagostins e que estes, de cor cinza translúcida, são jogados em uma bolsa, provocando um estalo seco. Assim, várias tardes seguidas, ele volta entre a Ponte des Arts e a Ponte Neuf, e então, descalçando-se, põe-se a remexer energicamente cada pedra. Mas não tem a habilidade necessária: quando mexe em uma pedra, esta levanta uma fina nuvem de vasa que turva a água clara do rio. Às vezes ele entrevê uma rápida sombra acinzentada que lhe escapa por entre as pernas: tarde demais. Faz amizades com outros pescadores, que lhe exibem suas presas, zombando dele:

— Você deveria deixar o dedão do pé diante das pedras e esperar que eles venham mordê-lo.

Não pega nada. Volta para a Rua de l'Abbaye, molhado e contente.

*

Sente-se bem lá, como numa nuvem, ao mesmo tempo presente e um pouco alhures, sem que saiba exatamente onde. Acompanha, como de resto todos, os combates do *front* sobre um conjunto de mapas Michelin afixados no vestibulo. E depois, durante as longas tardes de quietude, impacienta-se diante dos alfinetes espetados, que fixam as posições do *front*, o qual não avança suficientemente rápido. Começa então a desenhar para si seus próprios mapas imaginários, a nanquim e a cores, em grandes folhas: será um país que só ele conhecerá, uma ilha, é claro, com sua capital, seus portos, suas aldeias, seus rios, suas vias férreas. Depois de terminá-lo, faz desembarcarem seus exércitos para conquistarem o país, e então o *front* avança, ao sabor de seus impulsos estratégicos e do poder invencível de suas unidades de elite. Assim debruçado sobre sua ilha, ele pode passar dias inteiros. À noite, quando o cerco é fechado diante de uma cidade forte, ele volta à terra para colocar-se a si próprio à frente de suas tropas, para partir ao assalto do quarto vizinho, e então massacra, a golpes de travesseiro, o menino mais velho que, atônito, deitado de barriga para baixo, se defende, dando violentos coices. Luc bate então em retirada, sob o choque da artilharia pesada.

— Deixe os seus pais por nossa conta — repete-lhe a cada dia o dono da casa. — Sua mãe está em Romainville, na prisão feminina. Seu pai está em Fresnes.

— A gente não pode ir vê-los na prisão?

— Não. Por enquanto, estão incomunicáveis. Logo poderemos

enviar-lhes pacotes. Mas, talvez não seja mais necessário. *A gente* já tomou providências. Eles serão provavelmente liberados.

Luc não sabe quem é "a gente". Mas a autoridade e a certeza do tom — o tom de alguém que sabe — impõem-se. Chega até a recear que sua mãe, que será liberada rapidamente, lhe exija uma prestação de contas dos quinhentos francos que ele já dilapidou há muito, tendo comprado, entre outras coisas, um *elitoplano*, um planador esquisito que leva, plantada verticalmente no centro do aparelho, uma espécie de flecha guarnecida de penas, que se lança com um elástico. A flecha envia-o aos ares e ele vai perder-se nos galhos mais altos da castanheira, onde o vento o tem ninado desde vários dias, sem soltá-lo.

Eles estão *incomunicáveis*. Pensando bem, esta palavra "incomunicável" não é de bom augúrio. Ele tenta imaginar a prisão. Para seu pai, não deve ser muito difícil. Luc lembra-se do que o pai contara sobre sua detenção em 1941, e imagina-o sozinho em sua prisão de Fresnes, com o postigo e o olho-mágico na porta, a latrina, o barulho das marmitas que são carregadas em horas fixas pelos corredores, os passos e as chamadas, as vozes dos prisioneiros que ressoam no pátio interno, tentando fazer passar recados de um andar a outro, de uma pavilhão a outro, que chegam através da lucarna bem no alto, bem como os gritos dos carcereiros alemães, "*Ruhe!*", mandando que os prisioneiros se calem, e as batidas nos canos, para outras tentativas de comunicação. Ele sabe que certamente retiraram de seu pai os cadarços dos sapatos e seu cinto. (Em 1941, haviam-no liberado sem devolver esses apetrechos, o que o obrigou a voltar de Fresnes até a sua casa segurando as calças.) Ele sabe que seu pai deve obstinar-se em marcar na parede os dias que passam, como fizera na outra vez em que foi preso: cada dia, obrigava-se a escrever, pela manhã, um novo verso da *Odisséia* em grego. Mas, para sua mãe, é outra coisa. Disseram-lhe que Romainville é um forte. Ele imagina solitárias sinistras, com paredes de pedra úmidas. Será que lhe deixaram ao menos o meio quilo de açúcar?

*

Nos primeiros dias de agosto, seus anfitriões organizam uma festa, uma reunião dançante muito animada. É o fim da tarde, a festa deve terminar cedo, por causa do toque de recolher. Umas quarenta pessoas conversam nas peças espaçosas, com todas as janelas abertas para o sol e a brisa morna. Jovens muito chiques dançam ao ritmo do *swing* do *pick-up*. (Na hora do jantar, a

eletricidade sempre volta por algum tempo.) Os rapazes estão em mangas de camisa, com o colarinho aberto. O disco que é mais tocado é o da música que diz:

J'ai vendu mon âme au diable
Mon pouvoir est formidable
Je n'ai qu'à faire un vœu
J'ai tout ce que je veux*

As bebidas circulam, todos parecem descontraídos e despreocupados e dedicam muita atenção a Luc que, intimidado, observa os dançarinos. Pessoas que ele não conhece vêm dizer-lhe palavras amáveis. Alguns inclinam a cabeça como se lhe dessem os pêsames e quase todos repetem-lhe, com um ar de criança bem-comportada, que seus pais certamente serão liberados em breve.

Perto de uma janela, longe do toca-discos, os homens maduros falam dos acontecimentos com competência e comiseração.

— Estou feliz em ver meu filho protegido. Encontrei-lhe um emprego inatacável de contador. Senão, ele teria sido obrigado a partir para o STO ou ser refratário: o mesmo que escolher entre a peste e a cólera.

— Mas há maquis sérios.

— Você está brincando? Os comunistas estão por todos os lugares. E os gaullistas. E toda uma corja, que se aproveita da situação.

— O que dá pena é sobretudo ver como esses jovens são mal dirigidos. Aquele maqui que foi liquidado nos Alpes, por exemplo: não tinha condições de resistir. Uma questão de comando. A Resistência tem falta de dirigentes válidos. Não se improvisa um oficial. Eu sei do que estou falando. Sou capitão da reserva. Em 1940. . .

— Esperemos os ingleses.

— Esse De Gaulle. . .

Um homem jovem de cabelos arruivados, camisa aberta, vem sentar-se perto de Luc e diz-lhe que são primos.

— Você não me reconhece? Eu o reconheço.

O homem fala-lhe amistosamente. Sua voz é firme, seu jeito é atencioso, dinâmico e atraente como o de um escoteiro anacrônico ou de um líder de instituição para a recuperação de menores, com os

□ Vendi minh'alma ao diabo,
Meu poder é fantástico.
É só eu pensar num desejo
E tenho tudo o que almejo.

olhos pálidos emoldurados de cílios raros, um sorriso úmido.

— Seu pai está em Fresnes? Você não precisa se preocupar. Eu conheço o regime de Fresnes. É suportável. Fiquei lá um mês.

Fornece detalhes que Luc já conhece: o horário, o café aguado, os carcereiros alemães.

— Mas seu irmão, realmente. . . o que ele poderia ter feito para desencadear esta catástrofe?

— E o senhor, por que esteve em Fresnes?

O rapaz faz um gesto vago.

— Oh! . . . nada — murmura.

— Mas por quê? — insiste Luc.

O homem hesita, depois força um sorriso, o sorriso comercial do vendedor de calçados de antes da guerra.

— Nada. Uma falha profissional.

Remexe-se, levanta-se e vai embora.

Falha profissional? O que será que vem a ser isso? Luc vai informar-se junto à dona da casa.

— Mas como, você não sabe? É o seu primo Bernard Maury. Ele estava fazendo a escola de Engenharia de Minas. Aí, alistou-se na Organização Todt, aqueles que constróem o Muro do Atlântico. Pois é isso mesmo, com o uniforme alemão e tudo. Ah! mas ele não se gaba mais de ter feito isso. Uma falha profissional? Deve ser porque fez uma besteira qualquer, como em todos os exércitos do mundo. Ou então porque meteu a mão no dinheiro da caixa. Mas, afinal, era a caixa dos boches. . .

Luc deixa os dançarinos. Sente-se enjoado. É a limonada com sacarina. Volta a absorver-se nos contornos do mapa de sua ilha.

*

Nos primeiros dias de agosto, os exércitos americanos ultrapassam Avranches e rompem definitivamente o *front* alemão, surpreendendo-o pela retaguarda, ao passo que os ingleses continuam a imobilizar o grosso das forças alemãs diante de Caen. O III Exército Americano, o Exército Patton, força o caminho em direção a Alençon, o VII Exército Alemão encontra-se cercado. No mapa, os alfinetes valsam várias vezes por dia. Dizem que já começam a chegar a Paris estranhas equipagens, tropas em retirada, transportadas em veículos puxados por cavalos ou em caminhões. E por volta do dia 10 de agosto, quando toda a família se encontra à mesa para o almoço, o dono da casa diz a Luc, com ar jovial:

— Desta vez é certo. Daqui a oito dias, os seus pais dormem em casa. Todos os prisioneiros políticos vão ser liberados para o dia 15 de agosto. O Cônsul da Suécia empreendeu negociações com os alemães e um acordo acaba de ser assinado.

Sorri, bebe um gole de vinho Bourgogne no copo de cristal e enxuga os lábios no guardanapo branco. Dá a impressão de estar tão seguro de si, tão tranqüilamente satisfeito, que tudo de repente parece ser muito simples. A alegria invade Luc.

— E além do mais, os ingleses não tardam a chegar. Paris será cidade aberta. Basta esperar.

Basta esperar. E escutar a Rádio Londres. No dia 10 de agosto, os ferroviários lançam a palavra de ordem de uma greve que se estende pelos dias seguintes: "Para fazer os boches recuarem, greve!"

E no dia 15 de agosto, os policiais parisienses, diante da intenção dos alemães de os desarmarem, declaram-se em greve. Até mesmo, certamente, os da Rua des Saussaies.

Luc não voltou mais a remexer nas pedras soltas sob a Ponte des Arts. Disseram-lhe que agora ele podia voltar para a casa de sua tia e esperar o retorno iminente de seus pais. Também poderá ir visitar Lady Ponte-Serra. Eles não lhe haviam permitido ir lá antes, por medidas de precaução. Aparentemente, não teria sido prudente que o tivessem visto no prédio onde mora a família. Mas a velha senhora não admitiu que a privassem assim do seu neto, do único membro da família que lhe restara, e disse-o energicamente à tia, no telefone. Ao que parece, as duas devem ter trocado palavras ofensivas e definitivas, pois depois disto ficaram de mal, admitindo apenas dizer-se algumas frases breves a propósito de Luc.

Luc vai a pé à casa da avó, caminhando pelas ruas calmas, ao longo do Sena, em direção a Trocadéro. Diante do Palácio Bourbon e dos Invalides, os cavalos frisões estão a postos; grandes pórticos de ferro fundido, fechados com grades, estão dispostos, uns ligados aos outros, para servir de barreira contra os tanques, impedindo o acesso aos pontos estratégicos da defesa alemã. Fora desses pontos, não se vêem soldados na cidade. Na Praça du Trocadéro, Luc vê surgir um carro descoberto com quatro oficiais. Ouvem-se alguns estampidos, o carro balança, derrapa, continua seu trajeto a toda velocidade, ziguezagueando sobre os pneus estourados — as quatro cabeças guarnecidas de capacetes, muito empertigadas e dignas, são jogadas de um lado para outro como manequins —, depois desaparece, sem diminuir a marcha, no túnel verde das castanheiras da Avenida Jean-Chiappe, lançando faíscas por entre as rodas. Um pouco adiante, entretanto, por entre as árvores da alameda dos cavaleiros, soldados alemães desligados das unidades, encostados em suas bicicletas, vendem às escondidas, aos criados dos moradores ricos do bairro, atraídos pela pechincha, pedaços de manteiga pilhada no campo, nos quais enterram seus punhais-baionetas.

Luc viu, nas ruas, pessoas que paravam diante de cartazes

afixados: são folhas de jornais da Resistência, que relatam a sublevação e os massacres de Vercors, as atrocidades de Asq, de Tulle e de Ora-dour. Em Tulle, no dia 10 de junho, os SS enforcaram todos os homens válidos nos postes de iluminação da rua principal, diante da população reunida. Relatos de torturas da Gestapo, de olhos arrancados, de testículos queimados, de crânios estourados. Mas a França se revolta. A França se libera, As pessoas param e lêem em silêncio, depois vão embora sem fazer comentários, quase na ponta dos pés.

Luc sobe as escadas do prédio e passa, no quarto andar, diante do apartamento da família. Uma faixa de papel escuro barra a porta, presa por dois lacres de cera vermelha obliterados por um enorme carimbo em que aparece a cruz gamada sob a águia de asas abertas. Sua tia recomendara-lhe com insistência que não rasgasse a faixa. Ele a contempla, paralisado. Sente que deveria rasgar aquele pedaço de papel grotesco. Que risco haveria? Francamente. . .

O apartamento da avó fica no andar superior. Na penumbra das venezianas fechadas para amenizar, como em tempos passados no Cairo, o calor escaldante, a velhinha embucha-o com um pesado doce de abóbora-menina que sua empregada conseguiu mandar cozinhar, após ter ficado horas em uma fila, na padaria, e conta-lhe como recebeu a Gestapo.

— Não ficaram muito tempo. O chefe perguntou-me onde estava Antoine. Olhei-o bem nos olhos. Ele deve ter entendido, pois retrocedeu. Pois é, eles perceberam com quem estavam lidando. Várias vezes telefonaram. Vozes desconhecidas pediam para falar com Antoine. Acabei desligando o telefone durante uma semana inteira. Agora, parece que os seus pais vão ser liberados, graças a esse Cônsul da Suécia. Mas Antoine? Onde está meu Antoine? Sua tia não me diz nada, ninguém me diz nada. Eles não confiam em mim. Talvez pensem que, como sou velha, posso sair por aí falando. Falando, eu?

— Antoine está no maqui — diz Luc com autoridade. — Tenho certeza. Ele já me havia dito. Vai voltar para a liberação.

— Já fiz bandeiras para o dia da liberação. Vocês as colocarão nas janelas dos quartos. Consegui comprar o tecido. A bandeira inglesa, com todas aquelas faixas cruzadas, é muito difícil, mas o que me deu mesmo trabalho foram as estrelas da bandeira americana. Não sabia como cortá-las. Foi o seu amigo, Philippe, o que mora no segundo andar, que me ensinou a fazê-las. Olhe só.

Seu corpo frágil curva-se todo para empurrar uma cômoda. Retira uma caixa de chapéus, desdobra os retângulos de panos tricolores

costurados, e Luc percebe que as estrelas americanas são estrelas de seis pontas, desenhadas superpondo-se dois triângulos isósceles invertidos: Philippe usa a estrela amarela há três anos.

— E a bandeira russa?

— Ah! aí também não!

— Antoine certamente vai querer uma bandeira russa. É fácil fazê-la.

Luc reencontra um velho amigo: o gato azul do Vale dos Reis que monta guarda numa vitrine, em meio a estatuetas e cálices irisados, sentado, muito empertigado sobre suas longas patas dianteiras, de focinho em pé.

Como em qualquer prédio burguês, ali também os apartamentos têm duas entradas: chega-se à *entrada de serviço*, que dá na cozinha, através de uma escada tão horrorosa quanto é bem cuidada a escada principal. Luc diz à avó que vai descer até a garagem, no subsolo, para ver se encontra a bicicleta de seu irmão. Passando pela cozinha, pega, sem dizer nada à avó, as chaves do apartamento de baixo, que sempre ficam ali penduradas. Desce pela escada de serviço: como esperava, no andar de baixo a porta não apresenta o mínimo vestígio de lacre: trabalho feito às pressas. . . Entra, caminhando na ponta dos pés. Passando pela cozinha, chega ao grande vestibulo escuro. Cheiro de casa fechada, da *sua* casa, quando ele retornava no fim do verão, após uma longa ausência. Não há eletricidade. Entreabre a porta do escritório de seu pai e fica, paralisado, em meio às pilhas de livros derrubados: não, ele não irá adiante. No quarto de seu irmão, a perquisição deixou rastros ainda mais visíveis: a cama virada, os livros das estantes espalhados no chão, numa mistura de Platão com Bergson, Aristóteles, Spinoza e a *História da Revolução Russa*, de Trotsky, sob os dois volumes do *Visconde de Bragelonne*. Sobre a mesa e por todos os lados, no chão, pilhas de notas, de dossiês: a Campanha do Egito e os primórdios do expansionismo francês no início do século XIX, elementos para uma teoria dos quanta, a Guerra de Secessão, os primeiros tempos do capitalismo moderno nos EUA, anotados com a letra miúda de seu irmão. Numa folha, o início do resumo de uma peça de teatro representada em Paris no inverno do ano anterior, *As moscas*, de um tal de Jean-Paul Sartre. Um caderno inteiro preenchido a propósito da *Cartuxa de Parma*, junto a um desenho, feito com uma pena muito fina, da massa sombria da torre em que Fabrice permaneceu cativo e, em corte, o lugar de seu aposento, sendo em azul o itinerário de sua evasão, a descida ao longo da muralha escarpada, a passagem do fosso, os jardins em volta, as árvores, os campos. Numa outra folha, versos,

sempre escritos à mão. De quem seriam? Dele mesmo?

*"De l'arbre ou ce n'est pas Merlin qui est prisonnier... ." **

O armário normando de cerejeira clara está com as portas escancaradas. Um ferimento recente, resultado de um movimento brutal, marca os batentes à altura da fechadura, como se os visitantes, apressados, não tivessem nem ao menos se dado o trabalho de ver que a chave estava um pouco acima, que bastava girá-la, tendo, assim, arrombado selvagememente a porta. Dentro, tudo está revirado, mas, na confusão, um olho habituado pode reconstituir os diferentes extratos que mostram todas as etapas de uma adolescência rapidamente deixada para trás. Nas camadas inferiores que agora se encontram na superfície, havia folhas de herbário em papel mata-borrão, com flores secas, caixas de papelão com pedras classificadas por período e por gênero — primário: granito e mica; terciário: calcário metamórfico grosseiro. Seu irmão dissera-lhe muitas vezes: "Se você quiser, pode carregar toda a Valerane numa caixinha, em seu bolso: é só colocar um fruto de eucalipto, três granadas, uma conchinha, um raminho de coral agarrado a uma alga seca, uma flor de falsa lavanda, a que cheira a suarda de ovelha, uns grãos de zimbro. . ." Toda a Valerane está ali, na caixinha, com um cavalo-marinho seco de quebra. Atrás da enorme caixa de *Meccano* — o jogo de construções metálicas, com gavetas, que ele sempre invejou —, sob os peixes japoneses de papel ou de tecidos multicores com escamas de imitação de madrepérola pregadas como guizos, meio bandeiras, meio papagaios, prestes a ser abertos e pendurados em fios estendidos em seus quartos, como seu irmão e ele fizeram em dias de festa, Luc encontra um pedaço de uma espécie de massa de modelar, cuja natureza ele não leva muito tempo para descobrir: é uma massa verde, endurecida, grumosa, quase cristalizada por ter ficado muito tempo em contato com o ar, e tem um cheiro forte de amêndoa: é uma barra de plástico explosivo. Bem uns quinhentos gramas. O suficiente para fazer explodir. . . O que fazer com isto agora? Fecha novamente o armário e fica ali, sem se mexer. Nem lhe passa pela cabeça ir ao seu quarto: faz muito tempo que o deixou. Espera. O quê? Em outros tempos, seu irmão, quando voltava para casa, dava três batidas breves para identificar-se, e o Gato corria para ser o primeiro a abrir-lhe a porta.

Ninguém vem bater.

*

□ "Da árvore em que não é Merlim o prisioneiro. . ."

O Gato passa os dias seguintes em casa de sua tia, que conserva os meninos enclausurados. O tio está bloqueado em Chevigny. Todas as comunicações com Paris estão cortadas. Eles só saem uma vez por dia, para fazer compras rápidas. Na cidade, cartazes apelam à "mobilização geral". Das ruas próximas aos Invalides e ao Palácio Bourbon, lugares de entrincheiramento dos alemães, começam a chegar sons de disparos, que vão se ampliando. Durante uma de suas breves saídas quotidianas, a família fica presa, na Rua de Bourgogne, entre os tiros cruzados de combatentes invisíveis que, a cada extremidade, ocupam a rua. Batem em retirada precipitadamente. Do apartamento, eles ouvem nas ruas próximas os enormes Tigres e os Panthers que patrulham, e, em várias ocasiões, o ronco surdo de um obus passa quase tocando nos telhados, indo explodir mais adiante. O rádio apela para que os habitantes fechem cuidadosamente as venezianas e se mantenham no fundo dos apartamentos quando os tanques passarem. Quando Luc fica cansado de espiar pelas frestas das persianas os vaivéns dos tanques que se alternam com veículos carregados de homens à paisana, com a braçadeira tricolor, carregando pistolas ou fuzis de caça, só lhe resta, na falta de luz elétrica, e por conseguinte de rádio, retornar à ampliação, em seu mapa, de seu país imaginário.

Os Aliados ainda estão longe. O reduto alemão na Normandia não foi reduzido, luta-se ferozmente em torno de Alençon. Os ingleses sobem em direção ao Sena, para os lados de Rouen. Todas as pontes do Sena estão cortadas, salvo as de Paris. Quaisquer que sejam a rapidez e a potência do avanço aliado, é difícil imaginar quanto tempo levará: quinze dias? Um mês? Mais ainda? Será que desde o dia 17 de agosto o rádio foi conquistado pela insurreição? 'Aqui, Radiodifusão da Nação Francesa', clamam, entre reportagens e comunicados, locutores com vozes jovens que se revezam e que, de vez em quando, gaguejam de cansaço. Luc gosta daquelas vozes não oficiais que se sucedem no microfone, muitas vezes esgotadas, felizes, excitadas, às vezes contraditórias na paixão das informações que largam em rajadas: é como se fossem pessoas muito próximas, quase íntimas, e ele gostaria de ser amigo daqueles rapazes; assim, espreita o retorno da eletricidade para correr até o rádio e escutá-los. Em todo caso, no dia 17 de agosto Luc fica sabendo que todos os prisioneiros políticos de Fresnes haviam sido liberados: a intervenção do Cônsul da Suécia atingira seu objetivo. Por que ele não recebe notícias de seu pai? O telefone funciona perfeitamente. E as mulheres de Romainville? Que foi feito delas? O rádio, entretanto, não dá mais detalhes sobre esta notícia. Sucodem-se os apelos às armas, as advertências aos alemães que continuarem a fuzilar os insurretos capturados, sem considerá-los combatentes

regulares, a exaltação do heroísmo dos FFIs* dos combatentes das barricadas, dos guardas republicanos que aderiram ao combate. O rádio comenta os crimes dos SS, os fuzilamentos do Bois de Boulogne, as torturas em Luxembourg. Dá a palavra àquele homem que, no Bulevar Saint-Germain, já havia retirado a trava de sua granada para lançá-la sobre um caminhão inimigo, quando percebeu, no último momento, que se havia enganado, que o caminhão levava uma cruz de Lorena, e então preferiu continuar com a granada, que acabou arrancando-lhe a mão.

No dia 20 de agosto, o rádio anuncia uma trégua. Da janela, Luc vê passar, no final da rua, carros que transportam, sentados um de costas para o outro sobre o teto, um guarda republicano e um soldado da Wehrmacht, que parecem aborrecidos tanto um como o outro, ao passo que um alto-falante anuncia o cessar-fogo em todos os cruzamentos. A família agora pode pôr o nariz para fora novamente.

Todos saem de casa. Uma grande animação reina ao longo das ruas um tanto austeras do bairro. Na Rua du Bac, Rua de Bellechasse, Rua de Babylone, diante do quartel dos guardas republicanos, constroem-se barricadas com paralelepípedos arrancados e com os sacos de areia da defesa passiva. Rapazes da idade de Luc ajudam na construção, compondo uma cadeia de braços, e Luc gostaria de se juntar a eles. A tia proíbe-lhe secamente. É ridículo, diz ela. A família havia saído para ver o movimento e nada mais. Luc obstina-se.

— Não seja tolo — dizem-lhe os primos. — De que adiantaria?

É uma verdadeira festa: ali estão homens e mulheres de todas as idades, com suas braçadeiras tricolores, com armas heteróclitas, revólveres, muitos fuzis de caça de cano duplo; alguns portam velhos e amassados capacetes azul-marinho da defesa passiva. Há outros ainda que usam peças soltas de uniformes franceses. Luc olha tanto quanto pode todos aqueles que vê em torno das barricadas, os que passam sobre os pára-lamas dos carros, agarrados às portas, de arma em punho. Não, ele não vê Antoine. Se tivesse coragem, poderia perguntar-lhes, informar-se com eles. Talvez haja algum entre eles que o conheça. Mas ele não ousa fazê-lo. Aliás, se tivesse coragem, deixaria a família assistindo ao seu espetáculo e partiria em direção ao Quartier Latin, à Central de Polícia, à Prefeitura Municipal, onde dizem haver barricadas de maior envergadura, onde já houve muitos embates. Mas, decididamente, falta-lhe ousadia.

No dia seguinte, os combates recomeçam. São os SS, segundo dizem, que não aceitaram a trégua assinada pela Wehrmacht. Na

□ *Forces Françaises de l'Intérieur*, Forças Francesas do Interior. (N. do T.)

manhã de 24 de agosto, anuncia-se que uma coluna americana de trinta mil homens e de trezentos tanques aproxima-se de Paris, já tendo alcançado Arpajon. Ao cair da noite, a família reunida diante do rádio ouve o anúncio da chegada de três tanques à Porta de Orléans e depois alguém grita que são franceses. Às nove horas da noite, os tanques blindados estão na frente da Prefeitura Municipal. O rádio apela para que toquem todos os sinos de Paris.

— Se você não ouvir nada, telefone ao pároco da igreja mais próxima. E não esqueça que, afinal de contas, não é preciso ser pároco para tocar os sinos.

Luc exige que sua tia telefone ao pároco da Igreja Sainte-Clotilde. Como se explica que ela tenha cedido imediatamente? Ela está tonta de emoção. O pároco xinga-a: ele já estava prevenido. Todos os sinos de Paris tocam e, salientando-se sobre todos os outros, os da Catedral de Notre-Dame. No dia seguinte, os combates sucedem-se em toda a cidade de Paris, e logo vem a capitulação. De Gaulle chega. Paris está livre.

Na noite de 25 de agosto, a avó de Luc telefona.

— Ela pede que você vá vê-la amanhã — diz a tia. Pedir a uma criança que atravessasse Paris nestas circunstâncias é pura loucura. Mas, como ela exige. . . Considero isto uma irresponsabilidade. É pura insensatez.

— Será que ela teve notícias? — pergunta Luc.

— Não lhe perguntei. Suponho que se ela tivesse, me diria. Mas nada me admiraria, vindo da parte dela.

Assim, no dia seguinte, bem cedo, Luc se põe a caminho de Trocadéro. Ao passar diante da Estação Ferroviária dos Invalides, defronte à entrada do Ministério das Relações Exteriores, ele vê o primeiro tanque Sherman. Está calcinado, com a torre arrebentada e as lagartas estouradas. Na blindagem, escreveram com giz: "Aqui morreram três soldados franceses pela liberdade." As pessoas olham em silêncio. À entrada da Ponte Alexandre III, num canto do parapeito, uma enorme poça de sangue acaba de secar sobre o asfalto, formando uma crosta espessa, quase negra. Um homem deve ter sido morto ali, esvaindo-se em sangue. Será possível que tanto sangue saia de um só corpo? Contornando a poça, Luc chega à Esplanada des Invalides, completamente destroçada. Depois, do outro lado do Sena, na Cours la Reine, ao longo do Grand Palais enegrecido, parcialmente destruído, com o teto de vidro rebentado pelo incêndio, ele finalmente os enxerga. Atravessa a ponte deserta, correndo para a fila de tanques aqui estacionados, bem menores que os tanques alemães, de carros blindados e de pequenos veículos altos sobre rodas com longas antenas. Cada veículo leva, estendido sobre

o capo, um largo pano encerado de cor violeta, quase rosa, bem identificável a partir de um avião. Luc junta-se a uma massa de pessoas que se agitam em torno dos blindados. Além da multidão, ele distingue, perto dos tanques, filas de barraquinhas já armadas sobre o amplo gramado, soldados em manga de camisa ou de jaqueta com zíper, a maior parte deles sem capacete, portando barretes vermelhos ou boinas de marinheiro com pompom. Luc tenta chegar até a primeira fila, onde todos se empurram.

— É verdade que são franceses, é verdade mesmo — repetem homens estupefatos e incrédulos. E por todos os lados há comentários de admiração sobre a abundância, a diversidade, a riqueza do material, sobre a simplicidade dos uniformes e a qualidade dos calçados. Alguns FFIs armados, ostentando a braçadeira, circulam entre os blindados, falando com os soldados, com um jeito animado, amistoso e competente. Estes convidam as moças para subirem nos tanques, mostram-lhes o interior, elas os beijam, deixando-lhes no rosto enormes marcas vermelhas que eles não apagam. Do alto de uma torre, um homem de barrete vermelho lança objetos à multidão e Luc se dá conta de que é isso que provoca toda a agitação da primeira fila. As pessoas se precipitam sobre cada objeto que cai, brigam e se pisoteiam para poder agarrá-lo. Ao longo da fila, soldados fazem o mesmo: estão distribuindo, ao acaso, rações que parecem ser inesgotáveis, maços de cigarros, gomas de mascar e latas de conservas. Milhares de mãos estendem-se. O próprio Luc é engolfado pelo turbilhão, sendo projetado para o centro, em meio às mãos estendidas, diante de um rapagão que derrama o conteúdo de um enorme saco que porta dizeres em caracteres góticos: é tabaco alemão, dizem as pessoas, e a metade se espalha no chão. Sem refletir, Luc faz como todos os outros, espicha-se o quanto pode, resistindo energicamente aos empurrões que o desequilibram, estendendo as mãos juntas em forma de concha e, sentindo uma vaga necessidade de justificar-se, tenta gritar mais alto que os outros:

— É para o meu pai.

Enche um bolso da jaqueta de tabaco negro, que lhe escapa entre os dedos, e sente-se meio bobo ao lembrar que seu pai não fuma. Mas, enfim. . .

Consegue sair do burburinho e parte em direção a Alma e Trocadero. Carrinhos, que ele ouviu pessoas entre a multidão dizerem que se chamam *jipes*, desfilam ao longo das avenidas. As pessoas nas calçadas gritam, cantam, aplaudem e agitam bandeiras quando eles passam. Na Praça Léna, surge, a passo de corrida, uma tropa confusa de prisioneiros alemães, sem capacetes, mãos cruzadas atrás da

nuca, precedidos e seguidos de FFIs em desordem e ladeados por uma linha de soldados armados de metralhadoras. Das calçadas, homens e mulheres os vão, gritam, mas sem se mexer. Há algo de incrível no espetáculo daquela degradação súbita, daquele esvaecimento da ordem e da disciplina, dos uniformes desalinhados, da ausência de armas, dos curativos sujos, dos rostos atemorizados, da redução a um desprezível bando de homens que correm, com o olhar vago. Diante do átrio do Museu Guimet, o porteiro, de casquete galonado na cabeça, medalhas e fitas penduradas no casaco, grita, em meio a um grupo que o aprova:

— Nós somos bons demais para eles!

— Isso mesmo — diz sua mulher. — Na Estação de Orsay, os SS torturaram doze FFIs até matá-los. Deixaram vivo um décimo terceiro, e o obrigaram a beber o sangue de seus companheiros numa tigela, matando-o depois. São uns monstros. Devem matar todos. Mas não de qualquer jeito, não: eles têm de pagar pelo que fizeram, têm de sentir que estão morrendo. Nada de prisioneiros.

— Nada de prisioneiros — reforça o porteiro. — Entreguem-nos aos verdadeiros resistentes. A nós. Vocês verão o que vamos fazer deles.

Em Trocadéro, outros tanques, outras aglomerações. Jornaleiros, novos títulos de jornais: *Défense de la France*, *Combat*, *L'Humanité*, *Le Figaro*, etc. Mais adiante, defronte ao edifício onde mora sua família, Luc percebe que também ali o porteiro discursa para os passantes. Como não tem nenhuma vontade de ouvir uma nova versão da tigela de sangue, e ainda menos de arriscar ser pego como testemunha, entra rápido no prédio, sem se dar a conhecer, subindo até o apartamento da avó. Ao passar por seu apartamento, constata que os lacres ainda estão lá.

A velha senhora, toda vestida de preto, empertiga a coluna arqueada e seus olhos brilham.

— Vou colocar as minhas bandeiras na janela. Hoje à tarde vamos ver o desfile da vitória. É por isso que pedi que você viesse.

Uma de suas sobrinhas trabalha num serviço de ambulâncias cujo escritório fica nos Champs-Élysées. Ela virá buscá-los de carro.

— Teremos de olhar com atenção. Talvez vejamos Antoine.

— E papai e mamãe?

— Não sei. Não sei mais nada. Deveriam ter sido liberados com todos os prisioneiros de Fresnes. Agora estão dizendo que os alemães poderiam ter expedido um comboio de prisioneiros para a Alemanha, no dia 14 de agosto. Não sei. Sua tia deveria saber. Ela não me diz nada. Talvez seus pais estivessem naquele comboio. Não, não pode *ser*.

E seu rosto contrai-se.

— Não — diz Luc —, não pode ser.

*

É verdade. Todo o mundo repetia-lhe já há mais de quinze dias: não pôde ser. Diziam que ele não se preocupasse, que havia uma negociação em andamento, que o Cônsul da Suécia era muito generoso. E além do mais, a França inteira estava em armas, os ferroviários em greve total desde 10 de agosto, os entroncamentos ferroviários atacados, neutralizados, as pontes interditadas, o tráfego paralisado. De qualquer maneira, os alemães tinham outras prioridades, diante da ruptura do *front* — reforços para enviar, a retaguarda para guarnecer —, e não iriam perder tempo com um comboio de prisioneiros. A última vez que Luc vira seu anfitrião da Rua de l'Abbaye foi no dia 15 de agosto, e este estava, naquele dia, mais confiante, mais informado, mais *a par dos acontecimentos* do que nunca, dizendo:

— Agora, é apenas uma questão de horas. Beberemos todos juntos o champanhe da liberação. Já tenho as garrafas. O Cônsul arranhou tudo. Aliás, os alemães não têm mais escolha: com o clima que reina em Paris nestes últimos dias, não seria mais concebível que ainda pudessem levar um comboio de prisioneiros. Eles sabem disso.

*

Não pode ser. Não seria concebível. Foi no dia 15 de agosto, antes da meia-noite, que o comboio que transportava os prisioneiros políticos partiu da Estação Ferroviária de Pantin. Nos dias que precederam a partida, ordens e contra-ordens sucederam-se na prisão de Fresnes. Por fim, na tarde de 15 de agosto, os prisioneiros foram amontoados para a partida, no pátio da prisão, os homens de um lado e as mulheres de outro. A mãe do Gato estava em Fresnes, contrariamente às informações seguras que lhe haviam sido dadas, e ela e o marido se viram, de longe, perdidos entre a massa de prisioneiros que cantavam, em pé: "Sim, voltaremos a ver-nos, irmãos. É apenas um até-logo." Os guardas preveniram-nos de que, diante de qualquer falta disciplinar, seriam privados de água e que os homens seriam fuzilados.

— E sabem lá o que é ficar sem água, em meio ao calor de um dia 15 de agosto?

Fizeram-nos embarcar em ônibus parisienses verde-e-brancos, naqueles mesmos ônibus, tão familiares a todos em tempos passados, o que deve ter provocado um efeito estranho em muitos

deles. Cada ônibus era conduzido por um motorista francês, um empregado da STCRP,* com o seu casquete, tendo ao lado um SS armado de metralhadora. Correu um boato entre os prisioneiros, segundo o qual os motoristas haviam sido ameaçados de serem integrados ao comboio, se se recusassem a dirigir os ônibus e que até mesmo alguns deles haviam sido violentamente espancados. Assim, atravessaram Paris. A cidade não estava particularmente animada, mas os prisioneiros haviam esquecido que isso pudesse existir, que as pessoas pudessem circular livremente numa cidade, e estavam quase que estupefatos. Os passantes olhavam-nos com espanto e tristeza. Entre estes, vários homens retiraram o chapéu ao verem-nos passar. Na Estação de Pantin, foram amontoados em vagões para animais, sem água e sem latrinas. (Alguém, no vagão do pai de Luc, observou que era provavelmente uma sorte que não houvesse latrinas, pois assim os alemães seriam obrigados a fazê-los sair regularmente, o que lhes possibilitaria tomar um pouco de ar; ao passo que, se houvesse latrinas no vagão, ficariam logo cheias, começariam a feder e transbordariam. Ele conhecia bem essas coisas, pois já havia feito parte de um transporte. Já tinha uma grande experiência. Mais tarde, um deportado escreveu em suas notas: "Nessas viagens, encontram-se muitas pessoas de bom senso.") Os alemães deram a cada um uma bola de pão. Depois, funcionários da Cruz Vermelha trouxeram-lhes, às pressas, um pacote de comida que continha, entre outras coisas, morcela enlatada. As portas foram trancadas. E a espera recomeçou. A maior parte deles não conseguiu perceber o que ocorria na cauda do comboio. Seria verdade que vários milicianos e suas famílias, carregados de bagagens, os *camundongos cinzentos*, tentaram entrar à força nos vagões, retirando os deportados? Aquele trem representava para eles a última esperança. Estavam tomados de pânico. Em todo caso, em seus vagões, os prisioneiros não viram nada. Ouviam os ferroviários, que passavam ao longo do comboio, dizerem-lhes, através das paredes dos vagões, que não perdessem a coragem, que eles não chegariam a partir, que de qualquer maneira o trem não conseguiria chegar ao seu destino, que não iria além de Châlons. Cantaram ainda o *Canto do adeus*. O trem partiu antes da meia-noite. Sua marcha era lenta, ia aos solavancos, batendo nos trilhos desconjuntados, parando com frequência. Os guardas faziam os prisioneiros descerem regularmente, em grupos de quatro, para fazerem suas necessidades fisiológicas em fila, ao longo do comboio. Mas, como essas saídas eram muito espaçadas, logo

□ *Société des transports en commun de la région parisienne*. Empresa de Transportes Coletivos da Região Parisiense. (N. do T.)

tiveram que utilizar, dentro dos vagões, as caixas de papelão da Cruz Vermelha e os potes de geléia. Era impossível espichar-se. Houve paradas intermináveis, sob um sol escaldante que transformava os vagões em fornos, longas esperas durante a noite, alertas. A um certo momento da viagem, o trem permaneceu bloqueado durante várias horas num túnel, totalmente no escuro, com a fumaça sufocando-os. Por fim, deu marcha à ré e os guardas fizeram-nos descer. Colocaram-nos em colunas, as mulheres na frente, e caminharam três quilômetros, até Nanteuil-Saâcy. As mulheres tinham ouvido dizer que os homens não tinham mais seus pacotes. Assim, muitas largaram os seus no chão, para que eles pudessem apanhá-los. Habitantes da região que os viram passar recolheram mensagens. Fizeram-nos embarcar em outro trem. Os vagões de mercadorias eram velhos, sujos de bosta de cavalo e de carvão. Deram-lhes palha, feixes de trigo não batido. A esperança dava-lhes coragem, agarravam-se a uma certeza: o trem não conseguiria ir além de Châlons. Passaram Châlons. Antes de Strasbourg, os solavancos nas rodas, sobre os trilhos bombardeados e consertados às pressas, tornaram-se insuportáveis. Os prisioneiros continuavam não podendo estender o corpo. Era a terceira noite, de 17 para 18 de agosto. Na Alemanha, civis aglomeravam-se para assistir, às gargalhadas, ao espetáculo das mulheres que faziam suas necessidades, em fila, ao pé dos vagões. No vagão da mãe de Luc, uma mulher enlouqueceu. Delirava e atirava excrementos em tudo o que a rodeava. Em uma parada, suas companheiras pediram que ela fosse evacuada. "Que morram as francesas", respondeu o chefe da estação. No dia 20 de agosto, o trem chegou a Weimar, e os homens foram desembarcados. As mulheres seguiram para Ravensbrück. O comboio permaneceu parado durante muito tempo na Estação de Berlim. Ao chegarem ao campo, elas pensaram que o pesadelo acabara. Algumas mudaram de blusa.

A sobrinha que trabalhava com ambulâncias anuncia, quando chega para apanhar Luc e sua avó, que os pais deste haviam sido levados no comboio.

— Não chegarão até a fronteira — diz ela. — É impossível.

*

Luc e sua avó estão na sacada do segundo andar de um prédio na parte alta dos Champs-Élysées, a uns cem metros do Arco do Triunfo, de pé, na ponta dos pés, espichando-se para poder enxergar por cima do espesso parapeito de pedra, apertados entre os outros. Vêem passar De Gaulle, em meio a uma multidão que grita de alegria, à frente de um batalhão de civis e militares,

agitando os braços como um maestro, fazendo aquele gesto amplo e repetido que se tornou histórico e familiar. Atrás, vem o desfile da Segunda DB*, a sucessão de tanques, de semitratores, caçadores de tanques, canhões, automóveis, jipes, carros de comando, caminhões GMC e até mesmo veículos anfíbios, carregando soldados sipaios, legionários, fuzileiros navais — por vezes, um deles desce de seu engenho em marcha e se põe a correr em direção à multidão, de braços estendidos, e então se vê que, no meio do burburinho, ele abraça alguém —, e para encerrar com chave de ouro, quando o barulho ensurdecido dos blindados atinge seu paroxismo, um enorme Tigre alemão trazendo, pintada de branco, uma cruz da Lorena, esmagando o chão com sua massa de cinquenta toneladas, ao passo que atrás vem o batalhão heterogêneo dos FFIs armados, seguidos pela multidão. Como se poderia distinguir um rosto em meio àquele povo todo? Luc tenta.

— Não vi Antoine — diz ele à avó.

— Que desordem — diz ela, em tom de ligeira reprovação. Eles já haviam descido no pátio, quando começa o tiroteio. Os disparos, as rajadas de metralhadoras estouram por todos os lados, e no entanto não se vê de onde provêm — do chão? das janelas? dos telhados? —, e ricocheteiam nas paredes do pátio, que formam uma caixa de ressonância. Ouvem-se vozes que berram: "Abriguem-se, abriguem-se, são os milicianos, os miseráveis estão nos telhados." Todo mundo refugia-se no hall de entrada dos prédios. Alguns FFIs, de arma em punho, dissimulam-se por detrás dos pilares, com os olhos voltados para o céu. A avó de Luc, que acaba de sentar-se no banco da frente da caminhonete-ambulância, fica sozinha, abandonada, no meio do pátio. Com o barulho infernal que produz o tiroteio, Luc não a ouve, mas vê que ela grita, com a boca retorcida pelo medo, e ele fica admirado de ver que se possa ainda, aos oitenta e seis anos, ter tanto medo da morte. Será que as pessoas têm medo da morte durante a vida inteira? Encurralado pelo refluxo das pessoas tomadas de pânico, Luc não consegue mexer-se, nem ousa fazer qualquer movimento: ele também tem medo. Grita à pessoa mais próxima, um rapagão calmo que fuma seu cachimbo:

— Minha avó está lá. Dentro do carro.

O rapaz responde alguma coisa que se perde em meio à zoeira e sacode os ombros. Depois, sai tranquilamente, atravessa o pátio no qual continuam a crepitar os disparos, e vai abrir a porta da caminhonete, dando o braço à velhinha, que sai, seguindo-o a passos curtos. Somente então Luc sente a vergonha invadi-lo. Vai ao encontro dos dois, enquanto algumas vozes ainda gritam

□ *Division Blindée*, Divisão Blindada. (N. do T.)

"Abriquem-se, abriquem-se", mas o tiroteio diminui e se desloca para mais longe, como uma tempestade empurrada pelo vento, e outras pessoas começam também a sair.

Mais tarde, quando Luc e sua avó já estão de volta a casa, a velha empregada, que também fora assistir ao desfile, conta que também teve de se arrastar no chão, como todos os outros, dezenas de milhares de pessoas deitadas no chão, arrastando-se por mais de cem metros, enquanto os tiros brotavam por todos os cantos. Por que se arrastavam? Por que se deitavam? pensa Luc. Vistas dos telhados, as pessoas eram um alvo ainda melhor deitadas do que em pé, não é mesmo? Em todo caso, ele não estivera lá, e se tivesse estado, teria se arrastado como todo mundo. Quanto mais não fosse, para não ficar diferente dos outros. Magro como é, teria ficado bem abrigado pela bunda dos outros em volta.

— Não vi seu Antoine — diz a velha Gilberte —, o nosso *pequeno* Antoine. Aqueles fifis até que eram bem gentis, mas eram tantos!...

*

Luc tem uma idéia. Primeiro, telefona à tia, dizendo-lhe que sua avó pedira que ele ficasse para dormir. A tia aprova a idéia calorosamente. Ela própria havia-se arrastado durante uma hora. Depois, ele diz à avó que a tia exige que volte para dormir em sua casa, após o jantar.

Ao cair da noite, na penumbra do edifício privado de eletricidade, Luc parte, depois de ter apanhado mais uma vez, na cozinha, a chave da entrada de serviço do apartamento de baixo. Toma a direção da Cours la Reine. Ele quer falar com os soldados e, se possível, ir ainda mais adiante, falar com o maior número possível de soldados, para encontrar Antoine, ou pelo menos ter notícias dele. Entretanto, cada vez que encontra um estacionamento de blindados, ou acampamentos de soldados e FFIs, não tem coragem de falar, ficando mudo e sem ação em meio aos aglomerados, que se renovam constantemente, de pessoas que continuam a clamar seu entusiasmo. Ainda estão distribuindo maços de cigarros, e ele ganha um Camel e um Lucky Strike, que têm cheiro de mel. À meia-noite, chega, completamente esgotado, à Cours la Reine. A multidão se havia dispersado, alguns soldados e FFIs conversavam, bebendo vinho e fumando. Alguns entram discretamente nas barracas, acompanhados de moças. O tempo é ameno. Luc senta-se sobre a lagarta de um tanque e ali fica, na sombra, em silêncio. Uma voz desce da torre:

— Ó guri, o que você está fazendo aí?

— Estou procurando o meu irmão — diz o Gato.

— Ele está na Segunda DB? Aqui, são os marsuínos. ("Marsuínos", que nome bonito, pensa o Gato. Na praia, sempre viam-se marsuínos brincando, em cardumes, ao largo, em tempo de mistral e de sol aberto. Com seu irmão, Luc acompanhava suas evoluções com o auxílio da luneta de cobre. Num dia de tempestade, um deles veio dar à costa sobre os rochedos do cabo. Foi encontrado de manhãzinha, ainda vivo, quando o mar se havia acalmado. Conseguiram empurrá-lo para a água novamente, tendo ele mergulhado com grande estardalhaço, respingando todo mundo, e foi-se embora, sem dizer obrigado.) Uma sombra desce até ele, ao longo da lateral do tanque, e Luc distingue um bigode, uns óculos e uma boina de marinheiro.

— Não — diz o Gato —, não sei. Ele partiu de Paris há mais de um mês. Estava sendo procurado pela Gestapo. Eu sei que ele foi combater. E então, obrigatoriamente, deve ter voltado para a liberação, e eu o estou procurando.

— É melhor você voltar para casa, para junto dos seus pais.

— Meus pais não estão mais aqui.

Estas palavras custam a sair, fazendo tremer-lhe a voz. Ele se sente ao mesmo tempo miserável e ridículo. *Sem família*. É um papel ao qual ainda não está habituado. Ele próprio custa a acreditar no que está acontecendo.

— Onde estão os seus pais?

— Foram presos pelos alemães. Acho que eles os deportaram.

— Você é judeu?

— Não.

— Bom, não faz mal. . . *Nobody is perfect*.

O Gato adivinha um sorriso que se desenha sob o bigode do outro.

— Foi porque eles eram da Resistência.

— Eu sou judeu.

— De onde você é?

— Saí de Paris, com os meus pais, em 1941. Tinha quinze anos e estava estudando música. Estava me preparando para entrar no Conservatório Municipal. Mas veja os meus dedos, hoje. . . . Passamos a linha, toda a família, em Autun. Caminhamos horas a fio durante a noite. Éramos um grupo. Meu pai carregava, a duras penas, duas malas pesadas, e eu sofria por ele. Eu carregava a minha irmã nos ombros. Ela não conseguia mais caminhar e começara a soluçar de cansaço. Lembro-me de que o passador dizia a ela: "Não chore, senhorita, pois alguém pode ouvir." Ele deixou-nos diante de um vasto campo, dizendo-nos: "É aqui, agora despeço-me de vocês, é só caminhar em frente, até a estrada. Do outro lado, há uma

patrulha de hora em hora." Meu pai ofereceu-lhe o dobro do preço, ele foi irredutível, só dizia que havia respeitado o contrato, que nós estávamos no bom caminho. As outras famílias decidiram voltar atrás. Nós continuamos e conseguimos passar. Nunca tive tanto medo em minha vida. Depois, fomos acolhidos por camponeses, no Maciço Central, por protestantes.

— Por que você não ficou lá? — perguntou o Gato.

— É bem verdade que lá nós estávamos bem. Eu poderia ter ficado. No entanto, eu parti em 42, os miseráveis dos espanhóis me prenderam durante seis meses. Estou feliz em ter voltado para Paris. Hoje fui à nossa casa, na Rua Vieille-du-Temple. Vi os novos inquilinos, a zeladora. No início, eles não me reconheceram. Quando viram meu uniforme, as pessoas trouxeram logo champanhe. Quando eu disse quem era, a zeladora olhou-me incrédula, emocionada e constrangida. Procurei os nossos vizinhos: não havia mais nenhum dos que eu conhecera. Perguntei o que era feito deles e compreendi.

Faz uma pausa.

— Espero que o seu irmão tenha voltado a Paris, como eu. Vale a pena, para a liberação.

Uma outra voz pergunta, ao lado:

— O que o seu irmão fazia?

Um clarão de isqueiro faz brilhar uma metralhadora, braçadeiras, os rostos mal barbeados de dois civis, FFIs.

— Você quer um cigarro, garoto?

Luc acende com desembaraço seu primeiro cigarro americano, que lhe parece ser muito suave.

— Ele era estudante. Fez atentados. Contra oficiais.

Não sabe mais o que dizer. É uma história que ele ainda não tentou contar. Ainda não havia imaginado que um dia poderia falar nela, assim, livremente, a outras pessoas. E até aqui, sua história não era nem mesmo ainda uma história. Acrescenta, ao acaso:

— Ele tinha uma pistola.

— Seu irmão não queria mais nada, hein? — diz o rapaz da metralhadora. — Uma pistola. . . Nós, em Vanves, até a semana passada, para um grupo de quinze, tínhamos apenas uma velha arma, um Manhurin. A gente o passava de mão em mão. Todo o tempo, tínhamos de mudá-lo de esconderijo. As armas que eles jogavam de pára-quedas nunca eram para a gente. Tínhamos de tomá-las dos alemães. A única vez que tentei, com uns amigos, foi um fiasco. O primeiro que a gente encurralou, na rua, ficou desconfiado, sacou da arma e nós escapamos por pouco. Quando, finalmente, conseguimos pegar um SS na saída de um *Soldatenheim*, os caras estavam excitados demais e começaram a bater no alemão com barras de

ferro que traziam escondidas dentro da manga. O boche berrava como um porco no matadouro, sua namorada guinchava tanto quanto ele, as barras de ferro desciam e lhe quebravam as mãos, o sangue espirrava por todos os lados: uma carnificina. Para cúmulo do azar, o imbecil não tinha arma, o coldre estava vazio. Imagine só a vergonha. . . Ainda bem que os outros alemães, que observavam de longe, estavam mais apavorados do que nós. Mas aquele pobre imbecil. . . Enfim, no final das contas, talvez agora ele esteja contente de estar de papo pro ar no hospital.

— É bem verdade — diz o outro — que nós também nunca recebemos armas. Acho que não éramos muito benquistos, nas altas esferas. Em junho, pelo menos, nos mandaram plástico explosivo, com um jogo de detonadores. Cada cor correspondia a um tempo de explosão. Só que as instruções não vieram junto e era impossível saber qual tempo correspondia a cada cor. Tanto podia explodir em dez segundos como em uma hora. Quando a gente punha um pacote embaixo do tanque de um caminhão era um deus-nos-acuda. Uma vez, quando estava colocando um pacote, me dei conta de que já havia um pedaço colado: um companheiro já tinha passado antes de mim. Saí chispendo, numa corrida doida.

— A gente quis se alistar na Segunda DB, hoje à tarde. Somos um grupo FTP* e não queremos nos separar. Disseram-nos que não pegam grupos, só indivíduos, caso por caso, como se desconfiassem da gente. Qual é o problema? Será que não gostam da nossa cara? Ou será que estamos com uma doença contagiosa?

— Aqui é gente fina — diz o marsuíno —, elite. No começo, no Marrocos, não era assim.

— Em Paris já tem gente dizendo que a guerra terminou. Os estudantes que conheço só estão preocupados em saber se vai haver exames de segunda época em outubro. A gente queria realmente ver como tudo isso vai terminar. Não quero abandonar a luta, quero estar presente. E depois, quando for a verdadeira paz. . .

— Você vai retomar seus estudos?

— Não sei se poderia. Espero que haja outra coisa para fazer do que voltar a estudar, que a gente não tenha lutado para que tudo volte a ser como antes, que a gente possa mudar as coisas. Senão, vou-me embora para outro lugar. Mudar de ares, respirar ar puro. . . Tenho um projeto, com amigos: uma emissora de rádio possante, que emitirá para o mundo inteiro. Cada povo contará aos outros sua história e suas riquezas. Aí, não vai mais ter guerra. Vamos chamá-la Rádio Sucre, porque será instalada na capital mais alta do mundo, e essa capital é Sucre, na Bolívia, em meio aos Peles-Vermelhas.

□ *Francs-Tireurs et Partisans*, Franco-Atiradores e Guerrilheiros. (N. do T.)

— Você tem certeza de que é a capital mais alta do mundo? — pergunta o Gato.

— Não, mas não tem nenhuma importância. Rádio Sucre soa bem, e é o que importa.

— Eu — diz o marsuíno — também gostaria de ir até o fim. Depois, não sei. Talvez seja hora de ir ver como estão as coisas na Palestina, explicar àqueles imbecis de ingleses que se a gente lutou contra os nazistas, é para que se deixe em paz, de uma vez por todas, os judeus, para que eles tenham uma verdadeira terra, uma liberdade nova. E só então é que virá a música.

Ouve-se um chiado, uma voz deformada chama pelo rádio, dentro do tanque. O marsuíno sobe. O ruído de um movimento confuso propaga-se por toda a coluna.

— Vamos partir às cinco horas, em direção a Saint-Denis — diz ele descendo. — Vamos ter de pôr um pouco de ordem nas barracas, botar para fora as meninas.

— Espero que a gente também vá — diz um dos FFIs.

— Garoto — diz o marsuíno —, você vai me dar o nome do seu irmão e o seu endereço. Segure o meu isqueiro.

Luc sente um cheiro forte de gasolina. A chama clareia uma cadernetinha rasgada, com fotografias entre as páginas, fotos de garotas, sobretudo, folhas rabiscadas. O Gato dita seu sobrenome.

— Você é parente do historiador? — pergunta o estudante FTP.

— Meu pai — responde o Gato. — Ou, também, meu avô.

— Qual é o seu nome?

— Luc. Mas o meu irmão me chama de Gato.

— Bonito apelido. Você tem sorte. Olha, Gato, fique com o meu isqueiro. Cuide bem dele. Espero que a gente volte a se encontrar. Você me apresentará o seu irmão. Vamos ter muita coisa para contar um ao outro. Aqui está o meu nome, eu o escrevi neste pedaço de papel: Julius Kleinberg. E agora volte para a sua casa.

Luc despede-se dos FFIs e dá-lhes seus maços de cigarros. Gostaria de não ter de deixá-los. Sente-se em família com eles, e gostaria de segui-los. Até a Alemanha. Até a América: até Sucre, entre os Peles-Vermelhas, acima dos Andes. Até a Palestina.

Em meio a uma escuridão quase total, volta a Trocadéro. Aqui e acolá, ouvem-se, sons de fonógrafos, cantorias, risos, sobretudo risos de mulheres. Outro comboio estaciona na Avenida Kléber. Da calçada vazia chega-lhe, bem próxima, a voz de um bêbado que monologa, vociferando:

— Então, eu disse a ele: não tenho medo de você, já vi muitos vigaristas como você, os boches já me torraram o saco, você vai ver. Sabe o que eu fiz com aquele boche? A cabeça na água e a serra de metal. O que o desgraçado gritou não foi moleza! Até o fim. No

final, o filho da puta calou a boca. Medo, eu? Aqui ó! Mostrei a ele o que é bom.

O Gato fica com medo e muda de calçada.

*

Volta ao grande apartamento deserto, em meio à escuridão total. Toda a cidade de Paris está privada de eletricidade. Passa pela garagem, subindo às cegas a escada de serviço. Continua a tatear, de peça em peça. O navio está abandonado no ancoradouro pela tripulação e os passageiros. Talvez até esteja à deriva. Luc pensa que talvez nunca mais possa zarpar, que talvez nunca mais reencontre os portos longínquos e familiares, o calor, a luz, o movimento.

Nunca houve nenhum aviãozinho no telhado: eram quimeras e contos para crianças. Quer ir ao seu quarto, mas uma vez mais passa pelo de seu irmão, dirige-se à cama, tropeçando em objetos espalhados pelo chão, e ali fica encolhido, sem retirar os sapatos, à espreita, tentando captar o mínimo ruído, um simples sinal de vida, implorando um cheiro familiar, o de todos os anos de sua infância, que ele reencontra durante alguns instantes, ao enfiar o rosto entre os lençóis e o travesseiro. Arregala os olhos no escuro. Não sente nenhuma presença. Imagina que o Homem da Concha está rondando, atravessando peça por peça em silêncio, sem música, para recolher as últimas parcelas de vida que ainda rolam pelo chão e colocá-las na sua panela.

Devem ser mais de duas horas. Todas as sirenes do bairro soam em sinal de alerta. Depois, no silêncio que se segue, ouve-se o ronco de aviões que voam a baixa altitude. O Gato reconhece claramente o ronco particular, aquela espécie de sucessão de estouros baixos e abafados dos Junkers-52. A janela é varrida, por alguns segundos, por projetores. Rajadas de metralhadora, depois tiros que se sucedem, secos, de um canhão de tiro rápido, estouram ao longe: nada a ver com a violência retumbante das baterias alemãs da DCA, às quais ele estava habituado. Depois, mais longe ainda, em direção ao leste, como se viesse dos confins da cidade, ouve-se uma trovoadas, que deve ser o som das bombas. Passa um avião isolado. E de novo vem o silêncio. Os alemães bombardearam Paris.

Quando ele sai, de manhã, a Avenida Henri-Martin está tomada por um comboio de tanques e de caminhões americanos que passam sem parar. A multidão nas calçadas, numerosa, aplaude e abana. Uma lata de conserva de cor caqui é lançada de um tanque e vem cair aos pés de Luc. Surpreso, ele a recolhe antes dos outros: *cheese*.

Na casa da tia, os primos mostram-lhe a colheita que fizeram na

cidade: uma variedade impressionante de maços de cigarros, tabletes de goma de mascar sabor hortelã e banana, e até mesmo goma de mascar-dentifício. Luc sente-se constrangido em não poder rivalizar com os primos: decididamente, ele não presta para nada. O tabaco alemão fugiu do seu bolso descosturado, só ficou um pó escuro. A única coisa que lhe vale a consideração de sua tia é a lata de queijo, cujo interior é rosado, untuoso, aromatizado com lombinho defumado. Quanto ao isqueiro, são outros quinhentos. Aperta-o no bolso das calças, contra a coxa. Não o mostra.

O bombardeio alemão atingiu o bairro de Halle-aux-Vins. A família desceu para os abrigos, como todos os moradores do edifício. A tia pergunta-lhe se sua avó desceu com ele para o porão do edifício e ele responde com segurança que não — não ouvira, na verdade, nenhum movimento de transumância no prédio. A tia agita-se, irritada, e diz que é uma grande irresponsabilidade.

— Mas durante toda a guerra nós nunca descemos aos abrigos.

— Não é a mesma coisa: desta vez eram os alemães.

Nos dias seguintes, Luc sobe com os primos ao telhado íngreme; agacham-se atrás das chaminés e observam a ronda dos aviões americanos no céu de Paris, os volumosos Dakotas e os pequenos aviões de observação Piper-Cub. Saindo às ruas, encontram, um dia, bem perto do edifício, uma mulher de cabeça raspada, coberta por uma gabardine cuja gola mantém fechada com uma mão crispada, caminhando rente à parede, desfigurada pelas lágrimas e pelo ranho que lhe escorre do nariz, seguida a distância por homens que a chamam placidamente, mas com perseverança, de vagabunda, meretriz, rameira.

— Entrem — diz a tia enervada aos três meninos, que assistem à cena. — Não olhem. Não é coisa que devam ver.

Luc pensa que, decididamente, há momentos em que a tia chega a ser engraçada.

*

Uma semana mais tarde, ela lhes diz, cheia de alegria, que Chevigny foi liberada, que ela recebeu notícias do marido e que todos vão partir para lá. Como os trens não funcionam, eles vão pegar um caminhão que parte de manhã da Porta de la Chapelle e que carrega passageiros.

Durante todos esses dias, Luc procurou Antoine em Paris. Agora ele sabe que o irmão não se encontra na cidade; deve ter ido mais longe, a um desses maquis do Centro ou dos Alpes, nas montanhas, naquelas zonas liberadas em que ele dizia que a Resistência já havia tomado o controle da situação antes mesmo da queda de Vichy.

Chegou a notícia do desembarque em Provence, e Luc pensa consigo mesmo que Antoine talvez venha do Sul com os liberadores. Ele também sabe que seus pais estão em campos na Alemanha, e sua tia diz-lhe constantemente que os prisioneiros políticos são bem tratados.

Um dia, ao amanhecer, Luc embarca com a família e uma dezena de sombras encolhidas devido ao frio na carroceria coberta de uma grande caminhonete movida a gasogênio, e cada um se instala como pode, sobre caixas e pacotes. Ele fica sentado atrás, olhando a estrada que desfila a seus pés., fecha os olhos e imagina que está em um carro blindado, forçando a passagem, com suas tropas, em direção ao Leste, indo ao encontro de Antoine. Depois. . . eles estão juntos na Estrada de Battambang, em Siem Réap, aproximando-se de Ang-kor, por entre as filas de banianos, talvez até mesmo no dorso oscilante do elefante Bahadour Shah. Mais tarde. . . O gorducho da loja de bombons de Chevigny que faz a viagem com eles enfia-lhe violentamente um cotovelo nas costelas. Chegam a Créteil e fazem uma pausa, em meio a uma paisagem lunar, cheia de funis profundos com uma água estagnada de cor amarelada, ao pé das ruínas das rampas de lançamento dos VI, dirigidos contra Londres. Ao longo dos destroços das casas desabadas que ainda não foram removidos, já crescem amoras, que eles colhem, enquanto esperam que o motorista termine de examinar o gasogênio agonizante.

5. O manicômio e a granada

Não se diz hospital: diz-se manicômio. Mas nunca se fala em loucos: diz-se sempre os pacientes, mesmo se se pensa que não deixam de ser loucos. E outra coisa que se esquece com muita frequência: não se deve falar em guardas, mas em enfermeiros.

Chevigny é um grande povoado, com uma prefeitura que remonta à Idade Média, restaurada por Viollet-le-Duc, situada na rua principal, grosseiramente pavimentada, que sobe, orlada de casas comerciais, em direção a uma colegiada, construída num estilo gótico agonizante, pesado, rural. Toda a vida de Chevigny gira, direta ou indiretamente, em torno de seu manicômio. Seus seis mil habitantes, mesmo os que não trabalham no manicômio, sentem-se ligados a este complexo que reparte cerca de nove mil pacientes entre os pavilhões centrais e seus anexos, os quais avançam, como tentáculos monstruosos, até as imediações da cidade.

Luc conhece bem Chevigny por ter ido muitas vezes ao povoado, com seu irmão, para passar alguns dias de férias. Está habituado com a casa do médico, que é seu tio: um casarão de tijolos, com dois pisos, situado no fundo do jardim do manicômio. A casa dá para a ruela estreita que conduz à entrada principal do manicômio, onde há um grande portão de ferro com duas folhas, tendo ao lado uma porta estreita para os pedestres e o alojamento do porteiro. À volta, há uma alta muralha. Do outro lado da ruela, outro muro espesso encerra a prisão da subdelegacia. Da janela de seu quarto, Luc pode ver além deste muro, bem em frente, silhuetas aparecerem nas janelas baixas, guarnecidas de grades, da prisão, cujo prédio, construído há uns cem anos, está com o reboco descascado. Ele enxerga também, além do portão, as alamedas de paralelepípedos acinzentados e de

pedregulhos, os estreitos gramados pelados, sobre os quais estão plantadas árvores severamente podadas, e, de ambos os lados, os pavilhões compridos e antiquados. Imediatamente após a entrada, à esquerda, estende-se uma fileira de pequenas construções baixas, em mau estado de conservação: são espécies de nichos gradados uns nos outros, cujas portas arrancadas dão frente para paredes que se estão destruindo com o tempo. Aí se acorrentavam, em tempos passados, os loucos furiosos — local hoje abandonado, por razões humanitárias. As alamedas que se cruzam em perpendicular são amplas e vazias. Algumas manchas azuis, *doentes* de uniforme, deslocam-se lentamente, como caracóis, ou ficam parados, totalmente imóveis, junto à entrada dos prédios. Na ruela, sob a janela de Luc, as horas são cada dia marcadas pelos mesmos ruídos: troca do pessoal, bem como bandos apressados de funcionários do manicômio que se cumprimentam e entram pela porta estreita. Quanto ao portão, este só é aberto para algumas caminhonetes que vêm fazer entregas, às vezes uma ambulância ou um carro da polícia, e, sobretudo, para o carro fúnebre puxado por um cavalo e conduzido por um só homem. Naquela época, este era o veículo que mais freqüentemente cruzava o portão: em algumas ocasiões, várias vezes por dia. Não era preciso ir certificar-se, ao se ouvirem o ruído de ferro das rodas, o passo do cavalo e o ranger do portão que se abria.

Morre muita gente no Manicômio de Chevigny, em 1944, como em muitos outros hospitais psiquiátricos da França. Superlotado, em tempos normais, pelo alto número de pacientes que chegam dos departamentos do norte e do oeste de Paris, o Manicômio de Chevigny aumentou consideravelmente a sua população após a evacuação de manicômios mais afastados, sobretudo o de Rouen. Para as autoridades, levando-se em conta a penúria e a miséria gerais, os loucos não fazem parte da população útil. Mas isto Luc só compreenderá bem mais tarde. Por enquanto, o carro fúnebre que vai e vem não passa de um elemento do cenário cotidiano. Ali tudo é calmo. Do mundo do manicômio, Luc conhece apenas a vida plácida que transcorre naquela casa de tijolos, à sombra das castanheiras. Um grande número de criados servis, tranquilos, trabalham sem se apressar. A manutenção, por conta do manicômio, de uma vasta horta e de um galinheiro cheio de aves, o fornecimento diário, pela administração, de longos pães frescos marcados com as iniciais do doutor por um arabesco de massa em relevo sobre a parte chata da crosta, tudo isto contribui para que a vida transcorra sem problemas. Os criados são todos pacientes de confiança. Vestidos de azul, de algodão grosseiro ou mais fino, segundo a estação, uma longa saia pesada para as mulheres, a cabeça raspada para os homens, botinas

ou tamancos nos pés, quando o dia termina voltam para o manicômio. Edouard, o jardineiro que trata dos coelhos com amor, que os sangra e esfola com destreza, é conhecido por sua extrema gentileza para com as crianças. Os meninos o adoram. Contam que ele degolou sua mulher e seus filhos em 1932, num acesso de ciúmes e de *delirium tremens*. O pai de Luc reconheceu-o um dia, fortuitamente, no Manicômio de Chevigny, o que o deixou embaraçado, pois ele havia conhecido Edouard quando este trabalhava, na época do crime, em um castelo nos arredores de Marles. Seus antecedentes perderam-se na bruma do tempo, e o próprio médico guarda apenas uma vaga lembrança do que se passou. Rosine, a cozinheira, é uma velha camponesa enrugada, meio bruxa, meio personagem de livro de histórias, que se tomou de amores por Luc. Ninguém mais sabe por que ela se encontra no manicômio, inclusive ela mesma, que parece tê-lo esquecido há muito tempo. Deve estar internada há várias dezenas de anos. Talvez fosse, na época em que foi hospitalizada, uma jovem graciosa e robusta. Como é originária de Caen, seu prontuário não a acompanhou, e o doutor não saberia encontrar o motivo pelo qual Rosine se encontra no manicômio. Mas o que ela sabe com certeza, e o tio o confirma a Luc, é que nunca sairá do hospital, com o qual sua vida se confundiu definitivamente. Ela morrerá no manicômio. Segundo a lei, seria preciso, para que ela recebesse alta, que sua família viesse buscá-la. Mas onde estará sua família, após tantos anos? E quem ainda se lembrará dela? Os que a viram chegar, que provavelmente assinaram os papéis da baixa, já devem ter morrido há muito tempo. Que importa se ela é, como diz o doutor, "espantosamente normal", se é apenas uma velha um pouco cansada da existência, cuja generosidade faria dela, em outro lugar e em outras circunstâncias, uma maravilhosa vovó? Afinal de contas, diz ele, ela está aqui assim como poderia estar num asilo para velhos. Aqui ela está melhor, já tem os seus hábitos. É o único mundo que ela conhece hoje em dia. Arrancá-la desse meio seria cruel. O hospital, para ela, é uma família, à qual ela é muito ligada.

A mulher da limpeza é a única que deixa transparecer uma certa originalidade. Chama-se Senhora Bataille, nome que ela porta como um título. É uma mulher alta, ossuda, de nariz pontudo, sempre farejando o vento, e de gestos enérgicos e bruscos. Em seus chapéus agressivos misturam-se a palha envernizada cujos bordos ela levanta como se fora um conquistador, as flores artificiais, e exóticas fitas cor de violeta. Às vezes ela desaparece durante uma semana ou duas. Luc ficou sabendo que esses desaparecimentos correspondem a fases de *agitação*, durante as quais ela se toma mais ativamente por

Napoleão do que no resto do tempo. Ele acha isso ridículo e pouco verossímil. Sabe que os loucos que se tomam por Napoleão são uma caricatura criada por uma infinidade de piadas, e embora o tio lhe tenha assegurado que a Sra. Bataille é um desses casos, ele recusa-se a acreditar que existam loucos assim, e muito menos mulheres. A impressão que ele tem é de que estão zombando dele, que o caso não deve ser assim tão simples. O que será que ela faz e o que fazem com ela durante aqueles períodos de reclusão? Do outro lado dos muros do manicômio só vem um silêncio marcado de ruídos perfeitamente anódinos. Luc tem poucas ocasiões de ultrapassar o portão. Já lhe aconteceu, entretanto, ir transmitir um recado ao tio, em seu consultório, ou buscar pão na padaria central. Nessas ocasiões, percorreu as alamedas, passando sem se incomodar pelos personagens vestidos de azul, que se movimentam desajeitadamente, como se vivessem num outro ritmo, com outros gestos, em um tempo e espaço diferentes, sendo às vezes repreendidos por guardas robustos, de rostos saudáveis escondidos sob o boné (eles têm direito à ração T, que significa trabalhadores braçais). Aí então, ele atravessava grandes salas desertas e deterioradas em que se alinhavam banheiras esverdeadas ligadas por um sistema de canalização. Disseram-lhe que são antigas instalações de hidroterapia. Será que ainda são usadas? Aparentemente não, a julgar pela crosta de sujeira, a pintura descascada, os canos arrebentados, os vidros quebrados, a degradação total.

Foi seu tio, o Dr. Pierrard, que emitiu, em 1936, o primeiro diagnóstico em que se solicitava a hospitalização do famoso Dr. Petiot. Naquela época, ele não era ainda o matador de judeus, o super-Landru *da Rua Lauriston. Simplesmente fora preso em flagrante delito roubando livros na Livraria Gibert, do Bulevar Saint-Michel. O Dr. Pierrard foi categórico: abulia, desânimo, estado depressivo com manifestações de ansiedade, desequilíbrio psíquico aparentemente antigo, com instabilidade e comportamento estranho, desequilíbrio constitucional não-delirante, indivíduo sem escrúpulos e amoral. Assim definido, Petiot constituía um perigo tão grande para a sociedade que o Dr. Pierrard não hesitou em concluir pela hospitalização psiquiátrica. Seu diagnóstico, entretanto, não foi compartilhado por outros médicos, os quais julgaram Petiot tão normal quanto o Dr. Pierrard o havia julgado anormal. De qualquer maneira, o Dr. Pierrard mostrava-se cético e honestamente pessimista, admitindo sem hesitar, espontaneamente, a dificuldade que existe em estabelecerem-se os limites exatos entre a

□ Henri Désiré Landru, executado em 1921 pelo assassinato de dez mulheres e de um rapaz, cujos cadáveres incinerou no fogão de sua casa.

normalidade e a loucura, se é que tais limites pudessem realmente existir. (Muitos parentes do Dr. Pierrard diziam, aliás, como é costume dizer-se em relação aos psiquiatras, que ele próprio era um pouco tocado da cabeça.)

Por ocasião de suas estadas precedentes, Luc ouviu seu tio falar de sua profissão a Antoine. Na maior parte das vezes, era o longo monólogo desiludido de um homem sobrecarregado.

— Nosso dever é tratar dos doentes. Há um médico-chefe para seiscentos pacientes. O que eu faço é um trabalho administrativo.

Antoine havia falado das descobertas recentes da Psicologia, o que fez o tio sacudir os ombros e sorrir com ironia.

— Sem dúvida, descobrem-se coisas prodigiosas. Mas não sabemos como utilizá-las. O eletrochoque é um instrumento admirável, de que faço uso freqüente. Mas, tudo o que sabemos é que uma carga elétrica muito violenta enviada ao cérebro causa-lhe um abalo fantástico, que pode romper bruscamente a lógica do delírio. É uma intervenção mecânica. O resto é uma loteria. Não se pode dosar a intensidade de um choque, não se podem prever os efeitos. Estamos avançando às cegas, por entre uma bruma espessa. Se você quiser, posso levá-lo para assistir a eletrochoques. Você achará muito interessante.

Para Luc, o eletrochoque são visões de pesadelos. Ele tem tendência a confundi-Lo com a cadeira elétrica nos Estados Unidos. No liceu, havia colegas que gostavam de contar detalhes sobre a cadeira elétrica. Luc imagina a cadeira metálica monstruosa, as mãos e as pernas do prisioneiro imobilizadas por algemas resistentes, o barre-te de ferro e os eletrodos sobre o crânio raspado, os gritos de fera enjaulada.

— Se conseguirmos saber aonde vamos. . . É preciso experimentar tudo. Eu gostaria de aplicar o que há de positivo em cada técnica nova. A insulina. . . E Freud. . . Mas a administração só me pede que mantenha os loucos calmos. E honestamente, que *outra coisa* eu poderia fazer?

Em torno dele, a família espera educadamente que o monólogo termine. A opinião que têm dele é a de que é um grande modesto. Seus pacientes o adoram. É um especialista de renome.

Tudo isso passava um pouco por sobre a cabeça de Luc. Ele tentara falar dessas coisas com Antoine, mas este respondera, com um jeito triste: "É um derrotado."

Nada mudou.

Por vezes, quando o tio volta do manicômio, no final da tarde, senta-se ao piano, na sala deserta, e Luc ouve, do jardim, uma avalanche de notas explodir como um buquê de fogos de artifício. Ele diz aos primos que é bonito e que o tio toca realmente bem, mas estes replicam, num tom de zombaria, que é sempre a mesma música de Wagner, a sua *música favorita*, a única que ele sabe de cor.

*

O banheiro do primeiro piso oculta tesouros que inflamam a imaginação de Luc. Em ambos os lados do vaso e da descarga, as estantes estão abarrotadas de dossiês abertos e desordenados que deixam escapar, das pastas de cartolina rasgadas, massas de folhas datilografadas amarelecidas. Algumas delas, aliás, de papel pelure, devidamente recortadas em pequenos quadrados, servem de papel higiênico. São os relatórios de perícias psiquiátricas de casos *encerrados*, deixados ali à guisa de arquivo. Basta puxar uma folha ao acaso: mundos fascinantes revelam-se através de uma prosa complicada, ainda que bastante repetitiva. Assim, Luc ficou sabendo que X, de dezoito anos de idade, começou a se masturbar regularmente aos dez anos (seria uma circunstância agravante ou, ao contrário, atenuante? pergunta-se ele; na ausência de resposta, ele percebe, com pavor, que este deve ser um dos sintomas de predisposição ao crime e à loucura), que teve relações sexuais *a partir* da idade de dezesseis anos, mas que aos doze anos tivera, com colegas, experiências "com tendências homossexuais caracterizadas", e que só pode obter uma ereção se imaginar que lhe estão cortando o membro em rodela (este é um dos casos preferidos de Luc e de seus primos, que freqüentemente o relembram, entre risos de deboche). Ficou sabendo também que Z é sujeito a crises de melancolia profunda que o impelem a buscar assiduamente a companhia de prostitutas (evidentemente, Luc não se atem aos detalhes; assim, são talvez as crises que são *profundas*, e não a melancolia, e talvez seja a companhia das prostitutas que as cause, e não o inverso, mas enfim o que conta é o ambiente geral, não é mesmo?); e que Y, de vinte e um anos, o qual *confessou* ser sujeito a ejaculação precoce, sofre de uma neurose de fracasso que o mantém em estados de instabilidade que podem explicar suas tendências para a delinquência, deixando-o, entretanto, "*acessível a uma sanção penal*", fórmula com que é concluída a maior parte dos relatórios, como um *amém* na missa. A, prostituta de vinte e dois anos, de "grande debilidade de caráter", nunca chegou a conhecer o orgasmo, após ter sofrido uma defloração dolorosa. Apresenta um clitóris anormalmente reduzido e sofre de uma mania obsessiva de vingança

contra o sexo masculino, tendo tendência à psicose, o que a torna inapta a qualquer vida social e cria um risco latente de periculosidade que justifica um tratamento em hospital psiquiátrico. E assim por diante, há centenas de casos. . . Luc, por conseguinte, descobre os segredos desses mundos desconhecidos e caminha, incerto, perplexo e incrédulo, sobre a tênue linha da normalidade e da perversão, cujos contornos ele distingue cada vez menos, à medida em que se perde nessas leituras confusas.

*

A liberação passou rapidamente por Chevigny, como uma vaga de fundo. Desvanecendo-se no leste as tropas americanas, a ressaca deixa, ao retirar-se, tanques destroçados nos cruzamentos das estradas rurais, na periferia das cidades, rastros de rajadas de metralhadora e de crateras abertas sobre a carcaça hedionda do colégio, ao passo que na cidadela está acampada uma tropa de FFIs zombeteiros. Às vezes, passam, armados de uma metralhadora para cada dez, dando pontapés na bunda de prisioneiros alemães esfarrapados, tristes e embrutecidos, empurrando-os, na rua principal, para algum trabalho de utilidade pública.

O rádio noticia o prosseguimento da ofensiva aliada — Moselle foi atingida e em 10 de setembro Nancy foi liberada —, a progressão rápida dos exércitos que desembarcaram em 15 de agosto em Provence, bem como a insurreição de Varsóvia. Mas quando os russos virão ajudar a Resistência? Estão marcando passo, sem entrar na cidade. Em Chevigny, o sinal mais evidente de que a guerra continua é a passagem, noite e dia, na estrada, junto ao povoado, de caminhões americanos, rodando a uma velocidade vertiginosa em direção ao leste, com os faróis acesos, sem nunca parar: é a Red Bali, uma das artérias vitais que alimentam o *front*. Às vezes, quando os meninos voltam da pesca de carapaus, tentam pegar carona, fazendo gestos, mas os motoristas respondem-lhes apenas com amplos gestos amistosos, sem nunca diminuir a marcha. "São uns idiotas, decretam os primos. Por que não param? Não devem compreender o que queremos." E repetem o gesto de pedir carona, sem obter sucesso. "No entanto, não lhes custaria grande coisa parar."

A troca do subdelegado, a transferência do substituto do procurador (que volta a ser "da República") preocupam um pouco o tio de Luc quanto à manutenção do clube de xadrez onde, uma vez por semana, são realizadas partidas memoráveis. Um grande número

de autênticos resistentes surgiram à luz do dia, para *homologar-se*. A cidade tem seu herói, um herói póstumo, o que é bem prático. É o eletricista da rua principal, que trabalhava para Londres com um emissor de rádio. Quando os alemães vieram prendê-lo, no final de julho, ele tentou fugir pelo teto e foi morto por uma rajada de metralhadora. Sua mulher foi presa, levada para a prisão de Fresnes e deportada. (Foi assim que a mãe do Gato se encontrou um dia, em Fresnes, no final de seu período incomunicável, na mesma cela que essa mulher, e ficou sabendo que apenas alguns dias antes, seu cunhado, o médico do manicômio, tinha estado na loja para mandar consertar seu aparelho de rádio. A mãe do Gato ficou surpresa, quase chocada, ao perceber que, além dos muros da prisão, a vida quotidiana de seus parentes prosseguia sua rotina, mas logo após corrigiu seu espanto: afinal de contas, eles não eram obrigados a transtornar suas vidas ou parar de viver só porque ela estava na prisão.)

Quando Luc e seus primos estão em período de boas relações, dão-se uns aos outros nomes de personagens dos *Pieds Nickelés** dos quais têm pilhas de álbuns: Filochard, Ribouldingue e Croquignol. Luc é Croquignol, porque é o mais magro e o mais narigudo. Eles vão freqüentemente visitar o filho do oficial de justiça. Este fascina Luc com seu despejar contínuo, numa voz horripelantemente arrastada de malandro parisiense, de histórias de caralhos, colhões, picas, paus, cabarés e puteiros.

Também o sótão do oficial de justiça contém tesouros abandonados, restos de bens seqüestrados: mesinhas de sinuca de fundo de cafês, com o pano comido de traças e as bolas de marfim rachadas, aquecedores de louça envernizada, animais empalhados, e sobretudo excêntricas máquinas de fazer música, predecessoras do fonógrafo, cujo mecanismo de cilindros ou discos metálicos cheios de aspe-rezas faz vibrar, quando posto em movimento, finas lâminas sonoras; são caixas de música muito aperfeiçoadas, que tocam, quando se lhes dá corda, todas as músicas conhecidas da época. Luc não se cansa de escutá-las. Às vezes, leva uma para o seu quarto e a põe em funcionamento, tentando modificar as notas, dobrando e cortando as lâminas. Sonha com instrumentos que ele criaria com suas próprias mãos para compor imensas sinfonias e ser o único a poder tocá-las: órgãos de água, mais melódiosos que o *órgão de gatos* de seu pai, em que a água, ao circular, produziria sons cristalinos ou graves; harpas de cristal, como as taças que vibram

□ *Pés Niquelados*, história em quadrinhos francesa surgida em 1906, cujos heróis (Ribouldingue, o escabelado; Croquignol, o narigudo e Filochard, o caolho) satirizavam os costumes burgueses da época. (N. do T.)

longamente, quando se passa rapidamente um dedo molhado sobre a borda, no final de uma refeição; e violões com elásticos que, espichados e expostos ao vento, vibrariam ao sabor dele. Poderia integrar a este instrumento o melro cantador que gorjeia quando se assopra no tubinho de borracha ligado ao seu ventre cheio d'água, e talvez os cilindros de orações usados pelos monges tibetanos, de que lhe falava seu pai. Mas, o que eram mesmo esses cilindros de orações? Ele já esquecera. E ninguém em Chevigny poderia vir em sua ajuda. Seriam bandeirolas multicores com caracteres escritos, que estalam ao vento, em países longínquos, nas altas planícies, e que, quando abertas, repetem no céu, infinitamente, a cada sopro de vento, sempre as mesmas palavras: "Ôme pad-mê ôm!"; ou então, pequenas matracas metálicas, como molinetes de brinquedo que, ao girar, reproduzem interminavelmente as mesmas notas agudas? De tudo isso, e de muitos outros aparelhos, ele faria uma *sinfonia das coisas* e talvez até pudesse adicionar fonógrafos, que reproduziriam cantos de pássaros verdadeiros e todos os sons da natureza, os quais se encadeariam como gamas de uma enorme flauta de Pã. Ou então, distribuiria aos quatro ventos, nas gargantas entre as montanhas, ao longo das cataratas, na ponta dos cabos, instrumentos que tocariam sozinhos, ao sabor dos caprichos do tempo e das coisas, como os órgãos de vento e de água, mas também sinetas e guizos, cincerros e gongos que fariam o ritmo e dariam harmonia ao fundo contínuo e múltiplo dos cantos das ondas, do farfalhar das folhas. E aí entrariam as percussões, que. . .

— Que barulhada é esta? — grita a tia, que sobe, com os nervos exacerbados. — Isto parece uma casa de loucos! Vá lá para fora, brincar com os seus primos!

*

Logo, os meninos descobriram um brinquedo formidável, um brinquedo que, naquele ano, era muito difundido na zona rural francesa. Foi uma exploração muito discreta do casarão do colégio devastado pelos bombardeios que lhes deu a idéia: passando pelas galerias, cujos tetos de vidro estavam destroçados, eles encontram em uma sala de aula, no chão, em meio aos destroços, um estoque considerável de balas de fuzis Lebel. São pesados pacotes de papel de embrulho espesso, verde, vermelho ou cinza, amarrados com cordões; cada pacote contém vinte pacotinhos, do mesmo papel e da mesma cor, de dez balas. Além disso, encontram um amontoado de tambores de mosquetão vazios, de ferro preto, com capacidade para três ou cinco balas, e fitas rígidas para fuzis-metralhadoras, com vinte e cinco balas. Só faltam as armas propriamente ditas. O chão

está juncado de capacetes alemães. Os pacotes verdes contêm balas de metal branco, brilhante, que parece níquel — são as mais belas e têm algo que lembra riqueza; os pacotes vermelhos contêm balas pretas, opacas e quase rugosas; e nos pacotes acinzentados há balas de cobre avermelhado, as quais eles qualificam de "ordinárias". Os cartuchos de cobre são todos idênticos: contrariamente aos cartuchos dos fuzis Mauser alemães, que são retos, estes se alargam na base, formando um amplo disco de bordas salientes em torno da carga. Fazem múltiplas viagens, escondendo-se do zelador do colégio, para transferir uma parte do estoque. Cada um instala sua provisão no sótão da casa. Depois, é fácil recolher a pólvora dos cartuchos, só que, após um certo tempo, fica um pouco fastidioso. Tem-se de introduzir a bala no buraco de uma fechadura, bloqueando-a e segurando o cartucho com firmeza, e forçando-a nos sentidos lateral e vertical: a bala termina se descolando, e aí é só deixar escorrer a pólvora do cartucho num recipiente. Quaisquer que sejam a natureza e a cor das balas, a pólvora é uniformemente composta de minúsculas pastilhas reluzentes. Quando o recipiente está cheio até a borda, tem-se uma sensação agradável ao mergulhar-se a mão naquela massa escura, escorregadia e gelada.

Esvaziados os cartuchos, não se pode fazer grande coisa. O filho do açougueiro, que tem a reputação de ser um cabeça tonta, tornou-se um mestre na arte de dar um golpe bem acertado, com um martelo leve, na base do cartucho, preso firmemente com uma das mãos: o martelo bate na carga, o tiro dispara, o cartucho salta da mão no ar, bem alto. Ninguém o iguala nesta técnica. A pólvora, por outro lado, presta-se a belas encenações. Eles partem para o campo, em direção a um areal na entrada da floresta e aí constróem montículos, às vezes verdadeiros castelos, que enchem de pólvora. Fazem carreiros de pólvora, que lhes permitem colocar fogo a distância; acompanham o movimento-relâmpago da chama azul e amarela que produz um chiado (por vezes, eles fazem concursos de velocidade, cada um com um carreiro de pólvora), até a explosão final, abafada, que faz voar a areia, em meio a um clarão.

Os meninos de Chevigny têm fontes de abastecimento diversas, cujo segredo não revelam uns aos outros. Isto origina uma emulação positiva. Assim, o filho do açougueiro explora uma jazida de obuses de 78, que só ele conhece. Seu método consiste em serrar o pescoço do cartucho grande de cobre, com serra para metais, a fim de extrair o conteúdo, isto é, bastonetes retorcidos em forma de macarrão. A serra esquenta o cobre, e, para evitar riscos, eles a esfriam durante a operação; assim, os meninos se revezam na tarefa de urinar sobre o corte no metal, para que o filho do açougueiro possa continuar a serrar.

Luc e seus primos encontram, em um fosso, em meio aos pilriteiros e às urtigas, um amontoado de fitas de metralhadora pesada guarnecidas de pequenos obuses de calibre 20, provavelmente abandonadas ali por um tanque atingido. As fitas são constituídas de uma alternância de obuses pontudos, pretos, circundados de azul, e de obuses amarelos, cuja ponta prateada é achatada. Eles jogam fora estes últimos, que consideram explosivos ou incendiários, e, em todo caso, perigosos, e levam os outros para casa. Para retirar o obus do cartucho, a técnica mais simples, uma vez que eles não têm torno que lhes permita martelá-lo à vontade pelo fundo, é pegar o cartucho e bater o corpo do obus contra um galho forte de cedro: uma folga acaba se produzindo e então se consegue arrancar o obus e retirar a pólvora, feita de pequenos bastonetes pretos. Enchendo-se tubos de aspirina com esses bastonetes, podem-se então fabricar foguetes que, dispostos sobre uma rampa de lançamento de areia, chispam em direção ao cimo das árvores, quando se põe fogo no carreiro de pólvora. Esta operação exige uma boa dosagem e um conhecimento da técnica, pois se o tubo não for bem enchido ou se for colocado sobre uma rampa imprópria, poderá explodir sem levantar, e aí o prazer estará estragado. É Luc quem acumula o maior número de lançamentos fracassados, e os outros o insultam, tachando-o de desajeitado.

As coisas começam a complicar quando os primos decidem fazer uma pilhéria com o pai, colocando pólvora no fundo de seu cachimbo. Eles sabem que o pai é distraído e que irá encher seu cachimbo, perdido em suas divagações, sem prestar atenção, amassando conscienciosamente o tabaco por cima da pólvora. É exatamente o que acontece, diante de um público de espectadores que retêm a respiração, agarrando-se à cadeira. O médico acende seu cachimbo, puxa uma tragada, e uma chama aparece repentinamente. Ele exclama "Oh!", fica perplexo, olha seu cachimbo com espanto e, não encontrando nada de errado no forninho, entrega-se novamente aos seus pensamentos melancólicos, voltando a enchê-lo sem mais espanto. Os meninos ficam decepcionados. No dia seguinte, recomçam, aumentando a dose. Desta vez, o resultado é obtido: a chama atinge o teto. O tio, ofuscado, larga o cachimbo e, depois de passado o susto, entra a esbravejar, irado, pedindo explicações. Os meninos são obrigados a confessar o uso de pólvora, mas apenas de uma pitada, não mais que uma pitada, dizendo-lhe, assegurando-lhe que era toda a pólvora que tinham. O tio gesticula e profere as mais terríveis maldições.

Depois, as coisas se complicam realmente. O filho do açougueiro,

querendo abrir, de maneira demasiado expeditiva, um obus de 105 recalcitrante, diante dos olhos admirados de sua irmã menor, imobiliza-o em um torno, sobre a bancada de seu pai, e desfere-lhe vários golpes de martelo. A carga explode, arrancando as duas mãos do menino, que é transportado para o Hospital de Créteil, onde morre no dia seguinte.

— Era um louco — dizem os primos. — Isto tinha de acontecer um dia. Ele sempre foi assim.

Teria sido um acaso? De qualquer maneira, naquela noite, quando toda Chevigny está comentando a loucura do filho do açougueiro e seu castigo, o tio sobe ao sótão e descobre o primeiro estoque de balas e de pólvora, mal dissimulado perto da porta. É o estoque de Luc. Os primos haviam disposto suas reservas mais longe, em lugares de mais difícil acesso, e o tio, vacilando sob o choque da descoberta, não procura mais adiante. Por conseguinte, toda a ira da família concentra-se sobre Luc. Os primos tomam ares virtuosos. Luc recebe a ordem de retirar imediatamente seu arsenal do sótão, o que ele faz, colocando tudo em um grande saco de batatas ao anoitecer. Ele conhece um lugar, não muito longe, atrás do muro do manicômio, onde há uma casa desmoronada de que restam apenas algumas pedras, e um poço aberto bem profundo, à altura do chão, à beira do qual ele se debruçara, imaginando que ali poderiam estar escondidos tesouros da Idade Média. Agachando-se à borda do poço, joga um a um os pacotes, ouvindo o som longínquo e abafado da queda no fundo. Depois, deixa escorrer a pólvora: talvez um quilo ou dois. Por fim, joga um monte de macarrões de obuses de 78. Quando só lhe resta um punhado entre os dedos, ocorre-lhe uma vaga vontade de iluminar o fundo do poço, para conhecer sua profundidade ou para ver como todo aquele carregamento tinha se amontoado no fundo. Deitando-se, acende um macarrãozinho, joga-o aceso pela abertura e debruça-se para ver o que acontece. Que instinto o teria feito bruscamente jogar-se para trás, antes que a chama tocasse o fundo? Ele nem tinha completado este movimento de recuo — talvez tenha sido uma fração de segundo depois —, quando um clarão insuportável dispara de dentro do buraco, explodindo em direção ao céu, e um sopro abrasador imobiliza-o no chão. Luc fica assim petrificado uns bons minutos, desorientado pela surpresa e pelo pavor, em meio ao silêncio após a explosão, com o rosto colado aos cascalhos pontudos e os espinheiros, tendo diante dos olhos feixes luminosos que desfilam sem parar. Que imbecil! pensa ele, esperando que de um momento para outro aparecessem pessoas para ver o que sucedera. Mas ninguém aparece.

Mais tarde, Luc sobe silenciosamente para seu quarto e, da escada, ouve uma conversa entre o tio e a tia:

— Luc me preocupa. Ele é imprevisível, inconsciente. Nunca fala nos pais, como se nem pensasse neles. Parece que tudo lhe é indiferente, nada o sensibiliza.

— Sempre foi um menino introvertido, solitário.

— Talvez ele apenas dissimule.

— E ainda por cima, esse apelido ridículo de Gato que seu irmão lhe deu. . .

*

As férias chegam ao fim. A tia apronta-se para voltar a Paris com os meninos. Na véspera da partida, pela manhã, chega uma carta de Antoine, que alguém traz, com muito atraso, de Paris. A data é de 19 de agosto, já quase um mês atrás. É apenas um breve bilhete enviado de Orléans à sua tia.

"Atualmente sou soldado e trabalho como intérprete no exército americano. A unidade na qual me encontro não se dirige para Paris. Estou entregando este bilhete a uma pessoa que deverá ir a Paris logo que for possível e que dará notícias minhas a senhora. Aqui está o meu endereço: *hq comp., 3rd Bat., 14 infantry, AP 05 US Army*. Mande-me notícias dos meus pais."

— Se ele passou por Orléans — diz Luc —, é porque está no Exército Patton.

— Você sempre sabe mais do que os outros — diz a tia.

Uma manhã, bela e radiosa, por volta das nove horas, o tio barbeia-se no banheiro, ao som da *Watermusic*, de Haendel, que enche toda a casa e transborda pelas portas e janelas abertas: é o prefixo cotidiano da *Hora cultura francesa*, da BBC. No primeiro piso, Luc, em seu quarto, dirige a orquestra, com a batuta na mão esquerda, com uma empolgação digna de *Sturm und Drang*. O ronco de motores de aviões vem misturar-se à música, encobrimdo-a. Luc desce correndo as escadas, sai ao pátio e levanta o nariz: por cima das castanheiras avermelhadas, passam esquadrilhas, voando bem baixo. São centenas de aviões, cada um arrastando um enorme planador escuro lentamente, custosamente, em direção ao norte. É o início da ofensiva inglesa sobre Arnheim, que terminará sendo um fracasso total: a maior parte desses homens amontoados nos planadores estão condenados a morrer dentro de algumas horas.

"Então", pensa Luc, "não há mais nada que fazer ali." Seria a passagem dos aviões? É chegado o momento de migrar. Agora ele possui um endereço e uma direção: a do avanço americano, o leste.

Ele sabe que alguns raros trens começam a trafegar novamente; disseram-lhe que há um todas as noites que parte para Paris. Ao anoitecer, ele passa a mão numa nota de mil francos na qual já havia reparado, numa gaveta da escrivaninha do tio, e vai até a estação, deixando um bilhete: "Fui encontrar Antoine."

Partiu com sua velha jaqueta de tecido azul-marinho com presilhas, de calça curta, também azul-marinho, cuja bainha gasta raspa-lhe no interior da coxa, suas alpargatas e sua inseparável mochila manchada de graxa. Há um grande alvoroço na estação. Em meio à multidão exaltada, muitos brandem um maço de papéis, outros trocam insultos com dois funcionários que, afogados no turbilhão, gritam: "Suas ordens de missão! Suas ordens de missão!" Na confusão, Luc passa sem ter comprado a passagem. Embarca em um trem superlotado que se arrasta em direção a Paris, parando e arrancando, rangendo sobre os trilhos desconjuntados e fazendo longas paradas. Os vagões são antigos, com bancos de madeira amarela, portas e janelas trepidantes, em que pedaços de madeira compensada substituem muitas vezes os vidros, e cada compartimento é iluminado precariamente por uma lâmpada azul descascada. Luc consegue chegar até um banco. À sua volta há apenas homens, jovens, que vêm do Norte, os quais gritam, cantam, gesticulam e bebem cerveja em canecas. Oferecem um gole ao Gato: a cerveja é morna e insossa.

De Chevigny a Paris há oitenta quilômetros. O trem leva a noite inteira para fazer este percurso, parando por vezes em campo aberto. Então, o alarido diminui, os que se encontram perto das janelas escutam as sombras, tentando distinguir as vozes e os ruídos que vêm dos trilhos. Entre a multidão amontoada no corredor e nos compartimentos, circulam frações de informações. Alguns tentam reconstituir o trajeto errante do trem, outros descem nas paradas e tentam informar-se sobre o que está acontecendo. Por volta da meia-noite, após uma parada ainda mais longa que as outras, o trem, lentamente, mais lentamente do que um homem a passo, atravessa um rio, passando sobre uma ponte que range, geme, trepida, parecendo estar viva sob o peso das rodas. É a Ponte de Persan-Beaumont, uma construção provisória sobre o Rio Oise. Mais tarde, alguém anuncia, debruçando-se para fora, para as trevas opacas da noite, em meio ao silêncio geral:

— Estamos em Chaponval.

Mas ninguém sabe onde fica Chaponval.

Os companheiros do Gato são FFIs que voltam para Paris. Dizem que vão ao Forte de Fromainville e parecem experimentar um grande sentimento de liberdade em confrontar seus repertórios obscenos —

como se afirmassem, assim, para si mesmos e para o mundo inteiro, a prova de sua independência. Todos conhecem *As Garotas de Camaret*, e o próprio Gato não encontra nenhuma dificuldade em berrar com eles a primeira estrofe, em que se fala de caralho e de vela. Isto lhe vale a estima dos rapazes, estima que aumenta ainda mais quando ele canta a canção do *Macabeu*, *aquele que se fodeu*, pois a assistência só conhece com certeza o refrão. Assim, ele ensina as outras estrofes a seus companheiros de viagem. Por outro lado, ele fica conhecendo as aventuras da *Irmã do convento* e a cantilena do cego abusivo, que ele acha repugnante, com suas histórias de ovos, de bengala e de creme: "Não, obrigado, minha senhora, eu mesmo os fabrico", diz o cego. Neste momento, toda a patota grita:

Faites-lui du bien

Bien bien bien bien bien

*A ce pauvre aveugle qui n'y voit plus rien!**

É a cantiga mais apreciada, a mascote, a que domina a noite. Com esta só podem tentar rivalizar a cantilena do *Chato motociclista* ("que pensou que o meu eu era uma pi-i-i-ista", modernização que o autor original, Théophile Gautier, não podia prever, mas que não trai o espírito do poeta) e o *Grande baile das bocetas e dos cus*: "Três pentelhos grudentos e sujos, serviam de corda para o meu violino." E, é claro, vinha depois o coro falado, ritmado, imitando o rufar marcial de tambores:

Des bidons

Des quarts des gamelles des bidons

Des quarts des gamelles des gamelles des quarts des bidons

Tap' ta bitt' contre mon con

Tap' ta bitt' contre mon con□*

Em algumas horas, o Gato forma um repertório magnífico, admirável, um repertório para brilhar durante uma vida inteira em companhia viril. Após a meia-noite, o paroxismo é atingido, depois a agitação passa, os cantores perdem o entusiasmo e tornam-se

-
- Faça-lhe o bem,
Bem bem bem bem bem
 - A este pobre cego que não vê mais ninguém!

** Galões,
Quartas, gamelas, galões,
Quartas, gamelas, gamelas, quartas, galões,
Esfregue o seu pau na minha boceta,
Esfregue o seu pau na minha boceta.

sonolentos.

— Quando a gente chegar à Alemanha — berra o vizinho à direita do Gato, um enorme camponês que o espreme a cada movimento que faz —, vamos enrabar o mulhierio todo, as moças e as velhas.

Vamos traçar toda aquela mulherada. Vamos encher essas putas de francesinhos. Assim se resolve a questão dos boches para sempre.

Seu vizinho da esquerda é o único que enverga um uniforme, jaqueta com zíper, e calça botinas altas de couro amarelo ajustadas às canelas, que são objeto da admiração dos outros.

— Puxa vida, se eles nos derem umas botinas assim. . .

— Pode tirar o cavalo da chuva, meu velho: eles vão nos empurrar os estoques de perneiras de algodão de lã.

— No mercado negro, um par dessas aí está valendo uns dois mil.

O rapaz das botinas permanece silencioso, respondendo às perguntas laconicamente. Sim, ele é permissionário da Segunda DB. Não, ele não esteve na liberação de Paris. Fora ferido pouco antes. Talvez, justamente, sua reserva tenha algo a ver com a necessidade que sentem os outros em se mostrar, em falar alto. No início da viagem, ele havia oferecido goma de mascar e cigarros a todo mundo, tendo esvaziado os bolsos. Depois, fechou-se em seu canto.

— Você pode deitar a cabeça no meu ombro — disse ele ao Gato.

Numa parada, o Gato, vendo-o mexer em sua bolsa, retirando diversas coisas, entre as quais uma boina de marinheiro com pompom, arrisca uma pergunta:

— Você é *marsuino*?

— O que é que você acha?

— Você conhece Julius Kleinberg?

— Sim. O sargento-chefe Julius, chamado o astrônomo, chefe de tanque. Nós estamos na mesma companhia.

— É um amigo meu — diz o Gato, tentando pôr um tom de certeza na voz.

— Você escolhe bem seus amigos. Como o conheceu?

— Ah — gagueja o Gato —, foi em Paris, antes da guerra. . .

— Escute aqui, que idade você tinha antes da guerra?

— É, mas eu o vi em agosto, na Cours-la-Reine, e ele me deu seu isqueiro.

Tira do bolso o isqueiro e acende a chama, que produz uma fumaça fedorenta.

— A última vez que o vi foi na Estrada de Saclay. Eu tinha sido ferido por um estilhaço de 28 na popa da bunda, mas não longe da artéria femoral, e me levaram para o hospital. Não foi moleza. É bom saber que você o viu. E a família dele?

— Ah — diz o Gato —, ele foi à Rua Vieille-du-Temple, mas não

encontrou ninguém. Só a zeladora. Ele não parecia estar muito alegre.

— Aquele cara nunca está alegre. Só quando toca piano. Ai então, ele se solta. Ou então, quando olha as estrelas. Ele as conhece todas. Por isso não se pode deixá-lo sozinho à noite: ele se esquece de tudo, é capaz de não ouvir um bombardeio. Uma noite, no Marrocos, ele estava de guarda, e os companheiros o acharam no fundo de um buraco. Tinha caído ali porque estava caminhando com a cabeça voltada para o céu, completamente absorto. Deu um bode medonho. Ele quase foi expulso da divisão. Mas, como havia passado seis meses nas prisões espanholas com o tenente, este não o deixou na mão. De qualquer modo, fico contente em saber que ele participou da liberação de Paris.

— Quanto ao piano — diz o Gato —, ele disse que agora seus dedos. . .

— Pois é, é assim. Eu, em 1939, estava preparando o vestibular para uma escola de Engenharia. Você acha que ainda me lembro de alguma coisa? Acha que vou voltar ao liceu, aos vinte e quatro anos, quando a guerra acabar, para ficar junto com aquela molecada? Eu vi os meus companheiros: estão todos com os seus diplomas. Só estão esperando por eles para reconstruir a França. Quando a paz vier, vai haver um bando de desclassificados, como eu. Em todo caso, fiquei contente em rever os parentes e os amigos. Eu estava no Hospital Militar Val-de-Grâce e dei no pé antes de eles me darem alta. Tinham-me dado uma permissão de uma tarde. Peguei dois dias para ir à minha casa, em Amiens. Mas, por outro lado, estou contente por ir embora. Buquês de flores e champanhe pode ser muito bom, garotas também, mas estava me sentindo como um idiota. É difícil conseguir ser um herói durante mais de dois ou três dias, principalmente porque eu já havia quase terminado com o meu estoque de rações. E você — retoma ele, no silêncio lunar de uma nova parada, quando a locomotiva, ao longe, parece ter dado o último suspiro, um longo apito, um tremor de metal rangente tendo percorrido todo o trem, de vagão em vagão. — E você, aonde vai, assim, sozinho?

— Eu sou sozinho — começa o Gato —, porque. . .

Agora, ele tem menos dificuldades em contar sua história, chegando até mesmo, às vezes, a achá-la interessante e credível. Seus pais encontram-se deportados na Alemanha. Seu irmão no Exército Americano. Os atentados. A Gestapo. A pistola.

— Você tem certeza de que era espanhola? — pergunta o marinheiro. — O que eu vi das armas espanholas me faz desconfiar delas.

— Era sim, eu vi.

— Em todo caso, entendo por que você é amigo de Julius: são do mesmo gênero. Aonde você vai?

— Eu gostaria de ir a Nancy. Tenho parentes lá.

Como ouvira dizer que Nancy fora liberada pelo Exército Americano há pelo menos dez dias, ele decidiu que esta era a direção a tomar.

— Escute, não há trem. Se você não conseguir transporte para continuar, venha falar comigo no Val-de-Grâce. Cabo Bérard, Bob Bérard. Quarto 75. Eu deveria ter partido esta manhã. Esta noite, o mais tardar, vou saber para onde devo ir. Se eu já tiver ido embora, deixarei um recado para você. Talvez possa levar você comigo num caminhão e deixá-lo em algum lugar perto de Nancy. Se não voltar a ver você, darei notícias suas a Julius.

— Diga-lhe que o Gato continua com o isqueiro dele.

— Ele vai gostar de saber.

Luc mergulha em um cochilo, com a cabeça apoiada no ombro do marinheiro e as pernas em meio às do camponês alto, que finalmente se entregou, colocando a cabeça entre os braços dobrados sobre os joelhos. A cantiga do pobre cego já não se ouvia há muito tempo.

Ao amanhecer, na Gare du Nord, sob a chuvinha miúda que passa pelas telhas de vidro quebradas, o marinheiro paga para o Gato um suco escuro adoçado com sacarina.

— Ainda me resta alguma coisa — diz ele, tirando da bolsa uma lata de *beans and sausages* que entrega ao Gato. Este agradece-lhe educadamente e parte a pé, pelas ruas desertas e espelhadas pela água da chuva.

*

Caminha sob a chuva, passando ao longo das latas de lixo transbordantes. A besta já familiar que mora em seu estômago começa a mordiscá-lo. A roê-lo. Ele se dobra em dois, com o punho apertando a boca do estômago. Na Gare de l'Est, há muita gente, gente que faz fila ou espera, diante dos trilhos vazios, por trens com destinações confusas. "Parece que este vai até Meaux", diz-lhe alguém em um grupo de famílias. "Mas talvez vá adiante. Vamos tentar. Já se verá até onde vai, quando chegarmos ao fim da linha". Montanhas de pacotes. Gente por todos os lados, dormindo no chão. Uniformes da Cruz Vermelha em torno de uma panela fumegante. Não, é loucura de sua parte: não há nenhum trem para Nancy. A linha não ultrapassa o Rio Marne. A Ponte de Chalicourt está interdita. Talvez nos próximos dias. . . Pede um outro suco escuro

para queimar as mordidas da besta, encontra um banco vazio perto de um mictório fedorento, encolhe-se, deitando a cabeça sobre a bolsa e contraindo todo o corpo de frio. Sente-se infeliz, gostaria de estar em qualquer lugar, até mesmo em Chevigny, em sua cama (àquela hora, o cachorrinho amestrado de seu tio sempre vinha fazer uma demonstração de sapateado, com suas patinhas sobre o assoalho, e lambe-lhe a cara). Adormece, enregelado, e os ruídos da estação o acompanham em seu sono, no qual se introduzem formas compactas de pesadelo.

Mais tarde, por volta do meio-dia, ele abre com o canivete a lata de feijão e come-o frio. Os grãos pastosos colam-se-lhe no céu da boca e no estômago. Depois, vai fazer fila para tomar água com a boca na torneira. O que fazer? Um velho hábito envia-o ao metrô, direção Saint-Lazare, para ir refugiar-se na sala aquecida do Cinema Cinéac. Acabaram-se os filmes da *Propagandastaffel*. Agora passam um filme soviético, *O Arco-íris* — uma obra-prima, diz simplesmente o cartaz —, que mostra o sofrimento do povo russo, a história atroz da camponesa indomável condenada pelos nazistas a arrastar-se interminavelmente sobre a neve, em meio a gemidos e soluços, em torno do campo de concentração, na noite de Natal, e que, à beira da agonia, dá à luz, à meia-noite, no frio e no vento, enquanto os SS, bem abrigados do frio, cantam com ares contritos, em torno de um pinheiro de Natal iluminado: "*O stille Nacht, heilige Nacht*". Depois, aparecem os *partisans*, de esquis, vestidos de branco, com uma aparência impecável, trazendo uma metralhadora pendurada no pescoço, justiceiros que vêm salvar seu povo e punir os carrascos.

Ao sair, reencontra a luz acinzentada do dia, em meio a uma multidão apressada, de rostos contraídos. Na Cour de Rome, uma aglomeração cerca um acordeonista que canta. Seu companheiro vende ao público as letras impressas em caracteres azulados. O Gato lê. "Título. Enfim Eles se Foram — com a música de *Festa no Rancho*".

*Enfin ils sont partis tous ces Frises. . .
Grâce à la Résistance et aux Alliés
Depuis quatre ans déjà on en avait bavé
On en est débarrassé*

Refrão:

*Nous ne les reverrons plus
C'est fini ils sont foutus (bis)
Après la Bulgarie, la Roumanie,
Tous ces petits États auront compris
Qu'avec tous ces sal'boches on peut rien espérer
Vaut mieux les laisser tomber*

É sobretudo o final do último verso que vale a pena transcrever:

*Allez haricots verts, allez vous faire bouffer
Par les petits écossés**

"Écossés = Écossais",^{*□} indica o texto, e o acordeonista dá uma piscada de olho, o que provoca alguns sorrisos bem-educados. O Gato paga um franco pelo papel, perguntando-se o que poderá fazer com ele.

Toma novamente a direção da margem esquerda do Sena, impregnado de umidade. Suas alpargatas esponjosas fazem um ruído de sucção. Atravessa o mercado de Halles, que não conhecia, e fica espantado com a sujeira, com os restos amontoados de legumes nas sarjetas, com as casas apertadas e lúgubres diante de cujas portas acumulam-se monturos de vísceras apodrecidas. Nos cafês, que iluminam, por detrás das cortinas, algumas raras chamas de bicos de gás, agitam-se formas indefinidas. Ele dobra, na esquina da Rua Saint-Denis com a Rua de la Grande-Truanderie, caminha por uma ruela e pára alguns instantes sob o toldo de um café, esperando que a chuva passe. Ao longo das paredes, mulheres estão paradas. Ele imagina que devem ser prostitutas, mas não está seguro: é a primeira vez que vê prostitutas, e elas parecem não diferir muito das outras

□

* Enfim os boches se foram. . .
Graças à Resistência e aos Aliados.
Já há quatro anos nos enchiam o saco,
Agora estamos bem aliviados

Refrão:

Nunca mais os veremos Acabou, estão fodidos (bis)
Depois da Bulgária, da Rumânia,
Todos esses paisinhos compreenderam
Que desses boches imundos não se pode esperar nada
É melhor deixá-los de lado.

Vamos, feijão verde, vamos lá,
Vai pra barriga dos escoceses.

□

** Trocadilho intraduzível: "*écossais*" significa escocês e "*écossé*", deulhado (referência ao feijão verde). (N. do T.)

mulheres. Poucos homens passam, e rapidamente. Ele olha fixamente para a mais próxima, que está parada perto dele, sob o toldo, empoleirada sobre seus saltos de cortiça, com os cabelos louros formando um penteado alto, o rosto duro e firme. Ao cabo de um minuto, ela se vira e insulta-o:

— Seu filhote de tarado! Que nojo, já com esta idade, e não me tira o olho de cima. São todos uns tarados. Sem-vergonha. Fica aí, ó, só de olho. . .

E não pára mais de despejar insultos. Ele não sabe onde se meter. Não ousa responder, mas tampouco tem coragem de ir embora, sob a chuva, diante de todas as outras, que começam a pôr lenha na fogueira, cada uma numa entrada de edifício. Ele sente-se enrubescer de vergonha e o frio aumenta.

Uma garota espicha a cabeça para fora da porta do café.

— Pare de xingar este pobre garoto. Você está vendo bem que ele não pode replicar.

É uma moça de cabelos louros bem curtos, de rosto triangular e queixo pontudo, olhos amendoados quase verdes. Parece bastante jovem e usa uma calça bem justa e saltos e solas bem altos. Sua voz é rouca e quente, uma voz lânguida, quase como a de um rapaz que ainda não mudou bem a voz.

— O que você está fazendo, plantado aí?

— Não sei — balbucia o Gato. — Eu queria comer.

— Pois então entre, ora!

Como ele hesita, ela puxa-o vigorosamente pelo braço para dentro do café. Em meio à penumbra, reluz o cobre do balcão. Às mesas do fundo, estão sentados alguns homens em manga de camisa.

Ela observa-o de alto a baixo.

— Não é possível, você ficou o dia inteiro na chuva.

— Estou chegando do interior — diz o Gato. — Estou indo para Nancy.

— A pé, por acaso? — Ela ri.

— Não sei. Não tem trem.

— Se você quiser comer. . .

— Eu tenho dinheiro para pagar.

— Mas certamente não o preço daqui. Aqui não vem pé-rapado. E ela grita em direção a uma porta aberta, atrás do balcão:

— Chefe, me prepare aí um chouriço. Ponha na minha conta. E dois cálices de vinho tinto.

O dono do café é um homem gordo, peludo, taciturno, que porta pantufas e tem uma respiração ofegante. O tal chouriço é a coisa mais gordurosa e untuosa que o Gato já comeu na vida, e ele tenta reter na

memória o gosto para poder descrevê-lo a seu irmão. O vinho é acre e faz-lhe crispas os maxilares. De repente, sente-se mais forte.

— Você não conhece ninguém em Paris?

— Meus pais. . . começa ele — e conta mais uma vez sua história.

— Você pode ficar aqui por algum tempo, se quiser. De tarde é calmo. De noite é outra história. Não dá pra gente se entediar. Aí é legal.

— Tenho um encontro marcado daqui a pouco. Com um amigo, no Val-de-Grâce. Tenho de ir.

Pergunta quanto deve, e insiste, sentindo bem que seu jeito deve parecer falso.

— É um presente, seu idiota. Você tem uns olhos muito bonitos, maninho.

Ela beija-o.

— Como é que você se chama?

— Luc. Me chamam também de Gato.

— Tímido como você é, acho que Caramujo combinava mais.

Ele fica constrangido, a moça acha graça:

— Sim, mas um caramujo bem bonitinho! Não um caramujo todo gosmento. Um caramujo de olhos azuis. Todo enroladinho dentro da sua concha.

Ele pega sua bolsa e encaminha-se com rapidez para a porta da saída. A mulherona de cabelos amarelos não está mais lá.

— Ei, Caramujo, se você voltar a Paris, meu nome é Diane. Peça pra me chamarem no Petit Roscoff.

E ela beija-o mais uma vez nas duas bochechas. Não é muito mais alta que ele.

— Boa viagem, maninho.

*

No Val-de-Grâce, uma criatura ossuda, de saia e blusa caqui, de olhos claros e perspicazes, barra-lhe a entrada de maneira definitiva: não há visitas fora dos domingos. A voz autoritária que o trata por senhor traz-lhe desagradavelmente à memória a respeitabilidade familiar. No momento em que ia dar meia-volta, vê sair o Cabo Bob Bérard, com sua boina de pompom na cabeça e uma enorme mochila nas costas.

— Você chegou em boa hora: estamos partindo.

O rapaz leva Luc para o pátio, empurra-o para dentro da carroceria coberta de um caminhão americano e sobe atrás. Sentados nos bancos laterais, há cinco ou seis soldados e civis, bem como um americano. O caminhão arranca e avança, aos solavancos, por entre

ruas desertas, ao longo do Sena. Logo chegam à zona rural. A noite cai.

— Vamos a Meaux — grita-lhe Bob.

Luc deita-se no chão, de barriga para baixo, com os braços em cruz, para amortecer os solavancos que o fazem saltar, e fecha os olhos: no fim da viagem, espera-o o *front*.

Em Meaux, desembarcam diante da estação ferroviária, à noite, em meio à escuridão. Entram em um prédio escuro, iluminado apenas por um lampião. Lá estão alguns militares que tomam, em silêncio, uma sopa espessa servida por duas moças da Cruz Vermelha. Dão-lhe um prato e duas barras de chocolate. E mais vinho. É dose para dormir cem anos. Aliás, é o que ele vai fazer num dormitório com beliches, enrolando-se num cobertor que cheira a vômito. Seria ainda melhor se os outros não roncassem, se não houvesse essas respirações e esses borborigmos, e também se ele não estivesse tão impregnado dessa umidade gelada que agora se mistura à umidade do cobertor.

De manhã, a luz do sol vem bater-lhe nas pálpebras. Durante alguns instantes, ainda conserva os olhos fechados, imaginando que está na praia, ouvindo o ruído das ondas, vendo o barco do Chefe Ravello. Mas o marsuíno puxa-o pelas pernas. Ele abre os olhos e vê a peça deserta, as camas desfeitas.

— Levante-se, Luc, tem leite e café de verdade. E tenho notícias para você.

Bob instala-o à mesa.

— O negócio é o seguinte: eu tenho de ir para Chaumont. Eles já atravessaram o Moselle, no sul, e estão bem adiante de Nancy. De Chaumont até Nancy, você vai ter de se virar sozinho. Acabo de receber o soldo e vários dias de ração, sete casacos e três capacetes. . . Aqui tem uma jaqueta e uma calça para você. Tentei pegar o que havia de menor.

As pernas da calça amontoam-se sobre as alpargatas. Na cintura, ele tem que apertar bem o cinto "esporte" de elástico trançado, formando-se inumeráveis pregas. E a jaqueta desce-lhe quase até os joelhos. Experimenta um dos capacetes, o de plástico: só pára de descer quando encontra o nariz. Mas, não tem importância: ele está maravilhosamente seco. Exceto os pés.

— Você mais parece um mendigo — diz Bob. — Mas ainda está melhor do que antes. . . Vou ver se acho outra coisa.

Volta com pacotes de rações. O Gato examina-os antes de enfiá-los na bolsa. Frascos de leite e de produtos desconhecidos, caixas de presunto e de queijo, barras de chocolate, um pacote de cigarros

Camel, uma pomada cremosa, de nome incompreensível, que ele põe na boca para ver que gosto tem.

— Imbecil — diz o outro. — Isto é um troço contra gonorréia.

Num outro tubo está escrito: "*Mosquito bites cause malaria*" Ele encontra ainda uma caixa redonda de álcool solidificado, para esquentar feijão com toucinho, dentifício com sabor de banana e uma tripa de camisas-de-vênus, tão longa que se poderia cruzá-la sobre o peito, como uma cartucheira mexicana.

— Agora tomamos a direção da Red Bali e não a largamos mais.

*

Bob é baixo e peludo, seus cabelos são espessos, formando um bico na testa. É comedido, mas está sempre seguro de si. Desloca-se com uma espécie de certeza total, como se sempre soubesse de antemão exatamente o que se deve fazer, sem ter dúvida alguma. Fala pouco, e o que diz tem algo de definitivo. Bob afasta a inquietude. Trouxe consigo um rapaz que mais parece um urso, enorme e plácido, cujos olhinhos claros, malandros, ocultos sob pálpebras semi-cerradas, brilham sob um boné vermelho disforme. Bob diz ao Gato que ele é um soldado sipaio chamado Janusz, e que viajarão juntos. Acrescenta que se trata de um príncipe polonês.

— Oh — diz Janusz, com um sorriso terno, balançando-se de um lado para outro, como fazem os ursos que dançam nos circos —, na Polônia todo mundo é um pouco príncipe.

— Sou um amigo de Julius — diz o Gato.

— Então você também é um príncipe — diz o rapaz, dando um tapinha no ombro do Gato, muito delicadamente, com sua mão imensa.

O Gato sente-se em segurança. As coisas simplificam-se.

Ambos têm sua autorização de deslocamento, que receberam por intermédio da Segunda DB, em Meaux. Basta esperar no posto americano que lhes arranjem um dos caminhões que fazem parte da cadeia sem fim que trafega do mar para o leste, aquela mesma cadeia cujos elos o Gato via passar em Chevigny. Sobe para a cabine, junto com os dois rapazes. Ninguém lhe pergunta nada. Os rapazes trocam cigarros com o motorista, que é de Cincinnati. Onde será que fica Cincinnati? Estão apertados, demasiadamente apertados no banco da frente do Dodge. Nas janelas não há vidros. Logo, com o aumento da velocidade, o vento e os jatos de chuva vêm fustigar o rosto de Luc. O caminhão avança com os faróis acesos, por uma estrada reta e esburacada, atravessando aldeias desertas e muitas vezes devastadas, sem diminuir a marcha, subindo os aclives com muita dificuldade, em primeira, fazendo um barulho ensurdecedor que

acaba com as tentativas de estabelecer uma conversa. Os passageiros são terrivelmente jogados para um lado e outro, porque a estrada está cheia de buracos, depressões e trincheiras mal fechadas, e o motorista não diminui a marcha. Quase não há tráfego no sentido oposto — a cadeia retorna, sem carregamento, por outra estrada —, não se vêem outros carros na frente, salvo, nas grandes retas da Champagne, a mais de um quilômetro adiante, as luzes do caminhão precedente. Às vezes, entretanto, e preciso diminuir bruscamente a marcha, para ultrapassar uma carroça dirigida por um camponês, no alto de uma encosta. O motorista diz palavrões. "Eles acreditam mesmo que a guerra acabou", diz Bob, explicando que no itinerário da Red Bali, a estrada com discos vermelhos, todo tráfego civil é proibido. Cruzam também carros de todos os tipos, cujos passageiros parecem realmente não estar dando a mínima para os regulamentos. O Gato olha para o velocímetro, e leva algum tempo para compreender que os números correspondem a milhas, que o caminhão está seguramente rodando a mais de sessenta por hora, mas ele não sabe como fazer a conversão. "Cinco por oito", grita-lhe Bob. Ao cabo de duas ou três horas, param atrás de uma longa fila de veículos que esperam, por entre casas destruídas, para atravessar um rio sobre uma ponte de barcos. Cada caminhão passa lentamente, em primeira, fazendo gemer as tábuas jogadas sobre as vigas. A chuva cai, a ponte é escorregadia e balança, rola e dobra-se. A estrada está reduzida a uma sucessão de poças de lama amarelada, cortadas pelos sulcos na terra. Um grupo de soldados passa ao longo da fila com um balde para encher os tanques de gasolina. Luc tenta compreender o que dizem. Em sua família, todos sempre ridicularizavam o sotaque nasalado dos americanos, e ele está feliz em ouvi-lo pela primeira vez. O motorista imediatamente cai adormecido sobre o volante. Bob e Janusz fumam em silêncio, com os olhos semicerrados, imóveis, como se economizassem o tempo.

— Não posso ficar assim, sem fazer nada — murmura timidamente o Gato, ao cabo de uma hora.

— Você tem que aprender a esperar — diz Janusz, puxando uma tragada. — Deveria aprender. Nada mais útil: silêncio e paciência. Eu aprendi na prisão: dezoito meses. Filhos da puta de espanhóis. Isto dá valor às coisas para o resto da vida. Por exemplo, para um cigarro. Simplesmente.

O Gato salta para a estrada. Os soldados estão comendo em gamelas, em pé sob a chuva, encostados nos caminhões ou sentados nos pára-choques. Todos estão cobertos de sujeira, seus rostos jovens e magros acusam uma grande fadiga. Com suas barbas crescidas nos rostos semi-encobertos pelos capacetes que tombam

sobre os olhos, a correia pendendo para um lado, as jaquetas sujas e amassadas fechadas até o pescoço, sem insígnias, sem botões, sem cinturões, sem couros, sem punhais, estes soldados só podem ser reconhecidos como militares pela cor caqui. Decididamente, são muito diferentes dos guerreiros virilmente fardados e equipados que o Gato viu passar durante quatro anos.

Luc tem medo que lhe façam perguntas sobre a razão de sua presença ali, sobre seu disfarce, e sente-se faltoso.

— *Hello boy, where are you coming from?*

— *From Paris* — responde Luc, temendo a continuação da conversa.

Mas o outro logo começa a lançar exclamações e a bater-lhe nas costas.

— *Oh! Paris! Lucky man. It's so nice. . .*

Os soldados contam a Luc que não conhecem Paris, embora estejam na França há três meses, e se põem todos a fazer mil perguntas ao mesmo tempo. Luc tem dificuldade em compreendê-los e atrapalha-se, procurando as palavras, respondendo sempre às perguntas, porque eles sorriem amistosamente. E a Torre Eiffel? A ocupação alemã? Como são as garotas? Na França tem eletricidade em todos os lugares, como na América? E as restrições? Ele também come rã e lesma? E os esgotos de Paris, é verdade que a gente pode passear lá dentro? Perguntam-lhe também sua idade, seu nome, se tem irmãs, onde aprendeu a falar inglês, aonde ele vai e por quê, e qual o trabalho de seu pai. Luc responde que seu pai é professor. Sim, isto mesmo, *teacher* ou *professor*, ele não se lembra mais. Gagueja um bocado, mas eles o encorajam a continuar: professor de quê? De chinês, responde Luc, esperando os habituais risos de deboche. Mas, ao contrário, um deles exclama, admirado: "*Fantastic!*" e um outro pergunta-lhe quanto se ganha para fazer este trabalho, se ele tem muitos alunos, se Luc já foi à China, se não tem vontade de ir aos Estados Unidos. Luc conta que seus pais são prisioneiros dos alemães, fala de Antoine, e todos tentam tranquilizá-lo, dizendo que a guerra não vai durar muito, que eles vão ajustar as contas com Hitler e que depois da guerra ele irá visitá-los nos Estados Unidos, o mais belo país do mundo. Oferecem-lhe salsichas róseas com ervilhas esmagadas, em uma gamela. As salsichas pingam gordura e têm um gosto maravilhoso de toucinho defumado. Luc come tão gulosamente e com tanta rapidez que eles soltam exclamações de admiração. Chamam os companheiros para que venham ver o fenômeno, um *funny French kid* que está batendo o recorde de ingestão de ervilhas e salsichas. Todo mundo se empurra em torno dele, oferecendo-lhe salsichas.

Quando Luc sobe para a cabine, no momento em que chega a vez de o caminhão atravessar a ponte, traz nas mãos uma infinidade de papéizinhos com endereços nos Estados Unidos, escritos com letras estranhamente inclinadas. Todos convidam-no a ir visitá-los, depois da guerra. Gritando-lhe *good luck*, acenam com os braços, com salsichas nas mãos.

— Você esteve na Espanha? — pergunta o Gato a Janusz.

— Dezoito meses em cana, passando fome. Bati todos os recordes.

— Não se preocupe — diz Bob. — Vários companheiros comprometeram-se a dar uma voltinha para os lados da Espanha, quando a guerra acabar, para ajustar contas com os franquistas.

Rodam assim durante todo o dia. O Gato dormita em meio aos solavancos, imprensado entre a porta e o ombro de Janusz, um verdadeiro bloco de concreto. Há outras vezes em que eles são bloqueados em travessias de rios, ou junto a vias férreas, quando a estrada não é mais do que uma pista que ziguezagueia por entre ruínas e crateras produzidas pelas bombas. Há momentos em que têm de esperar durante várias horas. Mulheres francesas passam com garrafas de vinho tinto. Luc bebe no gargalo, como os outros, e deixa-se beijar por elas. Sente-se um pouco embriagado, tendo a impressão de flutuar em uma leve bruma, uma sensação de liberação invade-o e ele se sente quase à vontade, dizendo-se a si mesmo que não há nenhuma razão para que esse estado de espírito não continue. Apesar disso, não lhe dá trégua o vago receio de que, de um momento para outro, alguém, um graduado, venha perguntar-lhe o que está fazendo ali; ele está sempre observando à sua volta, mas ninguém lhe pede explicação alguma, e, cada vez que os soldados percebem que ele fala inglês, cercam-no com a mesma curiosidade e gentileza. Além disso, como poderia ele reconhecer um graduado?

Chegam a Chaumont à noite. Bob e Janusz largam Luc outra vez em um enorme dormitório e saem à procura de um posto de comunicação misterioso. Voltam bem tarde, dizendo que no dia seguinte seguem viagem para Neufchâteau, que não fica longe ao *front*, embora ninguém saiba exatamente a que distância. Devem continuar em direção ao leste. Olhando em um mapa, percebem que Neufchâteau fica na Estrada de Nancy. Obtiveram a confirmação de que a estrada está desimpedida, não terão muita dificuldade em arranjar uma carona de caminhão para Luc.

— Mas — pergunta Luc — onde está o Exército Patton?

— Provavelmente mais ao norte, em direção a Metz. Metz ainda não foi liberada. Por que você pergunta?

— É lá que está o meu irmão — responde Luc.

— E você acha que vai encontrar o seu irmão em meio a um

exército de cem mil homens em movimento? Espero que você fique sossegado junto com os seus parentes em Nancy. Seu irmão virá procurá-lo. Além disso, seu micuim, você já viajou bastante.

Ao amanhecer, embarcam na plataforma de um Dodge e misturam-se a uma tropa de FFIs parisienses com equipamentos novos, armados de metralhadoras Sten, a nova aquisição da divisão. Tremendo de frio, ainda meio adormecidos, os homens amontoam-se. Depois de terem rodado a noite inteira, ninguém tem vontade de conversar. O Gato acocora-se no fundo do caminhão, sempre protegido pelo urso polonês. Desta vez, é um comboio inteiro, com inumeráveis jipes, que avança lentamente, um veículo colado ao outro, por uma estrada estreita e esburacada. Nas aldeias, as janelas estão guarnecidas de bandeiras; ao longo das ruas as pessoas os aclamam. Policiais, bombeiros e voluntários fazem a sinalização do tráfego.

Em Neufchâteau, desembarcam em uma praça, na qual o sol pálido acaricia montes de escombros que um dia foram casas. Passa um interminável comboio de blindados americanos.

— Vou me informar — diz Bob. — Vou ver se lhe arranjo uma carona para Nancy.

Pouco depois, volta dizendo ter encontrado uma coluna de FFIs que vem de um maqui, perto de Langres e que vai para os lados de Nancy. Eles acompanham o I Exército Francês que está subindo, vindo do sul da França: a junção foi feita. Ele falou com vários deles, que concordaram em transportar o Gato. Bob leva-o até uma espécie de quartel, um prédio degradado, com paredes crivadas de impactos de obuses e que na verdade pode ser simplesmente uma escola, diante do qual estacionam caminhões de todos os tipos, com o gasôgeno esquentando, em cuja capota e laterais se vêem enormes cruzes de Lorena pintadas de preto. À volta, homens de uniforme de tecido verde-garrafa dos *Chantiers de jeunesse* (grupos de jovens), com boinas e enormes botinas que fazem um barulho horrível. A maior parte deles trazem metralhadoras Sten ao ombro, e alguns portam somente fuzis de caça.

— Aqui está o irmão do rapaz — diz Bob a um jovem alto e magro, de óculos diminutos com aro metálico. — Cuide bem dele.

— Dê-me o endereço de sua família em Nancy — diz ele ao Gato. — Talvez eu vá visitá-lo um dia.

Luc enrubesce e começa a gaguejar.

— Não tenho certeza do endereço. — E dá o do apartamento da família em Paris, pensando consigo mesmo que era uma idiotice, pois este era um endereço fantasma, um apartamento vazio, um navio abandonado.

Bob olha-o com seu jeito tranquilo e pergunta-lhe:

— Mas você está seguro de que vai a Nancy?

— Naturalmente — responde o Gato, sacudindo os ombros. — Naturalmente.

— Então, tchau, Luc — diz Bob, fazendo um gesto rápido de despedida com a mão, e vai embora, com seu passo comedido, sem se voltar para trás. O Gato sente-se novamente abandonado. A besta, em seu estômago, começa a dar mordidas, e ele se dobra em dois.

— Venha tomar um suco — diz o rapaz alto e magro.

No pátio, um grupo de homens vestidos de verde ou à paisana, com braçadeiras, está postado à volta de uma enorme panela sobre um carrinho, bebendo café em canecas. Ao longo da parede, vê-se um amontoado de capacetes alemães e um monte de granadas de cabo de madeira. Luc olha tudo isso e pensa que seriam belas peças para a sua coleção. O rapaz alto e magro percebe suas intenções.

— Não se pode tocar. Ao que parece, não são para nós. No entanto, não somos muito numerosos. E precisaríamos deste material. Mas aqui é assim: ordem, disciplina e imbecilidade. Em outras palavras: o Exército.

Quando terminam de beber o suco morno, o rapaz acrescenta:

— Vou levá-lo para o caminhão. Não tenho nenhuma vontade de que você seja descoberto pelo comandante.

Aponta com o dedo uma silhueta que se agita no centro do pátio. Vendo-o, o Gato tem a impressão de ter diante de si um personagem saído do exemplar de *L'Illustration** de 1939, ou talvez até mais antigo, que ele folheava em Marles. Trazendo as canelas apertadas em perneiras guarnecidas de cadarços e ganchos por cima da calça de montar de cor clara, veste uma longa túnica caqui que comprime um talabarte de couro do qual pendem uma pistola e um estojo de binóculos que lhe batem nas nádegas: nas mangas, traz largos galões, e porta uma braçadeira tricolor no braço direito, e sua boina verde, atravessada sobre o rosto anguloso, faz pensar na Legião dos Antigos Combatentes: um verdadeiro espantelho.

— É um filho da puta — diz discretamente o rapaz.

Depois, sobe com o Gato na traseira coberta de um caminhão.

— Você não vai lá?

— Eles me torram o saco. São uns imbecis. Tou cagando pro comandante. Não vim aqui pra participar desta palhaçada.

Do caminhão eles vêem o comandante dar ordens, gesticular ao pé de um mastro, no centro do pátio. Os homens formam um quadrado à volta e apresentam suas armas diversas. A bandeira é hasteada. Isto

□ Semanário francês, fundado em 1843, que ilustrou de maneira incomparável os eventos na França e no mundo até 1944, data em que deixou de ser publicado. (N. do T.)

lembra ao Gato o pátio do Liceu de Toulon, em 1941, quando todas as classes eram reunidas no velho pátio para executar a cerimônia chamada de "saudação à bandeira", também qualificada de "olímpica", que consistia em lançar, em dois tempos, o braço e a mão estendida, do coração para o céu, e que provavelmente não passava de uma vergonhosa saudação fascista disfarçada. Ali, a saudação é mais clássica: bate-se continência. Depois, o espantalho faz um discurso. Eles não o ouvem, mas vêem os gestos ritmados que o acompanham. Mais tarde, os homens desfilam a passo, contornando o pátio, berrando uma música que o Gato ouve pela primeira vez; somente o início fica-lhe na memória, pois eles o repetem incessantemente: "Amigo, estás ouvindo o negro esvoaçar dos corvos sobre nossas planícies. . ."

— É a última invenção desse puto. Há três dias, ele chegou todo excitado, com um disco vindo diretamente de Londres. Requisitou um toca-discos, botou os soldados em volta, girou a manivela e nos torrou o saco durante um hora com este troço sinistro, até que a gente aprendesse de cor. Uma dose cavalgar de encheção de saco. Eles chamam a isto o *Canto dos guerrilheiros*. Como se a gente precisasse dessa palhaçada. De qualquer maneira, este negócio é tão horrível e eles cantam tão desafinado que talvez isso afugente os boches, já que todo mundo sabe que eles têm um ouvido musical. Suponho que seja a nossa arma secreta. A gente não tem munições; eles nos trazem um disco. E proibem tocar nas granadas. São um bando de idiotas.

— Mas por que você está aqui? — arrisca o Gato.

— Por que — balbucia confusamente o rapaz —, por quê? Pois é, meu guri, esta é a questão: por quê? Acho que só tem uma explicação: devo ser ainda mais imbecil do que todos os imbecis que nos dão ordens, mais idiota do que este filho da puta que está aí. Sim, é isso. E imagine que sou tão imbecil, tão incorrigivelmente imbecil, que, na verdade, estou quase contente de estar aqui. Ninguém está me forçando. E acho que acontece o mesmo com os meus companheiros. Eles mereciam coisa melhor. São gente fina. E o cúmulo da história é que sou recidivista. Quando parti, em 1943, para escapar do STO, poderia simplesmente ter-me escondido e esperado. Estive num maqui do Exército Secreto, no Jura. O mesmo gênero que aqui: sempre acabo me dando mal. Esses homens, oficiais de carreira que queriam repetir o que fizeram em 40, ainda pensavam que estavam num exército regular: sentiam falta do quartel e de todas as babaquices suprimidas pela derrota. Fiquei de saco cheio. Me mandei pra Suíça. Os suíços não me deram colher de chá, mas, enfim, na prisão de Genebra, comi muito bem, como não comia há muito tempo. Naquela ocasião, também, eu podia ter-me

arranjado, esperado. Mas o saco estourou e eu aporrinhei tanto os suíços que eles me expulsaram. Aí então comecei a procurar um novo maqui. Mas não tive sorte: caí outra vez num maqui do AS*. E este puto de tenente de carreira que botou os galões do comandante: ele mandaria a gente fazer qualquer asneira para justificá-los, ele se caga de medo que lhe retirem os galões. E aqui estou eu, graduado e tudo, com esta imundície de uniforme dos *Chantiers de Pétain*, a brincar de guerra. Você sabe, o terno de uma *agradável cor verde* que a velhinha mandou fazer para o elefante Babar?

— Sim — responde o Gato.

— E no entanto — retoma o rapaz —, a gente lutou como uns doidos subindo em direção a Langres, e perdemos muita gente. Eu tentei sobretudo limitar os prejuízos. É a única coisa de que tenho orgulho. Desde que comecei a comandar a minha seção, não perdi nenhum homem. E penso cá comigo que se eu conseguir chegar ao fim sem sofrer perdas entre meus homens, terei talvez ganho a minha guerra, à minha maneira. Quando chegamos de Langres sentíamos-nos como deuses, invencíveis com as nossas duas metralhadoras Hotchkiss, nosso morteiro modelo 1932 e os nossos dez obuses. Vimos chegarem os americanos e o I Exército Francês. . . Você viu o comboio de há pouco? Parecia um rolo compressor: nós estávamos lá, à beira da estrada, olhando desfilar os blindados, os caminhões, todo aquele arsenal imponente. Eles eram legais com a gente: davam-nos rações, deixavam que a gente mexesse no material, como se deixa as crianças brincarem com as coisas dos adultos. Aí então, a gente se sentiu umas bostas. E se você visse em que tom os civis falam com a gente. Foi naquela hora que eu soube que ficaria até o fim. Depois que os primeiros combates terminaram, que o departamento foi liberado, cada um podia voltar para a sua casa. Nenhum voltou. Todos nós assinamos um compromisso de ficar até que a guerra acabasse. Depois, disseram-nos que os graduados do maqui que tinham diplomas e antiguidade podiam fazer um estágio para ser incorporados numa unidade *regular* (como eles dizem); decidi continuar sendo uma bosta, junto com os meus bostas. Há dez dias estamos guardando os flancos da Primeira DB. Todo o tempo temos falta de munições. Tenho um carregador para a Sten: vinte balas. Fazemos a limpeza, bem esmiuçada: o trabalho que ninguém quer. Continuo a proteger os meus homens da burrice desse puto de merda. É isso. Agora, mandam a gente pra Nancy. Prometi ao seu amigo Bob que o deixaria lá e a única coisa que peço a você é que não se afaste do caminhão, para não ser descoberto.

□ *Armée Secrète*, Exército Secreto. (N. do T.)

No pátio, a encenação terminou. Os homens montam nos caminhões.

— Então, chefe, o senhor continua apreciando os discursos do velho?

— Alguém tinha que ficar cuidando dos gasogênios.

— Ele vai acabar achando que o senhor tem alguma coisa contra ele — dizem os soldados, dando tapas nas costas do rapaz.

— Temos um passageiro — diz este último. — Vamos deixá-lo em Nancy.

— Você tem sorte: uma jaqueta americana — exclama um homem. — Não é justo, estão vestindo os moleques antes de nós.

E, tateando a jaqueta:

— Olhem só este forro. É realmente impermeável.

Os caminhões arrancam rangendo. Rodam uma hora sob o céu acinzentado, lentamente, ao ritmo dos gasogênios moribundos. O comandante abre o comboio num Peugeot com teto aberto, ornado de uma grande bandeira com a cruz de Lorena; vê-se sua boina marcial emergir de vez em quando, como um periscópio vacilante. Cinco veículos diferentes seguem-no, entre os quais um caminhão com carroceria-basculante achatada, para a coleta do lixo, animal pré-histórico que arrasta sua carcaça e sacode-se sobre suas rodas revestidas de borracha, com uma metralhadora de tripé sobre a cabine.

— É o nosso blindado — diz o chefe ao Gato.

Param ao longo de uma rua estreita, em um vale que margeia uma floresta, brilhante e dourado. O Gato põe a cabeça para fora e vê, na frente, um jipe e três tanques americanos. O rapaz magro vai informar-se.

— Mudança de programa — anuncia ele ao retornar. — Vamos sair desta estrada. Ao que parece, é preciso que a gente se mostre nas aldeias, onde ninguém ainda passou. Por ali há toda uma zona. . . Não gosto muito disso. Não estamos suficientemente armados.

E voltando-se para o Gato:

— Se eu tivesse sabido. . . Em todo caso, não saia daqui.

Rodam por uma estrada sinuosa e esburacada, amarela de lama, entre arbustos de ameixeiras selvagens, que segue os contornos de pequenos vales, e passam sem parar em várias aldeias, onde de enormes montes de estêreo, diante dos portões, escorrem rastros pretos. As pessoas saem de suas casas, observam-nos com um ar espantado, fazem-lhes sinais.

— Que idiota — murmura o rapaz magro. — Por que é que ele não pára? Está rodando às cegas.

Depois, repentinamente, à entrada de uma aldeia, o caminhão pára bruscamente, derrapando e batendo no caminhão precedente. Os passageiros são projetados uns contra os outros, e ouvem-se disparos e gritos:

— Desçam, desçam!

O Gato vai parar, sem saber bem como, em meio às rodas do caminhão. Ouvem-se várias rajadas e os cliques metálicos das Sten, que os homens armam.

— Não atirem — diz o rapaz magro. — Em hipótese alguma. . . O primeiro que atirar vai levar uma porrada. — Levanta-se e caminha ao longo da coluna contra a qual os homens permanecem agachados. Na ponta, o Gato, que observa por cima do chassi, vê mulheres agitarem-se, ouve gritos e depois uma rajada breve de metralhadora.

— A Hotchkiss — diz um homem.

Depois, vem o silêncio. O magro volta.

— Acabou, por enquanto. Eram uns dez SS que devem ter ficado para trás. Seguramente foram pegos de surpresa e atiraram no último momento no primeiro carro do comboio. Pegamos sete deles.

E, rindo, acrescenta:

— Não temos feridos, mas o Peugeot do comandante está fodido, com os quatro pneus furados. Queria que vocês vissem a cara dele: está louco de raiva. Bem feito! Se ele tivesse parado antes. . .

Nesse momento, o espantalho em pessoa chega, a largos passos, agitando sua pistola e gritando:

— Voltem para os caminhões.

Parando bruscamente diante do Gato, que está se reerguendo, o comandante grita:

— O que é isto?

— Nada — diz o magro.

— Como nada? Donde vem este garoto? Isto aqui não é uma creche! É um batalhão do Exército Francês.

— É apenas um passageiro, comandante. Ficamos de transportá-lo alguns quilômetros.

— Não quero mais vê-lo aqui. Larguem *isto* aqui, imediatamente. E além disso, onde foi que ele pegou este uniforme?

Felizmente, o Gato não se sente obrigado a responder à perguntas que lhe passam por sobre a cabeça, como se ele não existisse. E, felizmente, também chega alguém correndo, para perguntar o que se deve fazer com os prisioneiros que estão lá esperando, com as mãos na nuca. O espantalho vai-se embora a toda pressa, depois de repetir:

— Larguem *isto* aqui imediatamente!

O rapaz magro olha o Gato com um pequeno sorriso triste:

— Então, *isto*, você ouviu? Não posso deixar de obedecer. Não fundo, talvez seja até melhor. Mas também não vou deixar você assim na mão. Venha comigo.

O Gato pega sua bolsa e, com o rabo entre as pernas, segue o rapaz, que vai bater na porta de uma casa cujas janelas estão fechadas.

— Confio-lhe este menino — diz ele ao homem que aparece. — Cuide dele e faça o necessário para que ele consiga chegar a Nancy o mais rápido possível. Eu lhe agradeço muito.

E, como o homem não se mexe, plantado na soleira da porta entreaberta, o rapaz acrescenta:

— É uma ordem do Comandante Bayard, do Primeiro Batalhão do Maqui de Langres, das Forças Francesas do Interior.

Empurra bruscamente o Gato para dentro da casa e vira as costas.

Só quando ele já está indo embora, o homem o chama:

— Senhor, senhor. . . E os americanos, vão chegar logo?

— Não há americanos por aqui, só franceses. O país está liberado. O senhor não sabia?

— S-sim. . . isto é, não. Faz cinco dias que estamos sem eletricidade, sem rádio, sem notícias. Desde que Nancy foi liberada, estamos esperando os americanos. É como se tivéssemos sido esquecidos. E tudo o que a gente vê chegar são estes alemães que se abatem sobre as nossas aldeias, em pequenos grupos, como gafanhotos, arrasando tudo o que encontram. Eles estão em toda a extensão do vale.

— Vamos dar um jeito nisso — diz o rapaz por cima do ombro, sem se voltar para trás.

— Mas, senhor, eles estavam esperando os americanos para se renderem, e não vocês. Eles não vão se convencer.

— Vão ter que se convencer.

E o rapaz parte em direção à agitação da coluna que se põe novamente em movimento. O Gato entra atrás do homem e a porta se fecha, diante da penumbra da peça.

— É uma desgraça, uma verdadeira desgraça — diz o homem. — Mas que diabos estes aí vêm fazer aqui? Nós não precisávamos disto. Eram os americanos que nós estávamos esperando.

— Eles vão estragar tudo — diz uma mulher sentada à mesa.

O Gato larga sua bolsa sobre uma grande mesa revestida de uma toalha encerada xadrez e espera, em pé. Na mesa, vêm-se tigelas e sopeiras cheias. Duas mulheres estão sentadas, cujos rostos ele

distingue mal: uma velha e uma mais jovem. Um fogão a lenha, preto e cor de cobre, esquentava a peça. Calor aconchegante, calma, tranquilidade: ele até que ficaria ali, descansando. Faz-se um longo silêncio.

— E o que vamos fazer dele? — diz finalmente o homem, virando-se para o Gato.

Não parece ser velho. Traz na cabeça um boné escuro com uma insígnia vagamente prateada, algo como um boné de funcionário da companhia de energia elétrica.

— Não sei — diz a mulher mais velha. — Pergunte a ele de onde ele vem.

— Venho de Paris — diz amistosamente o Gato, que pensa consigo mesmo que não há necessidade de intérprete e que decididamente ele não gosta que falem dele na terceira pessoa, em sua presença, como se ele fosse um cachorro. — E estou indo para Nancy.

Ouve-se o ruído da passagem dos caminhões do comboio. Pouco tempo depois, disparos e uma rajada de metralhadora.

— Pronto — grita o homem. — Eu bem que dizia. Que desgraça!

Eles espicham o ouvido, em meio ao silêncio.

— A sopa vai esfriar — diz a outra mulher. — Você deveria é tratar de recobrar suas forças. De qualquer maneira, não há nada que possa fazer.

— É — diz o homem —, é uma desgraça.

Senta-se. O Gato continua de pé, sem saber que atitude tomar, nem o que dizer. "É preciso saber esperar", disse Janusz, "aguardar em silêncio e ter paciência." Dizer é fácil.

— Ele não pode ficar aqui — balbucia o homem, depois de três chupadas sonoras na sopa. — Um menino assim sozinho, na estrada, nos tempos que correm, não é normal. Não é o momento de a gente se envolver em encrências. Ainda mais na minha situação.

"Talvez", pensa o Gato, que agora se lembra dos métodos de seu irmão, "se eu tivesse uma francisca, daria uma melhor impressão. . . Não, que tolice."

— Você deveria — diz a velha — chamar a polícia, já que o telefone funciona. E assim a gente teria notícias.

— Você tem razão — diz o homem.

Entra numa peça ao lado e o Gato ouve-o girar a manivela do telefone e falar, mas não se ouvem as palavras distintamente. A discussão prolonga-se.

— Eles não querem fazer nada — diz ele voltando. — Dizem que não podem sair enquanto estiverem atirando na aldeia. Pediram-me que eu mesmo lhes levasse o menino.

— Mas se é perigoso para eles, também é perigoso para você.

Para isso eles são pagos.

— Pois é, foi o que eu lhes disse. Eles não querem saber de nada.

— Então — diz a velha —, é melhor esperar. Além disso, logo que a coisa se acalmar, ele poderá ir sozinho até a delegacia.

O Gato respira fundo, para ganhar coragem, enchendo-se do aroma da sopa.

— Acho — diz ele ao final —, que posso ir imediatamente.

Dirige-se para a porta e abre-a. Ninguém se mexe.

— Diga-me uma coisa, meu senhor — pergunta ele ao abrir a porta —, qual é a sua situação?

— Sou Conselheiro Municipal — diz o homem. — Mas — acrescenta ele, embaraçado —, você deveria ficar um pouco. Tem a sopa aí. . .

— Não, obrigado — diz o Gato, saindo para a praça.

— A delegacia fica no outro lado da aldeia — grita-lhe o homem. — Siga a estrada à esquerda, e depois sempre reto.

Lá fora, tudo está deserto. Durante alguns momentos, o céu se desanuvia e sua luz baça reflete-se nas poças de lama. Luc passa por casas velhas, outros montes de estrume, uma praça enlameada à direita, para os lados do campo, uma fonte, ou um bebedouro, a água que canta, sob tília amarelecidas. Todas as janelas estão fechadas. Ele avança até a praça. Três cadáveres vestidos de preto estão jogados na lama, os três na mesma posição, de barriga para baixo, com os braços estendidos para a frente, sem capacete. Estão desarmados, e um deles está até descalço (teria o Gato realmente visto uns buracos nas meias dos mortos?) Deve ter largado a granada de cabo de madeira que estava segurando e esta rolou a um metro dele. Luc não resiste à tentação e se abaixa para olhar: o anel não foi puxado, ficando engatado na trava. Pega delicadamente a granada e enfia o cabo no cinto, sob a jaqueta.

Ao levantar-se, vê do outro lado da praça, atrás do bebedouro, aparecerem, sob as folhas das tília, os capôs caqui cobertos com a indefectível lona violeta dos blindados americanos. Aproximando-se, vê que ali estão, parados, três carros blindados e um jipe. Os homens dos blindados estão sentados em seus postos, silenciosos, e, no capo do jipe, três soldados de capacete estão debruçados sobre um mapa.

O homem que está atrás da metralhadora do carro mais próximo grita em direção a Luc:

— *Hi, froggy! Where did you get this splendid jacket?* Onde você arranjou esta bela jaqueta?

— *Can I help you?* — pergunta Luc educadamente, tentando

encontrar o sotaque oxfordiano de que sua família fazia tanta questão.

— *Great, folks!* — exclama o americano. — Olha só, gente. *This guy speaks English.*

Os homens do jipe voltam-se e o olham de cima a baixo, espantados.

— *Really? Fantastic!* — diz-lhe o mais velho, que usa óculos de aro dourado e que deve ser um oficial. — *Nobody speaks a real language in this fucking country.* Ninguém fala uma língua de verdade neste país de merda. Você poderia indicar-nos a direção para *www. . . ville?* (Sua pronúncia é tão ruim que o Gato não chega a compreender: Alsonville, Ersonville, Oursonville?)

— *I don't know the place* — diz o Gato. — *But I can ask for you.*

— Nós perdemos o contato pelo rádio — explica o oficial, mostrando a longa antena do jipe partida em duas, como uma vara de azeiteira. — E acho que nos perdemos. Como se chama esta aldeia?

— Tennon — diz o Gato, que tinha visto a placa na praça.

O oficial pede-lhe que repita várias vezes, porque ele não compreende o nome.

— *If you want, I can show you on the map* — diz o Gato timidamente.

Desta vez, como não se trata apenas de uma brincadeira, ele fica muito contente em saber ler um mapa. Os homens mostram-lhe uma zona circundada a lápis e ele tenta achar-se em meio ao labirinto de estradas e vales coloridos de marrom e verde. Leva tempo examinando o mapa, tendo a impressão de tratar-se de uma prova escolar difícil. Partindo de Neufchâteau, acaba encontrando, nas redondezas, Tennon, e, seguindo com o dedo os caminhos, chega a Houssonville, no entroncamento de uma estrada principal: era exatamente o que eles procuravam. Os soldados dão-lhe tapinhas nas costas, dizendo:

— *Hurray! Billy, you 're a good pal!*

— *I think. . .* — acrescenta o Gato — *there are Germans everywhere.* Há alemães por todos os lados.

— *OK* — diz o oficial —, *that's what we are here for: pick the krauts up.* É justamente para isso que estamos aqui: para botar pra fora estes boches. Venha conosco até a aldeia.

Embarcam no jipe, o Gato atrás, e os blindados arrancam. Atravessam a praça, desviando dos cadáveres. Janelas abrem-se e, por todos os lados, começa a aparecer gente. Alguns abanam com bandeiras francesas. Eles param. Do fim da rua que atravessa a aldeia, surge um pequeno grupo de pessoas correndo: um civil com

uma bandeira, um bombeiro e dois policiais de uniforme azul. A porta da casa de onde o Gato acabara de sair abre-se também e o funcionário da companhia de eletricidade, de boné na mão, vem juntar-se ao grupo.

— Sou o prefeito! Sou o prefeito! — grita o homem com a bandeira.

— Tenente Schultzberg, US Army — anuncia educadamente o oficial. — *Do you speak English?*

— Não — grita o prefeito. — Bem-vindos! *Willkommen! Heil Amerika!*

— *Come on, froggy, translate for me. Ask him if there are Germans in Houssonville.* Pergunte a ele se há alemães em Houssonville. E diga a ele também que eu não falo alemão, só um pouco de iídiche.

— *What is iídiche?* — pergunta o Gato.

O oficial sacode os ombros:

— *Never mind. Forget it. Go on quickly.*

— Ele pergunta ao senhor — começa o Gato, todo orgulhoso e enrubescido, em meio a um silêncio respeitoso — se. . .

O prefeito responde que ele não sabe ao certo, mas que é quase seguro que sim, e que eles têm de andar depressa, muito depressa.

— *I don't understand* — diz o Tenente Schultzberg, gracejando — *why he is in such a hurry to see us get ourselves killed.* Não entendo por que ele está com tanta pressa em nos mandar para o matadouro.

— Ele quer saber por que ele tem que se apressar — explica o Gato ao prefeito.

— Diga-lhe que há uma coluna de maquis que passou por aqui não faz uma hora; eles vão arrasar com tudo. Por isso, eles devem partir logo que os outros chegarem, e devem deixar-nos um contingente para nos proteger.

— *Others? What others?* — pergunta o tenente, desconcertado.

— Os outros. . . os outros americanos. O grosso das tropas. O Exército Americano, ora!

— *Oh, fuck!* .. *We are the US Army* — começa a dizer o tenente, levantando a voz.

— O que é que ele disse?

— Não compreendi bem — diz com honestidade o Gato.

E, voltando-se para o tenente:

— *What is "fuck"?*

O tenente explode numa gargalhada. Pega afetosamente o Gato pelo pescoço e grita, sacudindo-o:

— *Oh, you, funny guy, funny guy* — e todos os soldados caem na risada.

Mulheres trazem vinho branco e cálices para os soldados. Um camponês aproxima-se do motorista do jipe, que é negro e tem um nariz aquilino, e grita-lhe:

— Oi, Jimmy. Então, tu tá sastifeito?

— *What is this old gentleman saying?* — pergunta o motorista, surpreso.

— *He said: Are you happy?* — explica o Gato, deixando de lado as particularidades do linguajar do camponês.

— *I don't know* — resmunga o motorista. — Acho que tenho de esperar para responder quando estiver em Berlim. Ou melhor ainda: na Washington Square.

— Acho que compreendi a situação — diz por sua vez o Tenente Schultzberg, retomando a seriedade. — Mas eu gostaria que esse cara aí me dissesse se há alemães ou não em Houssonville e na estrada que leva até lá.

— Eu acho — sugere o Gato — que o telefone funciona.

— Pois bem, vamos lá, então! — diz o tenente, saltando do jipe. — Leve-me até a agência de correios.

— Há um telefone ali — diz o Gato, mostrando a casa do homem do boné.

— Venha comigo.

O tenente empurra-o através da porta aberta e ele volta a achar-se em meio ao calor acolhedor e ao aroma gostoso da sopa. O homem do boné entra atrás, seguido do prefeito e dos policiais. O Gato realiza sua vingança, mas não esquece de observar com o rabo do olho os policiais. Estes, porém, não mostram o mínimo interesse por ele, imersos na necessidade de se mostrarem prestativos. Ele vai até o telefone e gira energicamente a manivela.

— Poderia ligar-me com Houssonville, por favor?

— Que número em Houssonville?

— Não sei. Aqui é o Exército Americano.

— Vou chamar o Correio de Houssonville, então.

Uma outra voz masculina:

— Sou o Chefe da Contabilidade do Correio de Houssonville.

— Aqui — diz o Gato —, é o Exército Americano. Nós gostaríamos de saber se há alemães em Houssonville.

— Não, senhorita. Todos eles já se foram embora há uma hora atrás.

— Há outros soldados? — pergunta o Gato, tentando, humilhado, engrossar a voz.

— Não, senhorita. Diga-lhes que podem vir. Nós os estamos esperando ansiosamente.

Ele traduz ao tenente, que dá um grande sorriso, levanta o polegar, piscando o olho, empurra-o para fora e coloca-o dentro do jipe.

Rapidamente, atravessam a aldeia e começam a rodar no campo, por entre os buracos nas estradas, seguidos de três carros blindados. "Desta vez é pra valer", pensa o Gato. "Não é apenas uma brincadeira. Ah, se Antoine me visse. . ." Um sentimento de nostalgia apodera-se dele, por não poder compartilhar sua exaltação. Um quarto de hora mais tarde, após uma longa descida em curva, margeada de árvores frondosas, eles param diante de um casarão ornado de torres medievais, que marca a entrada de Houssonville.

Embaixo, ao longo do fosso, a uma distância considerável das primeiras casas, surge uma forma conhecida: um caminhão de gasogênio com uma cruz de Lorena, e, à volta, agachadas, dispersas por detrás das árvores, sombras esverdeadas. O jipe mal tinha começado a última linha reta, e uma silhueta familiar aparece. O Gato reconhece o rapaz alto e magro, que lhes faz manifestamente sinais com os braços para que parem. Eles param bruscamente e os blindados param atrás. Estão a não mais de uma centena de metros do caminhão. O Gato está feliz em reencontrar um rosto conhecido. Salta pela traseira do jipe e vai correndo em direção ao seu amigo, que lhe grita coisas que ele, na excitação da corrida, não ouve.

— Olhe — diz ele quando chega perto do rapaz, abrindo a jaqueta e mostrando a granada de cabo. — Apanhei uma.

— Muito bem. Vê-se que você tem boas idéias. Mas não ouviu o que eu estava gritando? Era para que você não viesse aqui.

— Bom, mas agora já está feito — diz o Gato.

— Esconda-se e não se mexa. Espero que estes seus amigos americanos não se enervem. Já faz um tempão que estamos esperando a saída dos boches. Eles gritaram de lá de dentro, pedindo que a gente não atirasse, que iam se render. Depois disso, mais nada, só silêncio. E esta espera não tem fim. Não estou gostando disto. Eles estão com medo. Este suspense deixa todo mundo nervoso.

Há um momento de calma e depois, bruscamente, as coisas evoluem muito rapidamente. Um grupo de alemães de uniforme preto emerge do portão escuro do casarão de pedra talhada, com os braços para o alto; um deles traz um pano branco. Avançam em direção à praça. Quando estão a meio caminho do caminhão, ouve-se uma breve rajada de metralhadora. Onde teria partido? De uma janela da muralha? Detrás de uma das árvores que margeiam a estrada?

— Não atirem! — grita o rapaz magro.

Ele continua a gritar, em meio ao tiroteio que explode em toda a volta da praça.

Os alemães se põem a correr em direção a eles; o primeiro pára a apenas alguns metros, com os braços balançando, de pernas abertas,

gritando. Seria ele ou o rapaz magro que grita "Não atirem, não atirem!", em meio àquela zoeira em que ninguém ouve ninguém? O homem abre seu casaco, enfia a mão no cinturão, agarra algo que não chega a puxar.

— A granada, a granada — berra o rapaz magro junto ao ouvido do Gato.

Este levanta-se, puxa sua granada de cabo e pega-a com a mão esquerda. É bem simples: ele já havia muitas vezes feito esse gesto, nos bosques, quando ia ver o vigário de Magny, com os coelhos, na chameca, com o Olmo do Pastor. Puxa o anel e lança a granada para a frente. Seu gesto é demasiadamente curto e ela rola a alguns metros sobre o cascalho, bem junto aos pés do alemão, que começa a correr desesperadamente em direção ao casarão. Os outros correm também, alguns caem. Então, ouve-se uma explosão que abafa tudo. O estrondo sacode o Gato, que sente como se sua cabeça fosse estourar. Vai parar deitado no chão, com o nariz enterrado na lama, os ouvidos invadidos por um assobio estridente, e ali fica, sem se mexer, só ouvindo aquele assobio que invade todo o seu corpo.

Quando, enfim, as coisas se acalmam um pouco e uma mão vem levantá-lo do chão, ele olha para o alto e vê rostos, como o do Tenente Schultzberg, pálido, sem óculos, desfeito como se estivesse chorando, e mais adiante o do rapaz magro, bem como outros rostos. O Tenente Schultzberg levanta-o pelos braços, abraça-o, diz-lhe algo, mas aos seus ouvidos chega apenas aquele terrível ruído estridente.

Ao longe, ouve a voz do rapaz magro, que lhe diz no ouvido:

— Não foi nada, não foi nada. Já acabou. Responda-me: você está me ouvindo? Terminou. Grite. Você tem de gritar. Nós todos estamos surdos. É normal.

O rapaz grita, mas o Gato nada houve senão um fio de voz:

— É normal.

Seu rosto pálido, porém, e sua boca contorcida dizem o contrário.

O Gato não tem vontade de gritar. Sente-se muito longe, fraco, leve; tem a impressão de que se se mexesse, ou se abrisse a boca, desmoronaria inteiramente, e dele nada mais restaria que uma nuvenzinha que se evaporaria. Sem poder reagir, fecha-se em si mesmo e cerra os olhos.

Quanto tempo depois os teria aberto? Agora, está encostado em uma árvore. Diante dele, vê-se a roda do jipe, pés, pernas e, no alto, bem no alto, o Tenente Schultzberg, que havia recolocado seus óculos e sorri.

— *Sorry for the trouble.* . . — diz-lhe o Gato.

— *Oh! You froggy, funny guy* — diz o Tenente Schultzberg, abaixando-se e afagando-lhe os cabelos. O Gato dá-se conta de que

começa a ouvir novamente — só que os ruídos chegam-lhe aos ouvidos um pouco opacos, abafados. Olha em direção à praça e vê pessoas que se agitam, uniformes verdes e caqui, civis. O rapaz alto e magro vem em direção a ele:

— Acabou. Mas a sua granada, a sua granada. . . Eu não lhe pedi que a atirasse. Só queria que você me desse aquela granada. Era só para assustar aquele veado. Não queria lançá-la.

— Ele morreu?

— Sim, dois boches morreram e três ficaram feridos. E prendemos uns dez. Mas não foi a sua granada que o matou. Ela não matou ninguém. Nem do lado deles, nem do nosso. Uma verdadeira sorte.

— Quem atirou?

— Se entendi bem, eles não estavam de acordo, lá dentro. Eram uns quinze alsácio-lorenos, caras recrutados à força entre os SS, que estavam decididos a se render. Mas havia também dois graduados SS, dois legítimos. No início, eles quase brigaram entre si. Foi por isso que ficamos plantados como uns imbecis, sem compreender o que se passava. Depois, quando viram os americanos chegar, os alsacianos pensaram que havia chegado o momento: saíram, e foi então que os dois filhos da puta, que talvez não tenham visto nada, atiraram em nós. Na verdade, nós nem sabemos se foi em nós que eles atiraram.

— Então, o cara que gritava "Não atirem". . .

— Era um alsaciano. Ele queria se render. E quando a coisa ficou preta, ele se sentiu como um rato preso na ratoeira, entrou em pânico e levou a mão ao revólver, suponho. De qualquer forma, há boas notícias: o Comandane Bayard foi atingido, em sua marcha triunfal por Deus e pela Pátria, por uma bala de mauser nas costas. Guinchou como um porco no matadouro, mas mesmo assim foi evacuado e entregue às freiras, que o encheram de bandagens, e assim o batalhão ficou livre dele. O caminho está livre até a estrada para Nancy. Vamos seguir viagem, levo você até lá e deixo-o com a sua família, pacote entregue a domicílio.

Então, o Gato, simplesmente explode.

— Não tenho família nenhuma em Nancy. E além do mais — acrescenta ele, soluçando, sem refletir, pois isso lhe sobe do fundo das tripas —, além do mais, eu quero voltar para Paris.

O rapaz fica petrificado, com os olhos arregalados e a boca aberta.

— Seu grandessíssimo filho duma p. . .

Mas não termina a frase:

— Ora, assee esse nariz — grita ele —, vai ajudar a desentupir-lhe os ouvidos. Eu é que sou um imbecil. Não se traz um garoto para

uma loucura dessas.

*

O Tenente Schultzberg deu-lhe seu endereço em Boston e o motorista negro, o seu em Nova York. Encheram a bolsa dele de chocolate e de várias outras coisas. A esse ritmo, o Gato, com os bolsos cheios de papeizinhos rabiscados, vai acabar se transformando em guia telefônico ambulante dos Estados Unidos da América. O que ele não sabia na época, e que ficaria sabendo mais tarde, passados os anos, é que, a partir daquele momento, ele tinha uma família nos Estados Unidos. Dezenas de anos mais tarde, Schultzberg, de Boston, Lopez, de Denver (Colorado), O'Connor, de Washington DC, e todos os outros — os sobreviventes, é claro — continuariam a escrever-lhe regularmente a cada Natal, para contar-lhe sobre o casamento do filho mais velho, Richard, sobre o nascimento do primeiro neto, Simon, para pedir-lhe notícias de sua família ou para solicitar-lhe que hospedasse em Paris o primo Jonathan, que vem descobrir a Europa. Seriam eles que, no dia em que ele teve enfim seu visto, o levaram pela primeira vez ao Central Park, ao Bronx e ao Brooklin, mostraram-lhe as cabanas dos Adirondacks, as ilhas da Nova Inglaterra ao amanhecer e os *topless* de Montreal tarde da noite. . .

O Gato sobe para o caminhão de gasogênio. Os homens sorriem-lhe:

— Aí está o nosso atirador de elite.

— Na próxima vez que você lançar uma granada, é bom começar verificando se não tem ninguém por perto.

— Este aí é mais forte do que o alfaiatezinho que matou sete com um só tiro. . .

— ... Sim, sete com um só tiro, mas eram moscas.

Ele gostaria de sorrir para eles também, mas o sorriso não sai. Encolhe-se a um canto, tremendo. Sente vergonha, ao mesmo tempo em que se sente tranqüilizado, na medida em que ninguém parece estar zangado com ele. Os carros blindados arrancam e partem na frente, com as traseiras carregadas de prisioneiros alemães que se amontoam como moscas. O caminhão vem atrás. O Gato entrega o corpo aos solavancos. Mais uma vez, conta sua história ao rapaz magro.

— Vou dar um jeito de mandar você de volta para Paris — diz ele.

— Por favor — diz o Gato, vencendo a vergonha —, não me levem para a polícia.

— Você está louco? Aqueles filhos da puta? É claro que não vou

deixar você na mão.

Em Nancy, o rapaz deixa-o em um dormitório da Cruz Vermelha e anuncia-lhe que partirá no dia seguinte, em uma caminhonete que deverá ir a Paris para buscar medicamentos. Passa a noite encolhido, com os joelhos encostados no queixo, os braços em torno dos joelhos, os olhos abertos no escuro. Seus pesadelos indefinidos são animados pelos borborigmos habituais dos hóspedes deste gênero de lugar. De manhã, um rapaz e uma moça de uniforme cinza-azul vêm buscá-lo.

— Seu nome é Luc? Você vem conosco a Paris.

Apertam-se na parte da frente da caminhonete. O rapaz e a moça falam mansamente, lentamente, sorrindo-lhe sempre e sorrindo um para o outro. Tratam-se de maneira formal.

"São namorados", deduz o Gato, fascinado.

Por vezes, ele tem a impressão de que aqueles dois não têm realmente necessidade de se falar para compreender-se: há momentos em que um parece responder a uma pergunta que o outro não fez, e eles acham isso perfeitamente natural. Vivem numa nuvem e o Gato está todo feliz em compartilhar um cantinho dessa nuvem. A moça faz-lhe perguntas sobre ele, sobre sua família, sobre seus estudos, e ele tenta dar-lhe respostas que a deixem contente. Continua a chover. Os limpadores de pára-brisa não funcionam. O caminhão roda lentamente por estradas estreitas e esburacadas. Eles se perdem, pedem informações e por momentos encontram-se numa grande estrada que a Red Bali continua, no outro sentido, a percorrer com sua cadeia sem fim. Muitas vezes param à beira dos fossos, sob as árvores. Ficam esperando uma barca durante horas, perto dos restos de uma ponte desmoronada, junto com uma multidão de ciclistas e de carretas de bois. Sentam-se na grama molhada para comer os imensos pedaços de pão insosso com salame que trouxeram, e o Gato desempacota suas barras de chocolate, *todas* as suas barras de chocolate. Os outros ficam maravilhados, dizendo-lhe que ele é um príncipe disfarçado ou um mágico. Passam por outras barcas e pontes de barcos instáveis, sempre carregadas de veículos. Assim, levam três dias para chegar a Paris. Na primeira noite, dormem na casa de parentes da moça, e ele dorme em verdadeiros lençóis sem se lavar. De manhã, a moça vem acordá-lo, acariciando-lhe o rosto. Ele tem vontade de abraçá-la e de ficar assim sem se mexer. Na noite seguinte, dormem em um celeiro que uns camponeses lhes oferecem.

Chegam a Paris tarde da noite e dirigem-se para aquela rua escura do sétimo *arrondissement*. Na frente do prédio, o Gato treme um pouco.

— Você quer que a gente o acompanhe, Luc?

Ele diz-lhes que não, que não é preciso, e pega sua bolsa.

— Então até logo, Luc. Você vai ver, vai correr tudo bem..

A moça loura abraça-o com ternura, passa-lhe a mão nos cabelos como se fosse penteá-los, ajeita-lhe a jaqueta, dando-lhe tapinhas nos ombros, e o rapaz beija-o também.

Ele sobe a escada no escuro, em meio ao silêncio, estranho silêncio ao qual não está mais habituado, um silêncio de morte. Aperta na campainha e sua tia, de roupão, vem abrir a porta. Quando o vê, dá um grito:

— Luc!

Puxa-o contra si e aperta-o, sufocando-o.

— Luc, meu filho!

Depois, larga-o bruscamente, dá um passo para trás e grita:

— Onde você está vindo? Por onde andou?

E desfere-lhe duas violentas bofetadas, como se fosse contra a sua vontade, como se não tivesse conseguido reter a mão.

— Não sei — diz o Gato. — Não sei.

Todo o seu corpo sacode-se em meio aos soluços, mas as lágrimas não vêm.

Depois, ele vai encolher-se no escuro, sem tirar a roupa, sobre a cama não desfeita. A tia entra, senta-se ao pé da cama e começa a acariciar-lhe a testa e o braço.

— Meu menino. . .

"Ah! não!" pensa o Gato, tentando encolher-se ainda mais, esconder-se no fundo de si mesmo, fechado como uma bola. "Ah! não! isso não. . ."

— Meu menino, meu pobre Luc, você tem que me dizer onde esteve.

Ela repete, apertando o braço dele, que ele gostaria de retirar, esconder, fazer desaparecer, mas que ela acaricia com obstinação:

— ... de onde você está vindo, onde você esteve?

"Mas que diabo deu neles todos", geme no interior de si mesmo o Gato, sem dizer nada, "que só ficam me fazendo perguntas, que mania é essa de interrogatório?"

— Nós esperamos tanto por você — diz ainda a tia. — Tivemos tanto medo.

Luc fecha os olhos com todas as suas forças, até ver mil estrelas. Não diz nada, continua calado e sente, enfim, que as lágrimas afloram, que seu corpo cede. Soluça, funga e adormece, repetindo para si mesmo: "Deu tudo errado comigo."

E ao longe, muito longe, ele ouve uma voz conhecida que diz:

"Seus filhos da p. . .!"

6. *La Petite Truanderie*

— Comigo deu tudo errado — repete Luc durante os dias seguintes. — Não encontrei Antoine. Não soube fazer como devia ter feito. Comportei-me como uma criança.

As perguntas se multiplicam, entrechocam-se, e ele as retoma em todos os sentidos. Por quê? Como? Poderia ele ter agido de outra maneira? O que poderia ter feito para que o resultado fosse outro e o que teria adiantado isso?

Para início de conversa, como é que ele pôde acreditar que poderia encontrar Antoine? Bob tinha razão: era estúpido imaginar que ele o encontraria num exército de cem mil homens. Por que tanta complicação? Não teria sido mais simples ficar, tranqüilamente, vivendo a *vida em família*, como diz sua tia? É preciso saber esperar, disse Janusz. Ele teria esperado — como o Gato agora vai esperar, já que compreendera que é tudo o que resta a fazer. Suponhamos que ele não tenha partido. Imaginemos que toda esta viagem não tenha passado de um sonho, que ele se tenha forçado a sonhar até o fim, até o momento em que o sonho se tornou pesadelo, até o momento em que ele lançou aquela granada: tentativa inútil, pois o pesadelo não o abandonou, e ele acordou em sua cama, aos prantos. Tenta imaginar que jamais deixara a família, que a partida de Chevigny nunca tinha ocorrido *de verdade*: mas e os mil francos pegos na gaveta do tio (ainda que ele tenha restituído quase toda a soma), os FFIs, a canção do pobre cego, a nora dos caminhões, as pontes instáveis e as barcas, todos os seus amigos americanos e seus endereços nos Estados Unidos, o rapaz alto e magro, o funcionário da companhia de energia elétrica, o frio das poças d'água, o chouriço, o cheiro de

vômito do cobertor no dormitório, as rajadas de Hotchkiss, o insuportável assobio em seus ouvidos ensurdecidos, os braços protetores do Tenente Schultzberg e a ternura dos dois namorados da Cruz Vermelha? Um sonho. . . Haveria alguma diferença? Sim, ele tem a nítida impressão de que tudo seria diferente. Pois, se ele tivesse ficado sossegado, ter-se-ia recriminado a vida inteira por não ter agido, por ter ficado esperando, como um menino comportado, um papel passivo que ele absolutamente não queria desempenhar. Aí sim, ele sabe que passaria todo o resto de sua vida a se recriminar por não ter tentado nada, a imaginar como teria sido *se* ele tivesse tido a coragem de partir, a imaginar que teria podido encontrar Antoine, se tivesse sido menos passivo e covarde. Restar-lhe-ia apenas imaginar indefinidamente a cena hipotética do encontro dos dois: Luc teria saído da floresta, com sua velha bolsa, encaminhando-se para uma praça onde cantava a água de uma fonte, ou um bebedouro, com companheiros que teriam rostos menos nítidos que os de Bob, de Janusz e do magrão; Antoine teria chegado de jipe, talvez como motorista de um tenente americano qualquer, que poderia assemelhar-se ao Tenente Schultzberg ou a qualquer outro, e, tendo-o avistado, teria parado, saltado do jipe e dito simplesmente, com um sorriso nos lábios:

— Oi, Gato. Agora você não está mais sozinho.

Isto, pelo menos, ele sabe que teria sido impossível. As coisas deram errado para ele, mas ele fizera o que estava ao seu alcance. Tudo o que estava ao seu alcance. E foi ele quem decidiu fazê-lo. Ninguém tomou a decisão por ele. Quando seu irmão voltar, quando eles se encontrarem *de verdade*, Luc poderá dizer que tentou, lealmente, que não ficara na dependência de ninguém. É verdade que havia sido desastrado, mas desastrado ele sempre é. Isto Antoine sabe muito bem, e não ficaria surpreso. Será que ele poderia ter feito algo melhor? Bob, no entanto, lhe dissera que era impossível. . .

Impossível, realmente? É fácil dizer. Bob não é infalível. A verdade é que ele não achou Antoine lá no Exército Patton, perto de Metz, coisa que não teria sido impossível conseguir. Mas se ele tivesse conseguido achá-lo, não o teria largado mais, ter-se-ia grudado solidamente à vida do irmão, ao passo que agora ele sente que Antoine se afasta em meio a uma bruma espessa. Já lhe é difícil imaginar o rosto do irmão: ele se esforça, concentrando-se, mas os traços continuam nebulosos em torno de seu sorriso. Antoine afasta-se, e não cessou de afastar-se desde aquela tarde em que desapareceu, pedalando como um dançarino pela encosta de Montainville, em meio ao sol, ao vento e ao odor de feno ceifado. "Espere-me, Antoine. Volte. Não poderei viver sem você. Ainda

não. Quem me explicará as coisas?"

Assim evoluem, na cabeça de Luc, pensamentos que são muitas vezes pesadelos, ao mesmo tempo em que retoma, o mais calmamente possível — pois ele jurou, de uma vez por todas, que só falaria do que não tivesse nenhuma importância —, a *vida em família*. Ele sabe que sua tia continua preocupada, que teve muito medo. Os gestos de carinho que ela faz em relação a ele fazem com que ele se feche ainda mais. Mas o que mobiliza todas as suas paixões é o comércio, são as negociações tortuosas, entrecortadas de brigas, de explosões de raiva e de frutuoso acordos com seus primos, a propósito dos tesouros que traz em sua bolsa.

Sente vergonha, mas também um certo orgulho, quando ouve sua tia dizer ao marido:

— Francamente, não sei o que se poderá fazer de Luc. Temo que esse menino não tenha coração.

— Na idade dele — diz o tio — tudo pode transformar-se numa brincadeira.

— Mas você viu o linguajar que ele adquiriu em poucos dias?

Quando Luc tinha sete ou oito anos, seu irmão dissera-lhe que escrevesse suas *Memórias*. Antoine havia-lhe costurado um caderno de papel branco com uma capa de cartolina roxa, sobre a qual se lia, em letras ricamente decoradas com arabescos: "Luc Ponte-Serra, *Memórias*, tomo I." Luc começara como a Condessa de Ségur:

"Minhas queridas crianças, vou contar-lhes quando eu era menina, até onde minha memória alcança. . ."

Não houvera tomo II. Hoje, seria incapaz de manter um diário, de escrever em um papel o que quer que seja que lhe diga respeito, que se relacione com o que ele vive e pensa. Tudo está bloqueado dentro dele. Tudo está emperrado. Nada poderia sair. Tampouco poderia escrever poemas em alexandrinos, como fizera no ano anterior, para celebrar coisas convencionais e tranquilizadoras:

*Entendez-vous pleurer les bois environnants!
C'est le grand vent du Nord qui passe en frissonnant. . .**

Quanto mais vazio de sentido, mais segurança dá. Mas ele não tem mais vontade de entregar-se a esses exercícios, que lhe parecem um tanto enjoativos. Agora ele os julga de cima, como fantasias de jovem. No entanto, se fosse capaz de manter um diário, dando uma forma aos sentimentos que se apoderam dele, agitando-se e confundindo-se em seu âmagô, deixando-o petrificado, ele escreveria mais ou menos isto:

□ Escutai o pranto dos bosques vizinhos:

É o grande vento do Norte, que deixa um arrepiar ao passar. . .

"Já tenho mais de treze anos; seguidamente, as pessoas me dão mais idade. Seguramente, ainda não terminei de crescer, e no entanto sinto em mim que não crescerei mais. A maior parte das pessoas falam-me como se eu fosse uma criança; acho-as ridículas. Algumas me tratam como um adulto, e aí tenho a impressão de enganá-las: consigo seguir-lhes o raciocínio (é muito simples: basta dar-se um ar atento e balançar a cabeça de vez em quando), mas não consigo responder-lhes. Certamente ainda aprenderei muitas coisas, mas jamais serei mais inteligente do que sou hoje. Nunca compreenderei melhor do que hoje, sobretudo se Antoine não estiver comigo. Sem ele, poderei apenas sobreviver, tentando encontrar um jeito. Encontrarei um jeito. Nunca mais serei uma criança e jamais serei um verdadeiro adulto. Aplicar-me-ei em fazer de conta. Sempre serei suficientemente forte para assemelhar-me a eles. Trapacearei: ninguém perceberá, salvo eu próprio."

*

O dia 1º de outubro marca o reinício das aulas. Luc está matriculado no curso secundário do Liceu Louis-le-Grand.

— É uma estupidez — diz a tia. — Você não fez nada no ano passado e não conseguirá acompanhar a classe; você é jovem demais.

Seus primos, o alto e o gordo, Chicaneau e o Frise, Filochard e Ribouldingue, o Gordo e o Magro, Zig e Puce, são um e dois anos, respectivamente, mais velhos que ele. Um está na mesma série que ele e o outro em uma série adiantada.

O casarão sinistro com os pátios internos escuros, os corredores estreitos ladeados de salas acinzentadas, a espessa massa dos alunos, sua aula, designada pelo número que lhe deram, os quarenta e cinco meninos que se conhecem e que se colocam em fila diante da porta, Luc no final da fila, a chamada pelo professor de Francês, tudo isto encontra-o passivo e mais desinteressado do que nunca. Sua mente está em outras paragens, em lugares que ele desconhece.

Na sala de aula, ele procura um lugar sem vizinho. Não presta muita atenção ao que diz o professor. Espera pacientemente o toque da campainha, com a mente à deriva, longe do zunzum que se perde no calor úmido da sala. Até mesmo o que está escrito no quadro-negro só lhe chega à mente através de uma espessa bruma. É preciso fazer um esforço considerável para ler, franzindo os olhos, concentrando-se. As palavras dançam e misturam-se umas às outras. A maior parte das vezes, ele simplesmente desiste. Ou então, quando é realmente algo importante, pede a um vizinho que lhe explique o que ele não consegue ler. Os professores o repreendem. Ele rabisca

desenhos complicados e confusos ou esboça novas ilhas imaginárias, ou então barcos à vela e aviões. O professor de História e Geografia retém durante alguns momentos sua atenção, quando fala da deriva dos continentes: é apenas uma teoria, diz ele, devida a um alemão chamado Wegener, uma teoria inverossímil. Segundo essa teoria, pode-se constatar no mapa do globo que os continentes se encaixam como peças de um quebra-cabeça, o que significa que eles são apenas uma fina crosta que desliza lentamente, ao longo de bilhões de anos, sobre o magma em ebulição, em torno do fogo central da terra. Luc deixa-se levar à deriva lentamente, com os continentes.

Já a partir do final de outubro, o professor de Francês manda os alunos fazerem uma composição narrativa: "Conte o melhor dia que você passou nas últimas férias." É um assunto clássico. Luc viu-o voltar regularmente a cada reinício de aulas, desde os primeiros anos de escola. Ele conhece as artimanhas de que pode se servir. Sempre obteve boas notas para essa composição, muitas vezes a melhor. Basta deixar correr sob a pena uma série de lugares-comuns eficazes, como a colheita sob o sol, a pescaria de caniço no lago dos nenúfares, sentado na grama, o banho no rio, as brincadeiras na água fresca e enfim, ao cair da noite, o acampamento, a fogueira que estala e a cantoria que se eleva alegremente em direção às estrelas. Tudo se encadeia às mil maravilhas, cada imagem desabrocha sabiamente sob sua pena e vai buscar uma outra, mecanicamente; em nenhum momento ele necessita fazer o menor esforço para ir buscar em si mesmo um sentimento pessoal. Alinhar este pacote convencional de idéias dá-lhe segurança: nesses momentos, sente-se perfeitamente normal, como os outros. Não há dúvida alguma quanto ao resultado: ele fez algo muito bom.

Oito dias mais tarde, o professor entrega as notas.

— Tive o prazer de constatar que vocês não se enganaram. As férias que acabam de viver não se assemelham a nenhuma outra. Neste verão, as férias caracterizaram-se pela liberação da pátria, pela reconquista da liberdade. Para vocês, estas férias devem permanecer sendo as mais belas que já viveram. Todos vocês o compreenderam, com uma única exceção.

Uma vergonha terrível abate-se sobre Luc. Naquele ano, os lugares-comuns e a convenção não funcionaram. Sua nota é de quatro sobre vinte, a mais baixa da classe.

— Em primeiro lugar — diz o professor —, você teve trinta erros de ortografia. Só isso já indica que o seu lugar não é aqui. Mas o mais grave é o seguinte: em que mundo você vive? Então você não sentiu nada de mais importante, no verão passado, do que o prazer egoísta de um banho de rio e de uma fogueira de acampamento?

Toda a classe se põe em coro a zombar dele.

— Você não tem maturidade suficiente para acompanhar esta classe — diz o professor.

Foi assim que, oito dias mais tarde, Luc foi parar numa série abaixo, no Liceu Montaigne.

— Você viu? — diz-lhe sua tia, satisfeita.

Entretanto, ele teve tempo de escoar com lucros, entre os colegas maiores, no recreio e na saída, o fim de seu estoque de cigarros americanos, o que lhe possibilitou ganhar um bom dinheiro.

O Liceu Montaigne é menos triste: situa-se em frente ao Jardim du Luxembourg, que o Gato tem de atravessar todos os dias. Na classe em que o colocaram, ele não tem de fazer um grande esforço para se integrar: é a classe em que se começa o ensino de Grego, de Álgebra e de Geometria. Tudo isso ele já havia feito nos primeiros meses do ano anterior, antes de partir para seu exílio agrícola. O professor de História e de Geografia, um homenzinho esverdeado cujo nariz se assemelha a um longo dedo torto, que fala franzindo a boca, fungando sem parar, é também professor na Escola Colonial, especialista em África do Norte, e conheceu o pai de Luc.

— Você não tem vergonha de repetir o ano? — pergunta-lhe o professor, no momento em que Luc se apresenta para o início da aula, diante de toda a classe, atenta à chegada do novo aluno. — E se o seu pai o visse agora, hein?

Luc não responde. Não há resposta para uma pergunta como essa. O homenzinho esverdeado é estúpido. E enquanto Luc espera, com a cabeça baixa, o mestre faz o seu sermão, dirigindo-se ao público:

— Há crianças como este aí, que portam um nome conhecido. Delas exige-se que façam jus ao seu nome. Elas, porém, não pediram nada disso. Querem apenas ser crianças como as outras, ter o direito de serem medíocres, se lhes der na veneta. Ande, vá sentar-se no fundo da classe.

— Veado — murmura Luc.

Num aspecto, a tia tem razão: o vocabulário de Luc tornou-se detestável e, na verdade, bastante monótono. E desde que retomou a *vida familiar*, desconcerta seus primos; agora, estes, que até então se tinham por maduros e experientes, e desprezavam a ingenuidade juvenil de Luc, por vezes manifestam um constrangimento pudibundo quando, por exemplo, Luc exclama, com toda a naturalidade, e se possível perto de ouvidos adultos:

— Bando de cagalhões, estes putos de merda me torram o saco.

Por conseguinte, esse veado de professor, que, aliás, talvez seja um homem bom, embora Luc não tenha tempo de o verificar, lhe

disse:

— E se o seu pai o visse?

"Pois bem", pensa Luc, enfurecido, "se meu pai me visse, isso significaria que ele estaria aqui, bem como Antoine e mamãe. E aí, então, eu estaria pagando pra todo o resto."

Seu pai, segundo o que se soube pela Cruz Vermelha suíça, se encontra em um campo de prisioneiros políticos, perto de Buchenwald.

— É um bom campo — explica-lhe Lady Ponte-Serra, quando Luc vai visitá-la. — Ao que parece, os prisioneiros são bem tratados lá. Só que o outono já chegou, e ele partiu em pleno mês de agosto. Será que ao menos lhe deram roupas quentes? Se pelo menos eu pudesse enviar-lhe um pacote. . .

Enquanto não chega o momento de enviar o pacote, ela já providenciou a lã, e está tricotando um pulôver e um par de meias. Por outro lado, ela mostra a Luc um relatório que o Secours Catholique está fazendo circular, no qual se diz que o campo de Buchenwald, perto de Weimar, é administrado com muita ordem e limpeza, que a comida é suficiente, que os prisioneiros devem executar, durante a semana, trabalhos atribuídos segundo a competência de cada um, e que descansam no domingo. O relatório diz também que os prisioneiros usam um uniforme: "calça vermelha, casaco azul com gola e punhos pretos", e que "têm uma excelente orquestra e organizam seus momentos de lazer: cinema duas vezes por semana e concertos", acrescentando ainda que há uma *casa de tolerância*. . .

— Este relatório é totalmente digno de crédito — diz a avó. — Estas informações foram dadas por alguém de toda a confiança, um grande resistente que lá esteve detido.

E é verdade: trata-se de um homem cuja mulher conseguiu arrancá-lo do campo, miraculosamente, mediante resgate; ela seguiu o comboio até o fim, negociou com os alemães com uma tenacidade e uma coragem admiráveis, e eles voltaram pela Suíça. Como Luc poderia dizer à avó que há algo nessa história que não cheira bem? Talvez seja injusto de sua parte, mas ele não pode reagir de outra maneira. Afinal de contas, esse homem passou apenas alguns dias — ou talvez apenas um — em Buchenwald.

Utilizando um mapa, Luc localiza Weimar: é a região de Goethe, segundo o que lhe disse o professor de Alemão, onde há florestas tranquilas, uma região de passeios e de meditações, sob carvalhos frondosos. Uma região de poesia e de filosofia.

E sua mãe? Disseram-lhe que ela se encontra em um campo de

mulheres, mais a leste, na região de Mecklembourg: o campo de Ravensbrück. Sua tia não cessa de lhe dizer que nos campos de mulheres as condições de vida não podem ser muito rudes. Então. . . Quanto a Antoine, em setembro ele escreveu a uns primos, em Londres. Na data em que a carta foi enviada, o correio francês ainda não fora recolocado em funcionamento, e não havia comunicação direta possível com o resto da França a partir da zona dos exércitos. Escrever para a Inglaterra era, para ele, a única solução. Os primos ingleses transmitiram, por sua vez, as notícias de Antoine aos seus avós.

Em outubro, os avós voltam do sul da França.

No dia 15 de agosto, uma parte das forças de invasão franco-americanas havia desembarcado na praia de Courdoulères. Durante a noite, um comando escalou a falésia da Ponta das Baterias e, ao amanhecer, a frota, do largo, bombardeou a costa. Casas desabaram, as janelas do casarão foram todas quebradas em mil pedaços, as telhas voaram, deixando o madeiramento à vista, as paredes racharam-se. Durante um dia inteiro houve lutas na Valerane. Os resistentes do maqui desceram da Cadeia dos Maures. Um destacamento inteiro de búlgaros foi massacrado a granadas pelos franceses, no túnel do trenzinho em que se haviam refugiado. Os mortos foram enterrados às pressas nas trincheiras alemãs. Os pinheiros incendiaram-se como tochas em cada lugar em que caiu um obus incendiário, mas, como não havia vento mistral naquele dia, o fogo não se propagou. Os imensos eucaliptos ficaram crivados de balas. Depois, a onda passou e a Valerane ficou livre mas devastada, completamente inabitável.

Os avós não podiam mais, tão longe, continuar à espera das notícias dos parentes. Logo que foi possível, voltaram para Paris, para o grande apartamento sombrio da Plaine-Monceau. Numa quinta-feira, Luc vai vê-los e tem dificuldade em reconhecer o avô que conhecera: o colosso tornou-se um velho e Luc descobre com estupefação aquele longo corpo emagrecido, arqueado, aqueles gestos e aquele andar desencontrados, aqueles olhos ausentes — fixos num ponto que ninguém pode adivinhar ou atingir, nem mesmo ele, mergulhado em seus pensamentos indecifráveis — e aqueles silêncios. Segundo a tia, isso se deve ao choque que ele teve e à preocupação constante pela filha. Na mesa, ele derruba seu copo ou deixa cair seus talheres, com suas mãos trêmulas. Os primos deboçam e quando Luc, constrangido, não os imita, eles o tratam de hipócrita. O avô caminha de peça em peça, sem objetivo, mecanicamente; às vezes, senta-se diante do piano de cauda e bate

algumas notas. Ou então, nos momentos de maior lucidez, leva um dos netos ao seu vasto escritório, onde dormem pilhas de revistas médicas abandonadas, o violoncelo com as cordas soltas ou quebradas, as corujas empalhadas que perdem suas últimas penas nas estantes, e começa a folhear, diante do neto, as reproduções em sépia dos pintores da Renascença, apenas emitindo, de tempos em tempos, um comentário breve e banal.

— É preciso ter paciência com ele — diz aos meninos a avó, a qual, no entanto, eles ouvem xingar o marido, interpelando-o nos corredores: "Meu amigo, *cheer up*, reaja!"

— Que chatice — dizem os primos.

— Vocês podem dizer a ele que não se interessam por pintura — diz o Gato.

É o que ele se esforça por fazer. Assim, logo ficou estabelecido que Luc não tinha nenhum interesse pela arte. O que, no fim das contas, talvez até seja verdade.

*

O inverno chega cedo, já em novembro começa a nevar. No prédio burguês do sétimo *arrondissement*, como em outros bairros, o aquecimento central não funciona e a tia não tem como aquecer todo o apartamento. O máximo que se pode fazer é manter aceso o aquecedor a carvão da grande sala onde se encontram o piano de cauda e um grande quadro escuro com uma pesada moldura dourada, que representa *Susana e os velhos*. Em dezembro, quando a temperatura dentro de casa chega a menos de dez graus, a tia junta as camas dos três meninos nessa peça, que se comunica com o quarto dela. Aí então, Luc abandona a lavanderia, no fundo do apartamento, que ele transformara em sua toca. O frio torna-se o dono absoluto do resto do apartamento. No fim de um longo corredor amarelado e úmido, a cozinha é o país da bruma: nas horas das refeições, há ali uma evaporação espessa que sobe das panelas, nas quais a água esquenta com extrema lentidão, pois o gás não tem pressão. Lavar a louça é um trabalho terrível, pois, sem sabão e sem água quente para enxaguar, os pratos permanecem pegajosos, tão pegajosos quanto as paredes e os móveis, assim como o exaustor de vidro martelado acima do fogão, sob uma crosta de gordura e de sujeira.

O abastecimento é difícil. Ninguém esperava que as restrições continuassem e até mesmo se agravassem. Todo mundo imaginava que a liberação e a partida dos alemães trariam de volta a normalidade à vida. No dia seguinte ao da liberação, os padeiros fizeram pão branco — mas apenas naquele dia. Depois, houve a atribuição especial do "vinho da liberação": um litro por pessoa.

Cada um dos três meninos recebeu o seu: um vinho amarelo, turvo, cheio de polpa desmanchada. O pão tornou-se acinzentado, com pedaços endurecidos e estranhos grumos esverdeados com cheiro de mofo. As porções diárias são pesadas e cada um guarda a sua numa bolsinha. Aparentemente, Luc e seus primos não dão muita importância às preocupações diárias da tia. Conseguir mobilizar um dos meninos para lavar a louça significa, para ela, uma batalha longa e desgastante. A sucessão de rábanos e de tупinambos fervidos, de algumas poucas comidas menos monótonas, embora às vezes surpreendentes — tabefes, fressuras, sangue de cavalo em placas coaguladas, etc. —, que a tia se desgasta em procurar, fazendo fila durante horas, os deliciosos pratos excepcionais, como galinha, coelho e patê, que seu marido traz de Cheigny, tudo isso só lhe valem resmungos de insatisfação. Seriam os meninos totalmente indiferentes às dificuldades dela? Perto do Natal, os primos discutem longamente sobre que presente poderiam dar à mãe, e, após ásperos debates e pesquisas nas lojas, decidem-se, num rasgo de generosidade, por um par de luvas de borracha, para ela lavar a louça.

Luc recomeça a desenhar seus mapas. Cria uma nova ilha. O vazio que sempre se forma no meio das manchas coloridas e emaranhadas deixa-o insatisfeito. Passa dias inteiros sobre a folha espessa de papel de desenho, entre os lápis de cor e o nanquim: em sua ilha. Mas o frio interrompe o trabalho. Ele não pode desenhar na lavanderia glacial, nem transportar seu mapa para a peça comum, onde já é difícil, a três, fazer os deveres escolares. Devido ao fato de viver em uma só peça com os outros, estes assumem, embora Luc esteja numa outra dimensão e nem sempre os veja nitidamente, uma forma terrível. Por que ele se daria bem com seus primos e seus primos com ele? Os primos são mais velhos e debocham, do alto de sua experiência e sabedoria, quando ele parte à deriva, em grandiosas explicações do mundo, tropeçando no primeiro pormenor incerto: A geografia da face oculta da lua é conhecida? O aclone máximo que uma locomotiva pode subir é de 5 ou 15 graus? Os canhões dos tanques Sherman têm um alcance de dois ou cinco quilômetros? Como são feitos os gêmeos? A gente morre quando toca o trilho condutor do metrô? (Não? Então experimente, se você tiver coragem. Mas claro que não se morre: é só se manter em equilíbrio, sem tocar em nada à volta.) É o dromedário ou o camelo que tem duas corcovas? Pode-se selar e montar uma zebra? Existia escravidão durante o reinado de Carlos Magno? É verdade que as baleias cantam e amamentam seus filhotes? É verdade que existem palmeiras machos e fêmeas? (Já vem ele com mais uma asneira.) Os

aviões japoneses são de madeira? É verdade que existe uma bomba que desintegra tudo, chamada bomba *anatômica*! Ainda há cavaleiros no Exército Americano? Um avião pode voar mais rápido que a velocidade do som? É verdade que um guilhotinado deu uma piscada de olho, quando sua cabeça já estava rolando para o cesto? Todas estas questões são motivos para brigar, gritar, morder, quando a discussão é alimentada pela ignorância ou pela má fé da parte dos três parceiros, sendo que nenhum deles quer dar o braço a torcer, como se a questão importante fosse outra, e não a que está sendo discutida. Mais cedo ou mais tarde, a conclusão chega, sempre a mesma:

— Realmente, você é imbecil demais.

Quando o tio está de passagem por Paris, seus filhos o tomam por árbitro:

— Papai, Luc quer nos fazer crer que os plátanos perdem as folhas no inverno.

— Não — afirma o tio, soberano, sentado atrás de sua escrivaninha, diante da grande tapeçaria verde, segurando seu martelinho de medir os reflexos como se fora um cetro, como São Luís procedendo a seus julgamentos sob seu carvalho. — Não, os plátanos *conservam* suas folhas durante todo o ano.

— Mas. . . — obstina-se Luc.

— Não compreendo — diz o tio — a razão deste seu ergotismo perene.

Seria a ausência de Antoine que deixa Luc tão desarmado? Em outros tempos, ele fazia perguntas extravagantes, e isso se chamava curiosidade. Entregue a si mesmo, não faz mais do que gaguejar: não é mais uma brincadeira, mas sim uma série de armadilhas nas quais ele cai cada vez mais freqüentemente. As coisas resistem, as explicações se ocultam ou se confundem. Ele percebe que pode ser considerado infantil, perverso, indecente — e, em todo caso, *mal-educado* — ao fazer perguntas a torto e a direito sobre coisas que as pessoas necessitam apenas saber que existem e, se existem, é porque há boas razões para que seja assim, e não se ganha nada em vasculhar essas questões. Será que há explicações para tudo? Pois bem, confiemos que sim, senão caímos no ridículo. Na verdade, a confiança é um terrível defeito. Principalmente porque Luc sempre acaba discutindo sobre questões absurdas, perdido, encurralado por argumentos sem nenhuma consistência, que não convencem nem a ele próprio.

O tio gosta de mostrar que conhece muitas adivinhações. Luc suspeita que ele as utiliza comumente para testar a *normalidade* de seus pacientes. Em geral, são construídas sobre um modelo como

este: "O que pesa mais: um quilo de chumbo ou um quilo de penas?"

Sua brincadeira favorita é fazer a seguinte pergunta:

— Um cachorro pode saltar mais alto que a Torre Eiffel?

— É claro que não — responde a vítima, resignada.

— Sim, mas por quê?

Como a vítima hesita e não encontra a resposta, ele conclui:

— A única boa resposta é que a Torre Eiffel não salta.

"Ah, deixa só eu ir buscar o plástico explosivo de Antoine" pensa Luc enraivecido "e você vai ver se não o faço saltar mais alto que a Torre Eiffel. E muito mais alto do que todos os vira-latas do mundo." Mas este pensamento não é suficiente para acalmá-lo.

"No fundo", pensa ele pela milionésima vez, humilhado, "só há uma pergunta importante: vale a pena discutir com imbecis?" Enquanto esta questão não é resolvida, ele se maldiz cada vez que cai numa armadilha e ouve a palavra fatídica.

— Olha o ergotismo!

Quanto à tia, ela tem uma maneira bem particular de acabar com as controvérsias. Quando acabam a paciência e os argumentos — pois pode acontecer de Luc ter razão —, ela lança-lhe: "Diga logo que eu estou mentindo!" e ele fica encurralado. Permanecer fiel à sua íntima convicção e à verdade significa ser esbofeteado a torto e a direito: a tia tem a mão pesada, e pratica, com seus anéis, uma "ida-e-volta" que deixa seu adversário nocauteado e humilhado. Ceder, mostrar-se confundido e embaraçado só para agradar a ela também é humilhante. Então. . .

Ele só será realmente forte quando souber calar-se.

(Mas como poderia ele compreender que a coisa não é assim tão simples? Afinal de contas, seus primos têm alguma razão em se defender e, em certos momentos, unir-se contra o intruso. Estão defendendo seu território geográfico e afetivo. Esse indivíduo agitado, desorganizado, que passa por fases de excitação e de confiança excessiva, durante as quais tenta arrastá-los para aventuras confusas e ruidosas, e depois, durante os períodos de mau humor, de silêncio, de selvageria, invade-lhes o espaço que eles construíram numa célula familiar tranqüila, onde cada um tem seu mundo reservado, um com os seus poemas fantásticos e suas experiências com pastéis multicores que cobrem as paredes de seu quarto, e o outro com sua paixão de construções, de maquetes e de montagens complexas. . . Esse priminho que polemiza por qualquer bobagem, que nega tudo a torto e a direito — apesar de saber menos, por ser mais jovem — deixa-os exasperados. Eles não mereciam isso.)

Assim, começa o inverno, com o frio e as restrições. Nunca se falou tanto das restrições. É uma verdadeira obsessão. O indício mais visível das carências alimentícias são as frieiras nas mãos vermelhas, inflamadas e cheias de rachaduras. Se o pão branco não voltou, quem o estaria sabotando?

— De Gaulle é um homem de bem — explica a tia, à mesa, na cozinha úmida e gordurosa —, mas não tem experiência. E dizem que ele é mal assessorado.

Todos os dias, eles escutam no rádio o quadro de um humorista que comenta a situação com companheiros, falando com o sotaque do interior, para dar a impressão de ser um camponês bonachão. O esforço necessário, o renascimento da grandeza francesa, a valentia dos nossos soldados na Alsácia, a abnegação dos FFIs, cercando os núcleos inimigos no Atlântico, o restabelecimento das comunicações, graças aos sacrifícios dos ferroviários, a chegada em Paris dos primeiros batelões de carvão, devidos à dedicação dos mineiros do Norte, o melhoramento iminente das condições do abastecimento, os sucessos dos Aliados, etc. E ele sempre termina o programa repetindo:

— Eu estou confiante, totalmente confiante.

E assim encerra o quadro, afastando-se e assobiando a *Marcha lorena*.

Também não passa um dia sem que se ouça no rádio, em alguma reportagem sobre a formação do novo Exército Francês, sobre o amálgama dos FFIs e das tropas regulares, o *Canto dos guerrilheiros* que tanto desagradava ao rapaz alto e magro.

Naquele início de inverno, o avanço dos Aliados, na frente oeste, atinge as fronteiras da Alemanha e se depara com defesas alemãs que não conseguem ultrapassar. Os ingleses tiveram seu avanço estancado pela inundação dos polders da Holanda, os americanos entram em Aachen e atingem o Reno, ao norte de Estrasburgo, e o Exército Francês luta nos Vosges, perto de Colmar. A leste, os russos continuam próximos de Varsóvia. A insurreição foi esmagada em outubro, e eles só entrarão na cidade em dezembro. Londres e Bruxelas são castigadas pelos V2, foguetes muito mais possantes que os VI, lançados da Alemanha, e dizem que poderá chegar a vez de Paris. Atenas foi liberada pela Resistência grega, antes mesmo da chegada dos ingleses.

Ao ir para a escola, Luc compra os jornais. São muitos, e ele não consegue distingui-los muito bem. *L'Humanité* ele sabe o que é, *Le Figaro* é o jornal que sua tia recebe todos os dias. (Sua avó lê *Le*

Monde, porque os caracteres de impressão são os mesmos que os do finado *Temps*.) Quanto a *L'Aube*, disseram-lhe que é um jornal de padres. Como encontrar as diferenças entre *Combat*, *Liberation*, *Défense de la France* e *Les Nouvelles du Matin*? Todos eles só têm duas páginas — uma folha impressa dos dois lados, cujo formato acabou diminuindo durante o inverno, em virtude da falta de papel. O essencial é encontrar o jornal que dá as notícias mais detalhadas sobre os *fronts*, sobre os mapas e a localização das cidades bombardeadas. Assim, às vezes Luc compra vários jornais. Talvez seja *Combat* que ele compra com mais frequência, por causa de seu subtítulo: "Da Resistência à Revolução." Ele não sabe de que revolução se trata, pois as previsões de Antoine até agora não se realizaram, mas esta gente pelo menos conservou a palavra, como uma promessa. Ele não lê muito os editoriais, que veiculam idéias gerais e grandes princípios que não lhe dizem respeito. Cada dia que passa traz sua parcela na colheita de descobertas referentes às arbitrariedades e atrocidades dos ocupantes, massacres e enforcamentos por toda a França, torturas — como, por exemplo, uma sala de torturas, em Issy-les-Moulineaux, onde os presos eram acorrentados, nus, sobre um banco metálico: os torturadores faziam passar uma corrente elétrica e as vítimas saltavam, dando pulos desordenados, suas mãos deixando vestígios na parede de *amianto* a alturas incríveis, ainda visíveis; como também são visíveis os vestígios dos disparos sobre o poste de execução situado ao lado, todo perfurado. Há fotos. Por outro lado cada dia que passa enriquece, como uma novela, a coluna *Depuração*.

Se do fundo de sua classe, Luc enxerga tão mal o que está escrito no quadro-negro, isto não se deve a uma maldição incompreensível ou a uma ausência de concentração de sua parte, que o afastaria de um mundo hostil e confuso, produzindo uma bruma espessa. Não: simplesmente ele necessita usar óculos. Luc tornou-se míope, é o que lhe diz o médico, durante uma consulta. Sua tia leva-o a um oculista e ele acaba ganhando um par de óculos de aro fino e escuro estriado de amarelo, com lentes redondas, cujas hastes trazem nas pontas uma espécie de mola, para segurar bem nas orelhas: um horror. Entretanto, a partir do momento em que ele os põe sobre o nariz, opera-se um fenômeno prodigioso: tudo torna-se claro, nítido, preciso, as cores se distinguem e avivam-se. Ao longe, nos cartazes de rua, formam-se linhas de caracteres, palavras. É algo quase que excessivo, tudo isso tem algo de inquietante. Como ele não precisa usar os óculos todo o tempo, e como o aro de ferro incomoda, eles acabam passando a maior parte do tempo dentro do bolso. Assim, mal fazia uma semana que ele usava os tais óculos, e já uma batalha

de cavaleiros no pátio da escola resulta nas duas lentes pisoteadas. A tia esbraveja e manda fazer novas lentes. Dessa vez ele põe os óculos em sua pasta mole e gasta e não leva muito tempo para sentar em cima, quebrando novamente as lentes. Como não ousa confessar o que se passou, decide guardar os cacos e, quando é absolutamente necessário, põe o maior deles diante de um olho, para enxergar o que está escrito no quadro-negro ou para assistir a um filme no cinema, quando há legendas. De tempos em tempos, sua tia pergunta-lhe se ele coloca os óculos durante a aula e ele responde que sim, naturalmente, e que depois os guarda no bolso. Esta situação durou todo o inverno. A bruma reapareceu em torno dele, tornando nebuloso o contorno das coisas. Luc tem mesmo a impressão de que essa bruma se torna cada vez mais espessa com o passar dos meses. Enfim, é o menor dos males.

Na aula, ele não tem grandes dificuldades. Tem pouco a aprender. Durante o recreio, brinca de grandes batalhas de cavaleiros. Como cresceu, agora cabe-lhe mais freqüentemente o papel de cavalo que o de cavaleiro. Ele sempre impõe a fuga ao adversário. Durante o recreio, ou nos intervalos de "arejamento", sua turma faz muitas vezes o jogo da barra*, um jogo coletivo que ele adora, com suas alternâncias de ação e de espera: ora é preciso correr sozinho, ora a equipe inteira se une, transformando-se num muro intransponível. Em composição de francês, ele ocupa o segundo lugar: as coisas voltam ao normal. O melhor aluno é seu amigo, um menino louro de cabeça grande, nariz achatado e óculos. Juntos, eles vão, à saída das aulas, depois das quatro horas, apoiar os cotovelos sobre uma balaustrada no Jardim dos Luxembourg, então deserto, para acompanhar, tremendo de frio, o pôr-do-sol atrás da silhueta das árvores desnudadas e dos tetos acinzentados: é um espetáculo magnífico. Nesses momentos, Luc pensa no verso de Baudelaire que Antoine repetia em tom zombeteiro:

Le soleil s'est noyé dans son sang qui se fige. *□

Assim, os dois meninos acompanham a descida do disco vermelho que desaparece entre as nuvens.

"Com que sonhas tu, forasteiro?" recita seu amigo de cabeça grande. "Com as nuvens, com as maravilhosas nuvens. . ."

Pensam consigo mesmos que, se fizesse menos frio, pegariam cada um seu caderno e descreveriam o pôr-do-sol como se faz em pintura; seria um longo poema, talvez um livro inteiro, que eles

□ Jogo de rapazes, em que se opõem duas equipes, separadas por um risco no chão. (N. do T.)

□* O sol afogou-se em seu sangue, que se consolida.

escreveriam a quatro mãos. Seu amigo de cabeça grande, na verdade, está decidido a passar toda a sua vida a escrever livros, tendo já começado a pôr em prática sua decisão. Falam do raio verde:

— Só se pode vê-lo nos trópicos e olhe lá, é coisa rara — diz Luc, que leu Júlio Verne. — Talvez no Nilo, dentro de um barco. . .

E quando tudo se torna acinzentado, começa-se a ouvir o som estridente dos apitos dos guardas municipais que enxotam os retardatários dos quatro cantos do jardim, cercado de altas grades. Quando não faz muito frio, eles organizam, com outros colegas, uma corrida de bolinhas de gude ao longo das sarjetas da Rua d'Assas, até Sèvres-Babylone. As ruas estão desertas. Só raramente passa um carro, ou caminhões da Loja Bon Marche, puxados por cavalos cinza com espessos tufo de pêlos acima dos cascos. Em Sèvres-Babylone, aparece por vezes um ônibus da única linha ainda em serviço no bairro, um mastodonte com um teto desproporcionalmente inflado, como um balão dirigível: um ônibus a gás.

Luc conhece bem os meios de evitar o tédio durante o trajeto da volta, e emprega um deles com bastante frequência: imagina que é o piloto de um bombardeiro em missão e a calçada é o território inimigo, que ele sobrevoa. As placas de ferro fundido são as cidades: capitais para as entradas de esgoto — e o buraquinho retangular, no centro, é a central elétrica —, cidades fortificadas para as placas de saída d'água, que apresentam uma coroa regularmente amassada, subprefeituras de menor importância para as entradas de gás. Quando o asfalto se racha, as fissuras se transformam em entroncamentos ferroviários, ou quando as rachaduras se situam bem na beira da sarjeta — rios e deltas. O jogo consiste em cuspir com habilidade, sem reduzir a marcha nem se abaixar. O mais difícil é atingir exatamente o alvo essencial que constitui a central elétrica das capitais: o cuspe deve entrar direto no buraco retangular, e toda a cidade será paralisada. O problema é que, de tanto bombardear, a boca logo fica seca: quando o compartimento de bombas se esvazia, chega a hora de voltar à base, contornando, nas esquinas, certos pontos estratégicos que ele identificou, onde a Flak* é particularmente temível.

*

No domingo, Luc vai almoçar em casa de Lady Ponte-Serra.

— Ninguém me diz nada — repete a velhinha.

□ Abreviatura alemã de *Fliegerabwehrkanone*, Defesa Contra as Aeronaves; (N, do T.)

E é verdade. O outro ramo da família gravita em torno do estado de saúde do avô e a palavra de ordem é calar-se. Não há mais notícias de Antoine, de sua mãe ou de seu pai. Mas, será que haveria notícias, de qualquer maneira?

— Você não deve preocupar-se — repete a avó materna.

E, para não preocupar o avô, fica-se em silêncio. A ausência de notícias significa boas notícias? Luc sabe que foram feitas diligências em Genebra, na sede da Cruz Vermelha, que centraliza dezenas de milhares de fichas, para localizar seus pais, para tentar estabelecer uma correspondência com eles, para saber como se poderia enviar-lhes pacotes. Lady Ponte-Serra escreve a Antoine. Mas Antoine não responde.

Colegas de Antoine vêm bater à porta dela. Alguns querem pegar de volta um livro, ou notas de aula que haviam emprestado a Antoine, ou ainda um trabalho que haviam começado juntos.

— Eles todos me dizem que lamentam muito. Falam todos da generosidade dele, de sua paixão, de sua curiosidade por tudo. Dizem-me também: "Quando ele voltará? Seu lugar é aqui. As aulas recomçaram. Sentimos falta dele. Se o concurso para a Escola Normal tivesse sido realizado, ele estaria entre os primeiros colocados." Fico muito feliz em ouvi-los falar assim dele. Mas, ao mesmo tempo, me pergunto por que esses rapazes robustos parecem não se questionar. Será que eles não fizeram, por sua parte, alguma coisa por seu país? Parecem achar perfeitamente natural terem ficado aqui. Tenho dificuldade em não me voltar contra eles, em abster-me de julgar o egoísmo deles. Será justo que Antoine seja o único entre eles a ter ido lutar?

E acrescenta:

— O inverno chegou, e não posso enviar-lhes nada. Escrevi ao seu pai, enviei a carta a Genebra. Talvez lá possam fazer com que ela lhe chegue às mãos. Disse a ele que você vai bem, que havia baixado de série, mas que é normal, que você não está repetindo, pois no ano passado sua frequência às aulas não foi regular. Terminei o pulôver. Em Weimar, o inverno é mais frio que aqui. Será que ao menos eles têm aquecimento nos campos de prisioneiros? Disseram-me que sim e que a comida é boa. Disseram-me também que, como ele fala alemão, provavelmente é intérprete. Todas as semanas escrevo a Antoine. Não sei se as minhas cartas lhe chegam às mãos. Em primeiro lugar, ele provavelmente não se alistou com seu nome verdadeiro. E depois, pode também ter mudado de unidade, ou então se alistado no Exército Francês. Não sei o que fazem das minhas cartas. Digo-lhe sempre que sou orgulhosa dele. Não quero que ele tenha dúvidas a este respeito. Agora, ele deveria nos dar sinal de vida. Esta espera começa a ficar

longa demais.

Lady Ponte-Serra recebe muitas visitas. Recebe-as encolhida em sua poltrona Voltaire, com o corpo franzino vestido de preto, os olhos verdes e muito vivos por detrás do nariz aquilino. Reina em sua casa um certo calor, porque ela possui um grande aquecedor que funciona com restos de madeira serrada: o Institut de France mandou abater as árvores da Floresta de Chantilly, de que é proprietário, e assim fornece combustível para o aquecimento de seus acadêmicos e de suas viúvas. Ela fala freqüentemente com suas visitas sobre o Egito. Conta a Luc os longos percursos de barco no Nilo, a cada outono, para chegar aos locais de escavações arqueológicas de Denderah, Tebas, File e o Vale dos Reis. Eles viviam, nessa época, vários meses seguidos naquele pesado barco de madeira esculpida, guarnecido de amplas velas, a *dahabieh* que levava o nome de *Myriam* e avançava, quando havia calmarias, ao ritmo dos longos remos movidos pelos felás que cantavam baixinho, durante horas. Viviam a vida do rio, cruzavam com os faluchos, as barcas cujas velas triangulares se abriam como asas de borboletas, os pescadores, os mercadores e os peregrinos.

— Lembro-me ainda de quando o seu avô desceu naquele poço do Vale dos Reis, onde havia descoberto uma múmia particularmente importante. Ele a procurava há vários meses. Será que era o faraó Hornotpu ou Tutmés IV? Não me lembro bem. O guia dele era uma espécie de bandido que lhe havia vendido a informação, e eu não queria que ele descesse sozinho com aquele homem. Mas ele queria mostrar que tinha confiança no indivíduo. Fiquei sozinha, a esperar, no meio das rochas desnudas, cuidando-me das serpentes, sob um sol tórrido — eu estava, é claro, com a minha sombrinha —, e a espera durou séculos. Quando ele subiu de volta, disse-me simplesmente: "Ele está lá embaixo." Mais tarde, após o pôr-do-sol, descemos novamente em direção ao Nilo, com os felás, que levavam a múmia à luz das tochas. Foi naquele ano que o seu tio encontrou no Cairo, na tenda de um mercador do *souk*, o gato azul de Dar el-Bahri. Seu avô queria doá-lo ao museu. . .

*

Na porta do apartamento da família, o lacre foi retirado. Foi feita uma limpeza, as venezianas estão fechadas, a avó mandou enrolar os enormes tapetes da sala de estar e pôr capas nas poltronas e nos quadros. Ao longo dos corredores tudo é deserto, silêncio, frio e morte. No quarto de Antoine, nada foi mexido. Luc encontra novamente, no armário, o pedaço de explosivo plástico verde, seco e endurecido a ponto de quase quebrar-se. Com uma lâmina de

barbear enferrujada, corta um pedaço, coloca-o sobre o mármore da lareira — diante do horrível discóbolo de mármore, falsa antiguidade, presente de primeira comunhão ou de aniversário, oferecido por algum tio cafona, cuja ridícula folha de parreira inchada eles tantas vezes pintaram de preto com um lápis — e acende-o cautelosamente com um fósforo: uma chama viva e clara chispa violentamente até o teto e logo se apaga, sem explosão. A conclusão a que ele chega é que o plástico é como a pólvora preta das balas, os pavios dos obuses, ou seja, não há grande perigo em queimá-lo em fragmentos, ao ar livre. Corta-o em fatias finas, coloca-as dentro de tubos de aspirina e estes últimos dentro de aviões de papel cuidadosamente confeccionados. Abre a janela sobre a perspectiva da Avenida Henri-Martin e das ruas vizinhas, coloca uma mesa diante da janela e, sobre a mesa, uma tábua inclinada, para formar uma rampa de lançamento. Um após o outro, os foguetes partem, fulgurantes, em disparada, e vão se perder além dos tetos. Logo acaba o plástico e termina a brincadeira.

Luc abre uma gaveta e encontra folhas cobertas de anotações e cadernos amontoados, que não ousa examinar. Um dia, num fim de tarde chuvosa, na penumbra provocada por um corte de eletricidade, Antoine lhe anunciara:

— Comecei a escrever um grande romance.

— Mais um? E este conta o quê?

— É a história do combate de Aquiles e de Pentésiléia, a Rainha das Amazonas. Ninguém manejava o arco e a flecha melhor que ela. As amazonas viviam isoladas, nas grandes florestas do Norte, sempre a cavalo, sempre invencíveis.

— Então vai haver muitas batalhas e muita aventura?

— Acho que não. Não é isto que me interessa.

— Que pena!

— Aquiles era invulnerável. . .

— Sim, eu sei. Menos no calcanhar. Não era brincadeira. Então, é claro, foi ele que a matou? Sua história é revoltante.

— Por quê? Era a guerra.

— Podia-se evitar.

— Já era tarde demais. Tudo havia sido dito, tudo havia sido tentado. Na planície de Tróia, Pentésiléia atira suas flechas em direção a Aquiles e erra o alvo. Só lhe resta uma. Aí então ela foge para a floresta nos arredores, pois a floresta é sua aliada e é lá que ela sempre vivera. Ela quer atrair Aquiles para abatê-lo com sua última flecha. Então, galopa, com seu cavalo, através de espinheiros e arbustos, e Aquiles persegue-a. Quando ela chega à altura das árvores frondosas, volta-se para trás, espicha o arco e, sem diminuir

o galope, atira, errando mais uma vez. Aquiles lança-lhe sua azagaia, que atravessa o corpo dela. Ela cai de seu cavalo, o qual, enlouquecido, arrasta o corpo por entre os espinheiros. Quando Aquiles chega diante do corpo enfim imóvel, seus olhos pousam sobre o rosto dela. E somente então ele compreende o que, no entanto, sempre soubera, isto é, que ela era bela e que ele a ama. Talvez ela lhe dê um derradeiro sorriso, por detrás dos cabelos que lhe tombam sobre o rosto.

— Foi você que inventou tudo isso?

— Não. Foram os gregos. Isto se encontra nos textos de Propércio e Quintus de Esmirna. Mas nenhum deles diz se ela sorriu. Sou eu que penso que sim.

— Você está vendo bem que é um romance de espadachim. É mais bonito que *Cirano de Bergerac*.

— Você ficará decepcionado. Além disso, eu acho que a ação se passará na época atual. Aquiles terá uma nove milímetros e uma jaqueta, e Pentésiléia andará de bicicleta.

— Sua história é decididamente triste demais. Eu — diz o Gato —, se escrevesse um livro, preferiria falar de Ulisses, que partiu através dos mares, de Penélope, que o espera, e de Telêmaco.

E é verdade que ele havia começado uma grande tragédia à qual havia dado o título de *Retorno de Ulisses*, em alexandrinos, contando nos dedos. Na primeira cena do primeiro ato, via-se o chefe dos ignóbeis pretendentes forçar Penélope, sentada diante de sua tapeçaria, a escolher enfim o sucessor de Ulisses:

*Madame, c'est en trop. Depuis dix ans déjà
Votre mari parti sur tant de mers lointaines
Vous laisse sans nouvelles. Il faut sonner le glas.
Ithaque attend un roi, vous n'êtes que la reine**

Na cena II, devia-se ver Ulisses disfarçado de mendigo, mas nunca houve a cena II.

— De qualquer maneira — dissera-lhe Antoine —, lembre-se de que mesmo depois do retorno de Ulisses a Ítaca, ainda esperam-no muitas penas. Ele mata os pretendentes, deita no leito real com Penélope, mas tem de partir novamente, pois da predição que lhe foi feita no Inferno todos os itens foram cumpridos, menos um: ele deverá ir até o país dos homens que desconhecem o mar. Ele

□ Senhora, é demais. Já há dez anos
Vosso marido, distante, em tantos mares longínquos,
Vos deixa sem notícias. Proclamemos sua morte,
Ítaca espera um rei; vós sois apenas a rainha.

reconhecerá esse país quando, ao caminhar com o remo pousado sobre o ombro, os habitantes do local perguntar-lhe-ão para que serve aquela longa pá. Somente então, Ulisses poderá retornar definitivamente ao seu palácio. Somente então poderá viver tranqüilo.

— O que significa viver tranqüilo?

— Significa morrer de velho, mansamente.

— Será que Ítaca existe realmente? — perguntou o Gato.

— Claro que sim. É uma ilha selvagem com uma pequena aldeia de pescadores.

— Você pensa que ela mudou muito desde a aventura de Ulisses?

— Provavelmente não. Não há mais o palácio real. Talvez tenha sido apenas uma grande fazenda: defronte, sob as oliveiras, o porquero Eumeu guardava os porcos, como o velho Andréis em Courdoulères. Montanhas escuras, vinhas, juncos. E à noite puxam-se as barcas sobre rolos até a praia: já era o que faziam os marinheiros de Ulisses.

— Puxam o *bargin*?

— Provavelmente. Aliás, após a guerra, nós iremos lá, se você quiser. Você verá.

— Nós iremos a toda parte.

Ouvem-se três batidas na porta. Uma esperança louca: Luc precipita-se em direção à entrada, para abrir. É a zeladora que viu luz por baixo da porta. Ela vai embora e Luc fica ali, com a porta entreaberta, os braços pendentes, tremendo de frio, os olhos perdidos na escada vazia, com uma tristeza de morrer.

Nos primeiros dias de dezembro, a avó de Luc recebe de volta a primeira carta que escrevera a Antoine. O envelope não fora aberto e está sobrecarregado de carimbos e de anotações manuscritas em inglês, que ela não consegue decifrar. A carta havia transitado pelos Estados Unidos, onde o correio dos exércitos está centralizado. Atravessou quatro vezes o Atlântico.

— É exatamente o que eu pensava — diz ela a Luc. — Ele não está usando seu nome verdadeiro. Deve ter-se alistado no Exército Francês. Eles não têm como fazê-la chegar até ele.

O campo de visão de Luc e o espaço no qual ele vive ou sonha diminuíram. Aquela leve bruma que o envolve e o separa permanentemente das coisas e das pessoas mais próximas não é devida somente à ausência de óculos. Seu universo limita-se agora a espaços reduzidos, cujas fronteiras ele se sente incapaz de suprimir:

o apartamento do sétimo *arrondissement*, e mais precisamente a peça comum, pois os corredores e a cozinha já representam uma espécie de terra de ninguém vagamente hostil; o trajeto até o Liceu Montaigne, a sala de aula, e o único espaço que se alarga um pouco, isto é, o Luxembourg e suas brincadeiras — o chafariz, as alamedas, as escadas, o carrossel de cavalos de madeira sem cabeça que o velho aleijado faz rodar à manivela, que ele e seus colegas invadem às vezes, ao sair das aulas, como conquistadores —, embora seja cercado pelas altas grades e pelos guardas municipais munidos de apitos; e, já longínquo, mas igualmente um mundo fechado ao término do trajeto de metrô, o apartamento de seus avós, aquela sucessão confusa de vastas peças abandonadas, em dois andares, com móveis maciços cambaios, camas pesadas revestidas de tecidos de brilho apagado, lustres de cristal em profusão, cobertos de poeira, cortinas desbotadas que pendem das altas janelas quase opacas; enfim, mais longe ainda, o apartamento de Lady Ponte-Serra, onde vigia constantemente o gato azul, que permanece, ao menos, como testemunha e garantia de que existem ainda outros mundos, outras realidades, outras histórias, outros sonhos, um passado e um futuro. Seus olhos fixam talvez o país dos homens que não conhecem o mar, ou o do Homem da Concha.

Até mesmo o corpo de Luc cala-se e torna-se-lhe estranho. À medida que sua vida quotidiana desliza em torno dele como uma banquisa, sem choques, sem relevo, ele muitas vezes tem a impressão de estar como que ausente de seu corpo, como um mero espectador, até mesmo um crítico, de sua agitação. Fecha-se em si mesmo, encolhendo-se bem no fundo, em alguma parte, em um lugar secreto. Assim, curiosamente, nunca mais teve dor de estômago. A besta familiar calou-se, não rói mais nem morde, como se estivesse desestimulada por tanto vazio e indiferença, e Luc quase que sofre por não mais sentir nele aquela presença conhecida, chegando até mesmo a provocar a dor. Assim, uma noite, ele segurou, durante mais de dois minutos, um cigarro aceso sobre o dorso da mão. A bolha purulenta que nasceu deixou-lhe uma cicatriz que ele carregará até sua morte. É como se a dor o houvesse tranquilizado.

— Você viu — diz a tia, triunfante —, as suas histórias de dores de estômago se acabaram. Acabaram-se as cenas. Eu bem dizia que bastava uma vida regrada, um pouco de ordem e de autoridade.

Mais tarde, porém, ele ouviu-a dizer ao marido:

— Se continuar assim, no ano que vem vamos ter de colocar Luc num internato. Ele é insuportável demais e precisa de disciplina.

Seu corpo transformou-se: ele não o reconhece mais totalmente como sendo o seu corpo. Não tem mais o mesmo desembaraço.

Antes, era ágil, flexível; agora está transformado em um rapaz desengonçado e lerdo. Ainda há pouco tempo, ele se sentia seguro de seus movimentos quando corria ao longo das calhas da velha casa de Marles, a doze metros acima do pátio pavimentado, cuidando para não diminuir a marcha nos ângulos retos. Agora não ousaria mais repetir esta façanha. Tudo nele, membros e músculos, trabalhava em harmonia: assim, quando empunhava feixes de feno na ponta de seu forçado, na cadeia de braços que chegavam ao batedor, ele tinha prazer em conservar o ritmo, em se manter na crista do esforço, sem nunca forçar. Como nas grandes disputas de natação, em meio às ondas, em tempos passados, com Antoine: subiam os dois na prancha, trançavam as pernas e, deitados de barriga para cima, formavam um só corpo, com uma cabeça em cada ponta; às vezes, quando se erguiam sem desenlear as pernas, afundavam durante alguns instantes, com os corpos grudados, pele contra pele, em meio ao choque da água verde, e somente se largavam para subir à tona, fazendo grandes movimentos com as pernas. Naqueles momentos, tudo era maravilha para Luc, tudo era alegria. Hoje. . . Ele detesta, por exemplo, aqueles joelhos ossudos que saem por debaixo de suas calças curtas cheias de pregas (felizmente, ele pode vestir as velhas calças de golfe de seus primos). Tudo naquele corpo anguloso que se alonga é estranho e escapa à sua capacidade de compreensão. E os pêlos, então... que coisa mais ridícula!

Ele gostaria de reagir diante dos comentários sobre a ordem e a autoridade que lhe faz sua tia. Tenta retomar suas viagens no metrô, mas não encontra mais a mesma graça, não é mais a grande aventura. Ele já o explorou até os últimos confins. O metrô, naquele inverno, se apresenta triste e miserável. A metade das estações estão fechadas, mortas, os vidros foram substituídos por placas de madeira compensada, os trens são raros e só têm três vagões, ou então, como é o caso do *Norte-Sul*, não passam de um amontoado de ferro velho que avança aos solavancos, fazendo um barulho infernal de máquina agonizante. De três lâmpadas elétricas, apenas uma funciona, produzindo uma penumbra amarelada que mal transpassa a escuridão. Nunca houve tantos passageiros, e nunca eles foram tão tristes, tão silenciosos. Nas horas de afluência, a espera é interminável, os portões automáticos não deixam todo mundo passar, a atmosfera é sufocante.

Talvez também ele seja menos tentado a gazear as aulas do que no ano anterior. Sua situação na escola não é ruim: suas notas são médias, os professores não o aborrecem e ele se dá bem com seus colegas, que o consideram um companheiro alegre e disposto. Toma grandes iniciativas, como por exemplo um concurso de aviões de

papel. Durante mais de um mês, toda a classe é arrastada por ele para este jogo. Todos se põem a dobrar febrilmente folhas de cadernos, em busca de dobras inéditas. No pátio do liceu e no Luxembourg, o espaço se enche de flechas brancas seguidas de bandos de meninos excitados, sempre guiados por Luc. É espantoso como a fabricação de um avião de papel pode engendrar técnicas diferentes, escolas que se rivalizam, que se distinguem até mesmo pela maneira de assoprar sobre o nariz do avião, antes de lançá-lo.

O desentendimento que separa Lady Ponte-Serra da tia de Luc e do resto da família se eterniza, e Luc pode continuar a utilizá-lo para seus próprios fins: é sempre ele quem indica à tia os dias e as horas em que vai visitar a avó, e quem diz à avó a hora em que deve voltar para a casa da tia.

Várias vezes ele volta ao Halles. É sempre à tarde e sempre a mesma tristeza. No entanto, um ímã o atrai: ele ronda o Petit Roscoff, sem ousar entrar, tentando enxergar através dos vidros, sem parar, simplesmente diminuindo o passo ao dobrar a esquina da Rua de la Petite Truanderie, começando depois o trajeto, a partir da Rua Saint-Denis. Com medo de ser notado, evita encarar as raras mulheres que se encontram paradas nas calçadas, e continua a caminhar em meio ao cheiro de podridão, com os olhos fixos no chão, nos detritos de rábanos e de rutabagas, de estrume de cavalo, entregue a uma navegação estimada, por entre montes de lixo. A cada passagem, ele busca o rosto de Diane, tendo dificuldade em discernir o que vê, devido à má iluminação. Mas nunca há muita gente no interior dos bares: são invariavelmente homens que conversam calmamente sentados a uma mesa, bem como uma ou duas moças; mesmo vistas de costas, Luc reconhece que não são Diane.

Numa tarde de dezembro, ele coloca sua jaqueta americana. (— Você está proibido de usar esta jaqueta —, diz a cada vez a tia. — Não quero que ande por aí com este trapo militar. Vai ficar parecendo o quê? E depois podem pensar que você o roubou.) Acompanha seus primos até o mercado de selos. Deixa-os lá, em meio a uma complicada negociação sobre a troca de selos monegascos por cigarros americanos, e dirige-se para a Rua Saint-Denis, decidido a vencer sua hesitação, a todo custo. Quando chega diante do Petit Roscoff, resiste à tentação de passar adiante, como faz habitualmente. Respirando fundo, empurra a porta e hesita um pouco em entrar, deixando-a entreaberta, entre o calor do café e o frio glacial da rua. O homenzarrão peludo, dono do café, atrás do balcão, arregala os olhos e depois vocifera:

— Fecha a porta, porra!

— Estou procurando Diane — balbucia Luc. E ele a vê, sentada, sozinha, na mesma mesa em que estava há dois meses, à esquerda, no fundo da sala em L. O que lhe chama a atenção primeiro é o estranho pulôver dela, de lã buclê, brilhante, rosa-alaranjado com estrias brancas. Ele fecha a porta e dirige-se até ela. Diane ergue os olhos das cartas espalhadas sobre a mesa de madeira vermelha e diz:

— Olhem só, mas é o Caramujo! Chegou em boa hora: eu estava justamente procurando um parceiro para um joguinho de pôquer.

— Eu não sei jogar — diz Luc.

— Com os dados, é fácil, eu ensino a você. Então, sempre molhado? Aonde você vai hoje? A Marseille?

— Não, voltei a Paris. Só isso.

— Pena. Poderia ter-me levado. Não encontrou o seu irmão?

— Não, não encontrei ninguém. Não encontrei nada.

— Mas sente-se logo, seu tolo.

Ele senta-se na ponta do banco. Ela o observa, com os olhos verde-amêndoa um pouco franzidos, olhos como uma fonte com algas douradas, e sorri, estirando seus lábios finos, mostrando, numa fração de segundo, bem no canto da boca, um canino pontudo e branco.

— E então, Gato?

É um gesto terno: faz meses que ninguém o chama assim.

— Então você se lembra de mim?

— Idiota. Gato de telhado, gato tigrado, gato de olhos azuis, gato tinho, que se enrosca todo e que gosta de chouriço. Você está com frio?

— Sim.

— Chefe, um vinho quente!

Um vinho quente, mesmo sem limão, mesmo com sacarina, provoca um calor agradável, põe fogo em todo o corpo, faz a vista se embaralhar um pouco e o sangue subir à cabeça, sobretudo se é a primeira vez que se bebe.

Full de ases pelas damas, *four* de reis, *straight flush*: ele aprende, perdendo todo o tempo, sem reclamar, inundado de euforia. Ela festeja suas vitórias com estardalhaço. Mais tarde, ele acaba ganhando.

— Você não parece ficar mais contente quando ganha do que quando perde. Até parece que não gosta de ganhar.

— Talvez. Mas também não gosto de perder.

— Mas vai ter que se acostumar. Ou se ganha, ou se perde. Não se pode ficar entre os dois. Sempre tem de se terminar por um ou por outro.

— Não quero que o jogo pare. É só. O resto, nem estou ligando.

— Então você está mais viciado do que um trapaceiro. E é mais

perigoso. Com um trapaceiro, pelo menos, as coisas são claras: ele faz tudo para ganhar. Jogo é um negócio sério. Se você não o leva a sério, tudo fica falseado e você fica sendo o rei dos trapaceiros.

— O que importa é o parceiro com quem se joga.

Por volta das cinco horas, já noite fechada, o café começa a encher-se. Já há um certo tempo, havia-se formado um vaivém cada vez mais ruidoso em torno da mesa dos jogadores de cartas, e o zunzum das conversas aumentara. Sombras, arrastando os pés, vêm jogar-se sobre o balcão, reclamando uma aguardente ou um vinho branco. O dono do café torna-se mais animado, cadeiras rangem, arrastadas sobre os ladrilhos. Algumas lâmpadas acendem-se. Depois chegam algumas moças, gordas e vestidas com mau gosto, com umas pernas brancas à mostra que chegam a dar arrepios, vestindo casacos espessos, cachecóis e enormes bolsas a tiracolo. O assunto de que falam são as babás, os primeiros dentes, enxoval de bebê, e comparam os novelos de lã comprados no mercado negro. A atmosfera continua fechada, quase familiar. Todo mundo parece se conhecer. Alguns fazem sinal a Diane, que mal ergue os olhos. Mais tarde, a porta envidraçada é violentamente empurrada, ouvem-se exclamações e passos de sapatos pesados que batem nos ladrilhos. O Gato volta-se para ver: um grupo de rapazes extremamente jovens irrompe no café.

— Bom, eis que chega a 24-4 — diz, calmamente Diane, enfiando rapidamente os dados e as cartas na bolsa. — Pelotão, sentido!

Vários rapazes dirigem-se à mesa dela, vestidos com uniformes aparentemente militares, mas incompletos. Dois deles sentam-se no banco com Luc, empurrando-o sem cerimônia para o canto. Um louro alto, mal barbeado, cheio de pêlos esparsos sobre a cara bronzeada, com uma mecha de cabelo crespo que lhe cai sobre os olhos, ocultando uma parte do olhar vivaz, direto, quase inquisitivo, senta-se em frente, bem encostado em Diane, puxa-a para si e beija-a longamente na boca.

— E então, Diane, estão me fazendo concorrência? Você vai buscá-los no berço?

— Não, não — diz Diane sem sorrir, sacudindo os ombros. — Claro que não, Max. Não tem nada, não. Este aqui é o Caramujo.

O Gato permanece imóvel, todo vermelho, sentado na ponta do banco, com uma nádega no ar.

— Isto aqui faz bem pra saúde — diz o rapaz a seu lado, desafiando um largo cinturão de couro amarelo bem novo, que ele traz à cintura de seu capote caqui, comprido até os pés, como

uma pesada saia. — Faz bem. Tou de saco cheio daquele bordel de quartel.

— Não se fala de corda em casa de enforcado — diz Max entre dentes, sorrindo com o canto dos lábios. Espicha os longos braços, estala os ossos das mãos e seus pés fazem a mesa balançar.

— É verdade que isto aqui faz bem. Aqui o ambiente é quase humano.

O Gato decide romper a paralisia que o imobiliza. Levanta-se, sai de fininho, atravessando a sala, que agora está coberta de fumaça, cheia de indivíduos expansivos com boinas e capotes caqui amarrutados. É quase com alívio que ele abre a porta e sai para o frio da rua e para o odor de restos de legumes. Já é noite. De repente, uma mão puxa-o por trás. Ele se volta.

— Me dê um beijo, Gatinho — diz Diane. — E volte um dia destes. Mas venha de tarde, como hoje. De tarde eu estou quase sempre livre.

Por trás de Diane, através da porta aberta, Luc ainda pôde ver, num lance de olhos, Max que se levanta e vai sentar-se ao velho piano preto de dentes amarelos, perto do bar, ao lado dos banheiros. Ouvem-se dois ou três acordes dissonantes, depois a porta se fecha novamente. Diane desapareceu, ele se encontra em meio à escuridão da Rua de la Petite Truanderie, uma nevezinha molhada cai e se derrete no chão enlameado.

*

Dezembro é a época da grande contra-ofensiva alemã. Nas Ardennes, o Exército Patton quase conseguiu entrar. Na Alsácia, a divisão Leclerc terá de proteger sozinha, durante vários dias críticos, Estrasburgo e sua planície, recém-reconquistadas e já novamente sob a ameaça do inimigo. No litoral francês, resistem ainda focos que vão de Lorient até a Ponta de Grave, os quais os FFI's, transformados em tropas regulares, mas nem por isso mais bem armados, contentam-se em cercar, sem poder subjugar. Mas como tudo isto está longe de Paris! A guerra prolonga-se novamente. No liceu, a professora de Canto prepara, para quaisquer eventualidades, o dia da vitória, ensinando os alunos a cantarem em coro os hinos dos Aliados com letras em francês tão obscuras quanto vibrantes:

*Dans la nuit obscure, ô bannière étoilée
C'est toi qui nous guidais sous tes plis glo-ri-eux
Puis le jour est venu dans son albe lumière. . .*

*Puissante indivise est l'Union soviéti-que
Par la volonté de ses peuples bâties
... Drâ-â-peau soviéti-que
Drâ-â-peau populai-re
Conduit le pays de victoire en victoire?**

(Luc ficou sabendo que o hino soviético não é a *Internacional* e tem suspeitas de que a professora de Canto esteja fazendo uma manobra reacionária.)

Já perto do Natal, o professor de Francês lê uma circular que convida todos os alunos que tenham pais prisioneiros a se darem a conhecer, para a realização de uma grande festa com árvore de Natal. Luc levanta a mão. O professor hesita.

— Não sei se você tem direito. Seu pai não é exatamente prisioneiro de guerra.

Em casa, a tia irrita-se com a história:

— Como se você não tivesse família. Como se nós não bastássemos para você.

A festa realiza-se em um cinema do bairro. Duas mil crianças de todas as idades estão reunidas. Há desenho animado, palhaços e discursos patrióticos sobre seus queridos papais cujo retorno toda a França espera ansiosamente, para participarem do magnífico esforço de reconstrução do país pelo qual eles tanto sofrem. Fazem as crianças cantarem *Meu belo pinheirinho*, a *Marcha lorena*, e, é claro, o *Canto dos guerrilheiros*. O rapaz alto e magro tinha razão: é um canto que azedou.

*Ohé les tueurs
A la baïle et au couteau
Tuez vitel*

É fácil de dizer. Toda a sala, os palhaços, o indivíduo que fez o discurso, duas mil crianças e as senhoras que acompanham os menores, cantam em coro:

□ Na noite escura, ô estandarte estrelado,
És tu que nos guiavas sob tuas dobras gloriosas,
Depois raiou o dia, com sua luz clara. . .

Poderosa, indivisa é a União Soviética,
Pelo esforço de seus povos construída,
... Bandeira soviética,
Bandeira popular,
Conduz o país de vitória em vitória.

lei, nous vois-tu
Nous on marche, nous on tue,
*Nous on crève**

Luc volta para casa com um vale que lhe dá direito a um par de sapatos novos.

Na véspera de Natal, a tia arrasta os três meninos às lojas superlotadas, para que eles escolham um presente. Os pés de Luc lhe doem e ele acha tudo feio. Nada lhe agrada, nada lhe interessa. À noite, sua tia dá-lhe um papel no qual está escrito "Vale um presente". No dia seguinte, eles vão à missa solene na Igreja Sainte-Cécile: uma balbúrdia tremenda, um sermão e três coletas.

Os avós reúnem em sua casa a família: retorno à tradição de antes da guerra. O avô circula, como uma sombra vacilante, sustentado por sua mulher, ereta, enérgica, que não o larga por um segundo. A mente dele não parece estar menos anuviada. Toda a família está presente: tios e tias-avós, tios e tias afastados, primos e primas de primeiro e segundo graus, bem como solteironas amigas da família. Um tio, que é produtor de cinema, fala sobre o filme que está rodando: não se pode imaginar, diz ele, a que ponto Jean Marais é atencioso e prestativo. Mas sob as câmaras, que frieza! Como reunir cento e cinquenta trajes Império para a cena do baile?

— Os negócios custam a reativar-se — diz o tio François. — Falta determinação a este governo. De Gaulle é o refém dos comunistas. Ele cede à chantagem. Estas medidas sociais em um país falido são pura demagogia.

— E a depuração, então? — prossegue ele. — Não termina mais. Depois das atrocidades da liberação. . . Olhe: eu entendo que se queira dar o exemplo. Tanto pior para o coitado do Sacha Guitry. Ninguém se incomoda. E até mesmo Brasillach: afinal de contas, por que não ficou quieto no seu canto? Mas esta noção de colaboração econômica deixa inquietos os empresários. Quantos deles hoje se sentem em perigo, quando na verdade não fizeram nada mais do que agir com a mais perfeita boa fé, dentro do âmbito da lei? Não é num clima destes que se podem criar as condições de uma reativação da vida nacional.

Aparece o tio da Marinha, que comandava o cruzador, vestindo novamente seu uniforme de paxá com cinco galões.

□ Ei, matadores
À bala e à faca,
Matem depressa!

Aqui estamos nós,
Marchamos, matamos,
Morremos.

— Ele o colocou para agradar à sua mãe, que está às portas da morte — diz a tia. — Ele é corajoso, pois não tem direito de usá-lo. Ele deverá apresentar-se diante de uma comissão de depuração.

"Cada um põe sua coragem onde pode", pensa Luc; "por que não em um uniforme?" (Um mês mais tarde, o tio será totalmente absolvido pela comissão.)

Luc tem de submeter-se aos abraços de alguns peitos flácidos de velhinhas apiedadas, cheirando a perfumes nauseabundos:

— Ah, este pobre menino!

Vai juntar-se aos primos e, tomando vinho frisanter, riem-se do espetáculo.

Um rapaz passa de um convidado a outro, com um copo na mão, trajando as roupas caqui que Luc já conhece, pois são as roupas com que se vestem os FFIs que se alistam no Exército, os da 24-4. Reconhece também aquela pele arruivada, aqueles olhos e aquele riso de cabra, aquela voz cordial e suficiente e aqueles gestos amplos que acompanham as frases. Não há dúvida, trata-se do primo Bernard Maury, o da reunião dançante.

— Estamos nas imediações do foco de Quiberon — explica ele. — Que desperdício! Lamentável. Não temos armas pesadas, nos deixam de lado, os boches estão perfeitamente entrincheirados, abastecidos por submarinos e por aviões, e podem resistir indefinidamente. Sem canhões, o Muro do Atlântico permanece invulnerável. E, para mim, é *mais* um ano perdido. E tudo isso para nada, absolutamente nada. Enquanto isso, na Escola de Engenharia de Minas, as aulas recomeçaram. E se vocês vissem os homens que tenho de comandar: nenhuma disciplina, um bando de marginais.

"Pois é", pensa Luc, "este filho da puta deveria era estar orgulhoso: afinal de contas, o Muro do Atlântico foi ele que ajudou a construir."

O primo Maury reconhece Luc e dirige-se até ele, com seu sorriso meio baboso de escoteiro ou de vendedor principiante. Parece estar contente consigo mesmo, com os outros, com tudo, apesar de suas lamúrias.

— Você tem um belo uniforme — diz Luc.

— Que nada, é horrível. . . Mas parece que seu irmão está no Exército Americano. Ele, pelo menos, tem sorte.

— Sim — diz Luc —, ele tem sorte. Tem muita sorte.

Assim se passa aquele fim de ano. Não, decididamente, o Natal não é interessante.

Nem todos os Natais foram como aquele. Em 1938, na Valerane, toda a família havia tomado o trenzinho, após a missa solene, para descer ao pé da aldeia de Cogolin. Subiram até as vinhas desnudas e as castanheiras, caminhando sobre a grama espessa e úmida do inverno. Atravessaram a aldeia silenciosa e endomingada; ouviam-se as mulas bufarem nas estrebarias das casas, que davam para ruelas estreitas, de onde se viam seus lombos. Tomaram um caminho pedregoso e fizeram um piquenique sobre os rochedos achatados dos moinhos de Paillasse, que lançavam os vestígios deteriorados de suas grandes pás em direção ao sol invernal. Luc guardou uma foto desse evento: seu pai sentado sobre uma parede em ruínas, segura alegremente uma garrafa numa das mãos e um copo na outra, cantando. Isto é que é um bom Natal.

*

Uma preocupação o obceca: ele tem medo de perder a memória dos rostos ausentes. É sobretudo à noite, evidentemente, que isso ocorre. Ele tenta invocar a lembrança precisa dos traços de sua mãe, mas sabe, por experiência própria, que esse é o pior método: quanto mais se esforça, mais a lembrança se embaralha. As lembranças precisas só aparecem inesperadamente: é o que acontece com o cheiro adocicado de maçapão e de flores secas do escritório de seu avô, na Valerane (ele não sabe exatamente o que é maçapão, mas tem certeza que é impossível definir de outra maneira o cheiro daquela peça), de certas tonalidades da voz de Antoine ("mas é claro que eu gosto de você, seu idiota!"), do gosto da pele molhada do irmão, quando eles rolavam grudados na areia, ao sair do banho de mar, do cheiro de seus corpos, quando voltavam de uma longa corrida sobre os rochedos, do ruído das ondas que entrava pela janela nas manhãs calmas, do bigode de seu pai que espetava a face de Luc à noite, na hora de deitar. Os rostos que buscamos desesperadamente se ocultam; é quando não estamos pensando neles que seus traços reaparecem, como num *flash*. Isto pode ocorrer numa esquina, na curva de uma escada, porque alguém pronunciou uma palavra, porque uma imagem passou, qualquer imagem; então, o rosto da pessoa ausente surge, numa ínfima fração de tempo, extremamente frágil. De nada adianta tentar retê-lo: ele foge. Seria o mesmo que correr atrás de uma nuvem. É apenas uma nuvem.

Mas como é possível contentar-se com uma nuvem? Como é possível estar certo, em cada uma dessas aparições-surpresa, que aquela vez não será a última? Então ele insiste, força, desesperadamente. E só vem o medo de decididamente ter perdido

tudo.

Quando ele era criança, à noite, sua mãe contava-lhe contos japoneses: a história de Oumashima-Taro, o pobre pescador que encontrou, uma noite, em sua rede, um peixinho de ouro, que era simplesmente o filho do rei dos peixes. Luc passou da idade dos contos infantis; mas, certas noites, fecha os olhos e imagina que sua mãe vem sentar-se à beira de sua cama para contar-lhe essa história. Nessas ocasiões, quase ouve a voz dela.

Nuvens, fantasmas, como se poderia evitar de ficar à espreita para tentar agarrá-los ao passarem, para tentar impedir que fujam, que se apaguem mais ainda? Cuidado com os movimentos em falso, com os gestos imprudentes que embaralham os reflexos. Até mesmo as fotografias, que deveriam ser pontos de referência indestrutíveis, bóias de salvamento, não são, na verdade, absolutamente seguras: se as olharmos fixamente durante muito tempo, os traços também se dissolvem, só restando detalhes, cacos que não vale a pena tentar colar uns aos outros.

Assim, mais vale reter tudo o que pode ser retido dessas sombras, sem assumir riscos. Por conseguinte, falar em demasia dos ausentes, por exemplo, e de maneira irrefletida, é deixar escapar um pouco da substância deles, é perigoso.

Luc ouve sua tia dizer, a propósito dele, ao marido:

— Você já notou que Luc nunca fala dos pais? Até parece que nem pensa neles.

*

Como aquele inverno é longo e triste! Como aquele inverno é frio! Um verdadeiro túnel.

Em fevereiro de 1945, ninguém podia prever que o fim da guerra poderia intervir em breve. A Alemanha sitiada no interior de suas fronteiras naturais agrupou forças ainda imensas. A propaganda alemã sempre fala de armas secretas que vão inverter o rumo dos acontecimentos. Resta ultrapassar o Reno, os Alpes, o Rio Oder. . . Londres é, mais do que nunca, o alvo de uma chuva de V2 que semeia a morte. Procuram-se indícios, sinais: é assim que se fala nas declarações otimistas de Churchill, segundo as quais uma vitória definitiva seria possível para o outono de 1945, embora ele houvesse frisado que seriam ainda necessários dezoito meses, após a vitória sobre a Alemanha, para vencer o Japão. Há vários meses, os combates em torno de Aachen transformaram a região no que os repórteres chamam de *um cenário apocalíptico*. Diariamente,avas

de bombardeiros arrasam as cidades alemãs: numa só noite, contam-se cinco mil, largando milhares de toneladas de bombas. A oeste, a grande questão agora é a travessia do Reno.

Até quando, pergunta-se Luc, durará o silêncio de seus familiares? Não se fala mais, nos jornais, dos deportados e dos campos de prisioneiros. Somente quando começam a voltar, passando por Odessa, misturados aos prisioneiros liberados pelos russos, os primeiros prisioneiros resgatados de Auschwitz, principia-se a falar do campo de Struthof, que as tropas francesas descobriram vazio, ao entrar na Alsácia. A partir de então, na imprensa e no rádio, as descrições de Struthof vêm adicionar-se aos comentários e aos depoimentos, que, diariamente, continuam a acumular-se, sobre as atrocidades cometidas pelos nazistas durante a ocupação, as torturas da Gestapo, os massacres e os fuzilamentos dos SS. E quando não é, no *Le Figaro*, um novo relato de Oradour,^{*} é, no rádio, Jean Nocher que, todas as noites, relata abomináveis histórias que ilustram a crueldade da barbárie germânica, com uma voz grandiloquente, tendo ao fundo uma sonoplastia atroz, tropel de botas, rajadas de metralhadoras, *raus* e *schnell* em profusão.

Foi no campo de Struthof, explica o locutor, que a loucura sanguínea de Hitler atingiu seu paroxismo: neste campo, cheio de cabanas verdes perfeitamente conformes às normas da Cruz Vermelha, o qual, dizem os jornalistas, *parecia idêntico aos outros*, descobriu-se não somente o crematório, que funcionou até o último momento da evacuação, mas também, ligada a este através de um elevador de mercadorias, a câmara de gás. Luc lê pela primeira vez e fica conhecendo estas palavras, *câmara de gás*, exatamente naquela manhã nervosa de 3 de março de 1945, ao voltar do liceu, ao meio-dia, quando abre, com seus dedos cobertos de frieiras, *Le Figaro*, que, excepcionalmente naquele dia, havia publicado quatro páginas, porque reproduzia o discurso de De Gaulle. Também é descrito o arsenal do laboratório, dirigido pelo professor Hagen, de experiências com prisioneiros vivos, sobretudo as de localizações cerebrais, reveladas pelo enorme monte de cabelos e de escalpos encontrados em uma sala. Vinte mil prisioneiros morreram em dois anos no campo de Struthof, indicam os arquivos do campo. Assim, em três dias, cinquenta e nove mulheres vindas de Ravensbrück passaram pela câmara de gás e pelo crematório. *Ravensbrück*, lê Luc, que busca, em vão, maiores detalhes em outros jornais. Ravensbrück.

□ Oradour-sur-Glane, pequena cidade francesa. Em 10 de junho de 1944, os SS da divisão *Das Reich* incendiaram a cidade e massacraram selvagememente 642 habitantes (N. do T.).

Talvez seja nessa época que, em certos momentos, sem prevenir, a morte começa a instalar-se nele. Começa a pensar nela com frequência cada vez maior. Eis que a morte de Antoine, de sua mãe e de seu pai tornam-se coisas possíveis, reais, coisas que podem tomar forma, sobre as quais vêm inscrever-se imagens cada vez mais nítidas. No entanto, a morte não devia, já há tempo, ser uma estranha para ele. Em que momento se começa a deixar de ser um mero espectador da morte?

Quando criança, ele fazia perguntas sobre a morte. E depois tranquilizava-se: dados os progressos gigantescos da ciência que sempre lhe descreviam, parecia ser evidente que os homens eliminariam a morte antes do ano 2000. Não era esta justamente a finalidade suprema do progresso? Seus pais sorriam e não faziam nenhum comentário. Ele tivera discussões apaixonadas com Antoine sobre a alma e a vida eterna. Antoine oscilava, segundo o humor do dia, entre o deboche frio e um ceticismo menos convicto. Em geral, ele afirmava que eram fábulas e que, em todo caso, a religião não podia ser compreendida no primeiro grau. (Lançava-se em exposições sobre a relatividade das religiões em geral e sobre os percalços da religião católica em particular, perguntando a Luc se ele sabia que muitos outros profetas, muitos outros Messias haviam trilhado os caminhos da Palestina no tempo de Jesus. O Gato, como de hábito, não compreendia muito bem.) Mas Antoine concluía freqüentemente que, ainda que fossem fábulas, essas noções não deviam ser sistematicamente ridicularizadas, que se devia levá-las em conta. Há muitas coisas que ainda não foram resolvidas sobre a própria natureza da vida. Não se podia descartar, com um sacudir de ombros, vários milhares de anos de crenças que haviam modelado os homens como eles se apresentam hoje. Para tanto, seria preciso muito tempo, paciência e trabalho.

Naturalmente, Luc, como todo mundo, lançara desafios à vida, buscando encontrar seus limites, como, por exemplo, fixando longamente o sol, até ficar cego por alguns segundos; retendo a respiração até ser tomado por uma vertigem; mergulhando tão profundamente que a superfície da água lhe parecesse uma longínqua folha de prata para sempre inatingível; avançando até a beira das falésias, no extremo limite do equilíbrio, fixando lá embaixo as ondas que lavavam os rochedos recortados. Mas os desafios à vida não invocam verdadeiramente a morte, não é ela que está nomeadamente em causa.

Imagens rápidas, mas obstinadas: uma massa de prisioneiras de

uniforme listrado — quem lhe disse que elas usam aquele uniforme? — caminha em direção à porta aberta da câmara de gás; a goela aberta do crematório.

Sua tia não queria que ele escutasse o rádio muito tempo, sobretudo o programa de Jean Nocher.

— Não quero que Luc ouça isso — diz ela.

Mas ele escuta, através da porta, a voz que desafia seu rosário de horrores habituais: as torturas, a espera dos condenados à morte, gritos roucos.

— Não quero que Luc ouça isto. Ele ainda é muito jovem.

Mas ela não desliga o rádio.

Então, contra o assalto dessas imagens, Luc luta dizendo para si mesmo que está exagerando, que nada é trágico, que sua atitude é ridícula. Seu pai está num bom campo. Os campos de mulheres são controlados pela Cruz Vermelha. E Antoine. . . é o momento de invocar imagens tranquilizadoras: Antoine pedalando como um bailarino em sua bicicleta. A voz de sua mãe. A caminhada nos bosques molhados com o pai. Mas, decididamente, elas resistem. Ele está só.

Não é por isso que ele cessa de passar constantemente de agitado a lunático, de brigar com seus primos, de ter crises absurdas de raiva, caindo aos socos e pontapés sobre quem lhe desagrade, de inventar novas regras para o jogo das bolinhas de gude, de chefiar os ataques contra o carrossel dos cavalos sem cabeça. Vai ao cinema, vê *Os cavaleiros do céu*, em três episódios, seu primeiro filme de mocinho; *O galante Mr. Deeds*, sua primeira comédia americana; *Os visitantes da noite*, *Segundo escritório contra a Kommandantur*, e toda uma longa série de filmes do Gordo e o Magro dublados.

Entretanto, só o atraem realmente o bairro de Halles e a Rua de la Petite Truanderie. Volta lá. Entra no Petit Roscoff e avista, através das cortinas, Diane, só. Várias vezes, ao ver que ela não estava só, ele havia dado meia-volta. Ela o acolhe sempre com uma mescla de rispidez e ternura que o deixa sem voz, sem reação. Ela mal ergue a cabeça: é como se ele a tivesse deixado apenas por alguns instantes. A presença dele parece-lhe natural. E sempre aquele sorriso. . .

Perto dela, ele se sente bem. Seria porque ela é a única que o chama de Gato, com sua voz rouca, que o chama de *maninho*, a única que não o trata como uma criança? Longe dela, ele imagina cenas precisas: abraça-a e beija-a, como fizera Max; acaricia seu

corpo, sob seu pulôver rosa-alaranjado, sob sua saia, alisa sua pele, seu ventre. . . Por que não? A partir daí, as imagens se embaralham, tornam-se confusas. Mas ele sabe que tais imagens são lentas e românticas, que nada têm a ver com as histórias de Lucien, na fazenda. Seria ele um dia capaz de realizar tais gestos, de ter a segurança de Max, de todos aqueles homens para os quais ele não representa nada, que parecem tão tranqüilamente invulneráveis à dúvida? Diante de Diane, essas imagens apagam-se.

Max foi-se embora, com seu batalhão, no início de dezembro, em direção ao leste.

— Eram verdadeiros marginais — diz Diane, num tom nostálgico. — Os reis do jeitinho, da vigarice, da trapaça, do mercado negro, cinza e vermelho. . . E vermelhos, ah, isso sim, justamente: Max sempre falava do comunismo e da revolução. Ele dizia: "Estamos preparando a Grande Festa, mas, enquanto esperamos, não vejo por que ficaríamos a nos encher o saco, de braços caídos." E é verdade que ele não se enchia o saco, às voltas com os estoques que os americanos empilhavam na Porta d'Orléans — rações, cigarros, jaquetas, latas de gasolina e de Teepol, um negócio formidável para a limpeza, você põe uma gota e limpa tudo, sem falar nas ferramentas, todas as ferramentas para fazer qualquer coisa, um sonho. . . E uísque. Não, é claro, você não conhece isto. E as armas. Sim, as armas.

E concluindo:

— Aí é claro, né, quando os americanos pediram reforços, nas Ardennes, foi a 24-4 de Romainville que se mandou de cara. Teve gente que deve ter sentido um alívio. E agora, aqui, ficou uma sensação esquisita de vazio.

Diane fala muito de Max. O Gato não reconhece no que ela diz o rapaz alto de gestos possessivos que ele entreviu um dia.

— Ele sempre conta histórias tão complicadas que tenho dificuldade em compreender. Por exemplo, ele está te explicando — isto é, você está pensando que ele está te explicando aquilo, mas você nem sabe mais *realmente* por que ele está te explicando *aquilo* — que, quando os alpinistas caem num buraco, a geleira leva cem anos para restituir os corpos. Ela arrasta em seu ventre os corpos congelados, cada ano dois ou três metros, e quando eles reaparecem, são seus bisnetos que vêm buscá-los, ao passo que eles não mudaram nadinha, conservaram sua juventude, suas roupas ainda estão novas, com as mesmas cores, em suas bolsas os sanduíches continuam frescos, só a barba cresceu-lhes um pouco, os cabelos estão um pouco mais longos. . . Bom, aí você está tentando compreender o que ele está dizendo, tentando imaginar tudo isso, e então, de repente, sem que você tenha tempo de compreender como

a coisa se passou, o programa muda radicalmente: ele começa a te falar de ilhas no meio do Atlântico, em que as pessoas vivem em cima de vulcões que cospem fogo, e quando eles querem cozinhar é só cavar um burquinho na frente da porta e eles têm uma craterazinha só pra eles, com fogo saindo, pra cozinhar a sopa. Ele também diz que os gatos. . .

— Que que têm os gatos? — arrisca o Gato, pensando consigo mesmo que Max é ainda mais invasor ausente do que presente.

— Os gatos são muito mais inteligentes do que os homens, mas escondem essa inteligência. Faz três mil anos que se instalaram em todas as casas. Eles esperam e nos observam em silêncio. Um dia, quando souberem tudo a nosso respeito, tomarão o poder de um só golpe. E então. . .

— Então o quê?

— Então, não sei mais o quê.

— Esta história não é dele — diz o Gato, usando de má fé. — Eu já a conhecia.

Ele não ousa perguntar a Diane o que ela está fazendo ali, naquele café, como que pregada à mesa vermelha pelo resto da vida. Tenta compreender, colando pedaços de comentários captados aqui e acolá, mas aquele universo escapa à sua compreensão. Em um dado momento, ela lhe diz:

— É à noite que eu trabalho. Ah, se você me visse à noite, não me reconheceria. . .

Em outro momento, ela lança secamente a um homem gordo que lhe fazia sinais do balcão:

— Não sou uma puta, tá entendendo?

O patrão, que não é tagarela, trata-a como se ela sempre tivesse estado naquele café. Traz-lhe o que ela pede sem comentários, e nunca lhe apresenta a conta. As mulheres da rua, as putas, as verdadeiras putas, vêm muitas vezes sentar-se perto dela. Falam sempre da mesma coisa: sempre histórias de babás, os presentes que preparam para batismos e aniversários e, com a chegada da primavera, os preparativos para a primeira comunhão das irmãs ou dos irmãos pequenos. Fazem também comentários desanimados sobre os fatos do dia:

— O governo não sabe tomar as coisas a peito. Os negócios não retomam vida.

Tudo isso não é muito diferente do que ele ouvira na noite de Natal na casa de seus avós. A única diferença é, de vez em quando, um detalhe profissional:

— Eu topo ir pra cama com os negros americanos. Não são negros como os outros.

Mostram pacotes de cigarros, meias de náilon, e vão-se embora

sob o frio, batendo no chão com seus saltos de madeira.

— Você devia vir uma noite dessas — diz Diane ao Gato. — Mas não uma noite qualquer. É pena que Max não esteja mais aqui para tocar piano. Às vezes aparecem uns americanos que tocam sax bem pra burro. . .

*

Lady Ponte-Serra não desistiu de escrever a Antoine. No entanto, recebeu de volta vários outros envelopes, com as mesmas anotações que ela não entende, e guardou-os, como fez com os primeiros. Os avós maternos de Luc também receberam de volta suas cartas.

— Não entendo — repete a velhinha. — É evidente que ele não sabe que lhe escrevemos, pois não recebe nossas cartas. E, não recebendo notícias nossas, deve pensar que estamos zangados com ele: é o que pensam sua tia e seus avós. Mas, eu, ele sabe muito bem que não estou zangada com ele. Sabe que não é possível. Como poderíamos comunicar-nos com ele? Como poderíamos dizer-lhe que estamos orgulhosos dele? Sei que sua tia e os avós estão tomando providências. Mas ninguém me diz nada. Nunca ninguém me diz nada.

Que mais pode ela dizer?

Então, ela escreve:

"Meu querido, talvez esta carta tenha mais sorte que as anteriores. Onde você está? O que está fazendo? Não deixe sem notícias a sua avó que o ama tanto, e Luc, que precisa de você. Sei bem que não é culpa sua, mas temos enfrentado tormentos terríveis. Estou muito só neste inverno e isto é muito triste. Se pelo menos soubesse o nome dos seus generais, o exército em que você está, eu acompanharia os seus passos pelo rádio. Escuto todos os comunicados, dia e noite, salvo quando há cortes de luz. Os seus pais estão em bons campos de prisioneiros, tivemos a confirmação por Genebra, e estou segura de que, como eu, eles estão orgulhosos de você. Você fez o seu dever. Esta semana, segui o conselho que você me deu no ano passado: reli Sófocles. Como você tinha razão, como aquela Antígona é atraente! Não estou sofrendo com o frio, pois consegui dois pedaços de lenha de restos de madeira. Estou enviando esta carta para o mesmo endereço. Entrei em contato com a Cruz Vermelha, para que pelo menos eles transmitissem notícias nossas a você, mas eles responderam que não podiam dar nenhum endereço, por causa do sigilo militar, e que não recebiam nenhum recado proveniente da França. Meu querido, será que terei de esperar que vocês cheguem a Berlim para ter notícias suas?"

No final de março, o tempo torna-se mais ameno. No apartamento, os meninos voltam a dormir em seus quartos e a vida recomeça a fluir nos corredores.

Os Aliados ultrapassam o Reno. Há um mês os russos lutam às margens do Oder. Luc acompanha de perto todas as modificações nos mapas, publicadas pelos jornais. É ele que desloca os alfinetes, frequentemente duas vezes por dia, sobre o grande mapa da Alemanha. Seria a ofensiva final? Luc coloca alfinetes também sobre um mapa recortado de um jornal: dois traços com flechas marcam a distância entre as linhas avançadas do leste e do oeste; no norte, os ingleses e os russos estão a 485 km uns dos outros; no sul, 385 km separam o Exército de Patton da ponta da ofensiva russa. Mas o que ele vê sobretudo é que a flecha assim traçada ao norte atravessa a região de Mecklembourg. Ele não consegue localizar Ravensbrück, mas vê-se bem que os russos não podem estar muito longe de lá; no sul, a flecha passa perto de Weimar; os americanos avançam em direção a Nuremberg. Luc não relaxa sua atenção: compara tudo o que lê e ouve com a distância que ainda separa as tropas da liberação dos campos onde estão seus pais. Depois de conquistarem Frankfurt, os Aliados vão avançar em direção a Eisenach e Erfurt, e depois de tomarem Erfurt, Weimar estará apenas a uns cinquenta quilômetros. Então. . . Então é preciso tentar permanecer surdo às outras notícias, a tudo o que descreve com complacência as terríveis destruições do rolo compressor em marcha, os ataques da artilharia pesada e os *tapetes de bombas* que não deixam pedra sobre pedra nas cidades conquistadas, a fuga dos civis pelas estradas, os mortos em massa sob os escombros: 80.000 toneladas de bombas em uma semana, 555 toneladas por hora, anunciam os comunicados triunfantes. Os campos de concentração poderiam estar ao abrigo dessa destruição geral?

Provalmente sim, pois agora são protegidos pela Cruz Vermelha, Foi o assunto que, durante o mês de março, polarizou toda a atenção da avó de Luc. Ele, cheio de esperança, seguia dia após dia a evolução dos acontecimentos. Pela primeira vez, faz-se realmente uma distinção entre prisioneiros de guerra e os chamados "internados políticos". No dia 1º de março, chega a primeira boa notícia na imprensa:

O regime dos internados políticos foi melhorado. As iniciativas tomadas pelo governo, por intermédio da Cruz Vermelha, junto às autoridades alemãs, resultaram em melhorias substanciais de ordem material e moral. O envio, a todos os campos, de pacotes

individuais contendo víveres, roupas de baixo, calçados e produtos farmacêuticos é autorizado, bem como o envio de pacotes coletivos.

Do ponto de vista moral, os alemães acabam de admitir a existência de um homem de confiança dos campos de prisioneiros, o qual desempenhará o papel de intermediário entre as autoridades alemãs e a Cruz Vermelha. É uma garantia apreciável, embora os delegados da Cruz Vermelha ainda não estejam autorizados a penetrar nos campos de internados.

Lady Ponte-Serra prepara os pacotes, perguntando-se o que seria mais importante, roupas ou alimentos. Encarrega a velha empregada de operações complicadas junto aos comerciantes e põe em polvorosa todas as pessoas de seu conhecimento. Carne enlatada, chocolate... Desde o dia 7 de março, anuncia-se que um primeiro comboio da Cruz Vermelha, levando cento e vinte toneladas de pacotes em vinte caminhões pintados de branco, havia partido de Genebra para a Alemanha, que as autoridades alemãs garantiram a circulação desses caminhões nas estradas. E, principalmente, no dia 20 de março, foi anunciada a seguinte notícia:

"Um acordo está em boas vias de realização com respeito aos deportados civis, velhos, mulheres e crianças. Uma questão resta pendente: a criação de uma zona neutra, como Genebra'."

No dia 2 de abril, os alemães entregam à Cruz Vermelha suíça trezentas mulheres do campo de Ravensbrück. (É preciso completar: na sexta-feira santa, dia 30 de março, dia em que a missão da Cruz Vermelha chegou diante da entrada do campo, cerca de trezentas e cinquenta mulheres foram enviadas à câmara de gás. Algumas tentaram escapar aos SS, os quais as perseguiram por todo o campo. O caminhão que transportava as condenadas, despidas, passou várias vezes diante do Ford do médico suíço que chefiava a missão.)

"Em breve, sessenta mil mulheres deportadas retornarão", anuncia a imprensa.

— Mamãe vai voltar — diz Luc à sua tia, quando todos estão almoçando na cozinha. — Estão liberando todas as mulheres.

Ele faz projetos. Como estará ela?

— Espero que não lhe tenham cortado os cabelos.

— De qualquer maneira — diz a tia, peremptoriamente —, é preciso que você saiba: cortados ou não, os cabelos de sua mãe estarão grisalhos.

Luc sacode os ombros. É ridículo. Sua tia não pode saber

antecipadamente que cor terão os cabelos de sua mãe. É pura maldade.

Com a ultrapassagem do Reno e o recuo das defesas alemãs, a liberação dos prisioneiros se acelera. Restam na Alemanha um milhão e duzentos mil prisioneiros franceses, e também setecentos mil trabalhadores do STO. Quantos deportados civis haveria — políticos ou raciais? Talvez uns 160.000 (contanto que estejam todos vivos). Eles permanecem, pois, confundidos com a massa. É por isso que durante muito tempo foi difícil distinguir, nas notícias referentes aos *repatriados*, o que lhes dizia respeito diretamente. Essa dificuldade continua a existir, e Luc, como os outros, tenta ver as coisas com clareza. Nos primeiros dias de abril, os repatriados afluem às dezenas de milhares. Os Aliados apressam-se em liberar as zonas de combate dessas massas errantes. Centros de triagem são abertos nas fronteiras, estações ferroviárias são requisitadas, e até mesmo cinemas parisienses: o Rex e o Gaumont.

As primeiras medidas para uma acolhida particular aos deportados coincidem com a entrada dos americanos em Weimar. No dia 15 de abril, os jornais e o rádio anunciam a liberação do campo de Buchenwald. No *Le Figaro* de sua tia, Luc lê numa entrelinha a confirmação dessa notícia, e, na mesma página, o anúncio da chegada de 197 mulheres liberadas do campo de Ravensbrück. O próprio De Gaulle foi acolhê-las, em sua chegada à Gare de Lyon, provenientes da Suíça.

A notícia traz o seguinte título: "*Sr. Julien Cain, liberado do campo de Buchenwald*".

" *Weimar, 14 de abril. OIII exército liberou 21.000 prisioneiros do campo de Buchenwald, perto de Weimar. Entre estes, encontra-se o Sr. Julien Cain, que, antes de assumir, no gabinete Paul Reynaud, as funções de secretário-geral-adjunto para a Informação, foi diretor-geral da Biblioteca Nacional*."

É só. Uma notícia sucinta, que só diz o estritamente necessário. Isto quer dizer que, junto com Julien Cain, junto com 21.000 outros, seu pai foi liberado.

Sua mãe não se encontra entre as primeiras mulheres repatriadas de Ravensbrück. Mas, para ela também, a hora do retorno aproxima-se. Mas para quando? Como saber exatamente?

O Hotel Lutétia é requisitado para servir de centro de triagem e de hospedagem aos deportados, para os quais notou-se que era necessário dispensar um tratamento particular. O hotel fica no trajeto

para o liceu. Luc passa por ali quatro vezes por dia. Desde a abertura do centro, formaram-se nas calçadas pequenos grupos que esperam e discutem.

Em meio à multidão, conversam alguns homens de cabeça raspada, vestidos com uma espécie de pijama com listras azuis em farrapos. Por que não retiraram aquelas roupas? Será que não lhes deram outras? O primeiro que Luc ouve falar, um homem sem idade, sujo, com um rosto sofrido, enrugado e mal barbeado, em meio ao círculo atento de seus ouvintes, conta coisas atrozes e improváveis. Improváveis sobretudo porque ele se dirige regularmente aos seus interlocutores mais próximos para pedir-lhes cigarros e dinheiro, como se fosse um vulgar malabarista de praça pública.

"Um verdadeiro mendigo", pensa Luc.

Logo no primeiro dia, ele reúne toda a sua coragem e entra no hotel, acompanhado de seu amigo de cabeça grande. Pergunta a uma moça, que se encontra atrás de uma escrivaninha, se o Sr. ou a Sra. Ponte-Serra estão ali, ou se seria possível obter informações sobre eles.

— Não damos nenhuma informação — responde a moça, com um ar ausente e atarefado. — Nós avisamos diretamente às famílias.

— Mas — começa a dizer Luc —, eu. . . — E logo pára, porque não sabe o que dizer. A moça já não olha mais para ele, imersa na leitura de coisas mais importantes.

Na rua, o tempo é ameno, o céu claro e o sol quente. Algumas pessoas esperam, com fotografias na mão. O homem de pijama listrado continua a falar. Fazem-lhe perguntas, dão-lhe nomes. Luc resolve fazer como os outros:

— O senhor não conheceu por acaso o Sr. Ponte-Serra?

O homem sacode os ombros. Invade-o uma espécie de riso baboso, que o faz mostrar seus cacos de dentes.

— Se eu fosse me lembrar de todos os nomes. . .

Ele tosse, funga, faz o gesto de quem vai assoar o nariz com os dedos, pensa alguns segundos e depois pergunta, olhando à sua volta:

— Não haveria alguém que pudesse me dar um lenço?

*

Quando os primeiros soldados americanos chegaram às imediações de Buchenwald, viram avançar em direção a eles alguns zumbis vestidos de trapos listrados. Esses zumbis estavam armados. Os deportados se haviam sublevado, tendo liberado eles próprios o campo e ajustado as contas com os carcereiros SS. Os americanos

ainda não haviam entrado no recinto cercado de arame farpado e já tiveram outra surpresa: um comboio de vagões de carga encontrava-se abandonado ao longo do campo; dentro, milhares de cadáveres achavam-se amontoados. Eram os corpos dos prisioneiros evacuados do campo de Dachau, que os SS haviam transportado para Buchenwald. Não havia sobreviventes. Todos haviam morrido por detrás das portas fechadas a cadeado. Depois, eles penetraram no campo. No dia seguinte, o mundo inteiro tomava conhecimento da existência dos campos de concentração. Começou o desfile de atrocidades, que se ampliou ainda mais com a liberação dos outros campos — Dachau, Mauthausen, Dora, Bergen-Belsen — e quando se começou a escutar com atenção os relatos dos prisioneiros liberados de Auschwitz que retornavam via Odessa.

Esse horror poderia ter sido conhecido bem antes. Alguns, aliás, o conheciam há muito tempo. O fato é que aqueles que poderiam denunciá-lo haviam-se calado.

Em alguns dias, pois, Luc fica sabendo a verdade sobre os campos de concentração. Depois, para pensar e tentar compreender, ele terá toda a sua vida — e mesmo todo esse tempo não será suficiente.

Buchenwald não era um *bom* campo. Se bem que, dirão os especialistas, contrariamente a Auschwitz, Buchenwald não tenha sido originalmente concebido como um campo de extermínio, pois não possuía, por exemplo, câmara de gás, que ainda estava em construção. Simplesmente, não havia bons campos: só havia campos da morte. Quanto ao resto, é apenas uma questão de grau, de dosagem no horror.

Luc agora tem diante de si, dia e noite, esses relatos e essas imagens que surgem por todos os lados, que o assediam incessantemente. Não são pesadelos: são imagens precisas, imagens verdadeiras, que não podem ser compostas, construídas. É preciso tomá-las no estado em que surgem. Alguns encontrarão ainda um jeito de fazer poemas a partir dessas imagens. Luc não.

Luc sofre muito. Ele não chama isso de medo. É apenas um vazio atroz. Sente-se como uma pedra que cai num buraco sem fundo.

Então, surgem as primeiras fotografias das montanhas de cadáveres descarnados, contorcidos, grotescos. Nas *Actualités* são apresentados os sobreviventes, esqueléticos, nus ou vestidos de farrapos, que só param em pé se forem segurados, aqueles seres de cabeça raspada, hediondos, mil vezes mais hediondos que verdadeiros esqueletos, com seu sexo obsceno entre duas varetas, a ausência quase total de rostos, nos quais se vêem apenas uns olhos fixos imensos, sem brilho, aquelas mãos que, como patas ressequidas, ainda seguram, como seu único bem sobre a terra —

pois perdê-lo ou deixar que o roubem significaria ser condenado a morrer de fome —, a gamela que serve para tomar a sopa, mas também para evacuar a água da disenteria. É então que surgem as reportagens dos primeiros correspondentes de guerra, os depoimentos de testemunhas: os comboios que carregam montes de moribundos, loucos e mortos, as seleções, as chamadas às quais os prisioneiros tinham que responder de pés descalços na neve, os trabalhos nas pedreiras, que levavam à morte em alguns dias, as surras inesperadas que só acabavam com a morte do prisioneiro, os cães treinados para dilacerar a carne a dentadas, as roupas de fio sintético com um frio de trinta graus abaixo de zero, a fome, a *sopa clara* e a *sopa branca*, a disenteria, os piolhos e o tifo, as execuções a tiros de revólver, por fuzilamento, por enforcamento, por pauladas, por injeções no coração, pelas câmaras de gás e até mesmo, nos dias de grande pressa, quando não se tinha tempo de verificar, pelo envio de prisioneiros vivos diretamente às chamas do crematório. Entretanto, é preciso ser justo: havia realmente uma orquestra em Buchenwald; os músicos usavam um uniforme grotesco. E, na área do campo de concentração, encontrava-se realmente o carvalho de Goethe.

Aí então aparecem os detalhes sádicos. Desde os primeiros dias, os jornais acumulam, colecionam detalhes sádicos. Eles adoram isso. Cada qual quer superar o outro. A descoberta dos estoques de produtos retirados dos cadáveres, os montes de cabelos para fazer tecidos, os dentes e as coroas de ouro arrancados com ganchos de açougueiro, as experiências médicas, e a *cadela de Buchenwald*, que colecionava tatuagens e abajures de pele humana. E é apenas o início de uma mina inesgotável. Algum tempo mais tarde, em um colégio de padres, o companheiro de dormitório de Luc perguntou-lhe, uma noite, no escuro: "É verdade que, nos campos de concentração, os SS. . ." E Luc ouviu-o masturbar-se, ofegante. (Felizmente, esse aluno fugiu do colégio no dia seguinte. Esta terá sido para Luc a única experiência de um colégio religioso.)

Para cada relato, para cada prisioneiro, para cada vítima invocada, Luc dá um nome: o de seu pai, o de sua mãe. Quando vê as fotos, a cada máscara anônima, a cada cabeça raspada, a cada olhar morto, a cada ricto, ele coloca um rosto. Em cada forma que se arrasta ou que jaz sobre a padiola do crematório, em cada cabeça que aparece na confusão de corpos e membros dos ossuários, ele coloca, incessantemente, o rosto do pai e da mãe.

E naqueles dias, quando ele consegue adormecer, quando tudo escurece, surgem-lhe diante dos olhos as chamas do crematório e uma cara descarnada, um ricto: seu pai. Ele tenta voltar à realidade,

recriminando-se por deixar-se levar por essas imagens sensacionalistas. Então, acende o abajur. Sua tia vê a luz pela fresta da porta, entra, repreende-o por ler na cama além das horas permitidas e apaga a luz.

Três dias mais tarde, Luc recebe a notícia da morte de seu pai. Foi no almoço. O tempo é esplêndido. As castanheiras já estão floridas. Como de hábito, ele havia passado tempo rondando o Lutétia. Todos já estão à mesa. Ele entra esperando receber recriminações. No limiar da porta, à sombra do corredor, sua tia pede-lhe que a siga ao escritório do marido. Ela senta-se no divã de consultas. Ele permanece em pé, diante dela. Ela segura-lhe os pulsos e aperta-os com força. Ergue os olhos para ele e diz-lhe:

— Luc, seu pai. . .

E desata a chorar. Ele fica em pé, diante dela, entre seus joelhos abertos, imóvel, rijo e pesado como uma pedra. Ele gostaria de consolá-la, mas não consegue: o choro sobe, mas tranca na garganta. Ele olha na parede o imenso mapa da Alemanha, os alfinetes que ele espetara, dia após dia, com toda a alegria que punha naquele gesto insignificante, a cada avanço, a cada território conquistado. Os alfinetes vão além de Weimar: está tudo acabado.

Ele olha uma vez mais o mapa da Alemanha:

— E mamãe?

— Você sabe que os alemães vão liberar todas as prisioneiras de Ravensbrück. Vão enviá-las à Suécia. Ela estará aqui em breve.

A tia explica-lhe que foi Julien Cain que, tendo sido repatriado por avião, veio dar a notícia aos avós de Luc. Não foi possível escondê-la do avô. No entanto, ele não deveria ter ficado sabendo, dado seu estado de saúde atual. Seria preferível esperar que melhorasse. A notícia, porém, já estava no jornal.

— Seu pai morreu em março — diz a tia. — Ele não sofreu.

Aí está uma frase inútil, pensa Luc. Mais uma frase construída, como nos livros. Por que ela diz isso? Para quem? Para mim? Para ela? A mim não me convence. Durante sete meses, ele sofreu sua morte, dia após dia. Deve ter morrido de fome.

— Como é que ele morreu?

— Não nos deram detalhes. Mas ele foi atendido por amigos até o final. Apagou-se lentamente, não sofreu.

*

A tia não quis dizer a Luc, que só ficará sabendo muito mais tarde: eles conhecem os detalhes da agonia de seu pai. Mas, de que serviria revelá-los a Luc? Mais tarde, surgem novos detalhes, fornecidos pelo seu diário, conservado por um companheiro de enxerga e

trazido, ao que parece, por Julien Cain: numa simples folha de papel de má qualidade, dobrada em dezesseis, uma circular da administração do campo, no verso em branco ele traçara, a lápis, três colunas e, com uma letra minúscula, escrevera o calendário dos meses de agosto de 1944 a abril de 1945. Cada dia, ele preenchia uma linha. O último dia em que há algo escrito foi o sábado, 23 de abril, em cuja linha ele escrevera: "*Primavera*!". O P maiúsculo dessa Primavera é traçado de maneira insólita, com uma letra que não é comumente a sua — sua grafia era rápida e simples, sem floreios. Aquele P, porém, é rebuscado, a volta em cima enrola-se várias vezes, floreada quase como um arabesco. É um P caprichado, como se ensinava a fazer na escola primária, uma letra de caligrafia. A partir de 5 de março, a coluna está em branco. No dia 5 de março, uma só letra: D. D de diarreia, palavra que já era empregada há vários dias. Ele morre antes da primavera.

Lutou até o final. Lutou com as armas de que dispunha, como quando fora colocado incomunicável na Prisão de Fresnes, em 1941. No campo de concentração, quando o enviaram às pedreiras, a organização comunista clandestina agiu com eficácia para que ele fosse tirado de lá e designado para trabalhos menos duros. Dois ou três dias mais tarde ele teria morrido. A organização clandestina também fazia suas seleções; também tinha direito de vida e de morte. O pai de Luc pôde beneficiar-se desse direito. A palavra de ordem era tentar preservar qualquer indivíduo que representasse um valor para o patrimônio e o futuro do país. Como o Professor Ponte-Serra representava um valor intelectual inegável, a organização clandestina protegeu-o. Se não pôde salvá-lo, foi porque, em sua luta contra o sistema, a relação de forças era demasiado desigual.

O Professor Pónte-Serra participou da vida de uma verdadeira universidade clandestina, de uma universidade de mendigos. Conferências reuniam até quinze participantes. Havia o frio e a fome, os trabalhos forçados, as chamadas dia e noite, as operações de extração de piolhos, e, em meio a tudo isso, aqueles homens que conseguiam reunir-se. Cada um falava de seus trabalhos, de sua disciplina, de seus conhecimentos, de suas viagens: a descontinuidade da matéria, o átomo, a arte das catedrais, a introdução das especiarias na cozinha ocidental na época das Cruzadas, os velhos costumes normandos. Ele falava, entre outras coisas, das peregrinações aos monastérios budistas do Japão, cuja vida diária compartilhara, e da visita que efetuara ao rei-feiticeiro nos planaltos do Tonquim. Até os últimos dias, em meio ao fedor da *Revier** eles continuaram, em pequenos grupos, aquele esforço

□ Enfermaria militar, em alemão. (N. do T.)

sobre-humano. Ele tentou escrever à sua mulher em Ravensbrück, passando pela administração do campo, sem jamais conseguir notícias dela. Falou em Antoine até o fim, repetindo que aprovava o que o filho fizera, e preocupava-se com os estudos de Luc.

Luc tinha razão: a agonia de seu pai foi extremamente longa. Nos últimos meses, seu corpo estava coberto de feridas abertas, escaras e flegmões de avitaminose, em meio ao fedor de sua enxerga imunda. Alguns dias antes de sua morte, ele conseguiu lavar suas cuecas. Colocou-as para secar, e, enquanto dormia, foram roubadas.

*

"O Professor Ponte-Serra morreu no campo de Buchenwald.

À longa lista dos crimes perpetrados sistematicamente pela barbárie nazista contra a cultura e a civilização, será necessário agora acrescentar o nome de um dos mais ilustres sinólogos europeus: Victor Ponte-Serra. Professor no Collège de France, autor, entre outras obras, de uma monumental História da introdução do Budismo no Extremo Oriente, Victor Ponte-Serra era um erudito francês que. . ."

Isto é o que Luc lê nos jornais da tarde, em caracteres minúsculos, no rodapé da página 2. Apesar de tudo, Luc decide ir ao liceu. O professor de Francês, no início de sua aula, dá-lhe os pêsames, com muita emoção. Luc ouve as palavras do professor confusamente, pregado em sua carteira, todo vermelho, no fundo da sala de aula, com os olhos fixos na madeira da mesa. No período seguinte, o professor de História, o macaco verde, vem apertar-lhe a mão e apresentar suas condolências:

— Espero que não tenha sofrido muito. Que idade tinha? — acrescenta ele num tom técnico.

— Mais de cinquenta anos — responde o Gato, evasivamente (pois é raro que alguém saiba a idade exata dos pais).

— Ah bom! Evidentemente, com essa idade. . . — diz o macaco verde, que não tem muito menos de cinquenta anos, sacudindo a cabeça com um ar de entendido.

O sol continua a brilhar e o tempo é sempre ameno. No Bulevar Raspail, defronte ao Lutétia, continuam as multidões, reunidas em pequenos grupos, com fotografias nas mãos. Em meio a essas pessoas há sempre homens vestidos de uniforme listrado.

No dia seguinte, quinta-feira, Luc vai visitar Lady Ponte-Serra. Na

antecâmara, a velhinha acompanha até a porta, tentando manter o corpo ereto, um homem de ombros largos e arqueados, de rosto sofrido e cabelos grisalhos cortados muito curtos, cujo corpo magro flutua em um belo terno cinza.

Luc inclina-se para beijar sua avó. (Na família, quando se beija alguém, deve-se apenas tocar de leve a face do outro — uma só vez, raramente duas, pois vários beijos estalados seriam considerados vulgares, e nada, nenhuma circunstância excepcional, nem mesmo a morte, pode perturbar este ritual.)

— Vovó, eu. . . — E permanece mudo. Não tem nada para dizer.

A avó chora. Julien Cain faz um gesto banal de afeição em direção a Luc e vai-se embora. Luc jamais voltará a ver esse homem, pelo qual descobre sentir um certo rancor. Na verdade, ele não gosta muito dos sobreviventes, não aceita facilmente que tenham escapado. É um reflexo primário e injusto e Luc tem plena consciência disso. Só que não pode evitá-lo. Os mortos assumem, muitas vezes, nos relatos dos sobreviventes, a forma de sombras que não tiveram sorte, sombras que não fazem senão acentuar o calvário do narrador. E também há os que fazem os mortos falarem. Nas comemorações, fala-se de mártires e heróis. Um dia, Luc leu no livro de um sobrevivente que os mortos não têm necessidade de bandeira: basta-lhes apenas um olhar puro e fraterno. Este Luc apreciou, assim como alguns outros como ele, raros.

Sua avó mergulhou na dor. Ela já havia perdido um filho na guerra, em 1915: o primeiro Antoine. Agora perde seu outro filho. Em suas crises de choro, o rosto da velhinha deforma-se de uma maneira que aterroriza Luc. Mas ela sabe também como evitar abandonar-se inteiramente ao sofrimento. A potência dos ritos continua sendo sua salvaguarda.

— Meu querido, não compreendo como sua tia deixou-o sair neste estado. Francamente, essa gente não se preocupa com nada.

E ela se põe, junto com a empregada, a vasculhar os armários, em busca de retalhos de crepe preto de todos os tamanhos e de todos os tipos: o que resta de todos os lutos de sua vida.

Costuram no braço do casaco de Luc um largo fumo.

— Aí está. Assim é melhor. Agora, você está de luto. Os amigos sucedem-se no salão de visitas.

— Se ao menos o meu Antoine estivesse aqui. . .

*

Persistem as imagens que voltam à noite, quando ele fica de olhos abertos no escuro. De dia, sente uma necessidade premente de gritar,

de fugir.

Já é o dia seguinte? É uma quinta-feira, e ele está em casa, com seus primos, fabricando aviões de papel, os mais perfeitos que já concebera. Os aviões chispam em direção ao teto, planam e batem contra as paredes, no lustre, nos móveis, como enormes borboletas cegas. Luc corre atrás, salta, grita. Seus primos fabricam bombas d'água com folhas de papel. Os três vão para a sacada e ficam à espreita do primeiro passante. Luc acelera o jogo: vai buscar na farmácia do banheiro a sua velha amiga pêra de lavagem e, escondido por detrás de uma persiana, faz a mira e lança um jato d'água sobre um passante. Este volta-se para cima e o avista. Segundos depois, alguém bate à porta. A tia recebe o choque da indignação de um senhor todo molhado.

— Isto é um caso de polícia, minha senhora.

— Foi Luc — dizem os primos, que tiveram tempo de destruir as últimas bombas.

A tia sente-se obrigada a repercutir, ampliando-a ainda mais, a ira do homem:

— Você não tem vergonha? Dois dias após a morte de seu pai?

Teria ele vergonha? "É incrível", pensa Lüc, "algo de irremediável rompeu-se em mim, nada mais funcionará como antes." E no entanto, nada mudara. Não há verdadeiramente um antes e um depois. Tudo conserva a mesma cor. O peso das coisas e do tempo permanece o mesmo. O rosto, os gestos, as palavras dos outros são os mesmos. Ele poderá viver, carregando em si aquele vazio definitivo, sentindo-se cair como se fosse puxado por um peso de chumbo, e ao mesmo tempo deixar-se flutuar lá nas alturas, lá longe, com toda a naturalidade, com toda a aparência do esquecimento. E não somente a aparência: por vezes, ele mergulha nas alegrias mais imediatas, mais fulgurantes, como um raio fugaz. E se, no mesmo instante, ouve o sussurro de uma voz — a sua — que lhe diz que tudo aquilo é irrisório e não tem sentido, então ele mergulha mais fundo, ri mais alto, canta, grita, debate-se e ouve dizerem, à sua volta:

— Decididamente, este menino não tem coração.

O que pensam dele não tem nenhuma importância. Que pensem o que bem entenderem. Ele não tem de se preocupar com isso, não contestará. Não vale a pena. Poucas coisas merecem que se lute por elas e entre estas não está evidentemente a opinião que os outros possam ter dele. As coisas que valem realmente a pena ele sabe que existem, e passará sua vida inteira, se for preciso, para encontrá-las e defendê-las. Ele tem certeza de que Antoine estaria de acordo.

7. A neve de maio

Na manhã do dia 1º de maio de 1945, Luc vê, admirado, pela janela da antiga lavanderia onde ele havia feito sua toca, que os galhos mais altos das castanheiras em flor estão curvados sob o peso da neve espessa que o sol começa a acariciar.

Sua mãe está viva. Ela foi liberada em fevereiro pelos russos. Não está em Ravensbrück, mas em um *Kommando*, bem mais a leste, num hospital, na Polónia. Ela pesava trinta quilos quando foi liberada. Está com um grave abscesso na perna e não pode caminhar. Está sendo bem cuidada e se encontra em processo de convalescença.

Estas notícias foram trazidas por uma deportada que havia sido repatriada via Odessa. Ela viera jantar, na véspera, em casa da tia, a qual conseguira mandar vir, de Chevigny, um assado de porco e batatas. A convidada pendurou na entrada seu sobretudo acinzentado de fibra sintética, em cujas costas havia um grande X amarelo costurado sobre o tecido, tendo na manga um número de matrícula e um triângulo vermelho. Ela repetiu duas vezes cada prato.

— Passei tanta fome durante dois anos — disse ela.

— Ah — diz a tia —, mas nós aqui também sofremos muito. Imagine que durante todo o inverno não tivemos uma gota de azeite.

Entre duas garfadas, a mulher falou com loquacidade da sua vida no campo de concentração, da grande batalha que resultou na liberação pelo Exército Vermelho. Luc permaneceu em silêncio, tendo apenas formulado uma ou duas perguntas, no final. Queria saber se haviam raspado a cabeça de sua mãe. A mulher respondeu-lhe que sim, mas que os cabelos cresceriam rapidamente e que ela se pentearia certamente à moda "topete de água", o que é, ao que

parece, um belo penteado. Luc perguntou também se ela tinha o que comer, na Polônia. A mulher explicou que nos primeiros dias após a liberação, os combates ainda não haviam terminado e os russos abateram para elas uma vaca a metralhadora: depois elas puderam apanhar o que queriam nos estoques dos aquartelamentos dos SS. Uma mulher jogara-se sobre um balde de geléia, comeu tudo de uma só vez e morreu. Depois, elas se serviram nas casas abandonadas pela população alemã, em todas as etapas da viagem de caminhão em direção ao leste, em direção à retaguarda das linhas russas, através da Pomerânia. Elas não tinham escrúpulos, porque, de qualquer maneira, os russos queimavam tudo. Foram auxiliadas por prisioneiros franceses. E, no hospital polonês em que ela havia visto a mãe de Luc pela última vez, esta estava bem, não tinha falta de nada, as freiras polonesas eram muito atenciosas.

Mas por que ela não deu notícias suas antes? Por que não escreveu uma carta? A resposta foi que não havia correio no Exército Russo: nem mesmo os soldados podiam escrever às suas famílias. Elas ficaram presas na batalha do Oder e depois transcorreu muito tempo até que pudessem entrar em contato com a Embaixada da França em Varsóvia: elas não dispunham de nenhum meio de enviar notícias. Quando o repatriamento das mulheres válidas do grupo foi decidido, tudo se passou num dia, num só dia, em alguns minutos. Os caminhões russos estavam lá, esperando. A mãe de Luc não tivera tempo de escrever sequer uma palavra.

— Mas ela não deve poder caminhar. . . — diz Luc, desconfiado.

Se sua mãe vai voltar de cabelos tosados — e grisalhos —, poderá também voltar sem uma perna, com uma perna de pau. Luc já imagina o pilão preto, aparecendo por baixo da saia, como o do avô bigodudo dos meninos refugiados, em Marles. Se bem que, afinal de contas, àquela altura dos acontecimentos, que importância teria isso? Se fosse assim, seria preferível que lhe dissessem tudo de uma vez. O que é essencial, caramba, é que ela volte, que não fique lá, perdida no hospital daquela cidade polonesa de nome impronunciável, que não está no mapa e que se encontra, segundo o que lhe disseram, perto de Poznan, mas se tem que procurar *Posen*, que é o nome em alemão. Um *bom hospital*, é claro: ele já conhece a ladainha.

É preciso conjurar a má sorte. Durante aqueles dias, no pátio do liceu, no Luxembourg, nas calçadas, Luc clama a todos os ventos seu novo canto de guerra:

Elle avait une jambe de bois

*Et pour que ça n'se voie pas
Elle avait mis par-dessous
Des rondell' en caoutchouc**

Quando as mulheres do comboio que partira de Paris no dia 15 de agosto foram retiradas, em 22 agosto, em Ravensbrück, dos vagões para animais, em que se encontravam, depararam-se com uma visão sinistra: colunas de prisioneiras marchavam cantando cantos alemães. Depois, ao entrarem no campo pelo portão fortificado, viram o carro que transportava os cadáveres para o crematório. Despidas, cada uma com um número de matrícula, após terem passado sob o chuveiro, vestidas de trapos grotescos, foram repartidas por grupos de três em cada catre, em meio à escuridão do bloco de quarentena.

Duas semanas mais tarde, a mãe de Luc partiu, junto com a maioria das francesas do mesmo comboio, em direção a um campo da região de Brandemburgo, um *Kommando*, para trabalhar em uma fábrica de munições. Encerradas nos vagões, elas passaram a noite abandonadas, em meio a um bombardeio, na Estação Ferroviária de Tempelhof, em Berlim. Quando chegaram ao novo campo, as francesas declararam que se recusavam a trabalhar nas munições e a maioria das que foram trabalhar sabotaram com eficácia o trabalho. As que eram consideradas como "maus elementos" foram mandadas de volta a Ravensbrück. Entre estas, estava a mãe de Luc, que foi enviada para o trabalho de terraplenagem, na areia. Havia ganho um sobretudo grande demais, que ela dividia, durante as chamadas, com uma das "pára-quedistas" inglesas — que devia ser fuzilada. Depois, foi enviada para um novo *Kommando* de mulheres, na margem direita do Oder, que estava construindo um campo de aviação. Lá, elas encontraram cabanas pretas abandonadas, num terreno cheio de lodo, com beliches de três andares e cobertores repletos de piolhos. Havia novecentas mulheres: duas ou mais por enxerga. A mãe de Luc trabalhou, sob os golpes de cinturão do *Meister*, colocando trilhos. Até dezembro, as mulheres ficaram com seus trapos "de verão", sem sobretudo, sem meias, calçando apenas os seus tamancos. No início de dezembro, receberam roupas suplementares de fibra têxtil. Davam-lhes duas sopas por dia: a sopa do meio-dia, no local de trabalho, era sempre fria. A *Oberaufseherin** várias vezes

- Ela tinha uma perna de pau
E, pra que ninguém notasse.
Botou por baixo
- Rodelas de borracha.

** Supervisora-geral, em alemão. (N. do T.)

puniu-as, deixando-as sem comer durante vinte e quatro horas, sem parar de trabalhar. Elas souberam tão bem fazer com que o trabalho não avançasse, que o aeródromo nunca chegou a ser terminado. Com a fome e o frio, os flegmões da avitaminose, a disenteria e a febre tifóide foram devastadores. Na *Revier*, que pôde, finalmente, ser aberta, não havia nem curativos nem medicamentos: as compressas eram feitas com papel e os piolhos enfiavam-se por dentro do pus. A ausência de bacia e de qualquer recipiente era para os disentericos um pesadelo suplementar. A mãe de Luc, imobilizada pelo seu joelho purulento, disenterica e ardendo em febre, conseguiu ser admitida na *Revier*. Durante certo tempo, compartilhou sua enxerga e seu cobertor com uma menina grega, única sobrevivente do massacre de sua família, em Salonica, que depois morreu. No dia 1º de fevereiro, diante da aproximação do Exército Russo, os alemães reuniram as mulheres válidas, uma centena, e levaram-nas a pé para Ravensbrück. Muitas tombavam na estrada gelada, moribundas, e os guardas acabavam de matá-las. Pela manhã, as mulheres deixadas na *Revier* ouviram um tiroteio no campo. Soldados alemães entraram em todas as cabanas, derrubaram os aquecedores para provocar um incêndio e depois foram-se embora. Parou de ventar e a *Revier* não pegou fogo. Mais tarde, outros soldados vieram e abateram a tiros as mulheres que haviam saído; os cadáveres ficaram jogados na neve. Durante três dias, as sobreviventes ficaram presas em meio a uma batalha de artilharia, sob os estrondos dos órgãos de Stalin,* ouvindo o ronco dos tanques. Depois, três soldados russos chegaram, de bicicleta. Tinham feições asiáticas e usavam bonés de pele e botas. Elas ainda ficaram lá durante uma semana, pois o campo havia sido tomado na primeira linha de combate. Os russos distribuíram-lhes a comida que puderam encontrar — os estoques alemães, a vaca abatida a metralhadora, etc. Continuavam a morrer mulheres: de esgotamento ou de indigestão. Uma delas, enlouquecida, partiu, uma noite, em plena neve, dizendo que ia voltar para casa, e nunca mais foi encontrada. Finalmente, elas foram evacuadas em caminhões descobertos. Fazia vinte graus abaixo de zero, ou talvez mais. Das francesas, restavam cerca de trinta. Foram acantonadas em cidades em ruínas. Sofreram os bombardeios da aviação alemã. Ficaram presas em meio ao caos das retaguardas russas, misturadas às tropas que se dirigiam para o *front*, em comboios de material americano, seguidas de veículos de todos os tipos, movidos a motor ou puxados a cavalo, onde se amontoavam mulheres e crianças. No outro

□ Denominação pela qual era conhecido no Ocidente o sistema de lançadores de foguetes, que os soviéticos chamavam de Katiucha, utilizado pelo Exército Vermelho durante a Segunda Guerra Mundial. (N. do T.)

sentido, passavam as colunas de prisioneiros alemães a pé, os caminhões carregados de material alemão, de trigo, de palha, as tropas de gado levadas para o leste e, ao longo das estradas, viam-se mulheres alemãs requisitadas, trabalhando com pás.

Quando enfim a mãe de Luc foi hospitalizada pelos russos naquele hospital polonês, quando finalmente pôde, após várias semanas, entrar em contato com a Embaixada Francesa em Varsóvia e pedir notícias de seus familiares, responderam-lhe que eles iam bem: o Professor Ponte-Serra fora liberado e Luc e Antoine esperavam-na em Paris.

*

Naquele 1º de maio, Luc recebe a notícia de que Antoine havia morrido. Já há algum tempo, Luc havia começado a falar com insistência em Antoine, como se, sentindo que o irmão se afastava, quisesse retê-lo por todos os meios. E o último meio que lhe restava era prender a sombra de Antoine na rede das palavras, tecer uma teia de palavras e de imagens que pudesse aprisioná-lo. Assim, várias vezes por dia Luc dizia:

— Quando Antoine voltar. . .

— Tenho certeza de que neste momento Antoine. . .

— Antoine deve achar que. . .

Chegou até a inventar histórias. Uma manhã, ao entrar na sala de aula, anunciou ao seu vizinho que seu irmão acabava de ser condecorado com a cruz-de-guerra. Achava que isso era algo importante e, acima de tudo, algo que dava vida a Antoine. De qualquer maneira, ele a merecia; assim, tratava-se da simples afirmação de uma realidade apenas um pouco antecipada. No fundo, sabia que isso não passava de um subterfúgio piegas.

Uma vez, à mesa — sempre a mesma cena: o almoço, a família reunida, a cozinha envolta em vapor —, sua tia irritou-se ao ouvi-lo garrular a propósito do retorno do irmão. Ele havia dito que sua avó tinha mandado a empregada arrumar o quarto de Antoine e que elas haviam colocado lençóis limpos.

— Eu acho — diz a tia bruscamente — que sua avó é louca. Só mesmo uma louca pode agir, ao cabo de tantos meses, como se nada tivesse acontecido. Sonhar com o retorno de Antoine é pura loucura.

Na hora, Luc não ficou realmente preocupado. Quando se trata de Lady Ponte-Serra, a tia sempre se encanizina e deixa as palavras saírem. Ela tem o hábito de soltar frases como essa, ríspidas como uma bofetada.

No início daquela tarde de 1º de maio, feriado, primeira comemoração do Dia do Trabalho da França liberada, o rádio transmite a alegria dos trabalhadores que desfilam sobre a neve derretida. Os primos haviam saído para trocar selos. Alguém bate à porta. Luc vai atender. Sua avó materna, com o rosto contraído, a boca retorcida, entra sem olhá-lo, quase que empurrando-o para o lado, e vai encerrar-se com a tia, no quarto. Luc vai para o seu quarto, encolhe-se na cama, e fica à espera. Chegam aos seus ouvidos ruídos de vozes, soluços das duas mulheres. Mais tarde, é a tia que vem ao quarto dele. A avó havia desaparecido, talvez por ter-lhe faltado coragem. Voltara para junto do marido, ao qual era preciso dar a notícia. Desde que soubera da liberação da filha, ele parecia ir melhor, o olhar tornara-se menos fixo, as palavras menos desconexas. Teria sido melhor esperar que ele pudesse estar em condições de suportar o choque. Mas teria sido possível esperar? "Desta vez, ele não poderá superar o choque", dissera a avó à tia.

A tia é corajosa, pois sem dúvida é preciso muita coragem para ir falar com Luc. Mas, será que valia a pena ir falar corri ele? Ela senta-se na beira da cama. Ele se encolhe, juntando todas as suas forças, o mais possível contra o canto da parede, com um ombro encostado nas grades de cobre da cama e os joelhos colados ao peito. Não, não é preciso dizer muitas palavras. Seria verdade ou apenas um pesadelo? Ter-lhe-ia ela realmente dito:

— Você está vendo? Eu bem que havia dito. . .

Provavelmente trata-se apenas de um pesadelo a mais. Ela não pode ter pronunciado aquelas palavras. Ela sofre tanto quanto ele. Ela acaricia-lhe o braço. Ele evita esse gesto tanto quanto pode, mordendo os punhos fechados. Um grito abafado e contínuo sobe e fica trancado na garganta; sai apenas um murmúrio, mas ele está inteiro nesse gemido.

A tia deixa-o só. Sozinho, encolhido em sua cama, no quarto vazio, Luc fica entregue à bruma das lágrimas que não brotam.

Não, não se precisa de muitas palavras, de muito tempo, para dizer aquelas palavras. Bastam alguns segundos para ouvi-las. E a vida inteira, depois, para tentar compreender aquela ausência.

Antoine dizia-lhe, quando eles brincavam, antes da guerra:

— Hoje eu sou o rei e você deve me seguir por todos os lugares, como se fosse minha sombra. Eu o farei cavaleiro. Desenharei o seu brasão, que terá uma águia. Você deverá chamar-me de Padixá, Alteza, Califa, Xequé el-Islam, Comandante dos Crentes, Emir, Mica-do, Marajá, Dalai-Lama, Grande Mogol, Inca Supremo, Imperador de todas as índias e Papa dos Bonzos.

Aí está. Antoine morreu.

Os envelopes das cartas endereçadas a Antoine que voltavam, uma após a outra, portavam, sob os numerosos carimbos dos correios francês e americano (entre os quais, dois, com datas diferentes, indicavam a passagem, na ida e na volta, por Camp Campbell, no Kentucky), nos dois lados, as marcas violeta de várias batidas de um carimbo mal aplicado, com pouca tinta: uma mão que saía de um punho com abotoadura apontava o indicador para o nada (provavelmente, a mãozinha devia apontar para o endereço do remetente) e, sob os dedinhos dobrados, liam-se as seguintes palavras: *"Return to writer"* Embaixo, figuravam anotações quase ilegíveis, devido à falta de tinta:

Reason checked:

Unclaimed... Refused. .. Unknown — For better address. ..

Moved — Left no address. . . No such office in state.

Destinadas a serem sublinhadas ou riscadas, nenhuma dessas anotações correspondia ao caso. Em um canto, uma letra inclinada, toda emendada, garranchos apressados quase indecifráveis, indicava: *"Deceased, 9-44'."* A seguir, havia uma assinatura, ou melhor, uma rubrica, e embaixo a menção *"Capt inf"* e outra data. Tudo isto estava escrito em caracteres minúsculos, compactos, escondido entre as outras anotações. Em meio às manchas, ao amarrotamento do papel gasto do envelope, a palavra *deceased* e a assinatura poderiam passar, na verdade, por apenas um monte de sinais sem interesse, como o visto de um serviço qualquer.

Em cada envelope, o Correio francês havia conscienciosamente acrescentado, na volta, o que embaralhava ainda mais a compreensão daquela infinidade de signos e letras, este último carimbo:

Um envelope
Enviado de volta
Pode ser reutilizado.

Antoine morrera em setembro. Ele estava realmente no Exército Patton: Luc tinha razão. Sua morte ocorreu quinze dias antes de Luc ter partido à sua procura. Em um mês, ele atravessou a França de oeste a leste, sempre à frente do grande arco traçado pelo III Exército Americano de Alençon a Le Mans, atravessando o Rio Líger, de Orléans a Reims e depois a Verdun. Foi um mês, o tempo de ser adotado pelo batalhão, de fazer amigos. Sua fome devoradora

era legendaria: os soldados se reuniam para vê-lo engolir uma após outra várias rações diárias, exatamente como o Gato fizera na Red Bali. Seus companheiros só conheciam seu prenome. Antoine não lhes havia falado de seu passado, salvo para dizer que já tinha lutado, que tinha cortas especiais a ajustar com os *Krauts*. Tentava sempre colocar-se na linha de frente, e, por isso também, era conhecido por todos. Como era míope e havia quebrado os óculos na fuga, atirava a torto e a direito. Assim, os companheiros tentavam temperar, com jeito, sua violência. Por vezes, ao discutir com uns e outros, sobre fatos da História dos Estados Unidos, Antoine mostrava conhecê-la muito melhor que eles próprios; e como não se dava ares de importante por isso, os outros ficavam surpresos e o apreciavam ainda mais. (Quando, no final de 1945, o Sargento Peter McLore, desmobilizado, voltou para a sua terra, em Bangor, no Maine, um de seus primeiros gestos foi o de precipitar-se à biblioteca para verificar se era realmente verdade, como afirmava aquele *Frenchman* maluco, que o General Pershing, o vencedor de 1918, fora derrotado, pouco tempo antes, por Pancho Villa, na fronteira mexicana.) Após a conquista de Verdun e a travessia do Rio Meuse, a divisão de Antoine lançou-se pela Estrada de Metz, de onde haviam chegado apelos, dizendo que era necessário agir rapidamente, pois os alemães estavam desorganizados e não se devia permitir que eles tivessem tempo para reorganizar a defesa da cidade: assim, em poucas horas os americanos poderiam apoderar-se do mais formidável ponto fortificado da planície lorena.

Mas eles ficaram bloqueados entre Verdun e Metz. O acidente tão temido pelos estados-maiores desde o desembarque havia-se produzido, isto é, a sobrecarga e a ruptura das linhas de abastecimento, cujo fio demasiadamente tênue se estendia agora por setecentos quilômetros, dos portos exíguos do Atlântico até a ponta da ofensiva. Faltava gasolina. Aquelas horas foram decisivas. Quando as colunas blindadas puderam colocar-se novamente em marcha, a resistência alemã já se havia reorganizado. Na verdade, Metz acabaria caindo somente dois meses mais tarde, após ter-se tornado a chave de todo o dispositivo de defesa alemão diante do Reno. Quando o batalhão de Antoine chegou às margens do Rio Moselle, foi atacado, quase instantaneamente, em seu flanco norte, pela artilharia pesada dos fortes que dominavam Metz. Os primeiros elementos que haviam começado a atravessar o rio tiveram de recuar, numa fuga desorganizada. A aldeia em que se encontravam tornou-se um inferno. Em um dia, o batalhão, que se compunha de oitocentos homens, perdeu quatrocentos. O corpo de Antoine ficou naquela terra de ninguém que era a aldeia devastada. O capitão mandou que uma patrulha noturna fosse apanhar a carteira dele, em

seu bolso, além de dar a ordem expressa de que também queria a caderneta na qual Antoine tomava notas diárias. Entretanto, uma patrulha alemã já havia revistado o corpo do lado em que se encontrava a caderneta. Na carteira, o capitão encontrou uma carta inacabada de Antoine à sua avó, na qual figuravam o nome completo dele e o endereço da avó. O capitão gostava muito de Antoine.

Quando, algum tempo mais tarde, o regimento recebeu autorização para descanso e o capitão conseguiu obter uma permissão para ir a Washington, ele colocou a carteira em um espesso envelope, anexou uma longa carta e enviou-o à Sra. Ponte-Serra, em Paris. "*Why it had to be Antoine instead of me or the man next to me, or a man up of the street, I don't know*" — dizia o capitão em sua carta. E ele falava na vontade de Deus. Em janeiro, o envelope e seu conteúdo foram enviados de volta a Washington: a valsa dos *retornos ao remetente* não havia terminado. O envelope trazia a seguinte inscrição: "*Return to sender. Reason for return: Weight of letters addressed to France limited to 1 ounce*" Falta de sorte? O que restava de Antoine ultrapassava o peso regulamentar de uma onça. O capitão já havia voltado para o *front*.

Somente em abril as providências tomadas pela família de Luc deram resultado. A Cruz Vermelha americana havia conseguido localizar o rastro de Antoine, e o capitão, contatado em seu novo posto, havia confirmado a morte do rapaz.

Na carteira de Antoine havia ainda, além de fotografias de familiares, alguns tíquetes de pão que portavam um carimbo esquisito, quase ilegível que dizia: "Estado Francês. Prefeitura de Choisel."

*

Na família, já tinha havido um outro Antoine, o tio que morrera aos vinte e seis anos, em 1915, e que já havia publicado seis grossos volumes eruditos sobre o Egito dos Ptolomeus, tendo deixado poemas, desenhos e pinturas. Este Antoine ficara para sempre como o irmão mais novo do pai do Gato. O nome de Antoine foi dado ao irmão de Luc para perpetuar a imagem do tio desaparecido, talvez para fazê-lo reviver. Para estabelecer a diferença, a avó chamava o segundo de *petit Antoine*, o pequeno Antoine. Mas às vezes ela os confundia, o que não era totalmente involuntário. Agora, eles se encontram reunidos. A grande dor da avó de Luc é, para empregar o termo adequado, insuportável, o que significa que, paradoxalmente, após ter superado todos os limites, ela continua a suportar o choque, e Luc ao seu lado, assiste à dor da velhinha. Em alguns dias desapareceu seu filho, depois seu neto. Fazia cerca de trinta anos que

ela previra, nos mínimos detalhes, sua própria morte. Quase todos os dias, falava nisso aos seus familiares como de uma coisa natural.

Passou todos esses anos a escrever sobre alguma coisa que era essencial para ela, como uma longa mensagem para os que ficassem: "Para o meu filho Victor, estes braceletes que seu pai trouxe de Montevideu quando tinha vinte anos. Foram-lhe oferecidos pelo Sr. Gonzalez Fernandes, em reconhecimento pela ajuda que meu marido lhe prestou em seus trabalhos semânticos sobre a língua aimará. . . " "Para o meu neto, este telegrama de Lord Carnavon, anunciando-me a descoberta da tumba de Tuntancamon; que ele não esqueça que seu avô. . . " "Pedacos de cachimbos de terracota encontrados quando foi desaterrada a Esfinge de Gizé, abandonados por soldados da Expedição do Egito. Peço a Antoine que, se não os quiser conservar, doe-os à Sociedade La Sabretache, que coleciona objetos que pertenceram ao Imperador." Assim, prevendo meticulosamente tudo o que devia se passar com seus familiares depois de sua morte, ela preparava de uma certa maneira sua própria sobrevivência através dos objetos, testemunhas inanimadas que marcaram sua existência, junto àqueles com quem ela viveu. E, preparando a transmissão com tanto cuidado, não podia imaginar que os legaria a descendentes mortos. Não entende por que foi ela que ficou como sobrevivente, e é contra esta injustiça que, entre lágrimas, se queixa a Luc. Quanto a este, que mais pode fazer senão permanecer calado e suportar diante dela, também ele, o choque do *insuportável*? A própria Lady Ponte-Serra, mais do que qualquer outra pessoa, sempre fez questão de inculcar em Luc este princípio fundamental de uma *boa educação*: não há nada mais inconveniente, mais incongruente, que expressar seus sentimentos através de gestos descontrolados. Sejam quais forem as circunstâncias, beijar bruscamente sua avó, abraçá-la, é totalmente inconcebível, não é um gesto de criança respeitosa. Então, ele permanece mudo e imóvel, a assistir à dor da avó. Acompanha-a em seus monólogos. Há momentos em que ela recusa, duvida: talvez seja um engano. Antoine não havia dado seu nome verdadeiro; poderia ter havido uma confusão. Não foi ele que morreu, foi um outro, um desconhecido. A carta que ele escrevera na Inglaterra não estava datada, e chegou a Londres cerca de um mês depois do dia indicado como o de sua morte.

— Não é possível — repete ela. — Temos de esperar, esperar um pouco mais.

Mas, alguns instantes depois:

— É preciso fazer algo. É preciso saber onde o colocaram. É preciso encontrar o corpo.

"Não", pensa Luc horrorizado, "isso não: o corpo não."

No dia 8 de maio, no final da manhã, o sol entra na sala de aula, através das grandes aberturas. As sirenes colocadas no telhado do liceu, bem como todas as sirenes do bairro, põem-se a soar em coro, durante um longo tempo. É o sinal de fim de alerta: é o fim da guerra. Todos se precipitam para o pátio. O diretor faz um discurso. Chega a hora da aula de Canto. Todo o liceu canta, a várias vozes, os hinos ensaiados durante o inverno. Para impressionar mais, a professora ensinou aos alunos, com a música do coro de *Judas Macabeu*, de Haendel, a seguinte letra, provavelmente de sua autoria:

*Chant de victoi-re
E-êxa-âltez nos coeurs
Nous fêtons la gloi-re
Des soldats vainqueurs.*

*La-a pa-âtrie appel-le
Au falte de l'honneur
Le héros fidè-le
Le tri-i-i-i-omphateur!**

(Durante os ensaios, a professora explicou pacientemente que eram os *cimos*, e não os *sinos* da grandeza. De qualquer maneira, ninguém está dando bola para letras como esta. Principalmente porque quem faz o solo é o amigo de Luc, o de cabeça grande e óculos, que, apesar de estar mudando a voz, consegue reencontrar, forçando bastante, sua voz angelical de soprano, e o coro, por conseguinte, só tem de esperar que ele cante a sua parte para que então todos entoem juntos: "Canto de vitória. . .")

— Minhas crianças, que este dia fique sendo o mais belo de suas vidas. . . — deve ter dito o diretor. Ou então, se ele não o disse, teria sido algo original. Em todo caso, ele falou sobre a paz que deve ser reconstruída pelo esforço de todos, sobre a amizade entre os povos e sobre a democracia: "Isto nunca mais."

□ Canto de vitória.
Exaltai nossos corações
Festejamos a glória
Dos soldados vencedores.

A pátria chama
Aos cimos da grandeza
O herói fiel,
O triunfador!

— Agora, meus caros alunos, gostaria que todos, neste dia de festa, fossem ao encontro de seus pais.

À tarde, Luc sai a pé, com a tia e os primos, em meio a uma multidão delirante, e dirigem-se aos Champs-Élysées. O que ali então ocorre, aquela fantástica avalanche de alegria, é algo que Luc nunca mais verá em sua vida. Milhões de pessoas sorriem, cantam e se beijam. Foguetes sobem por todos os cantos, explodindo em buquês, soltados pelas baterias da DCA. Sob o Arco do Triunfo tremula uma imensa bandeira. Eles caminham um longo trajeto e Luc, com dor nos pés, reclama, não achando graça em nada do que vê.

— Luc — diz gentilmente a tia, quando chegam ao alto da Avenida dos Champs Élysées, invadida pela multidão transbordante de alegria —, se você estiver cansado, pode voltar para casa sozinho.

Ele volta, passando maus bocados para poder atravessar a massa humana. Na Praça de la Concorde, as pessoas dançam. Ele se dirige para a direita, para chegar até o Bulevar Saint-Germain.

Ei-lo mais uma vez, ao cair da noite, encolhido em sua cama, como fazia sempre desde o inverno precedente. Tem fome, mas não quer se mexer. A escuridão invade o quarto. Os estrondos dos tiros de foguetes fazem vibrar todo o bairro, os clarões e os buquês dos fogos de artifício iluminam a janela, o céu é varrido por projetores cuja luz vem penetrar em meio às folhas das castanheiras.

Ele não pensa em nada de preciso. Não quer pensar em ninguém. Quer ficar assim na penumbra, na bruma, no vago. De tempos em tempos, talvez diga baixinho:

— Esses putos. . .

Ou ainda, para variar:

— Idiotas como a morte.

*

O professor de Francês dá aos alunos o tema para a composição do último trimestre: "Um menino da mesma idade que você vem a Paris pela primeira vez neste mês de maio. Descreva suas impressões."

Não, desta vez ele não se deixará enganar, pois aprendera da outra vez. Assim, todos os elementos são colocados: estes dias de maio são os da alegria. Paris está mergulhada na felicidade da paz reconquistada, sob o sol da primavera, a Torre Eiffel está iluminada e o Arco do Triunfo envolto em faixas, os aviões fazem piruetas e, nas esquinas dos bulevares que verdejam novamente, reaparecem os acordeões. . . Paris volta a ser a Cidade Luz, o que, como todos sabem, é também uma metáfora: a cidade do fulgor intelectual. Sim,

este menino tem mesmo muita sorte em descobrir Paris neste momento de felicidade. Nada deve faltar ao colar de pérolas que Luc constrói conscienciosamente durante duas horas, em seis páginas, sobretudo a nota final, para encerrar com chave de ouro: O coração desse menino, que é um bom menino, eleva-se em direção a sentimentos nobres. E ele cita o poema de Victor Hugo que o professor lhes havia ensinado, oportunamente algumas semanas antes:

*Gloire à notre France éternelle,
Gloire à ceux qui sont morts pour elle,
Aux martyrs, aux vaillants, aux forts. . .**

Desta vez, o resultado é gratificante. Quando o professor entrega as composições corrigidas, anuncia, com a voz um pouco embargada, que Luc Ponte-Serra havia tirado a melhor nota: dezesseis sobre vinte.

Com o tempo de verão, Luc demora-se nos jardins do Luxembourg. Acompanhado de seu amigo de cabeça grande, ele desvia os vazamentos que esguicham das mangueiras de irrigação, ao longo das alamedas: constroem canais, lagos, cascatas, amassando a lama arenosa. Brincam de saqueadores de destroços de navios no chafariz, em torno do jato d'água. Entre meio-dia e duas horas, os guardas fazem uma pausa, desaparecendo em seus quiosques verdes para esquentar suas marmitas. É o momento propício para retirar as sandálias e enfiar-se até os joelhos na água fria e turva. Eles vão buscar, juntando com as mãos espalmadas como se fossem uma rede, os navios naufragados nas grandes tempestades dos dias de vento, sob as trombas do jato d'água enlouquecido, ou que um rombo no casco envjou ao fundo: são barcos a vela de todos os tipos, canoas a motor de ferro branco esmaltado *Jep 2* e *Jep 3*, azul-celestes e brancas, com o nariz arredondado, que ainda não haviam tido tempo de enferrujar. Eles encontram também, tateando na vasa e nos dejetos, algumas moedas furadas. Os guardas acusam-nos de estarem pescando os peixes da fonte. No entanto, aqueles peixes vermelhos e esbranquiçados, aquelas carpas albinas de escamas cobertas de espuma não lhes interessavam. O simples contato com aqueles seres viscosos já lhes repugna. Não há nenhuma possibilidade de encontrar entre eles o peixinho de ouro. Um dia, os guardas, vindos dos quatro pontos cardeais, cercam a fonte e os encurralam. Luc escapa e deixa

□ Glória à nossa França eterna,
Glória àqueles que por ela morreram,
Aos mártires, aos valentes, aos fortes. . .

covardemente seu amigo nas garras do inimigo. O pai do menino é avisado: ele deverá vir buscar seu filho, severamente vigiado em um quiosque verde. Registro de ocorrência, humilhação, sermão. O pai é pastor protestante.

No Museu do Jeu de Paume, que reabrirá, eles descobrem Van Gogh e Gauguin. Luc possui alguns livros da Coleção Braun, mas todas as ilustrações são em preto e branco. Ele vira algumas raras reproduções em cores dos impressionistas. Da pintura de Van Gogh, ele reteve apenas a violência daquelas massas espessas, que se acavalam como numa grande batalha, como numa investida a um campanário, a uma ponte, a moinhos de trigo, ao céu. Talvez tenha sido a lenda do pintor que tenha lhe causado a maior impressão: Van Gogh com a orelha cortada, Van Gogh num manicômio que poderia ser o de Chevigny, os três sóis e o suicídio. E Gauguin. . . Seu amigo leu no inverno precedente *O Grande Meaulnes*, e se toma cada vez mais por Augustin Meaulnes: Luc tem de ser a sua sombra maravilhada. Só lhe resta encontrar o parque misterioso e a moça desconhecida, mas isto são apenas detalhes: ei-lo pronto para partir. Como Gauguin. As maravilhosas nuvens. . . (No inverno precedente, eles se lançaram também em busca dos rastros de Jack London: eram Belliou, a Fumaça e o Baixinho, penando sobre suas raquetes, esmagando a neve dura e quebradiça em espaços sem fim, atrás de seus trenós puxados por cães, seus fiéis huskies. O Grande Norte era exaltante, mas exigia também abnegação. Na primavera, eles o abandonaram sem muito lamentar.)

— Mas, olhe só Gauguin — diz Luc com seu livrinho na mão. — Você está vendo bem que o último quadro dele, lá nos trópicos, foi esta aldeia sob a neve; então por que partir, se no dia de sua morte... E o próprio Meaulnes, quando quis voltar, que desastre. . .

— Temos de partir — afirma seu amigo, ajeitando os óculos de metal sobre o nariz. — Temos de partir.

Quando eles se encontram no museu quase deserto, iluminado apenas pela luz do dia filtrada pelas telhas de vidro manchadas, quando, ao caminhar por entre os quadros, sentem-se envolvidos, e, através de um movimento lento, quase afogados por ondas de formas e cores que saem das molduras, quando enfim param, petrificados, diante do *Cavalo branco* de Gauguin, cessam de falar. Ficam ali plantados, com os punhos cerrados nos bolsos das calças curtas. Fecham-se ambos em um silêncio agressivo, quase hostil, de tanto que cada um teme que o outro venha a perturbar aquele sentimento, que ninguém, nem mesmo o melhor amigo deveria ter o direito de compartilhar. Diante do *Cavalo branco* de Gauguin, Luc compreende que seu amigo tem razão: é preciso partir. Vale a pena arriscar tudo e perder tudo, inclusive a vida, se se pode chegar a

fazer uma coisa daquelas. Na cabeça, agita-se uma grande desordem de imagens.

Mas o que ele continua a ver, com os olhos abertos, à noite, não são imagens de um sonho. São coisas em que ele pensa, acordado, que ruma em sua mente, que vê desfilar diante dos olhos: sempre aquelas imagens que acabaram se tornando familiares, ordinárias. Evidentemente, são imagens que ele não domina — mas será que ele domina as imagens que vê em pleno dia, em meio às quais é natural viver, pois são consideradas normais? —, que chegam até ele, envolvendo-o, atacando-o, sem que ele oponha resistência. Estas imagens não são invenções. Não são pesadelos que se podem dissipar negando-os: o pesadelo existe. O pesadelo é real. Estas imagens são as da realidade. Talvez mesmo sua imaginação seja demasiadamente pobre.

Voltam as imagens de seu pai, o ricto, a cara descarnada e o crematório. E Antoine? Aparece o corpo de Antoine, na lama, à beira do Rio Moselle. Será que chovia naquele dia de setembro? Parece-lhe que sim. Que estaria ele fazendo naquele dia? Ele se lembra muito bem: naquela noite, fora jogar fora seu estoque de pólvora no poço e provocara aquela chama gigantesca. Àquela hora, provavelmente Antoine já devia estar morto. O corpo de Antoine: massa disforme, um molambo caqui enlameado, estraçalhado. Como teria ele morrido? Eles estavam a um nível mais baixo, à beira do rio, naquela aldeia, sob o fogo da artilharia pesada. Foi alvejado como um coelho. As casas devem ter desabado uma a uma. Deve ter ficado preso nos escombros, com os rins esmagados pela queda de uma árvore frondosa, deve ter tentado ainda arrastar-se, agarrando-se à terra e às pedras. Ou, talvez, sua cabeça tenha sido esmagada, e o corpo se tenha debatido durante vários minutos em sobressaltos espasmódicos. Talvez até mais tempo. Como um coelho abatido a golpes de atizador, no pátio da fazenda. Se ele não teve morte instantânea, deve ter gritado, chamado alguém. Mas quem? Seus companheiros, os outros? Suas últimas palavras teriam sido em inglês?

Luc não estivera perto de seu pai. Não estivera perto de Antoine. Eles morreram na solidão. Gostaria de ter estado com eles, de ter falado com eles, de tê-los tocado. Mas, o que isso teria mudado? Ele não sabe. Decididamente, todas essas coisas não passam de um sonho. Mas essa solidão, a solidão deles, a morte. . . não é humano. E o que quer dizer humano? O próprio Cristo não estivera igualmente só? Ele teria que falar sobre isso com alguém. Mas não tem ninguém com quem falar. Talvez o pároco de Magny.

E agora? Agora, seria preciso que ele estivesse perto de sua mãe. É

evidente. Essa história de *bom hospital* não lhe agrada nada. Esse negócio de perna doente que vai ficar boa é história pra boi dormir. Nessa ele não entra mais. É bem verdade que ele não poderia fazer grande coisa. Sentar-se-ia na beira da cama, sem se mexer. E ficaria ali. Procuraria os olhos dela, o olhar dela. Ele precisa de qualquer forma encontrar o olhar dela; isso não pode continuar assim, essa bruma de lembranças que se desfazem. Se ele estivesse perto dela, é certo que ela se sentiria tranqüila, calma, em segurança. Uma criança que zela por alguém ao pé da cama é uma garantia de toda a paz da terra. Ela dormiria. Ficaria curada. Ele lhe traria um copo grande de chá preto bem quente. Ele se informou: é justamente isso que se bebe na Polônia — com vodca, é claro. Ele até mesmo conhece a palavra: *herbata*. Será que há samovares lá? Abrir a torneira de cobre. . . Chá sem açúcar: não há açúcar lá, ainda menos que em Paris, ao que parece. Até mesmo chá de folhas de cenoura, provavelmente. Mas preto e bem quente.

Toda essa história já começa a se alongar demais. Chega. É preciso que sua mãe volte.

Dizem-lhe que é impossível por enquanto. Não se pode atravessar a Alemanha, não há mais vias férreas, as estradas estão destruídas, cheias de tropas de militares, de prisioneiros liberados, de populações errantes, todas as pontes estão interditadas. Dizem-lhe que é preciso esperar que sua mãe esteja em condições de caminhar. Dizem-lhe. . .

Não, decididamente, basta!

Uma tarde, quando ele acabava de berrar pela milésima vez sua música predileta — "Ela tinha uma perna de pau" — nos corredores do apartamento, ouve sua tia explicar gentilmente a uma visita, como se estivesse a desculpar-se:

— O que é que se vai fazer, Luc é ainda uma criança. A vida continua.

*

Acabou-se o belo mês de maio. Numa quinta-feira, a tia deixa-o ir sozinho a Marles. Nas semanas anteriores, ele consertara a velha bicicleta de seu pai — que se chamava Pégaso —, que estava apodrecendo no porão do prédio. Na estação de metrô Denfert, ele toma o trem da linha de Sceaux. Sua tia pedira-lhe que trouxesse batatas. Pelo menos batatas. O trecho de Massy-Palaiseau foi novamente posto em serviço e o trem atravessa a estação de triagem ainda cheia de rombos provocados pelas bombas. Dirige-se à velha

casa onde agora vivem os refugiados. Em Boulogne-sur-Mer, não resta uma só parede da casa deles, e eles preferiram esperar em Marles que fossem construídos lá, no lugar onde existira antes o bairro em que moravam, pavilhões pré-fabricados que devem chegar dos Estados Unidos. Luc é acolhido por um mar de lágrimas e de abraços e mais uma vez é esmagado contra o avental grudento da avó. O filho dela que era prisioneiro tinha voltado. Ele aperta a mão de Luc com vigor, olhando-o bem nos olhos, num gesto viril e responsável:

— Que coisa feia, hein, velho?

— É — diz Luc. — Coisa feia.

— Mas o que é que se vai fazer, é assim, não se pode fazer nada. Nós todos passamos maus bocados, fique seguro disso. Agora, vá saber por que foi o seu pai e não eu. Lembro-me que no final de 43, na fazenda em que eu trabalhava, quando os ingleses bombardearam. . .

E, voltando ao assunto:

— O que é que se vai fazer. Seu irmão. . .

Luc não fala nada. Gostaria de dizer que o deixassem em paz. Pergunta pelos animais. Quanto a Patachou e Timochenko, ele não tinha muitas ilusões a respeito do destino deles. Mas os porquinhos-da-índia?

— Ah, meu filho, os porquinhos-da-índia. . . Você não sabia? Quando os alemães chegaram — pois nós tivemos que alojar outra vez soldados alemães —, pois bem, eles comeram todos os porquinhos-da-índia. Nós bem que dissemos que você ia ficar triste.

— É uma gente desgraçada — diz o ex-prisioneiro com convicção.

— Gente desgraçada — repete Luc.

Ele observa que as galinhas e os coelhos dos refugiados continuam lá, bem gordinhos, proliferando: todos sobreviventes do massacre dos Santos Porquinhos-da-índia Inocentes. Todo o mundo sabe que porquinho-da-índia é o prato favorito dos bárbaros em debandada.

Volta carregado de bênçãos e de batatas. Não tem coragem de parar junto à fazenda vizinha. O mais difícil não é só ser infeliz: é desempenhar o papel sem fraquejar, é enfrentar a compaixão dos outros, seus comentários, é estar à altura para dar a réplica. Os outros sempre lhe dão a impressão de conhecer muito melhor o papel dele do que ele o seu. Ele teme essas cenas. Mesmo quando se trata de gente de quem ele gosta muito.

Pedala sob o sol, em direção à encosta de Montainville. Foi ali que ele vira Antoine partir. Há já quase um ano. Ainda não é a época da ceifa do feno, mas seu cheiro já se sente no ar. Na pracinha

silenciosa de Magny, defronte à igreja e ao cemitério, ele pára. Encosta a bicicleta na persiana da janela do vigário. Bate à porta. É um padre jovem que abre: louro, um pouco encurvado sob a batina cheia de botões.

— Queria falar com o vigário — diz Luc.

— Sou eu mesmo, meu jovem. Entre — diz o padre, arredando-se diante da porta aberta, para deixar Luc entrar.

— Não — diz Luc, que permanece parado, imóvel. — Não. Isto é, não é o senhor que eu estava procurando.

— Nossa, meu rapaz, não me diga que você está procurando o Padre Malbry — diz o outro, sempre sorrindo.

— Sim, sim, é o Padre Malbry. Isso mesmo.

— Mas, meu filho, o Padre Malbry deixou-nos no inverno passado. Deus. . . isto é, ele morreu no inverno. Sou eu que o substituo. Mas entre, por favor. Gosto muito de receber os jovens. Ainda não tinha visto você por aqui.

Por que diabos ele não pára de sorrir?

— Não — diz Luc. E monta na bicicleta.

O jovem vigário dá um passo em direção a ele, com a mão estendida, num gesto amistoso para pegar-lhe o braço, para retê-lo.

— Não — repete Luc mais alto.

E vai-se embora, pedalando com força. Quando já se encontra no meio da rua, ouve a voz do outro que lhe diz:

— Meu filho, se você quiser ver a sepultura dele. . .

Depois, de mais longe:

— Volte sempre. Volte quando quiser.

Luc pedala com toda a força na planície, contra o vento, cerrando os dentes, e resmungando:

— Filho da puta!

(O vigário de Magny nunca abordava nenhum assunto que tocasse diretamente a prática da religião. Quanto a isso, ele dava inteira liberdade ao Gato. "A fé", dizia ele, "é algo sobre o que você deve decidir sozinho; sozinho com Deus. É uma questão entre você e ele. Quanto ao resto. . ." E sacudia os ombros.

— Aqui, para a maioria das pessoas, a religião é como uma companhia de seguros. É um contrato a mais que eles subscrevem. Depois, acomodam-se mais ou menos às cláusulas. Trapaceiam. O campo é duro e hostil. E como não sou um agente de seguros, então muitas vezes eles se voltam contra mim.

— Não compreendo muito bem — havia arriscado certa vez o Gato. — Deus fez-se homem, depois Cristo subiu ao céu. E mais tarde ele desceu novamente entre os homens sob a forma do Espírito

Santo. . .

O vigário bateu com o punho na mesa.

— Você não está entendendo, não está realmente percebendo nada: "Ele subiu. . . , ele desceu. . ." Mas que vaivém é esse? Você está pensando que Deus é um elevador? Se raciocinar assim, jamais compreenderá o Evangelho. E que mania é essa que vocês têm todos de querer explicar tudo? Você não sente justamente que Deus é algo que não se pode *explicar*, porque senão ele não seria Deus?

O que será que lhe diria hoje o vigário de Magny? O que Luc gostaria que ele lhe dissesse? Não tem a mínima idéia. Gostaria apenas de poder falar com o vigário, que o vigário falasse com ele. De qualquer maneira, ele não tem ninguém mais com quem possa falar. Mas também, que idéia esquisita é essa de querer falar com alguém. Por que querer falar com alguém? Tudo está fechado em torno dele. É assim. Querer mudar as coisas é um capricho absurdo.)

Ele ainda tem algo a fazer. Toma a Estrada de Dampierre. As dezessete curvas em meio às árvores. O dia começa a terminar, o tempo é ameno. É com dificuldade que ele encontra a casa que buscava, a qual ele só havia entrevisto ao amanhecer. Na saída de Chevreuse, uma casa baixa, com janelinhas e um telheiro. Bate à porta e o velho vem abrir, calçando chinelos e vestindo um suéter de lã escuro. O homem olha-o, inquisitivo, através das lentes redondas dos óculos.

— Boa tarde, meu senhor — diz Luc, segurando a bicicleta com a mão. — O senhor não está me reconhecendo?

— Não — diz o velho, indeciso, sem abrir completamente a porta.

— Meu irmão e eu estivemos em sua casa no ano passado, nesta mesma época. Era noite.

— Ah sim, é claro! Lembro-me muito bem. É isso mesmo. E então?

— Meu irmão havia dito que era preciso vir agradecer ao senhor, depois da liberação. Então. . .

— Mas não fique parado aí. Entre, entre!

E, piscando o olho:

— Você está vindo da casa do seu tio que mora em Cernay, não é mesmo?

Na penumbra da oficina, tudo continua no mesmo lugar: a mesa com a toalha encerada, as cadeiras do jardim, a banca com o torno, as ferramentas caprichosamente alinhadas nas paredes, as folhagens e as réstias de cebolas recém-colhidas.

— Mulher, temos visita! — grita o homem.

Ela aparece na porta, põe os olhos em Luc e sorri:

— Eu sabia que vocês voltariam. Falamos muito vezes em vocês.
— Você precisava ver — diz o homem — a cara dos policiais, quando voltaram de Choisel, um dia depois da passagem de vocês.

— Você veio sozinho? E o seu irmão?

— Ele não veio — diz Luc. — Ele. . . Ele foi morto. Compreendem?

— Sente-se — diz a mulher.

— Dê-lhe refresco de *grenadine*. Ele deve estar com sede. Veio de bicicleta.

— Pobres meninos — diz a mulher.

Ela serve-lhe o refresco cor-de-rosa em um corpo d'água, corta fatias de pão de farelo que ela mesma deve ter feito e coloca na mesa um vidro de geléia já começado.

— Você sabia que por pouco eu não botei vocês pra fora? — diz o homem. — Naquela época, garotos malandros nas estradas, depois do toque de recolher, era coisa de se desconfiar, porque a Resistência por estas bandas. . . Mas, quando o seu irmão falou, ele foi tão educado que perdi logo toda a desconfiança.

— Ah, isso é verdade — diz a mulher. — Via-se logo que vocês eram meninos.bem-educados.

— Só quando o seu irmão quis me dar uma lição de política, aí, bom, eu não agüentei.

— Pobres meninos — repete a mulher.

— E o seu filho? — pergunta Luc.

Então, a mulher se põe a chorar, senta-se, cobrindo o rosto com as mãos, sacudindo o corpo. Vendo-a, Luc sente de repente que ele também vai se pôr a chorar, que o nó se desfaz na garganta: explode em soluços, as lágrimas rolam por sobre a geléia. Sente-se aliviado de um peso enorme, poderia quase dizer que se sente bem.

É somente nesse momento que ele vê, perto da banca, numa estante, a fotografia, com as condecorações no canto esquerdo da moldura.

— Quando os americanos chegaram — diz o homem —, em agosto, pela Estrada de Cernay, e nós vimos os franceses, todo mundo foi para a estrada, gritando. . . Nós ficamos aqui, na frente da porta, olhando bem cada tanque que passava, e o rosto dos soldados que vinham em cima. Quando podíamos, gritávamos em direção a eles o nome do nosso filho. Eles passavam apressados, tinham dificuldades em afastar a multidão que se concentrava na estrada, e depois, com todos aqueles gritos e o barulho dos motores. . . Fomos buscar uma foto dele e a mostrávamos aos que conseguíamos agarrar. Todos nos diziam que não o conheciam. E isso durante os dias e as semanas seguintes. . . Todos os rapazes da idade dele que

vinham nos fazer uma visita retomavam o trabalho, a vida familiar, e nos diziam, um pouco sem jeito, é claro: "Ele não devia ficar tanto tempo assim, tão longe, sem mandar notícias." Depois, um dia, no inverno passado, ficamos sabendo que ele tinha morrido no dia 18 de agosto, na Provence. Em Draguignan. Eles estavam avançando pela floresta e num dado momento a metralhadora dele emperrou. É tudo o que sabemos. O corpo não foi encontrado. Foram os gendarmes que vieram nos dar a notícia. Você percebe? Os gendarmes. Depois, vieram as condecorações. E as cartas oficiais.

Ele se levanta, vai remexer dentro de uma gaveta e joga um maço de papéis diante do Gato.

— Dê uma olhada. O Gato lê:

"Ilustríssimo Senhor,

Tenho a honra de comunicar a V.S. o texto do decreto que atribui a cruz-de-guerra com palma a título póstumo ao seu filho, Fernand D.

Tendo fugido em 1941, ele chegou à África do Norte. . ."

O Gato salta os parágrafos e vai direto ao final:

". . . e deixa, junto a todos os que o conheceram, a lembrança de um bravo. Na qualidade de capitão encarregado de missão do I Exército Francês, junto ao Ministro da Defesa Nacional, saúdo os restos mortais de um glorioso soldado do Exército Francês.

Sem mais, com meus cumprimentos respeitosos, subscrevo-me atenciosamente."

— Filho da puta — diz o homem, sentando-se. — Um verdadeiro filho de uma puta. Você leu? Ele saúda os restos mortais. Nunca encontraram o corpo, você está entendendo?

— Pelo menos — diz a mulher — se eu o tivesse aqui, no cemitério, não sei, mas acho que já seria alguma coisa.

E conclui:

— Ninguém pode entender. Ninguém pode saber o que estamos sentindo.

— Não — responde o Gato. — Ninguém.

São mais de seis horas. É hora de ir tomar o trem em Saint-Rémy.

— Volte outra vez — dizem os dois velhos, que o observam partir, na soleira da porta, entre as janelas guarnecidas de gerânios

com grandes flores vermelhas. — Venha nos visitar outra vez.

— Sim — diz o Gato. — Voltarei.

Um desastre, decididamente. Um desastre.

É tarde quando ele chega ao apartamento da tia.

— Você passou um bom dia? — pergunta-lhe ela, na cozinha, enquanto ele come o macarrão que ela requeantara para ele.

— Não — diz Luc.

— Você, no dia em que estiver contente com alguma coisa. . . — suspira ela. E os primos deboçam, cutucando-se.

— Foi por causa dos porquinhos-da-índia? — pergunta a tia. — Não tive coragem de contar a você.

— Foi — diz o Gato. — Foi por causa dos porquinhos-da-índia.

*

Numa quinta-feira, na Rua de la Petite Truanderie:

— Max voltou — anuncia-lhe Diane, sem erguer os olhos das cartas espalhadas diante dela. — Sente-se e não se mexa. As cartas estão muito negras. *Sehr schwarz*.

O ambiente do Petit Roscoff é pesado. À mesa mais próxima, em meio aos bancos e cadeiras vazios, está sentada, muito empertigada, uma moça delgada. Ela é jovem, quase tanto quanto Diane. Provavelmente é mais alta que Diane. Tem um rosto sério e delicado de menino, cabelos louros curtos, rebeldes, puxados para trás em pequenas mechas rígidas: é provavelmente o que se chama de penteado à "topete de águia". Sob a mesa, Luc percebe longas pernas, nuas e lisas: a saia é extremamente curta e deixa aparecerem as coxas delgadas, douradas, abertas, vendo-se ao fundo uma calcinha branca que ele não ousa olhar durante mais de um segundo. Com os braços largados sobre a mesa, o busto estreito curvado, ela fixa obstinadamente o vazio: olhos imensos, de um cinza esverdeado, emoldurados por traços de lápis preto. Um olhar perdido e afogado em lágrimas. Ela funge silenciosamente, as narinas finas abrem-se e cerram-se. De vez em quando, um soluço sacode-lhe os ombros. Ela fecha os olhos, depois arregala-os, num sobressalto. Seu olhar torna-se novamente fixo e as lágrimas recomeçam a correr. E o que o Gato vê naqueles grandes olhos abertos, é uma profunda dor de criança surrada. Mais do que isso: medo.

Atrás, ele ouve gargalhadas. Volta-se e vê, no canto oposto da sala, o grupo habitual de jogadores de cartas, desta vez talvez um pouco mais numeroso e mais barulhento. No momento em que Luc olha para eles, um deles aponta para a menina e todos os outros caem na gargalhada. Ele não distingue bem o que dizem, mas uma

palavra sobressai várias vezes e chama-lhe a atenção:

— Vagabunda.

O que havia apontado a menina com o dedo, um homenzinho gordo de cabelo gorduroso penteado para trás, vestindo um terno escuro, levanta-se, caminha até ela e segura-a pelo braço, rindo.

— Venha comigo.

A menina continua sentada, ereta, sem se mexer. O homem segura-lhe o braço com as duas mãos. Parece apertar com força e obriga-a a levantar-se. Ela é mais alta do que o homenzinho, com as suas solas de cortiça e suas longas pernas. Com uma das mãos, ele segura-lhe o braço, a outra desce a agarra-lhe uma nádega, que a saia mal encobre, e o homem empurra-a para fora. Ela caminha de uma forma mecânica, a cabeça sempre erguida e o olhar fixo e perdido, sempre fungando. Ele diz, rindo:

— Vamos lá. Você vai ver que eu acabo com a tua fossa. Anda!

A porta da rua fecha-se atrás deles, em meio à risada geral. Os homens riem cada vez mais alto, batendo-se nas coxas. O próprio dono do café, por trás do balcão, se mata de rir, como se acabasse de assistir à cena mais cômica de sua vida, e grita em direção ao grupo:

— E manda brasa! Vamos lá, é a minha rodada.

Diane não levantou a cabeça, embaralhando as cartas e resmungando:

— Cafajestes!

— O que é que houve? — pergunta o Gato.

— Não foi nada, esqueça.

Mas ela continua a rosnar, entre dentes:

— Uns cafajestes!

O dono do café traz os copos da rodada, que tilintam sobre a bandeja. Os homens contam os pontos da partida e continuam a berrar. O Gato sente naquele grupo de homens algo agressivo, perigoso. Mortal. Machos reunidos. Um bloco coeso, desumano. Não é necessário ser SS, usar um uniforme, botas, armas. Emanam desses homens a mesma prepotência brutal, o mesmo desprezo. São ordinários e fedem a morte.

— Não agüento mais — diz Diane. Vamos cair fora.

Ela junta as cartas.

— Mas de leve, sem dar na vista.

Atravessam a sala. Diane abre a porta. Vozes elevam-se de todos os cantos:

— E então, Diane, vai nos abandonar assim?

— Vai traçar o fedelho, hein?

— Olha aqui, se você está caçando, estamos aí, viu?

— Não quer provar o meu biscoito? É mais seguro.

Diane sai, seguida pelo Gato, que ouve ainda, entre cacarejos e gargalhadas:

— ... rameira.

Ele sente-se nauseado e treme um pouco. Diane olha-o com o rosto crispado e faz um gesto com o queixinho triangular.

— Vamos para a minha casa.

Um pouco adiante, uma porta estreita, uma escada escura, imitação de mármore amarronzado descascado, com o gesso aparecendo, lâmpadas amarelas ainda mais fracas do que as do metrô; em cada andar, corredores, ou melhor, túneis, que se enfiavam escuridão adentro, em direção a numerosas portas, das quais só se percebem as primeiras. Entre dois lances de escada, vêem-se banheiros turcos que fedem, com a porta escancarada. Diane empurra uma porta. Uma peça minúscula e escura. O Gato dirige-se para a janela de vidres sujos, e seu olhar mergulha no fundo de um pátio interno estreito, entre paredes pretas, juncado de papéis, de lixo, de toalhas velhas, de garrafas quebradas, como se cada um dos moradores jogasse o lixo diretamente pela janela. Não se vê o céu.

— Sente-se na cama — diz Diane. — Só vou trocar de roupa. É uma cama estreita, coberta de um tecido floreado amarelo-vivo, cujo tom alegre destoa da tristeza da peça. O estrado metálico afunda e range.

— Tou de saco cheio — diz Diane. — Quero ir-me embora. Tenho que ir-me embora. Senão. . .

Ele a observa enquanto ela se despe. Ela faz como todos os meninos, quando vários deles têm de compartilhar o mesmo quarto: vira-lhe as costas e faz com que ele não veja nada do corpo dela. Ele fica decepcionado. Primeiro, ela põe uma saia leve, pregueada, com flores, que estava toda embolada sobre a única cadeira do quarto. Só então deixa cair, por baixo, suas calças, descobrindo as pernas dos joelhos para baixo. Num dado momento, calcula mal o seu gesto e o Gato vê a parte superior de sua calcinha branca, com nervuras, não muito diferente da cueca dele. Ela despe o suéter de jérsei pela cabeça. Ele observa-lhe as costas, seus ombros nus. A pele branca, lisa, semeada de sardas. A coluna vertebral, que se movimentava sob sua pele quando ela se abaixa. Um dorso de menina, quase infantil, completamente desprovido de mistério, do qual ele não consegue desviar os olhos.

— Estou sentindo o seu olhar atrás de mim. Não gosto que me olhem assim.

Ela se vira bruscamente e o encara. Ele vê os seios dela, pequenos, bem separados, e as manchas de sarda. Lá também não há nenhum mistério. Um corpo claro e simples. Ele gostaria de ficar olhando mais demoradamente os seios dela, mas ela o encara e ele não tem

outro jeito senão erguer os olhos para os olhos dela. Ela enfia uma blusa branca. Ele balbucia:

— M-mas. . .

— Não tem mas — diz ela sorrindo, enrugando os olhos. — Você não. Sobretudo você.

Senta-se ao lado dele, na cama, que range, para fazer o nó nos cadarços de seus sapatos de lona. O Gato sente um arrepio percorrer todo o seu corpo. Sente-se infeliz.

— Não conte comigo pra isso — diz ela.

Saem novamente para o sol, que esquentas as velhas casas pretas e amontoadas, e caminham em meio à podridão da Rua Saint-Denis, que está muito mais animada do que no inverno precedente. Já se empilham os engradados de legumes e passam as carrocinhas manuais, carregadas de pirâmides vacilantes, puxadas aos trambolhões em direção aos pavilhões verde-escuros, no fundo labirinto de ruelas.

— Tenho um encontro marcado com Max — diz Diane. — Venha comigo.

Após atravessarem o Bulevar Sébastopol, penetram em zonas desconhecidas para o Gato: ruas estreitas e calmas, onde crianças brincam, em que se alinham casas amontoadas e escuras, bem como lojinhas cujas portas mantêm os batentes de madeira semicerrados; passam por pórticos largos e profundos com esculturas deterioradas, que se abrem para pátios quase em ruínas, atonetados de cabanas e de puxados. Reina, nesse cenário todo, uma grande animação. Ouvem-se barulhos de ferramentas, de pancadas de martelo, de serra de metal. Homens passam, empurrando carrinhos, ou levando sobre os ombros pesados pacotes de tecido. É um bairro com vida própria, absorvido por um trabalho intenso e calmo.

Atravessam uma vasta extensão deserta, um terreno baldio cheio de carcaças e de montes de terra entre as paredes de casas sustentadas por enormes vigas de madeira, paredes onde ainda se vêem o traçado dos condutos de lareiras destruídas, o papel de parede dos quartos, manchas de cor marrom ou azul, onde ainda se notam as marcas de velhas decorações florais, o azulejo das cozinhas abertas para o vazio. Alguns caminhões estacionam em meio às pedras da praça. Um cataclismo ocorrido numa época indefinida parece ter-se abatido sobre essas casas.

— É o Plateau Beaubourg — diz Diane. — Não sei bem por que é assim. Achava que tinham sido os bombardeios alemães, mas me disseram que já era assim antes. Gosto destas paredes, dos vestígios de todas estas casas, de toda esta vida desaparecida. É como se fosse

uma cidade engolida. Você percebe? Os velhinhos que vêm aqui e apontam uma mancha lá em cima, dizendo ao outro: "Olha lá o nosso quarto. É a marca da nossa cama."

Saem numa praça em que há um jardim com árvores frondosas cercado de altas grades enferrujadas. Em toda a volta, vêem-se casas altas com arcadas, cujos telhados negros sobrepõem-se uns aos outros, cheios de todos os tipos imagináveis de chaminés: chaminés de pedra, chaminés-periscópios, chaminés pretas e longas como as dos velhos rebocadores a vapor do Sena. As paredes deterioradas fazem uma mescla de todas as nuances do rosa ao cinza, e persianas esqueléticas pendem das grandes janelas muradas. Eles avançam sob as arcadas desertas que parecem, à vista e ao olfato, um vasto mictório.

— Você conhece a Praça des Vosges? — pergunta Diane. — É engraçado: os parisienses em geral não conhecem a Praça des Vosges. Max diz que gostaria de viver cem anos aqui. Sei que ele está procurando um apartamento nesta praça. Aqui os alojamentos são baratos e fáceis de encontrar. Mas quase nunca há água corrente, só uma torneira no corredor. Tudo é apodrecido pela umidade e cheio de baratas. É pior do que a Rua Saint-Denis.

Sentam-se num banco de jardim, perto do pedestal onde se encontrava, segundo a plaquinha, a estátua equestre de Luís XIII (já há muito tempo que só se vêem em Paris pedestais vazios, centenas de pedestais vazios), em meio a crianças que gritam. É quinta-feira, dia em que a criançada está de folga. Um grupo de meninos joga o jogo da barra. Alguns têm a idade do Gato.

— Não sei o que vai ser feito de mim — diz o Gato.

— É — diz Diane. — É muito triste o que aconteceu com você. É uma sacanagem. Uma puta sacanagem.

Ficam em silêncio alguns instantes. O Gato é invadido por um sentimento de autocomiseração.

— Mas você sabe — retoma Diane, fazendo esboços de desenhos na areia com a sola de seus sapatos —, não se pode cair no exagero. É bem verdade: você sofreu uma infelicidade, mas não pode mudar o que aconteceu, ninguém pode. Isto você vai ter de enfiar nessa cabeça de pau de gato-caramujo rabugento como um camelo. Você vai ter de se acostumar. Ou então. . .

O que o Gato, agachado, desenha na areia com o dedo, entre seus pés, é um barco. Um barco infantil, com um só mastro e um botaló, dois triângulos curvados representando as velas infladas pelo vento. E à volta, pequenas ondas.

— Você sabe, é engraçado, o mundo decididamente é malfeito. Há tantos rapazes da sua idade, outros até mais velhos, sobretudo os

mais velhos, se você soubesse o que ouço eles dizerem: se queixam todo o tempo dos pais, da família. Vivem gemendo, até parece que dariam qualquer coisa para se ver livres dos pais. Se você os ouvisse: "Meu pai é um pé no saco, minha mãe me reprime, eles não me compreendem, são uns burgueses imundos, não me deixam viver; ah, se eles largassem do meu pé. . ." Enquanto que você. . . São mesmo uns idiotas!

— Eu sei — diz o Gato.

É verdade. Seus colegas de classe também fazem isso. Para o Gato, fica estranho ouvi-los queixarem-se da tirania dos pais. Até mesmo seu amigo de cabeça grande, cujo pai é pastor, quando quer pedir ao pai alguma coisa, não tem coragem de falar diretamente, então espera durante dias, angustiado, e termina por deixar um bilhete na escrivaninha do pai. E está sempre sonhando em pôr o pé na estrada.

— E eu? — diz Diane. — Como é que você acha que fui parar no Petit Roscoff? Os meus pais moram em Versailles. Eu estive internada num colégio de freiras. A gente tinha sempre de baixar os olhos. Fui-me embora no ano passado, logo antes de fazer a primeira vez o *bac** Você sabe como é num colégio de freiras? A gente tomava um banho uma vez por semana, e para tomar banho elas nos davam uma camisa especial, uma camisa de tecido grosso, bem larga, fechada no pescoço, sem mangas, que cobria toda a banheira. Um dia eu disse: Vão pra puta que os pariu! Assim, de repente. Meu pai era colaboracionista. Um verdadeiro colaboracionista, que acreditava no que fazia, ainda por cima. Tinha um belo uniforme de miliciano azul, que a minha mãe passava a ferro todos os sábados. Ele dizia que nós havíamos sido corrompidos pelos judeus, que preferia até que eu me casasse com um crioulo a ter um genro judeu. E no entanto, negro, pra ele. . . É por isso que ele detesta os americanos: porque foram corrompidos ao mesmo tempo pelos crioulos e pelos judeus. Não adiantava nada eu dizer pra ele que pros negros, lá, não era exatamente o paraíso, com a Ku Klux Klan e tudo mais. . . Não tinha jeito. Quanto à questão dos judeus, é engraçado, mas acho que ele tinha um complexo, porque o sobrenome dele termina em *mann*, você tá entendendo, e ele não suportava que fizessem perguntas sobre a origem da sua família, que ele dizia ser alsaciana. Então, pra que não desconfiassem dele, ele carregava no discurso: dizia que éramos até bons demais para com os judeus, que não se devia fazer diferença entre franceses e não-franceses, que se tinha de enviá-los todos pra colonizar as terras polonesas, o que

□ *Baccalauréat*: exame que os alunos franceses prestam no final do curso secundário, que lhes dá o direito de prosseguir os estudos ao nível universitário. (N. do T.)

seria, aliás, bom demais pra eles. "Entreguem-nos aos verdadeiros patriotas", dizia, "entreguem-nos aos verdadeiros franceses, e vocês verão o que faremos com eles." Hoje, que sabemos o que fizeram com os judeus, acho até que ele deveria estar satisfeito. Ele desapareceu depois da liberação. Salvou a pele: li num jornal, no inverno passado, que ele havia sido condenado à morte à revelia. O homem evaporou-se. Se escondeu. Talvez na Espanha.

— Esses putos de espanhóis — diz o Gato com convicção.

— Meu pai não era ruim. Tenho certeza de que tem milhões por aí como ele. Na Rua Saint-Denis, estou bem colocada para ter uma idéia disso. Quando ele falava com as pessoas, no bairro, elas o escutavam. Ele era respeitado. Poderia ter passado o resto da vida assim, contando besteiras, enchendo o saco dos seus trinta subalternos. Ele era chefe de não sei o quê, na fábrica em que trabalhava. Só que apareceram Pétain, Darnand, o ídolo dele, e o diabo a quatro. Isto tudo subiu-lhe à cabeça. Ele tinha de se mostrar com os amigos. Os amigos, ah, isso era sagrado. E depois, tinha a minha mãe. Tudo isso ele fez pra se mostrar pra ela, pra mostrar a ela que ele era um homem, um verdadeiro. Fora isso, ele até que era bom. O que gostava acima de tudo eram os pinheirinhos de Natal. Chorava na frente de um pinheirinho de Natal.

— Eu não tenho saco pra pinheiro de Natal.

— Nem eu. Depois de dezessete anos de *Tannenbaum* com velinhas, dá pra torrar o saco. E a minha mãe agüentava tudo, admirada, costurando as insígnias nas roupas dele. Quando dei o fora, deixei um bilhete: não estou mais a fim de continuar vivendo com colaboracionistas. Adeuzinho. Era um motivo político, pegava bem, mas não estou segura de que fosse isto: colaborador ou não. . . Tentei rever a minha mãe. Ela me saiu com umas asneiras, dizendo que me amaldiçoava, que eu não era mais a filha dela, ao mesmo tempo em que chorava, e me deu grana. Os meus irmãos me chamaram de puta. Depois, fiquei sabendo que a coisa ficou preta pro lado da minha mãe: rasparam-lhe a cabeça, fizeram ela andar na rua pelada, deram um banho nela com uma mangueira de bombeiros. Foram homens que se diziam da Resistência. Aqui, ó: eram os caras do bairro, os que escutavam o meu pai, gente boa como ele, que a gente via na rua levando os seus vira-latas pra passear, no boteco, no armazém, homens como os que pintam lá no Petit Roscoff. Conheço eles muito bem: uns imbecis, uns caras que carregam o pau a tiracolo.

E, prosseguindo:

— Fiz uns trabalhinhos no Halles, mas tudo era difícil, porque eu era menor e não tinha autorização dos pais. O dono do Petit Roscoff me adotou. No início, é claro, me passando a mão na bunda. Eu não

deixei. Ele largou o meu pé. Faz um ano que isto tá durando. Ele diz que eu sou sobrinha dele, assim não dá grilo com a polícia. E eu faço favores pra ele, de noite. Ajudo no bar, sirvo bebidas, bato um papinho com os clientes, danço com eles quando tem música, se bem que os bailes sejam proibidos. Sou amiga das meninas. Conheço as histórias de todas as ruas vizinhas. Escrevo as cartas pra elas. Faço a crônica dos puteiros: um bom tema de redação para as minhas freiras. Um dia, tenho certeza de que escreverei livros. As meninas estão preocupadas: estão falando em fechar as casas. Os caras delas terminaram me adotando também. Deve estimular seus instintos viris o fato de protegerem de verdade uma menor. Talvez até achem que é um bom investimento. Quando um sujeito que não entendeu a transa começa a me encher o saco, rondando demais, os caras dão um jeito logo: a vontade passa ligeirinho e tudo volta ao normal. Não posso me queixar. Eles são legais comigo. Conhecem a ordem. São homens de ordem: no meio de marginais, é isso que vale. Aí então, quando você diz: "Não sei o que vai ser feito de mim", entende?. . ., não se pode misturar as coisas. Você vai continuar a ir à escola. Vai estudar. Você tem uma família. Sua mãe vai voltar e você vai cuidar dela.

— Dizer é fácil — resmunga o Gato. — Pra começar, não vou estudar. Não tenho vontade. Não quero mais saber dessas imbecilidades. Além do mais, nunca vou aprender. Se eu tivesse quatro anos a mais. . .

— Você vai aprender. Você é malandro como um macaco. Vai fazer de conta. Ninguém vai ver a diferença. Só você. E aí você põe no rabo deles todos. O que você faria, se tivesse quatro anos a mais? Eu tenho exatamente quatro anos a mais que você. Eu, sim, tenho o direito de perguntar: "e o que vai ser feito de mim?" Não posso ficar aqui. Não quero. Acabo virando uma puta de verdade. Max voltou. Ele está mudado. Está embrutecido. Aparentemente gentil e tenro, mas no fundo, embrutecido. Não é fácil transar com ele. Está sempre contando suas histórias malucas. Umas histórias que têm o jeito dele: bonitas, ternas, mas completamente piradas. Ele diz que quer passar toda a vida na Praça des Vosges, que quer instalar uma emissora de rádio, com uma antena sobre a fonte do jardim, e mandar poesia surrealista pros quatro cantos da França e do mundo. Diz também que um dia todo mundo terá televisão como hoje se tem rádio. É um troço que te permite ver imagens na tua casa, cinema a domicílio. Ele diz que já tem nos Estados Unidos, que ele foi o primeiro a ficar sabendo e que vai ser o primeiro a fazer isso aqui. E também diz que vai atravessar o Tibete no lombo de um camelo, os Andes montado numa lhama,

ou talvez eu me engane e seja o contrário. Mas vejo que em todas essas histórias não há lugar pra mim.

— Se eu tivesse quatro anos a mais — arrisca o Gato —, levaria você comigo.

— Idiota — diz Diane, dando-lhe um beijo leve e carinhoso no canto do olho.

— Lembre-se — continua ela. — Caramujo que não é tapado não deixa as antenas de lado. Isto é o que eu gosto em você: não diz nada, mas não é tapado. Na sua idade, você já sabe uma porrada de coisas que os outros vão levar a vida pra aprender. Mesmo quando se fecha em si mesmo, dá a impressão de soltar as antenas pra sentir as coisas. Não deixe nunca de fazer isso.

— Que coisas?

— Sei lá. Coisas. Coisas importantes. É um negócio que eu sinto.

Uma sombra surge por cima deles. Max, uma enorme silhueta contra o sol. Ele pega duas cadeiras amarelas enferrujadas, senta-se em uma delas e põe os pés sobre a outra. É verdade que ele está mudado. Cabelos curtos, sem os cachos louros de antes, o rosto ossudo liso e claro, os traços como que lavados, e os mesmos olhos claros, dourados, sem sombras, perfeitamente límpidos. Está vestido à paisana, com uma calça toda cheia de pregas, cinzenta, e uma jaqueta azul gasta, com os botões pendurados, como os da jaqueta de Antoine.

— Oi — diz ele, fazendo um leve gesto.

E acrescenta, por entre dentes:

— Os imbecis querem nos mandar guerrear contra o Japão, agora. Reconquistar a Indochina. Queriam me fazer assinar um novo alistamento.

Ele deixa escapar as palavras como que contra a sua vontade, através de um leve sorriso. É difícil entender o que ele diz.

— Vou ser livre.

— O Gato diz que não sabe o que vai ser feito dele.

— Diane me fala muitas vezes em você. Eu também não sei o que vai ser feito de mim. A gente tem que continuar sendo livre: é só.

— Livre?

— Hoje, o que eu sei é que a liberdade é estar aqui. Aqui, na Praça des Vosges, às seis horas da tarde, sentado ao sol. Diane lhe disse que me sinto capaz de ficar pra sempre aqui? O que gosto de ver é que os burgueses não souberam ficar aqui. Talvez fosse bonito demais pra eles. Aqui tudo é popular e bonito — pra quem sabe parar e olhar. É estranho. Tenho a impressão de que nunca soube tão

bem o que é a liberdade quanto na época em que não a tínhamos e éramos obrigados a lutar. Era um sonho. Hoje, tem-se a impressão de que ela já está nos escapando entre os dedos. Talvez seja assim porque não fizemos a revolução. Depois, tem aqueles que se instalam nela como se fossem velhas pantufas: aí estamos; reencontramos a liberdade. É um velho hábito. Não, não tem que virar um hábito. Disso, pelo menos, estou certo. Eu o que queria era descobrir, durante toda a minha vida, coisas novas: aprendê-las e saber utilizá-las. Fazê-las bem. Não necessariamente coisas importantes. E queria sempre guardar a possibilidade de poder partir, quando não me sentisse mais livre. Mas partir sem causar dor a ninguém. Eis o que é importante. E, já que te chamam de Gato, um gato deve saber isto: a qualquer momento, quando ele quiser, tem de poder se mandar.

— O meu irmão — diz o Gato — falava muito de liberdade. E da revolução. E veja no que deu.

— Escute — diz Max —, você vai crescer, vai envelhecer. Vai viver toda a sua vida. O seu irmão vai ficar ao seu lado, sem nunca envelhecer. Você vai morrer segurando a mão dele. Você ficará, talvez, bem velho, enquanto ele terá sempre dezenove anos. Os amigos dele vão se tornar uns senhores, alguns importantes, presidentes disso ou daquilo, e outros vão ser uns medíocres, uns fracassados, serão doentes do fígado, carecas ou obesos. Seu irmão, não. Os amigos dele seguirão seus caminhos e, para vencer na vida, terão de esquecer o mais possível o seu irmão. Não por maldade: simplesmente isso os impediria de avançar. Você, não. É por isso que nunca seguirá exatamente o mesmo caminho que eles. Seja o que for que fizer, inclusive as piores asneiras, você será sempre um pouco diferente. É a sua sorte, também.

— Não — diz o Gato, que tenta manifestar-se em meio às rajadas de palavras. — Não, tudo isso é retórica. O que eu queria é que Antoine estivesse vivo. Só isso.

— Você tem razão — diz Max. — Você é que tem razão.

*

Julius Kleinberg telefona uma noite.

— Luc, é para você — diz a tia. — Acho que é um colega de aula.

— Você se lembra de mim? — pergunta Julius. — E de Bob? A segunda DB.

Julius só está em Paris por alguns dias e quer vir vê-lo.

— O melhor é a gente se encontrar amanhã às sete da noite — diz o Gato.

E dá-lhe o endereço do Petit Roscoff.

- Estranho — diz Julius. — É um lugar muito esquisito.
— E é mesmo — diz o Gato. — Você vai ver.

No dia seguinte, Luc tem um compromisso mundano: vai com seus primos a uma festa de noivado no décimo sétimo *arrondissement*. São membros da inumerável parentalha do lado de sua mãe, gente que não acaba mais. Ele veste um casaco e uma calça de golfe de um dos primos, com um fumo na lapela. Alisou os cabelos com água, para reparti-los do lado. O noivo está de uniforme de oficial. Segundo o que dizem, é ex-aluno da Escola Politécnica. A noiva traja um vestido rosa. Mais uma vez, Luc tem de suportar os apertos das velhotas com seus peitos perfumados. Ele se debate como pode, mas é encharcado de lágrimas.

— Ah, quando vejo esta pobre criança, tão infeliz. . .

Na verdade, ele não precisa fazer muitos esforços para reter-se. As choradeiras não se destinam a ele: ele não passa de um figurante no ritual; só tem que enrijecer o corpo e esperar que os apertos, as lágrimas comovidas e os soluços terminem.

— Lá dentro — dizem-lhe os primos — tem uns docinhos geniais, com uma espécie de creme branco dentro que salta quando a gente aperta em cima.

— Argh, que nojo!

— É, mas é bom.

Os convidados, que falam alto, são numerosos, dispersos pelos salões que se sucedem. Vindo em ondas, de uma peça afastada, ouvem-se os acordes de um piano. Passando pelos grupos de convidados, Luc vai até a fonte. Em uma peça ensolarada, o pianista está sozinho. Luc o vê de costas, decifrando uma partitura. É uma espécie de valsa rápida, muito ritmada, com acordes dissonantes repentinos. O pianista pára bruscamente, solta alguns palavrões confusos, entre os quais Luc distingue vagamente as palavras *piano de merda*, e gira seu banquinho:

— Beethoven, 29ª sonata. . . Faz cinco anos que não toco num piano afinado. Mas você não é o Gato, por acaso?

— Sou. E você?

— Eu sou Gabriel. Você também me esqueceu?

— Não. É claro que não. Não sabia que você tinha voltado.

— Não voltei. De jeito nenhum. É uma miragem. Um engano. Só estou de passagem. Sou o Tenente Gabriel Delage, a serviço do glorioso Exército Vermelho, atualmente acantonado em Berlim, *Unter den Linden*, sim, perfeitamente, e pronto para partir para Kiev, Nijni-Novgorod e talvez até Arkhangelsk, o espaço e as estepes, de passagem em Paris por dois dias. Clandestinamente. Quase um desertor. Talvez me ponham no xadrez quando eu voltar. E estou

bem contente em voltar. Embarco amanhã de manhã. Não tenho nada que fazer aqui. Sou um marciano. Venho de um outro mundo. Em trânsito. É claro que você não me reconheceu. Você tinha nove anos na última vez em que nos vimos.

— Tinha também um piano.

— É. Na época, eu sabia tocar.

Levanta-se. Não é muito maior que o Gato. Não é mais o menino magro e elétrico que trepava nas árvores na Valerane: engordou e seus cabelos deixam na testa um início de calvície em forma de ferradura. Traja um terno escuro listrado, um casaco trespassado, um pouco amarrotado, uma gravata torta, e cheira a naftalina.

— Que diabos estou fazendo aqui? — pergunta Gabriel, levantando a voz para sobrepor-se às ondas de conversas que provêm das peças vizinhas. — Ontem fiquei sabendo da morte de Antoine. Desde então, só tenho pensado nele. Fico vendo como as pessoas vivem aqui, e penso nele. Vocês receberam as minhas cartas?

— Sim, mas você sabe, Antoine. . .

— Eu sei. Elas eram ridículas. E além do mais, perigosas. Mas, você compreende, de lá onde eu estava, como poderia saber, como poderia adivinhar as coisas que se passavam aqui? Se tivesse de ficar aqui, de quanto tempo precisaria para não me sentir um estranho, como estou me sentindo neste momento? E quando eu voltar, para ficar. . .

Nesse momento o primo Bernard Maury aparece na porta do salão. Veste um elegante uniforme de oficial, uma túnica caqui cortada em um tecido maleável, que lhe modela a cintura, uma camisa branca e uma gravata combinando.

— Gabriel, que surpresa. Você foi desmobilizado? Cinco anos em campos de prisioneiros: foi duro, não?

— Não. Muito pelo contrário. Volto para Berlim amanhã.

— Pobre Luc — diz Bernard Maury. — Antoine não teve sorte.

— Não, ele não teve sorte. E você? Que negócio é esse no seu braço?

O primo Bernard Maury exhibe um largo galão dourado, tecido em fio vermelho.

— Sou aspirante. As coisas estão dando certo para mim. Eles vão repetir os exames nas grandes escolas universitárias para todos os alunos que estavam no Exército. Tenho certeza de que vou sair da Escola de Minas com uma boa classificação. Finalmente, o ano não terá sido completamente perdido para mim. E estou partindo em férias para Vaufoin.

— É verdade — diz o Gato. — As coisas estão dando certo para

você.

Vira as costas para o primo Bernard Maury, encosta a testa no vidro da janela e olha para a rua ensolarada e deserta. Ouvem-se os acordes de Gabriel no piano.

— Seu primo foi-se embora. Mas o que você tem contra ele?

— Nada — diz o Gato. — Nada. Ele gosta de uniformes. . . Na verdade, o que eu tenho contra ele é que ele é um veado filho da puta.

— Decididamente, eu estou de fora, hein? Você sabe, eu também estou com um belo disfarce. Ontem de manhã, quando bati na porta da casa da minha mãe, ela, ao me ver vestindo o uniforme do Exército Russo, exclamou: "Meu Deus! que horror!" Só depois é que me abraçou. Acho que ela quase preferia me ver morto a me ver disfarçado de bolchevique. Foi um retorno esquisito.

— Você deveria ter vindo aqui com o seu uniforme.

— Cinco anos sem andar à paisana, você não pode imaginar o que é. Eu queria saber se ia me sentir realmente livre, colocando roupas civis.

— E então?

— Pois bem, não sei. Estou flutuando.

— Eu não sabia que havia franceses no Exército Russo.

— Você não é o único. É o que as pessoas me dizem desde ontem. No Ministério da Guerra, me fizeram andar de um departamento para outro. Diziam todos a mesma coisa. Eu era para eles um verdadeiro monstro de parque de atrações. Foram até buscar o ministro, para que ele visse o fenômeno.

Gabriel conta que em janeiro os alemães evacuaram o seu *Offlag* e puseram os prisioneiros a caminhar em fila pelas estradas da Prússia Oriental, a vinte graus abaixo de zero. Ele conseguiu, finalmente, fugir, junto com outros companheiros. Eles sobreviveram escondendo-se, vivendo como animais, deslocando-se à noite, até a chegada dos russos. Ele jamais pensara que se pudesse sobreviver a um frio daqueles. Propuseram aos russos a formação de uma unidade de prisioneiros franceses liberados. O que fez os russos se decidirem foi o fato de que o mais graduado dos franceses, um capitão, era neto do Marechal Foch. Ter um Foch como oficial no Exército Soviético era uma idéia que agradava muito a Jukov. Ai, recomeçou a guerra para eles: um batalhão inteiro, quase mil homens equipados e armados, de gorro de pele e Terechnikov, do Oder a Berlim. De combate em combate, eles avançavam, sempre naquele frio terrível, com os tanques russos.

— Em um dado momento, durante a grande ofensiva, passamos com os tanques por cima de fileiras inteiras de soldados alemães

mortos pelas metralhadoras.

— Que sensação dá uma coisa dessas? — pergunta o Gato, curioso.

— Era como uma espécie de feltro congelado, cinza, que atapetava a estrada.

E, prosseguindo:

— Quando chegamos a Berlim, eles acharam que o fim da guerra significava o fim da participação deles. E ficaram lá, acampados, na Avenida Unter den Linden, em meio a um campo de ruínas que se estendia a perder de vista. O campo deles é um verdadeiro *smalah*, um acampamento árabe. Na estrada, juntaram todo o tipo de franceses perdidos, de miseráveis errantes, mulheres do STO que não tiveram coragem de se entregar aos russos, um miliciano de dezoito anos completamente perdido. . .

— Um miliciano? Mas você não sabia que. . .

— Não. Não sabia. Pense bem: estávamos desligados da França há cinco anos. Era preciso ter vivido aqui para imaginar a existência da colaboração. Tivemos de agüentar uma propaganda tremenda, os cuidados da missão Scapini, sendo que Pétain, no início, não era impopular entre os oficiais. Mas o que nos isolava, também, era o fato de que tudo passava pelos alemães. De certa forma, éramos preservados. É claro que não tínhamos nenhuma ilusão quanto à covardia quotidiana, à omissão, aos que se escondiam debaixo da cama e aos que se aproveitavam da situação: isto acontece em todas as guerras e no inverno de 39 as coisas já estavam bem adiantadas nesse sentido. E quanto mais se falava em Vichy da nova ordem e da redenção, mais eu sentia a podridão chegar até nós. Mas não a este ponto: a Gestapo francesa, a milícia, a deportação de judeus. . . O verdadeiro choque ocorreu quando encontramos deportados abandonados em uma estrada. Chegamos tarde demais. Não eram mais do que esqueletos e continuavam a morrer diante dos nossos olhos. Já tinham passado para o outro lado; era impossível fazê-los voltar. Nem nos ouviam mais. Até aquele momento, só havíamos vivido o ódio por procuração: havíamos conhecido russos, ucranianos, poloneses que sabiam o que era o terror nazista, a exterminação, o aviltamento. Tínhamos inimigos, mas não os odiávamos verdadeiramente. Hoje, creio que sei o que é odiar. E não são os alemães que eu odeio: é algo que é mais amplo do que eles próprios. Algo que poderá sobreviver a esta guerra. A menos que tudo mude. Mas, para que tudo mude realmente. . . Só agora eu acho que compreendo Antoine. E aqui estou eu, nesta festa, com estes palhaços. Eles não mudaram nada. Um pesadelo! Vou acordar em Berlim, com o meu bando de malucos disfarçados de russos. É tudo o que me resta de sólido.

— Mas vocês vão ser repatriados.

— Imagine que estou aqui justamente para saber. A impressão que se tem é a de que eles não estão com muita pressa em nos largar. Estão falando em levar-nos para a retaguarda, na Rússia, com a divisão, para nos desmobilizar. Mas até onde vai a retaguarda para os russos? Eu vim aqui para expor o nosso caso às autoridades francesas, em um avião francês, com uma ordem de missão francesa, expedida em Berlim pelo Estado-Maior do Marechal De Lattre, sem ter consultado os russos, é claro. É por isso que já volto amanhã. Mas continuo sem saber por que o primo Bernard Maury, que tem, é bem verdade, uma cara estúpida de escoteiro grã-fino e um uniforme ridículo, além duns olhos cor-de-rosa, é um. . . enfim, como você disse.

— Esqueça. (Durante o inverno, o Gato teve tempo de completar sua informação e de ruminá-la.) Foi só uma idéia que tive, assim. Escute só. Primeiro, ele foi engenheiro na Organização Todt: uniforme marrom; depois, resistente em setembro de 44, alistado nos FFIs: uniforme caqui; e agora. . . É um cara que coleciona uniformes. Como ele diz, tudo está dando certo pra ele.

— Eu gostaria de mudar de ares. O ar daqui é viciado. E se a gente fosse a algum outro lugar?

— Ok. Eu até sei aonde a gente pode ir.

— Já em 1939, quando eu estava na guarnição, em Charleville, não suportava as festinhas da cidade. De qualquer maneira, nós, os oficiais das tropas nacionais, não éramos bem-vistos; não éramos *recebidos*. No fundo, o único lugar em que me sentia bem era no bordel. Era calmo.

— Então vem bem a calhar — diz o Gato.

— O que não mudou — diz Gabriel, no metrô — é o cheiro de citronela. Eu gosto. Durante cinco anos, sonhei com um cafezinho num café de bulevar.

— É. Com *croissants*. E um piano defronte ao mar, defronte às ilhas.

— Ontem, pedi um cafezinho. Um horror! Talvez eu tenha perdido o gosto. Não tinha *croissants*.

— Na Valerane, você sabe, só restou o piano. Quase nada à volta.

— De qualquer maneira, resta o mar, embora ele talvez esteja como o café: amargo.

— O que você vai fazer, quando voltar definitivamente?

— Não sei ainda. Acho que gostaria de ficar em silêncio, ouvindo os outros e tentando compreendê-los. No fundo, eu precisava era rezar. É evidente que aí entra o problema de Deus. Para rezar, seria melhor acreditar nele. Mas, a estas alturas, estou seguro de que deve

ser muito menos complicado do que o resto.

— Mas não é uma profissão.

— É estranha a maneira como você coloca a coisa: uma profissão... E você? A última vez em que o vi, você estava na idade em que as crianças dizem que, quando crescerem, vão ser bombeiro, general ou maquinista de locomotiva.

— Não. Na época, eu queria ser marinheiro. Lembro-me muito bem: servir num navio de guerra. Acabei mudando de idéia.

— Por quê?

— Uma história idiota. Hoje, eu gostaria é de partir para bem longe. Disseram-me que no Congo se pode fazer fortuna com imensas plantações de tomate: o tomate amadurece no inverno, a gente manda para a Europa, e há duas colheitas por ano. Entre duas safras, poderei pintar.

— E você põe os negros a trabalhar, debaixo de chicote. Muito bem!

— Não, não. Estou falando sério. Ou então, irei ao Camboja. Se pudesse, estudaria Arqueologia e terminaria de restaurar Angkor.

A sombra de Bahadour Shah tenta insinuar-se no vagão do metrô, mas há muita gente, e as pessoas não querem se empurrar. Em 1945, o metrô não estava preparado para receber os elefantes; assim, ele acaba desistindo e descendo na estação Solférino.

— Mas você pode. Você não tem boas notas?

— Não é esse o problema. Eu simplesmente não posso.

— Por quê? Você é inteligente. E a história, na sua família. . .

— Não, não quero saber disso. Me enche o saco. Tudo isso me enche o saco.

— Você viu todos esses caras que usam um aramezinho farpado na lapela? — pergunta Gabriel, quando saem para a superfície.

— Sim. São ex-prisioneiros.

— Caramba!

Param em frente ao Petit Roscoff. É noite, e a rua já está animada. Os engradados e os carrinhos estão lá; as mulheres estão na rua, os homens interpelam-se.

— Decididamente — diz Gabriel, no momento em que Luc abre a porta envidraçada —, este Gato é mesmo um animal curioso.

O salão do café ainda está calmo. Julius está sentado sozinho a uma mesa vermelha, lendo o *Combat*, vestido à paisana. O Gato não está certo de poder reconhecê-lo, pois da fisionomia do rapaz só restara na memória os óculos e o bigode, sob uma boina de marinheiro, na escuridão da noite, à luz de um isqueiro. Como há, naquele canto deserto do café, um homem sozinho, de óculos e bigode, Luc vai em sua direção.

— Julius?

O homem levanta os olhos.

— Eu bem que havia dito: é um lugar realmente esquisito.

— Vim com o meu primo Gabriel. Ele está de passagem por Paris, vindo de Berlim.

— Eu também estou de passagem.

— Você foi desmobilizado?

— Ainda não. Acabamos de voltar para a França. Depois, sim. . . a menos que se queira ir como voluntário para a Indochina.

— Você sabe, eu ainda tenho o seu isqueiro. Mas não tenho mais gasolina.

— Pensei muitas vezes em você no inverno passado — diz Julius.

— Bob estava preocupado. Ele dizia: "Aquele menino me contou uma história pra boi dormir. Tenho certeza de que não tinha parente nenhum em Nancy. E eu que não sabia que os alemães estavam a apenas vinte e cinco quilômetros. Fiz uma asneira!" Não faz muito tempo, por acaso, li a notícia da morte do seu pai num jornal antigo. Lembro sempre daquela noite da liberação, em Paris: eu não tinha coragem de me deixar invadir pela alegria, quando na verdade a gente sonhava com isso há tanto tempo. Quando eu encontrava americanos, sempre dava o nome do seu irmão. Ninguém o conhecia, é claro. Teria sido um milagre. Quando cheguei a Paris, telefonei para a sua casa. Acho que foi a empregada da sua avó que atendeu. Ela me contou sobre o seu irmão.

— E Bob? — pergunta o Gato. — Como vai ele?

— Bob morreu. No inverno passado. Na Alsácia.

(Mas como contar a morte de Bob? Naquela noite glacial de neve e de lama congelada, em que seu tanque fora atingido em cheio, durante uma emboscada no centro de uma aldeia, por um obus de morteiro, ele saltou do veículo em chamas, com o braço arrancado, e rolou para dentro de um buraco, gritando. O buraco era, na verdade, uma fossa profunda, cheia de merda. Morreu gritando um nome de mulher que nunca ninguém o tinha ouvido pronunciar antes. Morreu depois de gritar aquele nome durante um tempo interminável, com uma voz estridente de cão encurralado. Foram necessárias várias tentativas para retirar seu corpo da fossa, tão sufocante era o fedor em que ele estava mergulhado. Já era de manhã. Fazia tempo que ele havia parado de gritar.)

— E Janusz?

— Ah, Janusz, tive notícias dele. Está em descanso. Dizem que ele ficou estranho: cada vez mais distante, mais ausente. Ficava parado, sem se mexer, esperando. Sim, ele dizia que estava esperando. Ninguém conseguia fazê-lo dizer o quê. Balançava-se de um pé para o outro, sorrindo gentilmente, fazendo sua dança de urso

polonês. Somente uma vez ele disse que o estavam esperando na Espanha. . . Acho que está num hospital psiquiátrico.

— Chefe — grita o Gato num tom autoritário —, vinho tinto para três!

— Você vai beber vinho tinto? — pergunta Gabriel, preocupado.

— Não enche o saco.

Julius fala de seu retorno à Rua Vieille-du-Temple. Seus pais voltaram para o apartamento deles. Mas ele não conhece mais nenhum dos moradores do prédio. Os que moravam lá antes, presos nas grandes batidas, já se pode saber que nunca mais voltarão.

— Eu tinha dezessete anos quando saí desse bairro. Não é mais o meu bairro. Só restam casas e paredes. Passei pela Rua des Rosiers e pela Rua des Écouffes: só senti um frio tremendo. Fui até a Escola Normal de Música e não tive coragem de entrar. A zeladora leva todos os dias a correspondência para os meus pais, como antes, dizendo: "Bom dia, Sr. Kleinberg. Que belo dia está fazendo hoje." Não tive coragem de olhá-la nos olhos. Não, não foi para isso que lutei. Não sei se vou ficar em Paris. Não irei para a Indochina. Decididamente, vou acabar indo ver como estão as coisas lá pelos lados da Palestina.

Julius fala de Berchtesgaden, e Gabriel, de Berlim, de Sten e de Terechnikov, de espessuras de blindagem e de *katiuchas*. O Gato ouve, atrás, uma voz familiar, mastigada, sarcástica:

— Uma reunião de ex-combatentes?

É Max. Senta-se, sorrindo levemente. O Gato murmura fórmulas de apresentação. Max debocha:

— Os grã-finos da Segunda DB: a guarda pretoriana. Os SS de De Gaulle. . . Não sabia que havia franceses no Exército Vermelho. Aqui, somos recebidos por reacionários, militares bitolados, gente de Vichy. Vão ver que Pétain não será condenado à morte. O Exército Soviético: dizem que os oficiais são eleitos democraticamente pelos soldados. . . Que experiência, hein?

— Não sei aonde você foi buscar essas informações — diz Gabriel —, mas posso dizer-lhe que os russos são generosos e fraternos. São bastante malucos, mas que eu saiba não elegem seus oficiais, democraticamente ou não.

— Então é porque você não prestou atenção.

— É, deve ser isso — diz Gabriel, suspirando educadamente. — Não devo ter prestado atenção.

— Não entendo — diz Max. — Só encontro gente que me fala em partir, que diz que aqui não dá mais pra se viver, que a decepção é grande. No entanto, é aqui que se tem de mudar as coisas. Partir é o sonho da pequena burguesia.

O Gato ri em seu canto. Max, com o rosto duro, cerrando os dentes, pergunta-lhe por que acha graça.

— Porque estou pensando na sua rádio, na poesia.

— Pode debochar, semente ruim de burguês. Para você, é claro, a poesia é algo tão natural que se torna ridículo. Na sua casa deve ter livros a dar com um pau. . . Na escola devem empanturrar você de grandes autores. Você não pode imaginar que milhões de pessoas não tenham acesso a isso. A cultura é como o resto. Não sei se vou fazer uma rádio, ou um jornal, ou livros, ou cinema, ou até mesmo televisão, supondo-se que venha realmente a existir um dia. Mas sei que há palavras e imagens que podem sacudir o mundo. Vai ser preciso sacudir tudo isso. . .

— Boa sorte — diz Gabriel, rindo.

— Você, que está no Exército Vermelho. . .

— Está bem — diz Gabriel, cocando o rosto pálido, pensativo. — Está bem. Em todo caso, prefiro ouvir isso.

Gabriel levanta-se bruscamente. Ergue o copo de vinho tinto e grita:

— *Za Stalina!*

Os outros se entreolham, espantados.

— Não — diz Max —: ao povo soviético!

— É a mesma coisa. *Da zdraztvuiet tovaritch Stalin!*

— Ah, bom — diz Max. — Nesse caso. . .

E bebem.

O café começa a se encher. Homens vêm bater nas costas de Max. O barulho das exclamações e das conversas aumenta, a fumaça torna-se mais espessa. O dono do café corre de um lado para outro.

— Onde está Diane? — pergunta o Gato a Max.

— Diane desapareceu faz dois dias.

Max levanta-se, dirige-se para o piano de dentes amarelos e começa a tocar jazz. Gabriel toma o lugar de Max. Ele também toca jazz. À mesa vermelha, Julius, pensativo, marca o ritmo com os dedos e faz acordes imaginários. Depois, um homem com uma jaqueta americana chega perto de Max, com um clarinete, e mais tarde um outro, com um violão. É a primeira vez que o Gato ouve *Basin Street Blues*. Nada mais existe além da música vibrante do clarinete e a fusão no coro final: um novo mundo que se revela a ele. Tudo ainda é possível, a esperança está presente, a vida será diferente.

Mais tarde, todos estão sentados em torno da mesa e o dono do café vem trazer-lhes chouriços. Bebem vinho tinto sem qualquer moderação, inclusive o Gato. Falam e gesticulam. O Gato se sente bem. Mas por que Diane não está ali? "Caramujo que não é tapado. . ." Ele não diz mais nada. As pálpebras descem-lhe sobre os olhos.

Depois, vão para fora e ficam ali, falando bem alto. O Gato nunca havia visto a agitação de Halles à noite: está ofuscado. Os rapazes se despedem, em meio a promessas de amizade. O Gato caminha com um passo trôpego. Gabriel, um pouco preocupado, acompanha-o a casa, embora também não esteja muito estável, e deixa-o na porta do edifício. O Gato sobe com dificuldade as escadas, vai direto para o seu quarto e desaba na cama. Naquela noite, não houve pesadelos, nenhuma imagem de morte veio atormentá-lo. Foi seu primeiro pileque. Pileque de vinho tinto: coisa leve.

*

Na semana seguinte, na quinta-feira, Luc passa novamente pelo Petit Roscoff. O dono do café está tomando sol na soleira da porta, com o peito cabeludo à mostra.

— Ah, aí está você de novo. Diane foi-se embora.

— Foi-se embora? Para onde?

— Não sei. Ela não disse nada. Só disse até logo. Nem ao menos obrigado.

Ele olha fixamente o Gato com seus olhinhos de porco que se tornam repentinamente vivos, quase humanos.

— Ela não disse nada. E você sabe, no fundo eu acho que foi melhor assim.

No início de julho, a questão que mais se discute são as férias. No liceu, as aulas terminam em meio a uma espécie de torpor: os alunos tornam-se raros, os professores assumem um ar familiar, o macaco verde conta aos meninos histórias picantes. São dias de grande calor, que fazem as pessoas usarem calças curtas e alpargatas abertas. No Luxembourg, as folhas das árvores torram-se sob o sol. Até mesmo o clube dos aviõezinhos de papel não tem mais o mesmo vigor: apesar dos esforços retóricos de Luc, suas tropas se dispersam. Seu amigo de cabeça grande está sempre presente, mas seus sonhos de aventuras são provisoriamente concentrados nos preparativos da partida de toda a família para uma praia do Oeste, uma praia de protestantes, cujas minas, segundo o que dizem, não haviam sido retiradas.

Em casa, a tia de Luc também fala em partir em férias: será que mais uma vez a família irá para Chevigny, para ser adulada pelos loucos?

Luc tenta muitas vezes pensar na Valerane. É difícil fechar os olhos e pensar nela, sem ver as imagens de uma casa destruída, com paredes enegrecidas pelas chamas, janelas arrombadas e grandes árvores desnudas, feridas por estilhaços de obuses. Será que ele

ainda voltará a caminhar pela estradinha coberta de quartzo branco que cintila? Será que ainda fará os cascalhos achatados ricochetearem quatro vezes sobre a superfície lisa do mar, nos dias de grande calma? Será que ainda puxam o *bargin* na praia imensa? Ele não consegue mais ouvir os gritos das crianças quando as escamas prateadas dos primeiros peixes brilham ao sol. Disseram-lhe que os pescadores, agora, trabalham com dinamite: uma só explosão no fundo, uma efervescência, e milhares de peixes, entre os mais belos, vêm flutuar na superfície, de barriga para cima, ao alcance da mão. É a verdadeira pesca miraculosa. As vezes, ele rola entre os dedos os grãos de granada com ganga escura que apanhara no armário de seu irmão. A magia não funciona: três granadas, redondas como excrementos de coelho com reflexos dourados, não conseguem mais ressuscitar a vida ausente. Ele sente que o passado começa a morrer dentro dele.

Uma tarde, ao voltar do liceu, seus primos anunciam-lhe que sua mãe chegara. Ela está no Lutétia. A tia já havia saído.

Do edifício até o Lutétia, há uma distância que se pode cobrir, correndo, em cerca de dez minutos. Ele não sabia que podia ser feliz com tanta força e violência. Chega sem fôlego, a camisa e os cabelos colados pelo suor, os ouvidos zumbindo. Pede no balcão para ver sua mãe. Consultam o registro. Ele fica esperando, e aquela espera tritura-lhe o ventre. Finalmente ele ouve, através da bruma, alguém dizer que sua mãe já saíra, que tinham vindo apanhá-la. Ele pergunta quem viera apanhá-la.

— Seus parentes, é claro.

Volta para a casa da tia. Os primos dizem-lhe que esta acabara de ligar: a mãe de Luc se encontrava na casa dos avós. Ele toma o metrô. A demora é longa demais.

Chega ao grande apartamento escuro. Sua avó abre-lhe a porta. Há várias semanas seu avô não está mais em casar fora transferido para uma clínica. A avó diz-lhe, em voz baixa, que sua mãe está deitada, que está muito cansada e que ele não poderá ficar com ela muito tempo. Ela levará quinze dias para atravessar a Polônia e a Alemanha, de caminhão e de trem, e somente na véspera, ao atravessar a fronteira, ficara sabendo da morte do marido e de Antoine. Luc segue a avó através do corredor e chega ao que fora, outrora, o quarto de solteira de sua mãe. Entra na penumbra da peça. A luz é filtrada pelas cortinas empoeiradas. Ele diz simplesmente boa-tarde. Talvez tenha dado um leve beijo no rosto dela. Senta-se ao pé da cama. Teria ousado pegar a mão dela? Ele a observa: é verdade que seus cabelos estão grisalhos e curtos; e que os traços estão marcados, acentuados, como que talhados a faca, a pele

maculada por estranhas marcas, maiores que manchas de sarda. Seus olhos azuis o fixam. Ela sorri e diz:

— Boa tarde, Gato. Como você cresceu.

Então, ele tenta sorrir. Mas é difícil.

*